

Verdade não seja dita

*E se por uma semana você recebesse uma
vida novinha em folha, podendo fingir
ser a pessoa que sempre sonhou em ser?*

Cris Flessak



Verdade Não Seja Dita

Por: Cris Flessak
(2019)



Este livro contém uma playlist especialmente criada no Spotify ® e Youtube ®.

Quando alguma música for citada no decorrer da história, você encontrará ao final do capítulo um QR Code que, ao ser escaneado, o conduzirá à canção em tais plataformas.

Recomenda-se que as músicas sejam ouvidas quando indicadas nos capítulos para uma experiência mais interativa com os personagens!

E ao final do livro você encontrará um apêndice com todas as letras das músicas para que você possa cantar junto! :)



PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

*“El amor es como la primera página de um libro:
sabes como empieza la historia pero no como termina
porque por suerte te falta lo mejor: vivirla!”*

*“O amor é como a primeira página de um livro:
você sabe como a história começa, mas não como acaba
porque, felizmente, te falta o melhor: vivê-la!”*

- Filme “*El Club de Los Incomprendidos*” -

Prefácio

Certo dia, a Mentira e a Verdade se encontraram.

A Mentira, dirigindo-se à Verdade, lhe disse:

- Bom dia, dona Verdade!

Zelosa de seu caráter, a Verdade, ouvindo tal saudação, foi conferir se realmente era um bom dia: olhou para o céu e não havia nuvens de chuva, os pássaros cantavam, não havia cheiro de fumaça na mata; tudo parecia perfeito.

Tendo se assegurado de que realmente era um bom dia, respondeu:

- Bom dia, dona Mentira!

- Está muito calor hoje, não é mesmo? - disse a

Mentira.

Realmente o dia estava quente demais. Desse modo, vendo que a Mentira estava sendo sincera, começou a relaxar.

Por qual razão haveria de desconfiar se a Mentira parecia tão cordial e “verdadeira”?

Diante do calor insuportável, a Mentira, em um gesto de aparente amizade, convidou a Verdade para juntas banharem-se em um poço ali próximo.

Como não havia ninguém por perto, a Mentira despiu-se de suas vestes, pulou na água e, dirigindo-se à Verdade, disse:

- Vem, dona Verdade! A água está uma delícia!

O convite parecia irrecusável.

Após testar a água e descobri-la de fato agradável, a Verdade despiu-se de suas vestes e deu um bom mergulho.

Ao ver que a Verdade havia saltado na água, a

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Mentira rapidamente pulou para fora, vestiu-se com as roupas da Verdade que estavam à margem e fugiu sorrateiramente.

Tendo suas roupas furtadas, a Verdade saiu da água e, ciosa de sua reputação, recusou-se a vestir as roupas da Mentiras deixadas para trás.

Certa de sua pureza e inocência, nada tendo do que se envergonhar e sem qualquer outra opção que lhe fosse coerente, saiu nua a caminhar na rua.

Desde então, aos olhos das pessoas ficou mais fácil aceitar a Mentira vestida com as roupas da Verdade satisfazendo as necessidades da sociedade do que aceitar a Verdade nua e crua.

- Texto atribuído a uma parábola judaica do século XIX-

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 1

- ... as coisas não estão mais funcionando entre nós, Laila. E o problema não sou eu, é você!

- Epa! Espera aí, Léo... - eu o interrompi com uma risada curta, debochada. Aquilo definitivamente não tinha soado bem nos meus ouvidos. - Será que você não inverteu essa frase, não? Não seria "o problema *não* é com você, e sim *comigo*"?

O Léo bufou em reprovação deixando bem claro a sua falta de paciência diante da minha tentativa de piada fora de hora.

- Eu estou falando muito sério, Laila, e até acho que nós já levamos esse relacionamento longe demais. E se você colocar a mão na sua consciência e lembrar dos últimos meses com toda a

sinceridade, eu tenho certeza de que você vai chegar nessa mesma conclusão.

E foi a partir deste exato momento que uma sequência fatídica de acontecimentos se desenrolaram na minha semana: comecei tomando um toco homérico do meu - até então - namorado.

Eu e o Léo já namorávamos há sete meses e treze dias. E era um namoro de verdade mesmo, com direito a postagem de fotos apaixonadas nas redes sociais e atualização de status para “em um relacionamento sério” - apesar de o Léo sempre brincar dizendo que de *sério* nós não tínhamos nada, já que estávamos mais para um relacionamento bem “divertido”. Achei fofo.

Mas esses eram outros tempos.

Enquanto o Léo discorria sobre os motivos que justificavam o nosso término, a minha mente já calculava a melhor forma de retrucar as suas afirmações sem sair por baixo.

Eu podia rogar a tradicional praga do “- *Ah, mas você vai se arrepender amargamente daqui*
PERIGOSAS ACHERON

uns tempos quando, em um dia frio e cinzento de inverno você estiver atravessando a rua na chuva e os seus olhos forem atraídos a mim, toda deslumbrante, em um restaurante aconchegante à meia luz ao lado do meu belíssimo marido nórdico, exibindo um sorriso solto sobre algum assunto qualquer, brindando alguma conquista de vida”. E eu arremataria com um “- Depois não diga que eu não te avisei!” só para causar mais efeito.

Quem sabe eu podia baixar o nível e, em meio a uma risada debochada, pedir para que ele passasse um recadinho para o Gabriel (seu colega de trabalho que lhe provocava ciúmes por conta de alguns olhares atrevidos para cima de mim): “*Se você não se importar, Léo, avise ao ‘Gabi’ que ele já pode providenciar a colher porque a partir de hoje eu vou dar sopa por aí!*”.

Tive que me esforçar para conter um riso de satisfação só de pensar na forma com que ele reagiria se eu lhe dissesse isso, mas ele continuava arrebatado em seu discurso...

- ... e eu tenho a minha consciência totalmente

PERIGOSAS NACIONAIS

limpa. Eu fiz de tudo para não ter que chegar a esse extremo, mas parece que você nem se importa! Você nunca quer fazer nada de diferente, não sai de casa, mal retorna as minhas ligações, não *blá, blá, blá...*

Eu tinha que admitir que o nosso namoro já vinha mesmo cambaleando há um bom tempo e que talvez, - só *talveeeez* - eu fosse noventa por cento responsável pelo ponto em que nós atingimos. Isso porque o fato de ele não me ligar à meia-noite no *mesversário* de primeiro beijo podia contar como os outros dez por cento de culpa por parte dele... ou não? Talvez até vinte por cento!

Mas pensando em retrospecto das últimas três semanas, nós praticamente não nos vimos. Nos dias de semana eu mantinha o foco no trabalho; eu era assistente de administração condominial em uma contabilidade. Não raras vezes eu comprometia até mesmo os finais de semana participando de assembleias em condomínios em que eu tinha que redigir as atas das reuniões, mas isso era justificado pelo dinheirinho que essas horas extras me rendiam ao final do mês.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Além disso, eu ainda espremia o máximo do meu tempo para conseguir frequentar um eterno e penoso curso de inglês. No alto dos meus vinte e oito anos, eu me sentia o verdadeiro Eduardo de “Eduardo e Mônica”: enquanto as diversas “Mônicas” ao meu redor já investiam o seu tempo em pós-graduações, cursos de gestão financeira e meditação transcendental, eu ainda capengava pelo módulo *Intermediate* do cursinho.

Frequentar a academia então, nem se fala! Eu sempre colocava o martírio dos exercícios físicos no final da lista de afazeres do dia. Melhor dizendo, penúltima: depois dela ainda vinha o Léo.

Nos raros momentos de folga, o que eu mais queria era um “spa”, mas não no sentido tradicional: eu queria mesmo era me “*sparramar*” no sofá o dia todo de pijama e pantufa, lendo meus amados livros, assistindo séries e descansando o esqueleto.

E o Léo... bem, ele realmente não tinha como estar feliz.

PERIGOSAS ACHERON

Enquanto ele continuava discursando (acho até que ouvi o termo “*amor esmola*” em meio à tanta gesticulação), eu via aquela cena como se passasse em câmera lenta.

Talvez ele achasse que eu me debulharia em lágrimas e lhe prometeria que tudo seria diferente dali por diante. Ou talvez ele esperasse uma reação de arrependimento de minha parte, não sei. Contudo, em meio a tanto falatório, apenas um pensamento martelava na minha cabeça: a humilhação de que a decisão de terminar tudo entre nós estava partindo dele e não de mim. Eu é que estava sendo dispensada.

Como se não bastasse um término de namoro já ser degradante o suficiente, ser *a* rejeitada, *a* abandonada, o alvo do fora... ah! Isso era infinitamente pior! E de uma coisa eu sabia: eu não andaria por aí com esse carimbo no meio da testa! Isso detonava com a moral e autoestima de qualquer pessoa.

Antes que eu ouvisse a tradicional frase do “*Tenha uma boa vida*” (que todo mundo sabia que

em nome dos bons costumes se omitia a óbvia continuação de “*só que bem longe de mim*”), eu comecei a rir histericamente, quase beirando a insanidade.

O Léo parou de falar abruptamente e franziu as sobrancelhas. Sua expressão era a personificação de um ponto de interrogação.

- Qual é a graça, hein? Para você tudo o que eu estou falando deve ser muito engraçado!

Como eu continuei a rir de forma descontrolada, a sua atitude mudou para uma preocupação genuína com a minha sanidade mental.

- Laila... você está bem?

- Ai Léo, me desculpe! - falei um pouco mais controlada mas como se toda aquela situação me parecesse muito óbvia. - Sabe o que é? Eu estou achando incrível a coincidência disso tudo! Você acredita que já faz algumas semanas que eu venho pensando justamente nisso, quero dizer, na melhor forma de *eu* terminar o namoro com você? - meu
PERIGOSAS ACHERON

bom humor estava mais contido agora. - Eu acho que já deu para a gente, né Leozinho? Desgastou.

Os seus olhos diminuíram e estavam recheados de desconfiança.

- É mesmo? Mas então por favor me diga uma coisa, Laila: o que exatamente *eu* fiz de errado para você querer terminar o namoro? Qual foi a *minha* parcela de culpa para esse tal desgaste que você fala?

Olhei em direção ao horizonte chacoalhando a cabeça de leve, como se tivesse sido dotada de uma benevolência divina.

- Sabe, Léo... Não vai adiantar nada nós ficarmos jogando a culpa nas costas do outro. Vamos terminar na boa?

- Na boa?

- Isso, como amigos. E em nome dessa amizade e para que não restem dúvidas, eu vou ser bem sincera para que você *desencante* de mim de uma só vez: - fiz uma pausa dramática a fim de causar
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

maior efeito - eu e você somos como dois ímãs, sabe? Os ímãs se atraem, claro, e a gente se atraiu no começo. Só que no fim das contas, eu percebi que nós temos o mesmo polo, Léo! Eu e você somos do mesmo lado positivo... ou talvez somos do negativo, quem sabe! A verdade é que nós acabamos nos repelindo em vez de nos aproximarmos, compreende?

- Que papo ridículo é esse de ímãs, Laila? Você ficou doida? - ele exclamou com indignação.

Respirei fundo em um esforço para extrair toda calma existente em meu ser:

- Léo, Léozinho... Por favor não guarde mágoas. As coisas têm início, meio e fim e nós dois cruzamos o fim da linha. Eu espero que você não fique chateado por eu terminar as coisas entre nós, mas vamos tentar preservar a lembrança dos momentos bons. Eu torço para que você consiga superar tudo isso e siga adiante - dei um tapinha de leve em seu ombro, adicionando. - Ah! Tenha uma boa vida!

PERIGOSAS ACHERON

Com um sorriso que deveria transmitir confiança (mas que acabou saindo meio trêmulo), lhe joguei um tchauzinho no ar e me virei, mas não sem antes reparar na feição perplexa que deixei para trás.

Há! Consegui virar o jogo! Saí muito por cima!

Ergui a postura e me afastei com um balanço de quadris gingado, tentando me equilibrar ao máximo nos saltos. Me sentia empoderada e repetia frases de efeito a mim mesma.

Pronto, mais uma página foi virada em minha vida!

Agora eu tenho pela frente um capítulo em branco, cheio de novas oportunidades!

Vamos com tudo nessa nova jornada, Laila!

Mas bastou eu virar a esquina longe do olhar do Léo para que meus ombros cheios de altivez desmoronassem.

Arranquei os saltos dos pés e parti em disparada
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

para casa, sem me preocupar com os olhares alarmados dos curiosos, nem com o grito de “pega ladrão” jocoso que ouvi.

Quando a chave finalmente entrou na fechadura, bati a porta com força. Afundei o rosto no travesseiro e deixei que o meu melhor terapeuta absorvesse todas as minhas lágrimas.

Eu não me sentia bem. Eu tinha plena consciência de que aquele jogo de palavras não tinha passado de uma simulação.

E a ironia é que, por mais que eu soubesse que aquele namoro morno não tinha como ir adiante por muito mais tempo, eu relutava em aceitar o fato de estar novamente sozinha.

Meu peito doía ao relembrar de como no início do namoro eu havia me permitido sentir toda aquela esperança inocente de finalmente ter encontrado *o cara*. Eu realmente cheguei a acreditar que o Léo poderia ser a pessoa com quem eu partilharia a minha vida, meus sonhos. Que ele seria a pessoa com quem eu disputaria a bengala

PERIGOSAS ACHERON

quando tivéssemos celebrando as nossas bodas de ouro.

Quando criança eu sonhava com o dia em que eu encontraria o meu príncipe encantado e seguiríamos juntos a cartilha dos filmes *Disney*: nos apaixonaríamos, casaríamos e superaríamos todos os perrengues da vida felizes e unidos.

Aos poucos eu adquiri consciência de que a realidade era bem diferente disso; que o tal *Mister Perfeito* não existia e que todos tinham sim os seus defeitos (afinal de contas, até o príncipe da Branca de Neve não foi lá muito pontual e deixou a coitada adormecida por mais tempo do que ela precisaria suportar. Deve ter despertado com um torcicolo daqueles!). Após uma dose de vida real, deixei de ser tão exigente: a realidade não precisava ser tão literal a ponto do príncipe aparecer diante de mim em um cavalo branco; desde que ele não fosse o próprio cavalo, eu já estava me dando por satisfeita.



PERIGOSAS NACIONAIS

Passado o estágio inicial do choro em posição fetal em meio à gesticulações aos céus exigindo respostas: “*Por que, Deus? O que eu fiz para merecer isso?*” - sequei as lágrimas e parti para a terceira etapa pós fim de namoro: catei o celular.

Não, não mandei mensagens ofensivas para o Léo, afinal de contas, três regras de ouro regiam minha vida. Não tecle e dirija. Não tecle após a ingestão de álcool. Não tecle após levar um toco inesperado do seu namorado de sete meses e treze dias.

Meus dedos frenéticos buscavam pela foto em miniatura da Carol na lista de contatos.

A Carol era a minha melhor amiga. Com seu jeito delicado mas sem rodeios, era ela quem sempre me lançava a escada para me tirar do fundo do poço, me fazendo colocar os pés de volta em terra firme. Bastava uma conversa rápida com ela para que eu me sentisse ser alguém melhor e mais importante do que eu de fato era. Ela tinha esse dom.

PERIGOSAS ACHERON

Éramos amigas desde a infância. Crescemos e vivenciamos todas as transformações, indecisões e exageros da fase de adolescência - tudo sempre juntas. Hoje, ambas com vinte e oito anos, esse “juntas” era um pouco mais “separado” por conta das nossas rotinas e caminhos da vida.

A nossa amizade, contudo, permanecia incondicional. E leve. Sempre que uma ligava para a outra - mesmo que semanas a fio tivessem se passado sem nos falarmos - não havia cobranças ou chateações. Eu sabia que ela sempre faria de tudo para me ver bem, assim como eu vibrava por cada uma de suas conquistas. E a última de suas conquistas nos gerou outro vínculo: além de cupido, eu tinha sido a dama de honra no seu casamento.

A Carol havia se casado no ano anterior e o seu marido, o David, tinha sido meu colega de aula em uma época não tão digna (quando o *bullying* ainda era definido por “*eu só estou te zoando, ô mané!*”) em que ele fora apelidado de “O Vento Levou” por seu porte um tanto franzino. Um belo dia eu o reencontrei casualmente no shopping exibindo uma

versão bem mais encorpada e nerd. Bastou um bate-papo rápido tipo - *“Oi, quanto tempo! O que você tem feito? Ah, você se formou em finanças? Puxa, que coincidência - a minha melhor amiga é economista!”* para eu notar que ele tinha se tornado um cara gentil, inteligente, e bem... perfeito para a Carol. Não deixei a chance passar e marquei logo um encontro às cegas entre eles. Uma semana depois eles já estavam completamente apaixonados.

Mas hoje a situação exigia que eu arrancasse a Carol da sua rotina perfeita de uma feliz recém-casada.

- Alô? - ela atendeu o telefone já no primeiro toque.

- Oi Carool...

- Que voz arrastada é essa, ursinha? O que aconteceu?

A Carol tinha essa mania de inventar apelidos diversos para as pessoas em uma mesma conversa.

- Nossa! Mas eu só disse “oi”! – soltei uma
PERIGOSAS ACHERON

risadinha desanimada.

- Não é de hoje que eu te conheço, né? Desembucha!

Comecei a narrar os fatos para a Carol, que ouvia as minhas lamúrias em um silêncio que era apenas interrompido por eventuais “*a-hãs*”.

Assim que expus todos os fatos, aguardei por seu diagnóstico psicológico:

- Bom, Laila... Você sabe que eu nunca achei que você estivesse assim *tããã*o envolvida pelo Léo, né? Pelo menos não da maneira com que uma garota apaixonada deveria se sentir.

- Mas eu gostava da companhia dele...

- “*Eu até que gostava da companhia dele*” - ela imitou a minha voz lamuriosa. - Isso é puro conformismo, Lalá. Se você realmente estivesse apaixonada, você se sentiria arrebatada, sabe... - a voz dela subitamente adquiriu um tom mais sonhador. - Você iria querer passar todas as horas do seu dia ao lado dele, a risada de um estranho na

PERIGOSAS ACHERON

rua te faria lembrar a dele, você procuraria o rosto dele em qualquer lugar que você estivesse, mesmo não havendo a menor chance de ele estar lá...

Ela falava de si própria, de como se sentia em relação ao David. Não me parecia a melhor estratégia para consolar uma amiga que tinha acabado de levar um pé na bunda, mas eu podia entender o seu ponto.

- ... mas enfim, no momento não há nada que você possa fazer a não ser esperar, porque a única coisa que realmente resolve e sara essa angústia é o tempo. A dor de agora não doerá dessa forma daqui um tempo. O dia hoje pode até ser nublado, mas tenha certeza de que essa nuvem chuvosa vai passar!

- Vai passar sim... bem em cima de mim.

A Carol não deu corda para o meu pessimismo.

- Só por hoje, se dê o direito de sentir tudo o que está afligindo o seu coração, Lailinha. Escute músicas de chororô, assista filmes dramáticos, faça um brigadeiro pra comer direto da panela, jure que

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

nunca mais vai namorar... É a hora de colocar todas as suas frustrações para fora! Você deve se permitir viver esse momento de dor, sabe? Mas depois disso tudo, vá tomar um banho bem quentinho e deixe todas essas lágrimas irem embora pelo ralo. A partir de amanhã você vai se arrumar, ficar linda e deixar a vida seguir o seu fluxo! Reflita com calma sobre o que aconteceu, tire lições dos seus erros e pense se é necessário mudar algumas atitudes. O importante é saber que a vida não termina junto com um relacionamento e que, aquilo que hoje parece ser um fim, amanhã vai significar a chance de um recomeço. A mágoa vai passar, mas você tem que permitir que ela vá embora, entende?

E este era apenas um dos motivos pelos quais eu amava a Carol: ela sempre dizia exatamente as palavras que eu precisava ouvir.

E como conselho de melhor amiga deve ser seguido à risca, desliguei o telefone e corri até a estante em busca da lata de leite condensado que eu tinha guardada.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



EDUARDO E MÔNICA:



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 2

Levantei mais cedo que o usual para tomar um café da manhã bem tranquilo e caprichado antes de sair para o trabalho.

Um dos melhores conselhos que eu aprendi e que levava comigo como uma espécie de mantra de vida foi ensinado pela minha professora de inglês ao tentar nos traduzir a expressão idiomática *sleep on it*, que significava algo como “durma sobre o assunto”. Problemas, dúvidas, resoluções: nunca tome nenhuma atitude sem antes ter uma longa noite de sono. E não havia conselho melhor para mudar as perspectivas!

A partir daquela manhã, minha primeira resolução seria a de escrever um novo capítulo em

minha vida. E a minha disposição era fazer com que aquela página branquinha diante de mim fosse repleta de acontecimentos incríveis!

Enquanto eu aguardava a minha primeira dose de café diária passar pelo bule, notei uma notificação no celular. Apenas uma palavra na minha agenda virtual:

“Carona”

A nota me lembrava que hoje era quinta-feira; o dia em que o Léo tinha um compromisso no centro da cidade próximo ao meu trabalho e me telefonaria para saber se eu queria aproveitar a carona para casa.

“Deletar notificação permanentemente?”

“Sim.”

Pronto.

Minha segunda resolução de vida era assumir um novo mantra: eu basearia a minha vida naquele livro clássico “Pollyanna^[1]”, onde a protagonista resolve praticar uma espécie de jogo criado por ela mesma - o “Jogo do Contento” - que consistia em extrair algo de bom de todas as situações da vida, mesmo as que parecem mais complicadas.

A minha terceira e última resolução foi a de não levar o celular para o trabalho; era melhor prevenir o risco de ter uma recaída e acabar o dia implorando pela atenção do Léo.

Eu estava sem carona? Tudo bem! A Pollyanna dentro de mim me incentivava a desfrutar de uma prazerosa caminhada ao final do dia como forma de me exercitar e finalmente pôr em prática o meu projeto de dieta “Sentar e não Dobrar” que eu já vinha postergando há algum tempo.

PERIGOSAS NACIONAIS

E se o motivo do meu relacionamento ter terminado era a minha dedicação ao trabalho, pois bem... eu focaria mais ainda na razão pela qual eu suportava fazer tantas horas extras: eu me dedicaria a juntar dinheiro para finalmente poder fazer o meu tão sonhado intercâmbio.

Esse sempre tinha sido meu maior sonho desde a adolescência, e portanto, tão logo eu comecei a trabalhar e receber um salário, me matriculei imediatamente em um curso de inglês. Na escola, passei a conviver com algumas pessoas que voltavam deslumbradas por terem morado fora, o que me inspirou ainda mais a colocar uma viagem às terras gringas no topo da minha lista de desejos.

Eu já tinha conseguindo juntar uma pequena quantia neste objetivo, mas o ônus tinha sido bem custoso já que realmente era necessário muita força de vontade para suportar o trabalho.

O dia a dia na contabilidade em meio às faturas, notas fiscais e telefonemas já era uma batalha, mas os números não significavam nada quando comparados ao humor bipolar do meu chefe.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Eu e os meus colegas brincávamos que o senhor Thomas era um ser “multipolar” porque o seu humor variava diversas vezes até mesmo no decorrer de uma rápida reunião. Há alguns dias um episódio nos chamou a atenção: ele convocou os funcionários para uma interação que ele mesmo chamou de *brainstorming*. A ideia era incentivar a equipe a lançar suas opiniões e sugestões de melhoria. Quando depois de um silêncio constrangedor, um colega corajoso sugeriu um bônus de participação nos lucros no final do ano a fim de incentivar a produtividade e diminuir a rotatividade de funcionários, o senhor Thomas não titubeou e logo decretou:

- Ora, ora James! Façamos o seguinte: depois você me passa o telefone da sua opinião; quem sabe um dia eu ligue para ela.

A reunião terminou um minuto depois.



PERIGOSAS ACHERON

Dias atrás eu li um artigo sobre como pequenas mudanças em atitudes cotidianas são capazes de ativar o cérebro positivamente. Uma das sugestões era fazer um caminho alternativo para o trabalho a fim de "despertar os sentidos e permitir-se ir de encontro ao inesperado".

Essa ideia preenchia perfeitamente os requisitos para o “Dia Internacional das Novas Resoluções de Laila”, e portanto, resolvi fazer a minha caminhada matinal rumo ao trabalho por um trajeto mais longo mas também mais agradável.

O dia contemplava um céu azul anil e a brisa da manhã contrastava com o dourado do sol que banhava toda a extensão do calçadão.

Diante da nova cafeteria da cidade, nem a fila saindo porta afora me intimidou na espera para saciar o meu vício em uma segunda dose de cafeína no dia. Quando saí com um copo fumegante de café *latte* em mãos, segui a caminhada saboreando cada gole.

No caminho passei uns minutos observando

PERIGOSAS NACIONAIS

uma mamãe pardal alimentando os seus filhotinhos com as migalhas da calçada e pensei que nada de errado poderia me acontecer em um dia que começava tão bem.

Ledo engano.

A brilhante ideia de trilhar por um caminho diferente atrapalhou meus cálculos de horário e fez com que eu me atrasasse para chegar no trabalho, e quando a semana já está destinada a ser fatídica, não há atitude Pollyanna que mude a profecia.

Assim que abri a porta da recepção já me deparei com o senhor Thomas que não era conhecido por ser uma pessoa tolerante com relação a atrasos. Para piorar, a secretária também estava atrasada e ele nitidamente contrariado, tinha sido forçado a atender um telefonema na recepção.

Sim, onde já se viu! O *dono* da empresa atendendo uma ligação que fizeram para a *sua* própria empresa! Um absurdo tamanho que, a julgar pela sua expressão, aquilo era o equivalente a um cachorro ter que dar de comer aos humanos em

PERIGOSAS ACHERON

um canil.

A junção das suas sobrancelhas anunciavam o prenúncio do fim do mundo!

Apressei os passos para chegar na minha mesa, cumprimentando o senhor Thomas com um leve aceno de cabeça, mas não sem antes ouvir o final da chamada:

- ... eu darei o seu recado sim, senhora. Passar bem.

Ainda com os olhos baixos, escutei o ruído do telefone sendo colocado de volta ao gancho, e mesmo sem realmente ver, pude sentir um olhar de congelar a alma ser lançado em minha direção.

- Você - ele disse secamente apontando os dedos para mim como se chamasse seu cachorro. - Na minha sala, já.

Fiquei petrificada por um instante. Aquele *você* tinha mesmo sido para mim?

A Rose - minha colega de setor - me tirou do
PERIGOSAS ACHERON

estado de choque:

- Deus Santíssimo, Senhor nas alturas! - ela fez um sinal de cruz em minha direção. - Te benze, amiga! E vá pisando em ovos hoje, porque o homem está *tepeêmico*!

Enquanto me dirigia à sua sala, inspirei e expirei profundamente.

Eu precisava de uma boa desculpa para o atraso.

Bati de leve na porta e entrei na sua sala com uma atitude comedida.

- Com licença, senhor Thomas.

- Sente-se, por favor - ele apontou para a cadeira à sua frente. - E feche a porta.

Pedir para fechar a porta era sinônimo de chumbo grosso pela frente.

Me senti intimidada diante daquela enorme mesa de mogno, tal qual uma aluna rebelde diante

do diretor da escola.

Antes que ele pudesse dizer qualquer coisa, comecei a me justificar:

- Senhor Thomas, me desculpe pelo atraso. É que eu tive um contratempo nessa manhã... o meu gato teve uma convulsão e eu tive que levar o coitadinho no veterinário.

Eu sempre tinha uma desculpa na ponta da língua para eventualidades como esta. E as minhas justificativas eram sempre comoventes. Eu não entrava em detalhes, mas me expressava de forma direta e segura, com uma pitada de drama. E eu estava preparada para qualquer pergunta curiosa:

Nome do Gato? - *Sushi*.

Cor? - *Rajado*.

Isso já aconteceu antes? - *Não, jamais!* (dito em tom emotivo e seguido por um toque discreto no canto do olho).

E o que você fez? - *Eu não podia deixar o*
PERIGOSAS ACHERON

bichano naquelas condições, então eu tive que levá-lo até o veterinário. Foi por isso que eu me atrasei, mas eu tenho certeza que o senhor faria o mesmo, não é senhor Thomas? (voz doce enquanto apela para o seu lado humano).

E para não brincar com coisa séria, o objeto da desculpa nunca existia. Eu não tinha um gato.

Mas nenhuma pergunta veio por parte dele. Em vez de comovido, o senhor Thomas parecia desconfiado:

- Eu lamento, mas eu chamei você aqui para falarmos sobre outro assunto.

Minhas antenas ficaram em alerta. Eu agora já tinha desperdiçado a desculpa do gato. Qualquer que fosse o assunto eu teria que improvisar.

- Sabe, Laila, quando eu estava chegando na empresa, eu atendi uma ligação bem interessante. Era uma ligação para você.

Meu radar permanecia ativado sem ainda captar nenhum sinal.

PERIGOSAS NACIONAIS

- Uma tal de Jennifer Lester - ele fez uma pausa. - Você a conhece?

Eu não sabia se vibrava ou me apavorava.

Jennifer Lester era *apenas* “a” gerente de Recursos Humanos da i9 Company, e este era *simplesmente* “o” telefonema que todo reles proletário como eu desejava receber.

A i9 era uma daquelas multinacionais de matéria de revista. A empresa era conhecida por desenvolver uma gestão moderna e inovadora e prezava por sua reputação em valorizar os seus funcionários com bons salários e inúmeros benefícios. Um de seus projetos de incentivo era o “Inter-Company”, onde o funcionário aplicava-se para um intercâmbio remunerado de alguns meses em uma filial no exterior, tendo não apenas a garantia de emprego no seu retorno como também uma possível promoção.

Há cerca de um mês eu fiquei sabendo de uma vaga em aberto no setor administrativo e enviei o meu currículo sem grandes pretensões. É claro que,

PERIGOSAS ACHERON

considerando o nível de concorrência pela vaga, eu acabei floreando um pouco o meu histórico profissional. Incluí um ou outro curso técnico com palavras sofisticadas como Gestão, Logística e Gerenciamento e adicionei um “Espanhol Intermediário” já que me considerava fluente em novelas mexicanas. Talvez aquele também fosse o momento de avisar a Carol que ela havia sido citada como minha “mentora” nas “Referências Profissionais” do meu currículo.

Contudo, por mais empolgada que eu tivesse ficado em ouvir aquela notícia, eu ainda não podia colocar o meu emprego atual em risco.

Comecei a gaguejar na intenção de ganhar tempo com o senhor Thomas.

- Hmm... Jennifer, Jennifer, Jennifeeeer... Este nome não me traz nenhuma lembrança, não. O senhor tem certeza que ela citou mesmo o meu nome? Ela falou com todas as letras “*eu quero falar com a Laila*”? L-a-i-l-a?

- Até onde eu sei só existe uma Laila

trabalhando aqui... bem, por enquanto - ele falou enigmático. - E você sabe que ela me disse algo bastante interessante: que ela estava ligando para agendar uma entrevista que você havia se candidatado. Eu fiz o favor de anotar todos os detalhes aqui neste papel, mas se você diz que não se recorda, eu acredito que posso rasgá-lo então...

- Não! - respondi de impulso.

Por que raios eles tinham telefonado para o meu trabalho? Eu tinha citado meu celular como número principal; o do trabalho era somente alternativo caso eu estivesse sem bateria...

Droga! Eu tinha deixado o celular em casa.

Maldita decisão *Pollyânica*.

- Pelo jeito você mudou de ideia e não vai mais insistir em dizer que não conhece esta tal senhora, estou certo?

- É... veja bem... Eu acho que o senhor está confundindo Habeas Corpus com Corpus Christi. O nome dela não seria Jennifer, não?

Ele pareceu confuso e indignado ao mesmo tempo.

- Mas foi exatamente o nome que eu disse!

- Não, não. O senhor falou Jéssica! Mas se for quem eu estou pensando, o nome certo dessa pessoa é Jennifer! - falei, descarada.

A sua irritação crescia visualmente. Decidi não puxar ainda mais aquela corda que parecia prestes a arrebentar.

- Jéssica, Jennifer, Júlia, Juliana... são todos nomes muito parecidos! Enfim, a questão é que...

Ele me interrompeu com um aceno brusco de mão.

- Você não precisa explicar nada, Laila. Eu já entendi tudo.

- Entendeu...?

- Você está insatisfeita e desmotivada com o seu trabalho. E eu também entendo que basta uma

PERIGOSAS NACIONAIS

laranja estragada para fazer apodrecer todas as demais frutas da quitanda, o que significa que logo mais você sugará todas as boas energias do ambiente de trabalho e minar qualquer boa disposição dos seus colegas.

Boas energias? Boa disposição? Será que ele realmente conhecia a sua própria empresa? Se algum dia o senhor Thomas ouvisse trinta segundos das conversas que os seus valorosos funcionários tinham durante o horário do café ele seria obrigado a aceitar um quadro de funcionários desestimulado, caso contrário somente ele e as paredes permaneceriam no recinto.

Ainda assim, eu ainda não podia dar por certa a entrevista na i9, e portanto, insisti:

- Sr. Thomas, deixe eu lhe explicar...

- Não se faz necessário, Laila - ele me interrompeu novamente. - A partir desse exato momento eu quero deixá-la livre para explorar novos horizontes. Você está demitida - ele decretou. - Passar bem.

PERIGOSAS ACHERON

Fiquei em estado de choque com o queixo literalmente despencado em formato de “O”.

- O senhor nem me deixará explicar? – minha voz saiu enfraquecida.

- Ora, Laila... Para mim está tudo muito claro, mas já que você faz tanta questão, fale - ele espalmou as mãos devagar sobre a mesa como se estivesse me concedendo a honra de lhe dirigir a palavra. - Por que motivo a senhorita foi pastar no terreno do vizinho?

Pastar? Ele disse “pastar”?

Levando em conta o seu deboche, eu finalmente me dei conta de que ele não voltaria atrás em sua decisão.

Aquele era o momento. Eu realmente já não tinha mais nada a perder.

Ergui a cabeça e, munida de uma nova atitude destemida, expus o tema mais comentado nos bastidores da empresa.

PERIGOSAS NACIONAIS

- Pois muito bem, senhor Thomas. Mesmo que eu não lhe deva absolutamente nada, pela generosidade abundante no meu coração eu vou lhe conceder alguns conselhos para facilitar a sua vida aqui na empresa daqui para frente:

“Em primeiro lugar, quando o senhor infla o ego achando que todos sempre riem das suas piadas, saiba que o senhor não tem o menor talento para *stand-up comedy*. A verdade é que ninguém acha a mínima graça, mas riem por um simples fato: é o senhor o pagador de seus salários;

Quando o senhor ouvir os funcionários cochicharem sobre alguém chamado ‘Rego’ seguida de algumas piadinhas jocosas, saiba: é do senhor que eles estão falando. O seu nome de guerra por aqui é ‘*Thomas no Rego*’;

... já a sua careca possui uma identidade própria: Desodorante Roll-on;

E por último, senhor Rego: pelo bem da língua portuguesa e sanidade da nação: “atraso” não se escreve com “Z”, “por isso” se escreve separado e

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

“mim” não conjuga verbo, a não ser que o senhor faça parte de alguma tribo indígena - no bolão interno a aposta vencedora é que o senhor é parte da ‘Tribo Fú’”.

Foi a vez do temido chefe ficar com a boca em forma de “O”. Antes de ter a chance de uma réplica, dei uma leve palmadinha na mesa, virei as costas e fechei a porta atrás de mim com delicadeza.

Como diz o ditado popular, quando a vida te der limões... esprema-os nos olhos do seu chefe.



O sentimento de triunfo durou pelo tempo de passos que dei até a minha mesa de trabalho quando, em meio a um silêncio constrangedor, comecei a abrir as gavetas e recolher os meus pertences.

PERIGOSAS ACHERON

A realidade me atingiu de súbito: eu estava desempregada.

Todo o esforço e dedicação dos últimos meses ruíram em questão de três minutos.

O clima de tensão era palpável até Rose enfim quebrar o silêncio em um sussurro:

- *Pelo amor de Deus pai*, amiga! Você está mais vermelha do que pescoço de galo de briga. O que aconteceu?

Captei que havia uma audiência formada ao meu redor. Olhos curiosos e cheios de expectativa para as minhas próximas palavras.

Eu me sentia emocionalmente sensível para narrar toda a verdade sem desmoronar em um choro compulsivo, até que um pontinho de luz clareou minha mente.

- A situação é exatamente esta que vocês estão presenciando, pessoal – iniciei um discurso inflamado em tom de líder sindical. - Quando eu entrei naquela sala há poucos minutos, eu cheguei

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

no meu limite! Resolvi dar um basta na forma grosseira com que o senhor Thomas sempre nos tratou e falei tudo, absolutamente tudo aquilo que nós sempre tivemos engasgado em nossa garganta. Infelizmente, como eu já tinha previsto, essa exposição resultou na minha demissão.

As minhas palavras causaram alvoroço. Gesticulações e palavras de revolta eram declaradas por colegas indignados.

- Calma, pessoal! Eu não me arrependo de ter feito o que eu fiz, afinal de contas, tudo o que eu disse foi para o bem de vocês, caros amigos. Se o fato de eu perder o emprego serviu para que a partir de hoje vocês possam desfrutar de um ambiente de trabalho melhor e também tenham um chefe mais compreensivo, então eu sairei daqui com a certeza de que cumpri a minha missão.

Aplausos silenciosos e olhares emotivos surgiram.

Enquanto eu me despedia dos colegas com um abraço, eu recebia declarações de ânimo e

PERIGOSAS ACHERON

promessas de amizade eterna.

Por fim, recolhi a caixa com meus pertences. Ainda ovacionada, parti em direção à saída quando me lembrei de algo importante.

- A propósito pessoal: arrumem um novo apelido para o senhor Rego. Não sei de que forma, mas ele descobriu.



Saí do escritório a tempo de perceber que não era apenas o senhor Thomas que sofria de bipolaridade; o clima também. O sol raiante da manhã havia dado espaço para nuvens cinzentas e encharcadas por um aguaceiro eminente.

Apesar de carregar o título de “a mais nova desempregada da praça”, um senso de orgulho próprio ainda me dominava. Eu tinha dado um jeito de deixar a empresa sendo praticamente aclamada

como a heroína dos assalariados.

Não fosse por minha súbita inspiração divina (ou será que toda inspiração para ser considerada *divina* tinha necessariamente que ser *verdade*?), a despedida real teria sido embaraçosa demais. Eu não suportaria receber os olhares de piedade dos colegas aflitos pelo fracasso da “coitadinha”.

A realidade por si só já era dura demais: em questão de vinte e quatro horas eu perdi o namorado e fui demitida, e nenhuma por livre e espontânea vontade. Fui dispensada por ambos.

A chuva começou a cair enquanto eu me esquivava pelas lojas no trajeto até meu apartamento.

Dei uma nova chance à filosofia *Pollyanica* tentando extrair algo de bom daquela situação. Eu repetia a mim mesma que até um chute sempre impulsionava as pessoas para frente. E se hoje o mar não estava para peixe, amanhã poderia chegar um cardume inesperado. E o que eu tinha bem diante de mim? Uma entrevista na cobiçadíssima

i9! Mais do que nunca agora, essa vaga tinha que ser minha!

Segui mentalizando pensamentos positivos até a esquina de casa, quando a chuvarada começou a cair para valer.

Com o fim das marquises, me desatei a correr para evitar me molhar ainda mais, enquanto nessa mesma onda de otimismo, fiz um paralelo entre o clima e meu momento de vida: da mesma forma com que passávamos por dias frios e nebulosos, no final da maratona haveria sempre um abrigo aconchegante e um café fumegante nos esperando. E assim eu visualizava o meu futuro.

Sorri diante desta epifania: se tudo o que poderia acontecer de ruim já aconteceu, o que mais poderia dar errado?

Fiz a pergunta cedo demais.

Ô, Deus no céu! A pergunta tinha sido retórica, e não um desafio!

Poucos passos até a entrada do meu prédio,
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

percebi quando um carro esportivo de um alaranjado berrante e vidros fumê se aproximava. De longe ele já me deu um vislumbre profético através da sua placa: OPS.

Um motorista que provavelmente também já sonhava com o seu próprio cafezinho fumegante no seu destino aconchegante vinha dirigindo completamente alheio à poça de água em seu caminho em um ângulo perfeitamente perpendicular à pobre pedestre recém-desempregada.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 3

Lei de Murphy: Máxima que estipula que se alguma coisa puder correr mal e dar errado, bem... você se lascou.

Eu tinha ainda um complemento à teoria: se um leque de possibilidades de coisas erradas se abrir diante de você, justamente aquela que for causar maior estrago é a que acontecerá. Mas como toda regra tem sua exceção, a Lei de Murphy também tem: a única coisa que jamais dará errado é a aplicação da própria lei de Murphy. Em outras palavras, você se dará mal de qualquer jeito.

Eu não sabia que tipo azarado foi esse tal de
PERIGOSAS ACHERON

Murphy para lhe concederem a honra de ter uma lei específica para o azar em seu nome, mas de uma coisa eu tinha certeza: eu o encontraria no topo da minha árvore genealógica.

Murphy 1 x 0 Laila

A chuva foi criada com o único propósito de acumular poças; poças estas que servirão para serem transpassadas em alta velocidade por motoristas completamente alheios aos passantes deploráveis que estiverem paralelos à tal.

E para piorar, com a autoestima mais baixa do que as calças de um funkeiro, fui coroada por um humilhante banho de lama.

A Pollyanna em mim já tinha dado o último suspiro.

A sequência de acontecimentos já haviam me provado que achar que nada podia piorar era

meramente falta de imaginação.

Assim que cheguei em casa, fui direto para o chuveiro a fim de me livrar de toda aquela sujeira no corpo e de quebra, montei um ambiente de spa caseiro para acalmar toda perturbação mental dos últimos acontecimentos. Coloquei uma música bem relaxante e acendi velas aromáticas para criar um clima de harmonia e equilíbrio.

Bastou eu entrar no banho para o tal do Murphy testar novamente a minha paciência.

TRIIIM...

Murphy 2 x 0 Laila

Um corpo relaxado e molhado ao banho atrai imediatamente o toque frenético do seu telefone.

Deixei tocar. Nada podia ser tão importante a ponto de me arrancar daquele momento de

quietude.

TRIIIM...

E se fosse o Léo? E se ele já estivesse arrependido a ponto de ver o meu rosto em cada estranho que cruzava pelo seu caminho?

TRIIIM...

Foco Laila, volta! Relaxe a mente e domine os seus pensamentos... Ommm...

TRIIIM...

Podia ser também o senhor Thomas que se deu conta de que a contabilidade não podia seguir sem a minha competência e presença contagiante...

TRIIIM...

Ou talvez o RH da i9 tenha conseguido meu número de telefone de casa?

TRIIIM...

Droga.

Meu banho relaxante subitamente se tornou angustiante.

Saí às pressas do chuveiro e me enrolei em uma toalha de qualquer jeito, pingando todo o corredor.

- Alô? - falei ofegante.

Houve um breve silêncio seguido de um chiado do outro lado da linha. Tinha alguém do outro lado.

Só podia ser o Léo querendo ouvir a minha voz, mas sem ter coragem para dar o primeiro passo! E eu estava mesmo tão carente...

- Léo, é você, não é? Pode falar...

Um novo zumbido do outro lado.

Resolvi incentivá-lo.

- Pode falar, Léo! A gente pode reconsiderar o que aconteceu. Eu já estou com saudade...

PERIGOSAS NACIONAIS

Antes de finalizar a minha declaração, a alma piedosa do outro lado da linha me interrompeu em um tom levemente constrangido:

- Er... boa tarde, senhora! Eu gostaria de *estar falando* com a responsável pela linha telefônica, por gentileza?

Telemarketing?!?

Meu grau de carência despencou abruptamente para o mesmo nível da minha tolerância: zero.

- Ah, você quer falar com a responsável da linha? Claro! Só aguarde um minuto enquanto eu *vou estar chamando* ela, por favor? Mas não desligue... a sua ligação é realmente importante para nós!

Larguei o telefone de qualquer jeito no sofá sem desligá-lo, voltando para o banho sem um pinga de remorso.

Será que essas pessoas não se davam conta do quanto eram intrusivas na vida alheia? Que elas fazem as pessoas saírem correndo de seus banhos

PERIGOSAS ACHERON

relaxantes cheias de expectativas e ilusões?

Tentei retornar o foco à minha sessão de relaxamento, mas minha intenção durou exatos quinze segundos. A tal menina do telemarketing que não me saía da cabeça.

Dias atrás eu li uma reportagem sobre as condições precárias de trabalho as quais os operadores de telemarketing tinham que se submeter por uma remuneração miserável ao final do mês. O artigo referia-os como “os escravos da atualidade”. Haviam relatos de que alguns deles eram até impedidos de irem ao banheiro sem antes solicitar ao seu chefe direto para que uma espécie de cronômetro fosse acionado. O título da matéria chocava: “A Indústria de Moer Gente.”

Voltei ao telefone com urgência.

- Alô, aqui é a Laila, a responsável da linha.

- Sim, como não, senhora - ela tinha uma voz tão entediante que se a indústria farmacêutica a descobrisse, eles dariam um jeito de transformá-la em remédio contra a insônia. Ela desatou a

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

declamar o seu texto decorado. - Meu nome é Ângela e eu estou ligando em nome da “Telefonia Ponto Com” para anunciar que a senhora é a feliz contemplada de um novo aparelho *smartphone* que lhe será concedido inteiramente de graça!

Opa! Não foi à toa que molhei toda a sala.

- ... mas para ativá-lo, a senhora só terá um singelo reajuste na sua mensalidade durante o próximo ano. O valor será dividido em...

- Espera aí, Ângela! - senti minha compaixão se esvaindo. - Como é que você diz que algo é “de graça” e depois fala sobre “um reajuste na mensalidade” na mesma frase?

- É... bem, senhora. É que para fazer usufruir dessa promoção a senhora terá um singelo reaj...

- Não, não! Não aceito nada de reajuste. Eu acabei de perder o emprego e não posso nem cogitar um aumento nas minhas contas... Aliás, você inclusive me lembrou agora que talvez eu deva diminuir o meu plano atual.

PERIGOSAS ACHERON

- Co-como?

A Ângela parecia perdida. Imaginei-a folheando o seu roteiro, procurando pela resposta padrão para quando um cliente dizia que tinha acabado de ser demitido.

- Bom, senhora, eu vou *estar transferindo* a sua ligação para o meu supervisor. Por favor aguarde um momento na linha.

Não tive tempo de retrucar. Quando me dei conta, já tinha caído no ciclo infinito da musiquinha de transferência telefônica - *tã na na na nã...* - que por si só já dava vontade de esfolar vivo a próxima pessoa que atendesse a chamada. O toque só foi interrompido por uma voz mecânica e suave dizendo “- *Por favor não desligue. A sua ligação é muito importante para nós*”.

Murphy 3 x 0 Laila

Por mais bem-intencionado que um indivíduo queira ser, em um dia de Murphy a situação

sempre se inverterá a ponto de massacrar com qualquer ato de bondade.



A Carol me mandou uma daquelas mensagens poéticas que circulam pela internet com a imagem um passarinho voando para fora de uma gaiola com os dizeres: *“Encerramentos de ciclos geralmente são momentos melancólicos e repletos de arrependimentos mas, se encarados de forma positiva, podem trazer mudanças inesperadas”*.

Aquilo me deu ânimo para começar com pequenas mudanças ao meu redor e ocupar a minha mente.

A minha primeira atitude foi faxinar. Vesti uma roupa bem confortável e coloquei uma trilha sonora animada para tocar. Uma seleção de clássicos antigos começaram a tocar a todo volume: *What's Up?*, *Tempos Modernos*, *Don't Stop me Now...*

Peguei um saco de lixo e comecei a jogar fora tudo aquilo que me remetia ao Léo.

A música “Você Vai Lembrar de Mim” começou a tocar no instante em que peguei uma fotografia grudada na geladeira: uma *selfie* minha e do Léo no começo do namoro tirada em um pedalinho no lago. Uma Laila de sete meses atrás com um olhar sorridente e cheio de expectativas.

Cantei o refrão da música em alta voz e com todo o fôlego dos meus pulmões:

♪ *Mas você lembra, você vai lembrar de mim...*

Que o nosso amor valeu a pena...

Lembra? É o nosso final feliz.

Você vai lembrar... vai lembrar... sim

Você vai lembrar de mim. ♪

PERIGOSAS NACIONAIS

A letra me soou quase como uma praga: “Você VAI lembrar, VAI lembrar SIM! Você VAI lembrar de mim!”.

Terminada a limpeza, eu me sentia tal qual uma laranja espremida - só o bagaço - mas a exaustão física tinha me renovado.

Parti então para a segunda parte do plano: dar um trato completo no visual.

Por acomodação ou mera preguiça, já fazia um bom tempo que eu não dispensava um pouco de atenção a mim mesma.

Como a ordem da vez era economizar, comecei por uma umectação nos cabelos com o óleo de coco que eu tinha na cozinha. Apliquei o líquido gosmento mecha a mecha e elevei todo aquele desastre *cabelístico* em um coque. Fiz uma mistura com clara de ovo e amido de milho e apliquei como máscara secativa para espinhas e enquanto deixava a máscara fedida agir, aproveitei para depilar as pernas com lâmina e esfoliar o corpo com um misto de açúcar e mel.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Quando peguei a caixinha de manicure, notei que todos os esmaltes já estavam secos há meia década - mas é claro que este mero detalhe não interromperia o meu dia de plebeia em ascensão.

Na esquina de casa havia uma loja de cosméticos. Troquei as pantufas por botas de borracha e peguei um guarda-chuva para me proteger do temporal, caso as nuvens ainda carregadas voltassem a dar o ar da graça.

Essa chance eu não daria para Murphy!

Murphy 3 x 1 Laila

Sou uma pessoa precavida.

Mal tive tempo de celebrar a minha pequena vitória e percebi que Murphy estava conspirando com afinco e dedicando-se de forma bastante persistente contra a minha pessoa.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

No curtíssimo trajeto entre a minha casa e a loja de cosméticos, fui brindada por uma ingrata surpresa: no alto de seu salto fino de solado vermelho e em meio a uma brisa que fazia com que seus longos cabelos esvoaçassem em câmera lenta vinha Agatha: minha arqui-inimiga no ensino médio, a garota mais repugnante de todo o colégio.

Hoje em dia muito se fala sobre *bullying*, um termo inexistente na minha época de escola. Inicialmente a minha situação tinha sido um pouco diferente, mas não menos devastadora: em vez de ser mais uma vítima da provocação dos colegas, eu era a ignorada.

A morna; nem quente, nem frio. Um zero bem redondo no centro; não um zero à esquerda, muito menos pendente à direita. Aluna do meio da sala; não fazia parte dos estudiosos da frente, tampouco dos bagunceiros do fundo.

Em contraste, Agatha era a garota mais popular do colégio e tinha uma legião de fãs que a imitavam em estilo e atitudes.

PERIGOSAS ACHERON

Descobri o que era o *bullying* propriamente dito no dia em que a rainha pop resolveu dispensar um segundo de sua atenção aos meus cabelos levemente ruivos. A partir desse dia, fui posta no mapa como “Ferrugem”, “Vela” ou “Chama os bombeiros para apagar o fogo dessa garota!”.

Eu não a via há três anos, mas Murphy é um moleque sórdido.

A Agatha se aproximava exibindo uma versão completamente oposta a mim: cabelos lustrosos e modelados de forma impecável e um batom vermelho tão vivo que contrastava com o vestido branco justo que deixava muito pouco à imaginação alheia.

***Murphy 4 x 1 Laila:** Quando o sujeito sair de casa bem-arrumado e perfumado, não encontrará sequer um conhecido na rua, porém no dia em que o sujeito sair exibindo sua melhor versão de trapo humano, a sua rede social inteira brotará diante de seus olhos.*

Tentei disfarçar e parei em frente à vitrine de uma primeira qualquer; só reparei tarde demais reparei que era uma loja especializada para gestantes.

- Ferrugem? É você mesmo, queridinha? - surgiu uma voz estridente.

Nos poucos segundos em que Agatha formulou a frase, três pensamentos cruzaram o meu cérebro como um raio:

1. Ah, como eu odeio ser chamada de “querida”! E o meu ódio atinge o nível “mortal” quando a palavra é dita no diminutivo. Além de soar muito falso, a sensação é de que a pessoa quer se colocar em um nível de superioridade. Mas para ser bem justa neste caso, eu sabia que a Agatha nem se lembrava do meu nome real.

2. Será que em três anos eu mudei tanto assim a ponto de ela ter que confirmar se era eu mesma?

PERIGOSAS NACIONAIS

3. Pensando bem, se ela tinha que confirmar é porque ela *não tem certeza*. Eu podia forçar um sotaque, tipo: “*Perdón, usted* está me confundindo com *otra persona!*”.

Mas não tive tempo de rebater.

- Mas que pergunta... é claro que é você! Quem mais se pareceria tanto com uma vela acesa?

Ela gargalhou como se tivesse dito a piada mais cheia de graça de todo o universo. Como se o mundo fosse sua plateia.

- Há, há... muito engraçado... - murmurei com um sorriso forçado.

- Ah, por favor! Não me diga que você ainda fica zangada com essas brincadeirinhas, fica?

- Nããão... imagina! Não é só porque naquela terça-feira chuvosa de junho você se dirigiu a mim pelo microfone da escola como “vela de ritual satânico” que eu guardo algum rancor de você!

PERIGOSAS ACHERON

Falei em um tom provocativo, mas ela fingiu não notar.

- Fico feliz em ouvir isso! - ela não se abalou. - Hoje em dia o povo exagera muito com essa história de *bullying*, mas na nossa época tudo era motivo de diversão, não é?

- Ah, sim. Era tudo *muito* divertido mesmo! - falei irônica. - Mas e então... como você está?

Ela deu um giro no próprio salto, como se me desse permissão para que avaliá-la e tirar as minhas próprias conclusões.

- Se melhorar estraga! Continuo fazendo jus ao apelido que me deram na época da escola, você se lembra?

Agatha, “a gata”.

Na panelinha de garotas odiadoras da Agatha, o seu apelido interno era “Agatha, a Primata” por conta de seus olhos arredondados e salientes. Em nosso pequeno clube nós insistíamos em nos referir a eles como “esbugalhados”, mas para nosso puro PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

recalque este era justamente um de seus maiores atributos para atrair os garotos.

- Você parece mesmo estar bem - assenti um tanto contrariada.

- A vida tem sido justa e vem me tratando como eu mereço. Mas e você, querida? Você parece tão, tão...

Deslumbrante? Linda?

- ... diferente! Como vão as coisas para você?

Não se sangra em tanque de tubarões - já dizia minha mãe. Eu jamais abaixaria a cabeça para ela.

- Eu estou ótima, *amada*! Estou indo agora mesmo encontrar o meu noivo para curtirmos um programinha romântico a dois... Vamos jantar, pegar um cinema...

- Desculpe a intromissão, mas... - seu dedo indicador me escaneou de cima a baixo - você vai sair com o seu noivo desse jeito?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

De repente me dei conta do meu moletom desbotado, do coque oleoso e dos resquícios de máscara cinza no rosto.

- Daria para fritar uma batata no óleo desse seu cabelo, queridinha! E essas manchas aí no seu rosto? É algum novo tratamento para esconder essas rugas precoces?

Quis ser uma avestruz para me enfiar no primeiro buraco que eu visse pela frente, mas me esforcei para manter a frieza.

- Isso aqui? - apontei para o meu rosto enquanto exibia um sorriso de cinquenta dentes. - Isso é um tratamento da mais alta tecnologia do momento! Muito caro e exclusivo, claro. Amanhã estarei com uma pele de Cinderela.

- Ah, sei... - ela soou desconfiada. - Que bom para você! Mas não tem problema fazer esse tipo de tratamento nas suas condições? Porque a julgar por essa barriguinha você deve estar com o que... uns quatro meses?

Ha... ha... ha...

PERIGOSAS ACHERON

Muito e-n-g-r-a-ç-a-d-o.

Eu sabia que ela não perderia a chance de insinuar uma gravidez só porque eu estava em frente à loja de gestantes.

Fiz uma breve prece: “*Senhor, me dê paciência, porque se o Senhor me der forças eu racho o bico dela*”.

- Pois é.... Estou grávida sim de uma pizza quatro queijos que comi ontem. Aliás, acho que estou prestes a parir ela agora, então se você me der licença...

Ela me ignorou completamente:

- Chega de falar de você. Você provavelmente quer saber como eu estou, né? Eu estou vivendo a minha melhor versão! Tenho uma próspera empresa importadora de tecnologia que me permite viajar para o exterior com uma certa frequência para realizar negócios. E além disso, estou morando em uma cobertura de frente para o mar! Isso é o que dá estudar com tanto afinco, viu só?

Ela soltou uma risada debochada. Todo mundo sabia que ela nunca fora uma aluna aplicada. Rezava a lenda que no segundo ano do colegial ela inclusive teve que *convencer* um professor de matemática à passá-la de ano utilizando-se de meios escusos.

Contudo, ouvir aquele relato me afligiui a alma. Eu não lhe desejava o mal, mas será que o destino tinha mesmo que me dar aquele tapa na cara?

O celular da Agatha tocou. Ela deu uma olhadela no identificador de chamadas e, com uma expressão séria, silenciou a ligação.

- Ah, eu atendo depois! As notícias de que eu estou solteira novamente correram rápido dessa vez! Tem uma fila de caras me implorando por uma chance. Mas o que eu estou falando? Este definitivamente não é o seu caso, claro.

Franzi as sobrancelhas até juntá-las em uma.

- ... quero dizer, já que você me contou que está noiva. A propósito, onde está a sua aliança?

PERIGOSAS NACIONAIS

Pega de surpresa, soltei logo a primeira resposta que me veio à mente, sem ter tempo para julgar se ela era minimamente plausível.

- Você não tem acompanhado as notícias, Agatha? Tem uma quadrilha de assaltantes de alianças rondando pela nossa região! Quando mais vistosa é a aliança, maior é a chance de você se tornar um alvo! E acredite: o meu anel tem ouro demais para ficar expondo por aí.

A desculpa absurda foi dita com tanta confiança que uma senhora que passava por nós escondeu discretamente a sua mão esquerda na alça da sua bolsa.

Antes que a Agatha começasse a falar sobre a sua casa na praia ou sobre o carro de última geração que ela acabou de comprar, tentei encerrar o assunto:

- Foi um prazer rever você, Agatha, mas agora eu preciso fazer umas comprinhas antes de encontrar o meu marido.

- Marido? Mas não era noivo?
PERIGOSAS ACHERON

Droga.

- Ah, eu quero dizer meu *quase* marido! Como nós vamos nos casar em breve eu já estou treinando para usar esse termo! - falei enquanto me distanciava na direção oposta a ela.

Em tom de despedida, ela acrescentou um último comentário em alto e bom som:

- Já está na minha hora também. O meu motorista já deve até estar manobrando a Mercedes.

Aff!



Eu nunca compreendi o motivo das empresas de cosmético atribuírem nomes excêntricos aos seus esmaltes: fulgor da paixão, lírio invernal, vício contagioso. Não seria mais simples chamá-los pela

PERIGOSAS NACIONAIS

lógica de sua cor - rosa claro, rosa escuro, rosa cheguei? Porém bastou eu colocar as minhas mãos em um esmalte lilás chamado “Sorte Perpétua” para eu entender que o setor de marketing sabia muito bem o que fazia.

Me dirigi ao caixa satisfeita com a minha escolha. Sorte era tudo o que eu precisava naquele dia.

Ao chegar no caixa, me deparei com um novo desafio de Murphy: escolher entre três longas filas, qual delas seria a mais rápida.

O quesito “fila” definitivamente trabalhava com afinco contra mim. Por mais que eu me esforçasse em estabelecer uma análise matemática criteriosa - comparar a quantidade de pessoas em determinada fila versus a quantidade de itens trazidos em suas cestinhas - e me empenhasse no julgamento psicológico de tendência à lerdeza dos respectivos caixas, bastavam poucos minutos para que a minha promissora fila desse algum problema na registradora ou faltasse notas para troco enquanto a vida seguia sem maiores complicações na fila

PERIGOSAS ACHERON

rejeitada, fluindo como uma cachoeira.

Aquele dia não foi diferente, mas eu sabia no fundo de minha alma qual era o verdadeiro motivo de eu ter saído de casa naquela tarde: não foi para comprar esmalte e nem para me deparar com a Agatha. Foi única e exclusivamente para viver o auge da Lei de Murphy.

***Murphy 5 x 1 Laila:** Você pode até ser graduado em um curso técnico de “Gestão e Lógica das Filas”, mas a realidade é uma só: a fila ao seu lado sempre andarás mais rápido. SEMPRE.*

E não era de hoje que este assunto me tirava a paciência! Eu era uma defensora ferrenha à criação de uma lei que obrigasse todos os estabelecimentos a utilizarem sempre o sistema de fila única. Era preferível a justiça e extensão de apenas um amontoado de pessoas do que a loteria e autocrítica por ter que escolher a fila certa.

Infinitos minutos depois, a caixa me chamou. Percebendo a minha predisposição em atirar gasolina no fogo, a atendente já foi logo desculpando-se de forma complacente:

- Lamento muito a demora, senhora, mas nós estamos com um problema no sistema. Mas para compensar a demora, a nossa loja está promovendo alguns sorteios para amanhã e em vez de te dar um cupom, eu vou te dar dois! Uma dupla chance para sua sorte!

A empolgação amável da atendente quebrou a minha marra.

- O problema é que a minha sorte já está respirando por aparelhos. Mesmo que você me desse todos os cupons com a exceção de *um*, este *um* é que seria sorteado.

- Nada disso! Como diria o ditado, quem não arrisca não petisca. Deixa que eu mesma preencho o cupom para você.

Mas foi outro ditado popular que veio à minha mente e me convenceu a preencher o cupom: “azar PERIGOSAS ACHERON

no amor, sorte no jogo”. Com a primeira parte da frase eu já tinha sido agraciada - quem sabe este sorteio não seria o início de uma reviravolta contra Murphy?

Voltei para casa e apenas quando cheguei em frente à entrada do meu prédio, me dei conta:

Murphy 6 x 1 Laila: *Levar um guarda-chuva quando há uma real previsão de chuva, automaticamente torna impossível que o fenômeno ocorra.*

Pois é.

Não choveu.



WHAT'S UP:



TEMPOS MODERNOS:



DON'T STOP ME NOW:



PERIGOSAS NACIONAIS

VOCÊ VAI LEMBRAR DE MIM:



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 4

– Bom dia, i9 Company!

- Bom dia! Aqui é a Laila quem fala. Eu gostaria de falar com a senhora Jennifer do RH, por gentileza?

Enquanto eu falava, os meus dedos cruzados estavam tão apertados que praticamente impediam a circulação sanguínea. Nem toda aquela maré de azar justificava o postergar do retorno da ligação à i9. Conseguir esta entrevista era agora a minha prioridade máxima de vida.

Enquanto a ligação estava sendo transferida, a minha mão suave nervosamente ao telefone. Eu não podia deixar transparecer o meu completo desespero por aquela vaga ao mesmo tempo em que

PERIGOSAS ACHERON

tinha a obrigação de causar uma boa primeira impressão.

Uma voz nasalada atendeu do outro lado:

- Recursos Humanos, Jennifer.

Respirei fundo e deixei fluir o meu tom de voz mais gentil.

- Boa tarde Jennifer! Tudo bem com você? - um breve espaço de tempo se passou sem resposta. Prossegui. - O meu nome é Laila; você me ligou há dois dias a respeito de uma vaga na área administrativa e deixou um recado com o meu *colega* de trabalho. Desculpe a demora em retornar, mas é que eu estava em uma viagem de negócios, visitando clientes.

Minha introdução tinha sido bem ensaiada na intenção de demonstrar interesse pela vaga ao mesmo tempo em que garantia que ela soubesse do meu alto gabarito. Eu era tão dedicada e capaz que o meu emprego atual me enviava em viagens de negociações. Aquela fala podia até aumentar uma futura proposta salarial.

- Ah sim, Laila. Eu me recordo. Infelizmente...

O-D-E-I-O “*infelizes*”! Nada de bom nunca sucede esta palavra.

- ... o diretor da empresa que estava conduzindo as entrevistas teve que se ausentar para um compromisso de última hora. Lamento, mas no dia em que eu liguei nós precisávamos que você tivesse vindo naquela mesma tarde.

Me senti desfalecendo até que Jennifer acionou uma espécie de “desfibrilador verbal” e me trouxe de volta à vida.

- Mas...

A-M-O os “*poréns*”, “*mas*” e “*entretantos*” que manifestam-se depois dos “*infelizes*”.

- ... eu tenho em mãos uma pré-análise que o nosso setor levantou a seu respeito. Como de praxe, nós sempre telefonamos ao último emprego do candidato à vaga para recebermos um parecer do seu antigo gerente...

Oh, oh!

Petrifiquei.

- ... e no seu caso, - ouvi um ruído de farfalhar de folhas - eu mesma conversei com o responsável na contabilidade a qual você trabalhava e fiquei... - ela foi interrompida. - Oi, Lucas. - ela fez um breve silêncio e retornou a atenção para mim - Laila, aguarde só um minuto na linha que eu preciso assinar algo urgente aqui. Só um instante, por favor.

- C-claro - gaguejei.

O silêncio que se seguiu foi suficiente para me fazer perceber que não importava mais eu me esforçar para causar uma boa impressão; seria impossível reverter o estrago que a franqueza do senhor Thomas a meu respeito provavelmente já havia causado.

Naquele ponto a minha mente já trabalhava com a hipótese de que o tal “*porém*” seria seguido por “*...independente de toda essa competência que você se julga ter, nada que você disser seria capaz*”

PERIGOSAS ACHERON

de convencer o nosso excelentíssimo diretor a entrevistá-la depois do relato que ouvimos”.

Eu possivelmente tinha virado assunto na i9! Quando a Jennifer atendeu o telefone, ela deve ter apontado para os colegas já tirando sarro, fazendo um sinal como quem diz: “*é aquela louca desvairada da contabilidade!*”.

Quando eu pensava em desligar o telefone para evitar uma vergonha ainda maior, ouvi a Jennifer retornando à ligação com uma voz animada:

- Desculpe pela interrupção, Laila. Mas como eu estava dizendo, eu mesma conversei com o responsável pelo seu cargo e devo dizer que fiquei muito impressionada.

Impressionada?!

- A sua ex-chefe, deixe-me ver aqui... - ela parecia ler a informação em algum papel - senhora Rose Mendes. A senhora Rose demonstrou uma grande admiração por você! Ela disse que lamentaria perder uma funcionária tão eficiente, mas que podia compreender perfeitamente a sua

PERIGOSAS ACHERON

busca por novos desafios dado o tamanho do seu potencial.

Ah como eu amo você, Rose!

Ela provavelmente tinha puxado atendido a ligação da i9 sem querer e se fez passar pela dona da empresa!

- Bem, sim... - suspirei. - A Rose foi uma excelente mentora.

- Enfim Laila, como nós recebermos essa recomendação tão veemente, nós abriremos uma exceção para entrevistar você mesmo que o prazo de recrutamento já tenha sido encerrado.

Vivi uma montanha-russa de emoções em questão de segundos. Da desilusão ao êxtase. Do lixo ao luxo.

Se de um lado da linha uma Laila faceira lançava soquinhos no ar em comemoração, outra Laila versão profissional se esforçava para responder de forma contida.

PERIGOSAS NACIONAIS

- Eu só posso agradecer pelo voto de confiança, Jennifer.

- Só há um detalhe: como eu disse antes, o nosso diretor está envolto em um compromisso urgente e só retornará ao escritório em dez dias. Espero que nenhuma outra empresa queira contratá-la antes!

A Jennifer soltou uma risadinha leve a qual eu retribuí com satisfação.

- Imagina! Quando eu me comprometo com algo, eu cumpro com a minha palavra. Inclusive este cronograma se encaixa perfeitamente nos meus planos porque eu já tinha uma viagem para o exterior agendada na semana que vem. Mas eu retornarei a tempo para entrevista.

Desliguei o telefone satisfeita com minha performance.

Fiquei tão animada que até prometi trazer uma lembrancinha para a Jennifer dessa minha tal viagem internacional.

PERIGOSAS ACHERON

Mas a mentira tinha sido bem calculada: uma vez que eu não tinha mencionado o meu destino de viagem, qualquer produto *Made in China* da lojinha da esquina serviria.

Afinal de contas, China também era “exterior”.



Eu não estava acostumada - e obviamente não havia programado - dispor de tanto tempo vago.

Eu não podia me acomodar na certeza da contratação na i9 e precisaria colocar em prática outras ações: atualizar o meu currículo, fazer uma busca por vagas *online* e quem sabe divulgar a disponibilidade dos meus serviços à minha lista de contatos. Contudo, eu nutria uma confiança inabalável tanto em minha capacidade profissional quanto nas minhas habilidades de persuasão a serem aplicadas na minha futura entrevista.

A minha primeira tática consistia em ler o máximo possível a respeito da empresa: sua história, ramos de atuação, portfólio de clientes e todas as matérias já publicadas que citassem a i9. A seguir, como uma verdadeira *stalker*, eu descobriria o nome do tal diretor que faria a entrevista e fuçaria tudo a respeito de sua vida social e pessoal. Remexeria no lixo do cara se fosse preciso.

Com algumas informações na manga, a ideia era trazer à tona durante a entrevista alguns assuntos que despertassem o seu interesse: se o digníssimo senhor diretor fosse fã de tênis, em um determinado momento eu discretamente levaria a mão no meu ombro e, hesitante, diria algo como “*puxa, dias atrás eu tive uma pequena lesão enquanto sacava em um jogo de tênis e blá, blá, blá*”. Se o perfil dele fosse recheado de fotos de crianças, eu iria à entrevista com uma pulseirinha de elásticos coloridos que, em determinado momento, me tiraria um sorriso comedido acrescentado de um “- *Você acredita que a minha sobrinha me fez usar essa pulseirinha dizendo que me traria boa sorte? Crianças são realmente adoráveis*”.

Desnecessário dizer que eu não tinha sobrinha alguma.

No instante em que peguei o celular nas mãos para iniciar a pesquisa, minha atenção imediatamente se voltou à foto no meu plano de fundo: um casal sorridente e apaixonado posando em frente a uma ponte em arco quase cinematográfica. Eu e Léo.

Tive uma sensação estranha ao constatar que aquela foto não despertava em mim nenhum sentimento de raiva ou indignação, e sim apenas uma certa indiferença.

Não existia mais aquele frio na barriga, aquela cumplicidade, a troca significativa de olhares.

Me surpreendi ao constatar que o nosso término tinha atingido mais o meu ego do que meus sentimentos.

Diante daquela epifania, decidi enviar uma mensagem para a Carol convidando-a para jantar na minha casa - assim eu já ocuparia a mente na preparação de um cardápio para a noite.

Abri o aplicativo de mensagem e enviei uma linha para ela:

<Laila> Oi amore! Que tal comer umas coisinhas gostosas hoje a noite aqui em casa? Só eu e você! Nós precisamos conversar!

Comecei a pensar no cardápio. A Carol era fã de comida italiana... talvez uma lasanha!

Ping!

O celular apitou em resposta.

<Léo> Que história é essa, Laila? Já não falamos tudo o que tínhamos para falar?

Não, não, NÃO!

PERIGOSAS NACIONAIS

Com o mente divagando no assunto “Léo”, selecionei errado o destinatário!

O pior era que nada na mensagem tinha deixado claro que o recado era para a Carol e se eu tentasse me explicar, ele provavelmente acharia que eu estava recuando por conta do seu tom de resposta hostil.

<Laila> Foi mal, Léo! Culpa do maldito corretor ortográfico! O texto original era: “Oi *amigo!* Que tal *recolher* umas coisinhas *valiosas* hoje a noite aqui em casa? *Sem* eu e você! *Nem* precisamos conversar!”

Talvez eu devesse ter pensado um pouco mais antes de apertar no botão de “enviar”.

Se eu demorasse mais tempo para responder, ele poderia achar que eu já estava aos prantos, implorando por seu perdão de joelhos.

PERIGOSAS ACHERON

Ping!

<Léo> Ahaam, tá bom! Eu sei bem como é “amiga”! Pelo que eu me lembre eu não deixei nada na sua casa, mas se tiver algo tão “valioso” assim, pode fazer um bazar e vender. AGORA ME DEIXE EM PAZ E VÊ SE ME ESQUECE!

Mal deu tempo de sentir a faca girando dentro do meu âmago e o apito de uma nova mensagem chegou aos meus ouvidos:

<Léo> Maldito corretor ortográfico! Eu quis dizer: “AGORA FIQUE EM PAZ QUE VOCÊ MERECE!”



PERIGOSAS NACIONAIS

Nas palavras da Carol, “- *A melhor rede social ainda era duas amigas dividindo uma garrafa de vinho*”.

- ... e com esses olhos verdes, cabelos castanho avermelhados e com esse seu senso de humor afiado... Ah, joaninha, o Léo realmente não te merecia!

A Carol conseguia elevar a minha autoestima mais do que quando eu passava em frente a um terreno de obras no horário de almoço dos pedreiros.

Mas eu continuava um pouco chorosa.

- O pior é que eu nem sei direito *do que* exatamente eu sinto falta. Não é do Léo, isso eu sei. Talvez seja saudades daquele sentimento de pertencimento, de saber que tem alguém do meu lado com quem contar, sabe?

- Você sabe que pode contar sempre comigo, né Lalá?

- Eu sei - eu retribuí seu sorriso.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Quer dizer... só não conte comigo às 4 da manhã! Aí já seria um abuso da sua parte!

- Espera aí... que eu me lembre não existia essa restrição de horário no contrato de amizade que assinamos - caçoei.

- Quem manda assinar sem ler as letras miudinhas?

Rimos. A Carol ficava parecia feliz por me fazer sorrir.

- O término ainda é muito recente e é normal que você se sinta assim. No fim das contas você sofre horrores mas não morre disso.

- Igual ressaca - falei, voltando a encher as taças de vinho.

Estávamos na cozinha enquanto eu preparava um espaguete a carbonara. Bem, “preparava” era só um modo de dizer - na realidade, depois do contratempo com o Léo, toda a minha inspiração culinária se evaporou e o máximo que pude fazer foi passar na loja de congelados Gela a Goela da PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

esquina.

- Ah, eu esqueci de te contar! - falei de súbito. - Adivinhe quem me concedeu o honorável privilégio de cruzar por meu caminho na rua?

- A princesa da Inglaterra?

- Pela pomposidade dela, eu acho que ser chamada de “princesa” e não de “rainha” seria considerado uma ofensa - fiz uma pausa dramática.
- Agatha.

- Agatha? Que Agatha?

- Eu vou me odiar por isso, mas... - fiz um sinal de aspas com as mãos - Agatha, “a” gata?

A Carol soltou uma risadinha sarcástica.

- Eu já sabia quem era, só queria ver você explicar!

- Bandida! - gritei, dando-lhe um soquinho de leve no braço.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Mas e aí, como ela tá? Não aceito nada além de brega, careca e banguela...

- Ai, quem dera... Pior é que além da beleza física, você tem que ver a situação de vida atual da indivíduo.

Expus para Carol os detalhes da breve conversa que tive com a Agatha.

- ... e o que mais me irrita é a injustiça disso tudo! A criatura que nunca leu um livro sequer está aí de passeio pela vida, enquanto a estudiosa aqui está atualmente desempregada, sem nenhuma perspectiva para o futuro.

- Sem perspectiva não, florzinha... a i9 está aí batendo na sua porta!

- Será mesmo, Carol? - soltei um suspiro cabisbaixo.

- Eu tenho certeza que em breve todo o seu esforço será recompensado. Não dizem que até um pé na bunda te empurra para frente? Então! E sobre a Agatha, quem pode saber... nem sempre as

PERIGOSAS ACHERON

aparências retratam a realidade.

TRIIIM...

O telefone tocou estridentemente nesse instante.

Uma voz feminina e empolgada começou a falar do outro lado.

- Muito boa noite! Eu gostaria de falar com a senhora Laila, por gentileza?

- É ela mesma... só dispenso o “senhora”.

- Opa! Só Laila então! Aqui quem fala é a Lisa da “Beleza Põe Mesa”. Você esteve aqui na loja ontem a tarde.

- Ah sim, claro. Eu esqueci algo aí na loja? -

- Bom, acho que posso dizer que sim, Laila - ela riu. - Você nos deixou o seu nome e telefone em um cupom de sorteio e agora eu tenho uma notícia maravilhosa para lhe dar: você foi contemplada e levou o grande prêmio!

Um arrepio cortante me transpassou.

Eu, *euzinha* ganhei um prêmio?

Puxa, eu adoraria ganhar uma daquelas cestas recheadas de cosméticos importados, mas com a minha maré de sorte o mais provável seria um combo de manicure e pedicure.

- Que legal, Lisa! Eu nunca ganhei nem em bingo de igreja, então é uma surpresa receber essa ligação!

Diante da minha resposta, a Carol tirou os olhos do celular e os levantou em minha direção em uma rapidez de ninja, gesticulando em curiosidade. Eu a dispensei com um floreio de mão como quem diz “*não é nada demais, nem se empolgue*”.

- Que bom que você não gastou a sua sorte em um bingo de igreja então, porque até onde eu sei, os prêmios por lá costumam ser compotas de conserva e panos de prato! - ela riu da própria piada antes de continuar. - Eu, pelo menos, não conheço nenhum bingo que sorteie um pacote de viagem com tudo pago!

Mas... o quê...?

- Espera aí Lisa... de que prêmio exatamente você está falando?

- Você não sabe? Você ganhou um cruzeiro de oito dias pela América do Sul com todas as despesas pagas!

Soltei um grito tão agudo que a lâmpada da cozinha explodiu. Tudo bem, não explodiu. Mas bem que podia ter estourado ou com meu berro desafinado ou com o pulo assustado que a Carol deu da cadeira.

Apontei para o telefone e continuei gritando:

- Caroooooll! Eu ganhei uma viagem de cruzeiro para o exterior!

A Carol arregalou os olhos e se juntou aos pulos.

Voltei rapidamente a minha atenção à Lisa, que aguardava na linha com ansiedade:

PERIGOSAS NACIONAIS

- Ähn... Lisa! Só para ter certeza: essa viagem é com acompanhante, né? Tipo, eu nunca ouvi falar em cabine de cruzeiro só para uma pessoa! - perguntei.

- Na verdade existem sim as cabines *single*, e infelizmente o prêmio é só para uma pessoa mesmo. Mas não fique chateada! O cruzeiro oferece tanto entretenimento a bordo que eu tenho certeza de que você vai até fazer novas amizades por lá.

Sinalizei para a Carol que o prêmio era somente para um, mas o sorriso dela não diminuiu um centímetro sequer.

Ela continuou celebrando jogando palmas silenciosas no ar e eu a amei ainda mais por isso.

A Lisa continuou do outro lado:

- Mas tem um detalhe importante, Laila: o cruzeiro parte já no próximo domingo, ou seja, daqui há dois dias. Espero que você não tenha algum compromisso que não possa ser remarcado...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Compromisso? - quase soltei uma gargalhada, mas consegui segurá-la a tempo - Não mesmo! O meu único compromisso será o de colocar umas unhas postiças para poder ficar a semana toda coçando...

A Carol rodeou um dedo próximo à cabeça como se me dissesse “*você está doida?*” mas o sorriso estampado em seu rosto entregava a sua animação.

- Bom, neste caso, eu aconselho que você comece a preparar as malas!

Desliguei o telefone me sentindo flutuar, com o corpo anestesiado.

- Você tem noção do que acabou de acontecer?
- coloquei as mãos na boca para conter a euforia. -
Hoje finalmente expirou aquela praga de sete anos de azar por eu não ter compartilhado uma corrente lá do Orkut!

- Ou isso é prova de que a sorte também é bipolar e no intervalo de um segundo, pode virar
PERIGOSAS ACHERON

completamente de lado!

- Isso é o que eu chamo de uma mudança de *maré* de azar! Literalmente! - brinquei.

- E finalmente você poderá tirar as suas tão merecidas férias, né meu denguinho?

Férias. Minha palavra favorita do dicionário, muito embora eu nunca tivesse tirado férias na minha vida. Quero dizer, não no sentido que férias deve ter, de viagem, piscina, pernas para o ar.

E agora eu teria uma semana inteirinha só para mim.

Uma semana torrando em espreguiçadeiras, divagando na leitura dos meus livros favoritos...

Uma semana cercada de pessoas novinhas em folha. Rostos desconhecidos os quais eu não saberia nenhuma história e que acima de tudo, não saberiam absolutamente nada a meu respeito.

Uma semana sem ser a namorada que acabou de ser dispensada, a aluna dedicada de futuro
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

incerto, a mais recente desempregada do mercado de trabalho...

Uma semana podendo ser a pessoa que eu sempre sonhei em ser!

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 5

- Dia do Embarque -

O dia ensolarado era um prenúncio da semana que eu tinha pela frente: um céu amplo e de um horizonte ilimitado.

Enquanto o David retirava a minha bagagem do porta-malas, eu e Carol nos despedíamos na área de embarque diante de um imenso navio que destacava-se pela enorme letra “D” em seu topo, a qual fazia referência ao seu ostentoso nome: Diamond.

- Às vezes, tudo o que você precisa é de novos ares para lembrar a si mesma quem você é, minha borboletinha! Só não se esqueça de ser sempre

verdadeira com a sua essência, com aquilo que você realmente é! Isso é o mais importante.

A advertência da Carol não estava sendo dada à toa.

No dia anterior, ela se esbarrou casualmente com a Rose, minha ex-colega de trabalho. A Rose lhe contou em detalhes os efeitos que a mini revolução causada por minha súbita demissão causou entre os funcionários da contabilidade. Aparentemente, eles se aproveitaram do momento para criar um comitê interno com o intuito de reivindicar melhorias para o ambiente de trabalho. Ela ainda enfatizou o quanto os meus colegas se sentiam gratos por minha atitude altruísta de enfrentar a chefia com o único propósito de promover o bem geral da nação.

Obviamente a Carol não engoliu aquele papo de mártir sindicalista, mas decidiu se calar após a Rose dizer que tomou uma atitude ousada e se fez passar por minha antiga gerente a uma empresa que buscava por minhas referências profissionais.

PERIGOSAS NACIONAIS

Mas é claro que ela não deixaria a minha façanha heroica passar em branco:

- Que história maluca é essa, ô dona *Malala* das causas trabalhistas?

- É tudo muito simples - ponderei. - Por que eu escolheria sair como a demitida derrotada quando eu tinha diante de mim uma saída mais digna? Essa *brincadeirinha* foi boa para mim, que não tive que encarar os olhares de piedade de ninguém, e bom para eles, já que eu desencadeei um bem maior a todos.

- Laila, a questão não é essa e você sabe muito bem disso - ela me lançou um olhar sério. - Não existe esse negócio de mentira branca, mentira inocente ou mentirinha. Mesmo que você não esteja prejudicando ninguém, mesmo que esteja camuflada por uma boa causa, uma mentira é sempre uma mentira. E ela sempre traz consequências.

- Também não é assim! Essa situação bem que poderia ter acontecido, eu só floreei um pouco...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Meia mentira é a mesma coisa que estar meio grávida. É uma questão de sim ou não. Ou é, ou não é - sentenciou.

- Está bem, Carolzita. Você tem razão - afirmei em tom conciliatório.

Ela me lançou um olhar estreito, tentando discernir se eu estava sendo sincera ou não. O abraço que se seguiu encerrou o assunto.

Contudo, eu continuava acreditando que algumas pequenas invenções inofensivas - sem maldade - davam só um tempero especial a certas situações insossas. Nada mais eram do que frutos de uma imaginação criativa.

E como dizia o doutor House da série de televisão, “*Everybody lies*”.

Todo mundo mente.



PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Um funcionário da Precious Line - a companhia marítima - recolheu a minha bagagem etiquetada com o seu devido adesivo fluorescente que continha os meus dados pessoais e o número do meu andar - Deck 9.

Cumprir com os procedimentos de embarque para uma viagem internacional me parecia algo completamente surreal! Eu ainda podia sentir aquela mesma euforia do momento em que ouvi o meu nome sendo anunciado na pequena cerimônia de premiação que fizeram na loja de cosméticos dois dias atrás:

- E queremos chamar aqui a cliente vencedora do nosso grande prêmio - Laila! - que viajará em um cruzeiro pela América do Sul com refeições, bebidas, shows... tudo incluso, além de claro, um tratamento completo no spa para poder arrasar no jantar de gala do comandante!

A minha resposta impulsiva saiu como um tropeço:

- O quê? Agora eu também *tenho* que jantar

PERIGOSAS ACHERON

com esse tal comandante que eu nem ao menos conheço?

A pequena plateia composta de pedestres curiosos, clientes ocasionais e das próprias vendedoras da loja me devolveu uma risada forçada e piedosa, me concedendo o benefício da dúvida ao fingirem que aquela resposta absurda não passava de uma piada mal pensada. A Lisa tentou amenizar o meu constrangimento e dirigiu-se à plateia ao explicar que há uma noite especial a bordo onde um jantar formal é servido e todos os passageiros devem se vestir na beca; homens de terno, mulheres de longo.

Um evento tão sofisticado merecia aquilo que eu tinha de melhor, porém a minha escolha não levou mais que dois segundos: o escolhido foi o meu *único* vestido formal - um pretinho básico - usado na minha festa de formatura do colegial e que graças à minha adolescência precoce e encorpada, ele me ainda servia. Uma vez lavado à mãos para livrá-lo do cheiro de naftalina e com uma dose extra de cuidado para não desintegrá-lo, ele agora encontrava-se perfeitamente acomodado

em minha mala.

- Eu vou sentir saudades, meu biscoitinho - a Carol me puxou para um abraço apertado. - Me ligue durante as paradas se puder! Eu quero saber das novidades em tempo real, todos os detalhes! Quero saber de tudo e de *todos*, é claro! - ela me deu uma piscadinha maliciosa.

- Curta muito essa experiência, Laila - David também me arrastou para um abraço de despedida. - Ah, e nada de ficar retraída! Você não conhece ninguém lá mesmo, então aproveite para participar das atividades, conversar com gente nova... se dê essa chance!

Os dois pareciam estar de conluio. Estava na cara que eles já tinham conversado bastante a respeito da minha viagem e pareciam enxergar um milhão de possibilidades.

- Gente, uma vida não pode mudar tanto assim uma semana!

- Você está aqui hoje porque dispensou só alguns segundos para preencher um bilhete do PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

sorteio, então imagine só o que pode acontecer em sete dias! - falou David.

- Sete dias podem mudar uma vida inteira! - proclamou Carol, despedindo-se com um aceno.



Atingi o ápice da felicidade ao adentrar os portões da área de embarque do terminal portuário.

Absolutamente tudo o que acontecesse a partir daquele momento seria uma novidade para mim.

Como eu não tinha tido tempo para planejar os pormenores da viagem, decidi seguir o conselho do filósofo contemporâneo Zeca Pagodinho e deixaria a vida me levar, muito embora os meus próximos quinze minutos já estavam minuciosamente traçados em minha mente: eu encontraria a minha cabine, pularia igual uma louca em cima da cama,

PERIGOSAS ACHERON

vestiria o meu biquíni e partiria em uma busca frenética pelo tobogã tão cheio de cores que era evidenciado nos folhetos de propaganda do cruzeiro. Isso sem contar no drinque decorado com guarda-chuva e azeitona.

Ao passar pela checagem de raio-X, um segurança de uniforme azul-marinho me cumprimentou com uma frase que soou como melodia aos meus ouvidos: “*Bem-vinda a bordo, maruja!*”.

Meu sorriso se estendeu de orelha a orelha apenas para afrouxar no momento seguinte em que virei o corredor: um interminável alinhamento de indivíduos em zigue-zague sendo lentamente conduzidos aos guichês de “check-in”. Era uma fila mais longa do que a de um parque temático oferecendo desconto, parcelamento em dez vezes sem juros e no auge das férias escolares.

Diante da justiça de uma - e *apenas uma* - longa fila e levando em consideração que todos os pobres enfileirados dali estavam no mesmo barco (literalmente!), acabei me conformando, embora eu

não pudesse evitar que de vez em quando os meus olhos julgadores escapulisses à rápida fila preferencial do meu lado. Eu me julgava uma boa fisionomista e guardaria bem cada rosto dos tais *senhorezinhos* acima de setenta anos que supostamente não tinham condições físicas para aguardar de pé em uma fila. Eram esses que depois tiravam o primeiro lugar no concurso de barrigada na piscina.

Retirei de dentro da minha bolsa o livro que eu havia trazido para a viagem. Era Jane Eyre - o meu livro de romance favorito:

“É muito melhor aguentar um martírio que só a gente sofre do que cometer uma ação cujas consequências irão atingir a todos que nos são caros.”

Após páginas e mais páginas viradas, finalmente cheguei na última curva daquele caracol infinito. Consegui finalmente deslumbrar o rosto

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

simpático da atendente da Precious Line conduzindo os passageiros aos guichês à medida que liberavam para atendimento. A fila de idosos já estava vazia - os anciões já estavam provavelmente subindo na parede de escalada.

Quando enfim cheguei ao lugar mais almejado da fila, a Júlia - conforme li em seu crachá - se dirigiu a mim em um simpático tom conciliador:

- Eu não sei o que aconteceu nesta semana... parece que todos os passageiros combinaram de embarcarem juntos e no mesmo horário! - ela sorriu para mim exibindo dentes perfeitos - Mas posso te contar um segredinho? Você está neste exato momento no lugar mais cobiçado do recinto!

Sorri de volta.

Antes que eu pudesse comemorar meu posto, o olhar de Júlia se desviou para três novas pessoas que se aproximavam pela fila de idosos.

Ela se dirigiu a mim e acrescentou em um tom conspiratório:

PERIGOSAS ACHERON

- Bem... digamos que você está *quase* lá!

Ela voltou sua atenção ao adorável casal de idosos que vinham de mãos dadas e sorrindo um ao outro, junto com o seu acompanhante - um homem alto e atraente - possivelmente seu neto.

Seus trajes formais chamavam a atenção por não serem condizentes com o clima de férias: ele vestia uma calça de linho escura, uma camisa social azul engomada à perfeição e um blazer preto e *slim*. Contrastando com sua vestimenta convencional, ele exibia uma barba cheia e fechada que lhe dava um ar quase eremita. Os cabelos castanho claros e ondulados estavam revoltos e pareciam não ter qualquer intimidade com o pente. Com um olhar compenetrado, ele se destacava em meio aos passageiros que tagarelavam animados com a perspectiva do embarque.

A sorridente Júlia conversou com o casal até a liberação do guichê, quando ela então indicou para que prosseguissem ao check-in.

Estranhei quando vi que o casal seguiu

desacompanhado do neto ao guichê, até finalmente me dar conta: eles não estavam juntos.

Mas se ele não era neto ou parente do casal idoso, que raios aquele sujeito estava fazendo ali na fila especial? Por mais que ele parecesse um ermitão, ele definitivamente não era idoso!

Assim que liberou um novo atendimento, rumei apressadamente ao guichê sem erguer os olhos. Estava quase em frente ao balcão quando me esbarrei no tal homem que possivelmente tinha sido instruído pela Júlia a prosseguir ao mesmo local.

Seus olhos azuis me encararam de forma desconcertante.

- Imagino que tenha ocorrido algum equívoco aqui, me desculpe.

Ele tinha um tom de voz educado e gentil e revelava um leve sotaque *gringo* no seu português. Embora a sua cordialidade tenha me desconcertado momentaneamente, ainda assim não tinha sido o suficiente para impedir que a minha indignação se manifestasse:

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Ah, deve ter havido um engano sim! Um engano seu, se me permite dizer.

- Engano meu? Mas foi a atendente que me instruiu a...

- Engano seu, sim. Você está vendo aquela fila comprida cheia de seres mortais cansados por já terem aguardado duas horas para o atendimento? Pois ou você errou a fila ou já tem mais de sessenta anos! Neste caso, eu tenho que lhe dar os parabéns - joguei um aplauso no ar - o senhor está muito bem conservado!

Usei um tom tão sarcástico que até o David, que tinha dificuldades em entender ironias, teria captado a mensagem no ato.

No instante seguinte, a Júlia surgiu ofegante e justificou-se olhando para mim:

- Perdoe-me senhorita. Será que você poderia retornar à fila até que eu lhe indique a vez? É que a fila preferencial tem prioridade ante a fila regular.

PERIGOSAS ACHERON

Fiquei estarecida.

- Fila p-r-e-f-e-r-e-n-c-i-a-l? - esbravejei. -
Você me desculpe, mas idosos, cadeirantes e grávidas tem todo o meu respeito, agora uma pessoa na flor da idade e gozando de plena saúde não deveria estar em uma fila prioritária, você não concorda?

Dei uma olhada geral para as pessoas da fila em busca de apoio. As conversas alegres cessaram e deram lugar a um silêncio constrangedor. Todos agora olhavam para mim com um misto de curiosidade e surpresa. Ninguém se manifestou.

O sujeito barbudo parecia se divertir com aquela situação e percebi nitidamente que ele sorria com os olhos.

A Júlia tentou novamente apaziguar o conflito:

- Senhorita, eu entendo a sua frustração, e acredite: falta só mais um pouquinho para que você seja recompensada por toda essa espera. Eu só gostaria de esclarecer que esta fila preferencial, além de ser para idosos e portadores de

PERIGOSAS ACHERON

deficiências, atende também aos clientes que fazem parte do nosso programa de fidelidade Safira, da Precious Line.

O barbudo enfim se manifestou.

- Senhoritas, não há motivo para discussão - ele olhou diretamente em meus olhos e acrescentou em um tom espirituoso - afinal de contas, a regra marítima não diz que são mulheres e *crianças* primeiro? Eu faço questão que você seja atendida antes de mim.

Eu percebi a entonação maliciosa que ele deu quando disse “*crianças*”, como se estivesse me encaixando naquela categoria.

Logo que ele terminou de falar, uma atendente na outra extremidade ficou disponível e ele se dirigiu até o seu guichê.

Confesso que a minha revolta pelos tais privilégios de “VIP” se expunham de forma irracional em mim. Como bolsista de uma escola particular, durante o colegial eu já me revoltava com a distinção de tratamento que os alunos PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

“pagantes” recebiam dos professores e da direção da escola.

O fato é que a antes sorridente Júlia me lançou um olhar julgador antes de voltar ao seu posto.

O atendente do check-in fingiu que nada havia acontecido e me acolheu com simpatia e presteza. Após conferir a minha passagem e documentos, ele se levantou para buscar alguma papelada na impressora.

Enquanto aguardava por seu retorno, eu observei a atendente na outra extremidade se esmerando em desculpas pelo transtorno causado ao tal barbudo, que lhe sorria de volta, tranquilizando-a.

Senti o momento em que um fervor ebuliu em meu rosto. O que aquela situação fazia de mim? Uma megera autoritária? Uma criança mimada que fazia questão de impor a sua vontade a qualquer custo? Ninguém mais se lembrava da cidadã paciente que aguardou por quase duas horas de pé em uma fila infinita sem soltar um pio.

PERIGOSAS ACHERON

Eu ainda observava tal cena com um certo olhar de desprezo quando o atendente mirou uma câmera em meu rosto e tirou a foto que serviria como minha identificação a bordo. Sempre que eu entrasse ou saísse do navio, era aquela foto que apareceria no computador. Como em toda foto “3 x 4”, dessa vez eu saí “3 vezes 4” vezes mais esquisita.

Recebi meu cartão de embarque - cabine 1610 - que destacava meu nome completo em letras garrafais: Laila Leila Lins (sim, naquela velha história de “*O seu pai queria um nome e eu queria outro, então nós acabamos juntando os dois!*”, saiu este simétrico nome composto!).

- Muito bem, senhorita Laila, deixe eu lhe passar algumas instruções: o seu cartão de embarque servirá como chave de sua cabine e também para o pagamento de despesas a bordo. Aqui mostra o nome do restaurante e diz que a senhorita deve comparecer no primeiro turno do jantar. Sempre que houver desembarque, o cartão deverá ser apresentado ao nosso segurança para controle de retorno a bordo. Por fim, a sua bagagem

PERIGOSAS NACIONAIS

será disponibilizada o mais breve possível em sua cabine, mas enquanto a senhorita aguarda, nós a convidamos a participar da festa de boas vindas lá no convés principal do navio.

Finalizado o processo do check-in, parti em direção às escadas que levavam ao grandioso navio quando notei algumas pessoas empolgadas tirando uma foto de boas vindas junto de uma garota fantasiada de marinheira e um rapaz de pirata. Eles seguravam uma placa com os dizeres “*Vivendo experiências mais Precious que um DIAMOND*”.

A marinheira sorridente apontou para mim, me incentivando a tirar a primeira foto de recordação que eu levaria da viagem.

Neste instante, o sujeito barbudo também finalizou o seu *check-in* e, rumou direto para o navio, dispensando a fotografia com um aceno de mão seguido de um “não, muito obrigado!”.

Ao perceber que era eu quem estava ali me posicionando para a próxima foto, ele abriu um sorriso largo e, saudando-me com um discreto sinal

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

de continência, acrescentou em tom irônico antes de subir a escada:

- Bem-vinda a bordo, maruja!

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 6

- Dia 1 -

Funcionários impecavelmente uniformizados recepcionavam os passageiros com sorrisos dilatados enquanto solicitavam a todos que higienizassem as mãos com álcool em gel a fim de evitar qualquer proliferação de vírus e bactérias a bordo.

Passada por esta última etapa, eu finalmente pude absorver toda a emoção que explodia no meu peito e me fazia segurar a respiração sem me dar conta.

O cenário diante de mim era o mais deslumbrante que eu já tinha contemplado em toda

minha vida!

A visão logo na entrada do navio era a de um amplo calçadão decorado com folhagens e arranjos de flores, iluminados por adoráveis luminárias em formato de barco à vela. O passeio era repleto de lojas, restaurantes e cafeterias, e uma banda de jazz tocava músicas animadas, dando uma acolhida ainda mais especial.

Passageiros gesticulavam animadamente e *selfies* eram tiradas de todos os ângulos; todos pareciam surpreendidos com a imensidão do navio que mais parecia um resort em alto-mar.

Subi através do luxuoso elevador panorâmico até o nono andar para enfim conhecer aquela que seria a minha morada pela próxima semana. Ao sair, me deparei com um corredor imenso que não se via o fim.

Quando finalmente consegui encontrar a minha cabine, escancarei a porta e me deparei com um quarto surpreendentemente espaçoso. Uma confortável cama de casal, uma salinha de estar

com duas poltronas, uma penteadeira. A televisão em LED estava ligada em um canal que detalhava todas as atrações programadas para o dia. Havia também uma área externa separada por uma porta deslizante que levava a uma pequena varanda particular composta com duas espreguiçadeiras e uma imensa vista para o mar.

Como a minha mala ainda não havia chegado, o meu plano inicial de colocar o biquíni e iniciar os trabalhos de exploração do setor aquático do navio foi adiado.

Subi até o convés principal. O local já reunia centenas de pessoas esparramadas ao redor das piscinas. Banheiras de hidromassagem também já funcionavam a pleno vapor - *literalmente*.

Garçons eficientes circulavam por todo o convés servindo drinks em bandejas reluzentes.

No centro de toda esta área, uma espécie de palco estava sendo preparado para a festa de boas-vindas chamada “Nação Flutuante”.

E ali, bem no topo do navio, estava a cereja do

PERIGOSAS ACHERON

bolo: a gigante letra “D” repleta de luzes que à noite, substituía a luz solar, chamuscando seu brilho por toda a área do convés.

Durante minha exploração marítima, mesmo me sentindo arrebatada por toda opulência do Diamond, os meus olhos ainda conseguiram captar algo fora do comum: diante de mim estava “apenas” o homem mais deslumbrante que a minha breve existência já tinha tido o prazer de avistar.

Ele era alto, tinha porte atlético, olhos castanhos profundos e cabelos pretos penteados fio a fio. Eu o observava interagir com um casal de idosos e não pude deixar de reparar que além de todos os seus atributos físicos, ele ainda os tratava o casal com muita cortesia, exibindo um sorriso que lhe iluminava todo o rosto.

A medida que eu me aproximava, percebi que os seus braços eram totalmente fechados por tatuagens - mas não como um cara tatuado qualquer que você encontra a cada esquina. Ele era *realmente* tatuado. Parecia um gibi ambulante. Mas um gibi raro, daqueles que você mal pode esperar

para pôs as mãos nele e começar a desvendar cada letrinha.

Acheguei-me discretamente na tentativa de reparar melhor nos seus desenhos até que, sem que eu percebesse, a conversa dele se encerrou e ele se virou de brusco, deparando-se diretamente com o meu olhar curioso em seus braços.

Ele achou graça ao perceber o foco da minha atenção.

- E aí, “bem gata”! Chega mais...

Sem qualquer prenúncio, ele ergueu uma manga da camiseta branca e exibiu uma tatuagem ainda coberta por papel filme. Era um halter de musculação e duas luvas de boxe; embaixo do desenho, uma frase em inglês: “NO PAIN NO GAIN^[2]”

Diante daquele bíceps tão próximo, voltei a ter quinze anos. Puxei o ar com a boca aberta, mal conseguindo estabelecer um contato visual com ele. Quando falei, minha voz saiu tímida e gaguejante:

PERIGOSAS NACIONAIS

- É... ãhn... é muito bonita...

Ele me devolveu um sorriso demorado e travesso, acrescentando de forma intrigante:

- Tenho certeza que a gente ainda vai se esbarrar por aqui durante a semana!

Tive um mini-infarto. Com uma piscadela, ele se virou e seguiu em direção aos elevadores.

Só neste instante é que percebi que na parte traseira da sua camiseta estava escrito “Tripulação: Equipe de Animação”.

Ao menos para mim, a animação já estava garantida.



Após passar um tempo considerável na

PERIGOSAS ACHERON

espreguiçadeira somente observando o movimento das pessoas, retornei à cabine para uma agradável surpresa: minha mala posicionada em frente à porta.

Catei o biquíni rendado que ganhei da Carol e, enquanto vestia a saída de banho, ouvi uma batida na porta. Através do olho mágico, notei se tratar de um rapaz asiático uniformizado.

- Boa noite, senhorita! - ele me cumprimentou com simpatia.

- Boa noite!

- O meu nome é Timur, e eu serei o seu camareiro nesta semana. Ficarei ao seu dispor para o que for necessário!

Ele pronunciava as frases de forma mecânica, como se tivesse memorizado-as de um papel. Apesar do sotaque carregado, dava para perceber que ele se esforçava para ser simpático.

- Muito prazer! - falei, articulando as palavras devagar. - E você não precisa me chamar de PERIGOSAS ACHERON

senhorita; pode me chamar pelo meu nome, Laila.

- Ah, claro! Como a senhorita preferir, senhorita *Lala*.

Ou ele não compreendeu uma palavra do que eu disse, ou o tratamento formal fazia parte de algum código de conduta a bordo. Resolvi não insistir.

Ele se retirou com uma leve mesura.

Neste momento, um apito estrondoso soou, anunciando a partida iminente. Peguei o meu livro, e retornei à área superior do navio.

Os hóspedes posicionavam-se nas laterais do navio, observando enquanto ele se afastava lentamente do cais. Me juntei ao grupo que acenava vigorosamente para ninguém e para todo mundo em terra.

Sentei em uma cadeira confortável com uma boa vista para o palco, onde a equipe de animação finalizava os preparativos para o início da festa.

Meus olhos começaram a sondar o local em

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

busca do rapaz tatuado. Um frio momentâneo na boca do meu estômago sinalizou quando o radar enfim captou o sinal: lá estava ele, nos fundos do palco encaixando alguns fios no equipamento de som.

Seu olhar concentrado só confirmava o que eu já havia notado antes: ele tinha uma beleza unânime, daquelas que não deixam qualquer sombra dúvida para quem o visse.

Certamente eu não seria a única a achá-lo o cara mais atraente do navio, da mesma maneira que eu tinha plena ciência de que havia também uma infinidade de garotas bem mais atraentes que eu.

Mas um pouco de colírio para os meus olhos cansados não fariam mal.

Uma garota da equipe de animação finalmente pegou o microfone e começou a motivar os passageiros a participarem de algumas atividades.

- Então, galera! É hora de começarmos o agito nesse cruzeiro!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Houve uma explosão de gritinhos animados, palmas e assobios.

- Então é o seguinte, pessoal: para que a gente comece com o pé direito, nós promoveremos um desafio de dança. Colocaremos algumas músicas bem animadas e o público escolherá quem foi o melhor, beleza? Agora vamos lá! Quem se prontifica?

Alguns levantaram as mãos e os membros da equipe de animação começaram a circular pelos corredores de espreguiçadeiras, selecionando pessoas aleatórias.

O tatuado se aproximou de mim, mas seus olhos estavam focados em outro alvo: uma loira estonteante vestida com uma saída de banho em crochê que destacava ainda mais o seu corpo estonteante e já todo bronzeado.

Enquanto eu observava a forma sedutora com que ele praticamente a convocou para a brincadeira, outra garota baixinha da equipe de animação se aproximou de mim e pegou na minha mão, me

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

convidou a participar. Na tentativa de não ser indelicada, argumentei que não sabia dançar.

- Ah, não se preocupe com isso! A intenção aqui é se divertir, se soltar! Eu vou dançar com você, nós seremos uma dupla! O que você me diz?

As pessoas ao redor começaram a me olhar com tamanha expectativa e a lançar palavras de incentivo que ficou impossível negar. Levantei meio contrariada e segui a garota até o palco.

- Bom galera, aqui estão os nossos candidatos ao concurso “Dança a bordo”! Uma salva de palmas para os nossos bailarinos!

Bailarinos?

O pensamento seguinte foi: “*Senhor, onde eu estava com a cabeça?*”. Eu não tinha coordenação motora nem para dançar Macarena!

- Mas antes de vermos os seus dotes, vamos conhecer um pouquinho a respeito dos nossos participantes!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

O microfone foi direto ao primeiro passageiro da fila:

- Qual é o seu nome?

Eu era a última em um total de quatro pessoas, e me martirizava a cada segundo que passava.

Eu me deixei convencer pelo argumento da garota simpática de que a intenção do cruzeiro era se divertir, mas só agora eu entendia: o divertimento seria às minhas custas, em favor da plateia que assistiria a belíssima sincronia de um filhote de girafa recém-parido tentando dançar.

A medida em que a apresentadora fazia algumas perguntas aos participantes, ela lhes entregava um material relativo à música que eles teriam que dançar.

O primeiro passageiro - um senhor de sessenta e um anos - recebeu um par de sapatos de salto alto e um daqueles anéis gigantes com um pirulito vermelho na ponta. Depois que o fizeram calçar os sapatos, a apresentadora gritou animada:

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Solta a música!

A música *Single Ladies* da Beyoncé começou a tocar. A garota da equipe de animação que o acompanhava fazia alguns passos da dança. Para os expectadores, foi realmente divertido assistir o senhor de idade retorcendo as mãos, rebolando e tropeçando no salto alto ao tentar dar uns passos de marchinha. Ao final da dança, ele recebeu muitos aplausos.

A segunda participante era uma menina de treze anos que ironicamente, recebeu uma saia rodada no estilo anos sessenta. A música escolhida para ela era *Let's Twist Again*. A garota rodopiava com bastante espontaneidade enquanto a plateia acompanhava a música com palmas animadas.

Chegou a vez do tatuado com a loira platinada. A apresentadora a questionou:

- Vamos à próxima candidata. Qual é o seu nome?

- É Isla - ela respondeu meio encabulada.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Que pais em sã consciência dão o nome de “Isla” para uma filha? Isla não significava “Ilha” em espanhol?

- Isla! Que nome diferente! E quantos anos você tem?

- Vinte e quatro.

Quatro anos mais nova do que eu.

- O que você faz da vida?

- Eu sou secretária executiva de uma empresa de advocacia.

Percebi quando o tatuado levantou as sobrancelhas ligeiramente, talvez surpreso com a resposta.

Pelo tom de voz de suas respostas, imaginei que Isla fosse uma pessoa acanhada e que talvez eu não seria a única desajeitada a participar da brincadeira.

- Muito bem Isla, vamos ver qual é o objeto para a sua dança?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ela recebeu uma saia longa e vermelha, cheia de miçangas e uma enorme fenda na parte da frente. Ela a vestiu por cima da saída de banho, e a apresentadora disse:

- Agora estamos curiosos! DJ, solta logo o som!

Uma música latina sensual começou a tocar: *Hips Don't Lie*, na voz da Shakira.

Eu quase senti pena da tímida Isla.

Durante o rap no início da música, a Isla surpreendeu a todos com um rápido movimento, arrancando a sua saída de banho e ficando apenas de biquíni e com a saia, que começou a chacoalhar suas miçangas na medida em que ela fazia alguns movimentos de dança do ventre. Ela movimentava seus longos cabelos loiros ao ritmo da música de forma provocante.

A ala masculina ficou em polvorosa, incluindo o tatuado que a abraçou no final da música com a inocente justificativa de que ela era simplesmente o seu par na dança.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

E então chegou a minha vez.

Como eu poderia suceder a Isla depois daquela aula de sedução?

- Foi ou não foi sensacional, pessoal? - palmas animadas se seguiram. - E depois dessas apresentações maravilhosas, vamos ver o que a nossa última candidata tem a nos mostrar! Como você se chama?

- Laila - murmurei com voz de derrota.

- Você pode falar mais perto do microfone, por favor?

- É Laila - repeti mais alto.

- Muito bem Laila, qual é a sua idade?

Na fração de um milissegundo de hesitação, rebati:

- Vinte e três.

Toma essa Isla, sua velha!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- E no que você trabalha?

- Eu sou empresária - nem titubeei. - Sou proprietária de uma grande importadora.

Obrigada Agatha, queridinha. Quem sabe um dia eu me torne sua sócia.

- Puxa, que incrível! Temos aqui uma jovem empreendedora! Pela sua idade, é realmente algo de se admirar! - me senti corar. - Imagine só o que os seus funcionários diriam se vissem você dançando aqui, hein? Mas vamos lá então... qual será o objeto de representação da música da Laila?

Quando olhei para o lado, minha parceira me entregava uma máscara de macaco e um óculos de sol.

Que raios de objeto é esse? - pensei.

Não bastava eu ter que pagar um mico por dançar na frente de todos - eu tinha que me fantasiar para deixar a situação ainda mais realista!

- Manda aí o som, DJ!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Eu adorava aquela música - era *Lazy Song* do Bruno Mars. De repente eu tive uma vaga lembrança do videoclipe: consistia de um bando de caras chacoalhando a cabeça usando máscaras de macaco. Basicamente isso. Eu nunca tinha entendido aquele clipe tão sem nexos, mas naquele momento o motivo tinha ficado claro como água: tinha sido única e exclusivamente para que, em algum dia de minha pobre existência, eu tivesse que imitar tal dancinha na frente de centenas de pessoas.

Acompanhei a minha parceira naquela coreografia esquisita com movimentos de cabeça para cima e para baixo, dancei em estilo robótico e até fingi colocar a mão dentro das calças como se fosse um homem “relaxando”. Ao final, recebi alguns aplausos nítidos de “vergonha alheia”. Olhei um pouco envergonhada para a minha colega de dança até notar algo que realmente despertou a minha curiosidade: o tatuado aplaudia vigorosamente, com um brilho de admiração nos olhos.

A garotinha de treze anos acabou vencendo

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

com o voto do público, mas eu também tinha recebido o meu prêmio bem ali, com aquele sorriso perfeito.



SINGLE LADIES:



LET'S TWIST AGAIN:



PERIGOSAS ACHERON

HIPS DON'T LIE:



THE LAZY SONG:



Capítulo 7

- Dia 1 -

Vinte minutos após a desatracação, o imponente Diamond já encontrava-se em alto-mar.

Terminada a brincadeira, me dirigi até o solarium, onde me sentei em uma espreguiçadeira e me deliciava na releitura fascinante de Jane Eyre. Uma frase que eu tinha sublinhado na primeira vez que eu havia lido o livro parecia agora fazer todo sentido para aquele meu momento:

“...mas agora eu me lembrava de que o mundo real era vasto, e que uma quantidade

enorme de esperanças e medos, de sensações e emoções, estava à espera daqueles que ousassem sair por ele afora, buscando, em meio a seus perigos, o verdadeiro conhecimento do que é a vida”.

O vento acarinhava meus cabelos e o balanço suave do navio pelas ondas do Atlântico me davam a sensação de ser embalada.

Como se me tirasse de um transe, comecei a perceber uma movimentação agitada dos membros da tripulação e de alguns passageiros. Um integrante da Precious Line colocou rapidamente uma lona por cima das banheiras de hidromassagem ao meu redor e o bar da piscina encerrou as suas vendas. O palco central também estava em absoluto silêncio, sem nenhum membro da equipe de animação presente. Eu não estranharia tudo aquilo se não fosse o fato de ser apenas seis horas da tarde.

Me levantei de súbito e calcei os chinelos apressadamente a fim de questionar alguém sobre o PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

que estava acontecendo, até que do alto-falante, uma sirene aguda vibrou. Foram apitos curtos seguido de um apito mais longo, urgente.

Tudo o que eu sabia a respeito de navios de cruzeiro baseava-se nas oito vezes que assisti Titanic e, convenhamos, em momentos como este é justamente o fim trágico do naufrágio que fica registrado na memória.

Contudo, não fazia nem uma hora que estávamos navegando e não existiam *icebergs* no Oceano Atlântico.

Apressei o passo em direção aos corredores até que vi um painel de sinalização com a palavra EMERGENCY piscando. Este foi o momento em que comecei a entrar em pânico.

Encontrei uma tripulante posicionada bem em frente aos elevadores, impedindo a entrada dos passageiros. Ela olhou para mim, acrescentando:

- Desculpe senhorita, mas como parte do procedimento, não é permitido utilizar os elevadores em situações de emergência. Queira por PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

gentileza se dirigir à sua cabine e buscar o seu colete salva vidas, que será utilizado neste...

Oh, Senhor!

Era oficial - aquela era mesmo uma situação de perigo.

Antes que a tripulante terminasse de falar, eu já estava deslizando pelas escadas de três em três degraus ao som de uma voz firme que proferia a sentença pelo alto-falante: *“Volte à sua cabine, pegue seu colete salva-vidas, e dirija-se ao ponto de encontro indicado no seu cartão de embarque. Repito que este procedimento é obrigatório para todos os hóspedes e tripulantes”*.

Um formigueiro de pessoas já deslocavam pelos corredores com seus respectivos coletes em mãos, o que significava que todas elas *já estavam* na minha frente na fila para os botes de resgate. E minhas aulas de Titanic me ensinaram que nem todos conseguiam de fato se salvar; somente os ricos e espertos. Eu sequer tinha tido tempo de me familiarizar com o navio; não podia perder um

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

tempo precioso na tentativa de encontrar minha cabine em meio aquela infinidade de corredores.

Foi então que tomei uma decisão rápida, digna dos *espertos* que se salvavam: eu iria até o tal ponto de encontro sem levar nenhum colete. Ninguém teria coragem de mandar de volta uma cidadã desesperada, teriam?

Havia somente um pequeno revés nesta decisão: eu não sabia nadar. Se necessário, eu teria que me agarrar a alguém para me ajudar a boiar ou então encontrar algum nadador gentil que estivesse disposto a conceder o seu colete a uma dama em afrito.

O meu cartão de embarque apontava o meu ponto de encontro como 6C. Desci até o sexto andar e um tripulante passou meu cartão no código de barras e, aparentando uma calma desconcertante, me questionou a respeito do colete.

- Então moço, sobre o meu colete... - uma inspiração surgiu de pronto - eu encontrei uma criança pelo caminho chorando por causa dos

PERIGOSAS ACHERON

alarmes e gritando que não tinha colete. Eu fiquei com pena e acabei dando o meu colete para ela, mas você não precisa se preocupar comigo. É só eu manter a calma que eu consigo me virar bem!

O rapaz soltou uma risada divertida; eles deviam receber um tipo de treinamento bastante rígido para conseguirem manter a calma e o bom humor em uma situação crítica dessas.

Segui até o local designado em meu cartão, e apenas quatro pessoas do meu grupo haviam comparecido até aquele momento. Fiquei atenta à qualquer movimentação no bote salva-vidas, que no momento permanecia estático na lateral do navio.

Respirei fundo, batendo o pé nervosamente. Eu suava frio, impaciente.

Uma voz grave atrás de mim disse baixinho no meu ouvido com um leve sotaque:

- Você sabia que em caso de emergência, os clientes fidelidade tem prioridade no salvamento?

Olhei para trás com os olhos arregalados. O
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

barbudo eremita tinha agora os cabelos molhados e penteados para trás, e vestia agora uma mais informal calça jeans e camiseta de algodão branca, expondo braços bem definidos.

Ele deve ter reparado na minha expressão de incredulidade e logo emendou:

- Mas é claro que crianças e bem..., *certas* mulheres ainda tem a preferência.

Eu ainda estava perturbada mas não pude deixar de reparar na intensidade de seus olhos azuis.

- *Certas* mulheres? O que você quer dizer com isso?

- Somente as mulheres com seu respectivo colete salva-vidas em mãos tem a preferência. As que não trazem, bem... ninguém terá paciência para aguardar pela tal maruja que teve que voltar à cabine enquanto o navio naufragava.

Eu percebia por seu tom divertido que ele estava querendo fazer graça, mas em meio a tanta aflição, senti a obrigação de me justificar:

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Já que você faz tanta questão de saber, eu sou uma excelente nadadora. Já fui campeã de natação em várias competições, portanto eu não preciso da ajuda de um colete para me salvar.

Ele me lançou um olhar surpreso, o que me deu munição para continuar:

- E quanto ao colete, eu doe i o meu para uma crian inha desesperada porque o navio está afundando. Eu não podia carregar o peso de destruir as esperanças de uma pobre menina inocente.

Ele esboçou um sorriso, dizendo:

- Crianças são inocentes mesmo. Eu são espero que você tenha esclarecido é pobre garota inocente que esta é apenas uma *simulação*, certo? Você não deixou ela acreditando que o navio estava de fato afundando, deixou?

O quê??

Uma voz mecânica soou no alto-falante:
“*Iniciaremos neste momento o nosso exercício de*
PERIGOSAS ACHERON

emergência para garantir que todos os hóspedes estejam familiarizados e treinados de acordo com os nossos procedimentos de segurança.”

Senti um misto de alívio e constrangimento transpassar meu corpo.

Era isso mesmo? Aquele navio *inteiro* se submeteu a tudo aquilo somente por uma simulação?

- Espera um pouco! A julgar por essa sua reação... - o barbudo ergueu a mão no seu queixo não aparente e seus olhos diminuíram em uma suposição. - Não, não é possível! Você não estava acreditando que o navio estava *realmente* naufragando, estava?

Eu o encarei séria e impaciente, apontando ao tripulante que fazia as demonstrações de segurança:

- Você se importaria em me deixar prestar atenção nas instruções, por favor? Obrigada.

Ele não respondeu, mas abriu um sorriso - o primeiro que eu via - revelando dentes perfeitos.

PERIGOSAS NACIONAIS

O instrutor diante de mim demonstrava como ajustar a fita do colete na cintura e indicava o apito sinalizador e lanterna acoplados.

Quando o fim da demonstração foi anunciado, o barbudo se voltou novamente em minha direção:

- Para compensar uma atitude tão abnegada a favor daquela pobre criança, eu posso lhe dar o colete adicional que veio na minha cabine, já que só vou precisar de um. Você sabe... para caso do navio *realmente* naufragar, é claro.

Ergui as mãos para cima em indignação:

- *Meu Deus!* Você pode me explicar como é que em um navio enorme como este, você está justamente no mesmo grupo de resgate que eu?

- Não precisa me chamar de “*meu Deus*”, pode me chamar de Peter. E sei lá... talvez porque eu seja um cara muito sortudo?

- E que raio de sorte seria essa, senhor *Peter*? - fiz questão de acrescentar uma ênfase irônica no seu nome gringo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Se nós estivéssemos de fato passando por uma situação de perigo, quem não se sentiria sortudo em saber que o seu bote conta com a presença ilustre de uma quase atleta mundial de natação?

Ele me deu um último sorriso debochado e se afastou, juntando-se à multidão que retornava às suas cabines.



As atividades no navio foram retomadas. Bar e piscina reabriram e a equipe de animação voltava a entreter os passageiros com atividades recreativas.

Depois da sensação de alívio ao constatar que eu estava sã e salva, só me restava torcer para que nenhuma emergência de fato acontecesse, porque se eu tivesse que encarar novamente as provocações do tal Peter, acho que eu preferiria me afogar. Mas reencontrá-lo seria bastante algo

PERIGOSAS ACHERON

bastante improvável em meio aos quase quatro mil passageiros a bordo do Diamond.

No retorno da simulação, passei por um cassino - que apesar de ostentoso, exalava um forte cheiro de cigarros - e cruzei com a academia que dispunha de esteiras posicionadas defronte ao oceano infinito, premiando aqueles que eram corajosos o suficiente para se exercitar por espontânea vontade em plenas férias. Embora a visão fosse estarrecedor, me contentei em tirar fotos. Aquele era um local que eu definitivamente não tinha a menor intenção de frequentar.

Quando enfim cheguei à cabine e peguei na mão o meu cartão para abrir a porta, reparei na observação citada no canto inferior: “*Turno de Janta: 19 horas*”. Eu tinha perdido o horário.

Eu nunca antes havia jantado em um restaurante requintado - desses que serviam entrada, prato principal e sobremesa - e a minha primeira experiência teria que ser adiada para o dia seguinte. Sendo assim, subi até o amplo restaurante no estilo *buffet*, onde pequenas estações dispunham de

diversos estilos culinários: comida oriental, italiana, brasileira, saladas e lanches. A mesa de sobremesas também parecia apetitosa e convidativa.

Escolhi uma mesa ao lado da janela e me distraia com o lento chacoalhar do mar, até que senti um toque em meu ombro seguido de um movimento rápido na cadeira ao lado.

- E aí, “bem gata”?

Era ele, o tatuado.

Ele agora usava uma daquelas regatas bastante cavadas nas laterais que basicamente berravam por atenção ao peitoral malhado. Ele também usava óculos de sol, embora estivéssemos em um ambiente fechado e o dia já tivesse virado noite.

Bastou eu abrir a boca para respondê-lo para a Laila desajeitada voltar a dar o ar da graça.

- Oi, é... oi... Tu-tudo bem. E você?

- Tudo *sussa*. Jantando sozinha? O namorado não quis jantar hoje, foi?

PERIGOSAS NACIONAIS

Direto e sem rodeios.

- Sim... quer dizer... não... Eu estou viajando sozinha - ele continuou me encarando até eu complementar. - E eu não tenho namorado.

- Não acredito! Eu devo ser um cara muito sortudo então!

Eu já tinha ouvido aquele adjetivo “sortudo” hoje, mas em um contexto bem diferente.

Eu me sentia uma adolescente acanhada perto dele. Tinha dificuldades para me expressar, tímida para puxar qualquer conversa - talvez porque eu percebesse nele uma confiança inabalável.

Sorri em resposta, e fiz a pergunta mais básica que me veio à cabeça.

- Como você se chama?

- Arlindo. Mas pode me chamar só de Lindo, porque o “ar” eu perdi quando te vi.

Soltei uma risada diante daquela cantada barata.

PERIGOSAS ACHERON

Ele seguiu me encarando com um meio sorriso até que um pensamento veio para me atormentar: e se o nome dele de fato fosse Arlindo e aquilo não fosse uma piada?

Devo ter deixado aquele pensamento cristalino na minha expressão ao ir do riso desajeitado à aflição genuína em um segundo.

- É brincadeira, gatinha! O meu nome é Daniel, mas pode me chamar de “Danielícia” se você preferir - ele piscou um olho. - E o seu é Laila, certo?

- Como é que você sabe?

- Ué, por causa da sua participação antes, lá no palco. Eu me lembro de cada detalhe do que você disse.

Me senti corar. Que pergunta estúpida! O que eu achava? Que ele tinha entrado no sistema do navio e buscado pela minha foto?

- Ah, verdade! Eu tinha me esquecido desse detalhe! Que estúpida, me desculpe!

PERIGOSAS NACIONAIS

Ele passou os dedos pelo meu rosto atrevidamente:

- Só se for a estúpida mais gatinha deste lugar - ele sorriu levantando apenas um canto da boca e posicionando a mão no meu queixo - ... e pelo visto, a mais envergonhada também!

Antes que eu tentasse justificar a minha vermelhidão dando como desculpa a pimenta que eu tinha acabado de comer, ele emendou:

- Mas me diz uma coisa: por que um anjinho como você está viajando sozinha em um cruzeiro?

Ele de fato não perdia tempo, e essa pergunta era a minha grande chance de impressioná-lo.

- A minha empresa fechou vários contratos nesses últimos tempos, sabe? Eu estava esgotada com tanto trabalho, até que decidi contratar alguns gerentes para me substituírem nas tarefas para que eu pudesse enfim descansar um pouco.

- Hmm... sei... E este é o seu primeiro cruzeiro?

PERIGOSAS ACHERON

- Sim. Geralmente eu passo as minhas férias na beira da piscina da minha casa de praia ou então saio para velejar no meu iate, sabe? Mas dessa vez eu quis variar um pouco! Assim eu não preciso me preocupar com nada além de relaxar.

A julgar por seu expressivo levantar de sobrancelhas, a minha missão de impressionar o Daniel tinha sido cumprida com louvor.

Mas se de um lado eu colhia os louros ao receber aquele olhar impressionado, do outro eu tinha a voz da Carol ecoando na minha cabeça: *“seja verdadeira, Laila. Seja você mesma”*.

Mas o que eu podia fazer se a vida real era tão sem graça? A realidade era tão desinteressante que não merecia ser compartilhada.

Por sete dias eu queria ser igual às outras pessoas a bordo, que tinham razões de sobra para celebrar a vida.

- Pois veja bem como são as coisas... - ele se aproximou e, como se quisesse me contar um segredo ao pé do ouvido, sussurrou - ... a minha
PERIGOSAS ACHERON

especialidade é justamente garantir o relaxamento de gatinhas como você.

Ele sorriu deixando uma provocação no ar, e eu senti um calor percorrer o meu corpo.

- É uma pena que eu ter que trabalhar agora - ele se levantou. - Daqui a pouco vai rolar uma baladinha da equipe de animação lá no bar do deck cinco. Posso esperar por você lá?

Abobalhada, só consegui sinalizar com a cabeça um sinal de positivo.

Logo que ele se afastou, meu entusiasmo foi tão grande que eu não consegui mais comer.

Voltei à minha cabine recapitulando mentalmente as opções de roupas que eu havia trazido, mas nenhuma delas condizia com o poder hipnótico que eu pretendia conquistar. Em um piscar de olhos, o tal do pretinho básico longo designado para o tal jantar de gala do comandante se transformou em um preto desbotado de modelagem simplória adquirido em um brechó de bairro popular.

Desci até o corredor das lojas na esperança era encontrar um vestido jovial, curto e atraente. Os míseros reais que eu havia trazido com a finalidade de fazer alguns dos passeios durante as paradas nos portos tinha adquirido um novo propósito emergencial, porém se tudo ocorresse como eu imaginava, o esforço valeria a pena.

Entrei em uma loja que exibia várias peças em cabides logo na entrada. Em meio à uma infinidade de saídas de banho e roupas listradas - todas com a escrita “*I love cruising*” - encontrei um magnífico vestido em vermelho escarlate : longo, acinturado, com um decote coração e meia manga em tule rendado. Nas costas, botões de pérola.

Vesti a peça apenas para confirmar a minha suspeita: o vestido tinha sido feito para mim.

Saí do provador para o meio da loja a fim de analisá-lo nos espelhos maiores e mais iluminados. O tecido, o caimento, o acabamento - era tudo perfeito, exceto por um pequenino fator.

Conforme a vida já havia me ensinado em
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

outras oportunidades (e não perdia a chance de insistir!), o preço do dito cujo condizia com todo o esplendor refletido no espelho e ia além do que eu poderia pagar.

Um tribunal iniciou-se em minha mente: O povo versus Laila adquirir tal peça

Do lado da defesa, a passional advogada, doutora Emoção.

Do lado da acusação, a tirana advogada, doutora Razão.

Cada um expôs os seus motivos:

RAZÃO: Francamente Laila, que desatino! Como você pode sequer cogitar tamanho impropério? Você quer que eu lhe recorde do tanto que você aguentou no trabalho para juntar este dinheiro?

EMOÇÃO: *“Oh, Laila, Laila, que desatino!”* (a emoção era debochada e repetiu com uma voz fina o que a razão tinha acabado de apontar). O negócio é o seguinte, minha paixão: para que serviu PERIGOSAS ACHERON

trabalhar tanto assim, se você não pode satisfazer uma vontadezinha de vez em quando? Por Nossa Senhora do Crediário! Esse vestido ficou um espetáculo em você! E convenhamos que não é toda peça que faz um milagre desses!

RAZÃO: Isso não é um vestido, é uma sentença! Observe bem: ele marca cada centímetro do seu corpo! Depois de comprá-lo, você não poderá mais comer um grama fora da dieta. É isso que você quer?

EMOÇÃO: Nada que um laxante não resolva, queridinha.

RAZÃO: Você ainda tem sete dias pela frente, Laila. Poupe este dinheiro para os passeios conforme você havia planejado desde o início. É a coisa certa a se fazer e você sabe muito bem disso.

EMOÇÃO: ... e você já imaginou a cara da vendedora se você entregar o seu cartão e mandar um “DÉBITO”. Pode buscar o ferro, porque a mulher vai ficar é passada!

A meritíssima juíza Lucidez, da forma curta e
PERIGOSAS ACHERON

grossa que já lhe era característica, resolveu intervir com o argumento fatal:

LUCIDEZ: Que tal se você desse uma observada mais atenta nesta etiqueta, ô anta desprovida de visão!

O bolso enfim deu a sentença: o preço do vestido na etiqueta era em dólares e nem foi preciso acionar o excelentíssimo senhor Intelecto para fazer a conta de multiplicação.



O final da primeira noite a bordo foi um misto contraditório de sentimentos.

Desapontada por Daniel não ter sequer percebido a minha presença durante a hora e meia em que aturei aquela música altíssima sacolejando o meu tímpano, ao mesmo tem em que me sentia

PERIGOSAS NACIONAIS

satisfeita por não ter gasto o meu suado dinheirinho naquele vestido na tentativa fracassada de ser notada.

EMOÇÃO: Lamento decepcioná-la, minha paixão, mas o motivo de ele não ter percebido a sua presença foi justamente por você ter usado este pretinho decadente.

A razão, perdida, enfim calou-se.

Mas isso já lhe era comum.

A emoção às vezes nos faz mesmo perder a razão.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 8

- Dia 2 -

O gigante navio deslizou por toda noite pelas tranquilas águas do oceano até lançar sua âncora no primeiro local de parada: Porto Belo, uma pequena cidade no litoral catarinense.

Deslizei as cortinas da varanda com vigor em uma saudação matutina à vida, que imediatamente me retribuiu com um vislumbre do paraíso: um céu de azul intenso, um mar de águas cristalinas e montanhas de vegetação abundante emoldurada por um costão de pedras.

Subi até o convés a fim de tomar um café da manhã tranquilo e sem pressa ao ar livre, porém o

PERIGOSAS NACIONAIS

clima estava tão úmido que, se adicionado uma essência de eucalipto, transformaria aquele ambiente em uma sauna coletiva.

Em seguida, desci até o andar de entrada e saída do navio, onde - para não perder o costume - me deparei com um amontoado de pessoas aguardando a vez para embarcar nas lanchas que estavam levando os passageiros até cais (o que claramente indicava que “Porto Belo” não era bem um “porto” no sentido mais literal da palavra).

Embora dessa vez não houvesse a tal fila específica para o hiper-top-mega-ultra-seleto grupo de clientes fidelidade, as pessoas precisavam retirar uma senha para seguir uma ordem de desembarque. Percebi tarde demais que todos ali já sabiam exatamente o que fazer e retiraram suas senhas bem antes do café da manhã.

- Passageiros com a senha nove; queiram por gentileza se dirigir até a área de embarque.

O tempo de escala em Porto Belo já era bastante reduzido, mas se tornava ainda menor para

PERIGOSAS ACHERON

os imprevidentes que seguravam a senha de número trinta e dois nas mãos.

Resignada, me sentei no sofá, puxando meu livro a tiracolo para a fim de passar o tempo na companhia de Jane Eyre:

“É inútil dizer que os seres humanos devem satisfazer-se com a tranquilidade; eles precisam de ação, e a criação se não puderem encontrá-la.”.

Enquanto lia, senti um toque em meu ombro vindo por detrás:

- Oi! Você vem sempre aqui?

Daniel, o dono do sorriso mais arrebatador do mundo. Está certo, eu exagerei: o sorriso mais arrebatador *do navio*. O posto do Bruno Mars ainda permanecia intacto no primeiro lugar no meu ranking. Mas aquela exibição de dentes já tinha

PERIGOSAS NACIONAIS

sido suficiente para me desestabilizar.

- É... eu... acho que sim... Você? - gaguejei igual um político respondendo às perguntas mais polêmicas em um debate.

- Só venho quando você vem - ele me deu uma piscada.

Outra cantada cafona.

Tudo bem, ele tinha créditos.

Permaneci em silêncio ainda exibindo um meio sorriso retraído, não sabendo ao certo o que dizer em seguida. Daniel emendou:

- Você está aguardando para descer?

- Sim. Me atrasei para pegar a bendita senha e esse povo todo também deve ter madrugado. Ainda tenho um bom tempo de espera pela frente.

Daniel fez um sinal de negativo com a cabeça, falando antes de se virar:

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Não vai esperar, não. Aguarde aqui que eu já volto.

Estranhei aquela atitude, mas eu não tinha nada a perder. Tentei voltar minha atenção à Jane e ao senhor Rochester, mas nem eles foram capazes de prender minha atenção.

No minuto seguinte, Daniel estava de volta.

- Toma aqui, bem gata!

Ele me estendeu um papel com uma senha: número onze.

- Co-como assim? Que incrível! Nossa, não sei nem o que dizer! - bradei em animação. - Graças a você eu vou conseguir passear pelo menos uma hora a mais em Porto Belo!

- Não precisa agradecer! E aqui é bem tranquilo, tem uma praia é linda... tipo você.

Sem jeito, resolvi arriscar uma pergunta mais ousada:

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Você não vai descer?

- A tripulação segue um esquema intercalado nas paradas. Dessa vez eu não vou pisar em terra firme, mas na próxima escala eu tenho folga e desço.

Uma voz mecânica soou do alto-falante:

- Passageiros com a senha onze; queiram por gentileza se dirigir até a área de embarque.

Lutando contra o nervosismo, tentei transmitir um ar misterioso:

- Neste caso Porto Belo não será tão belo assim.

Complementando a minha ousadia, me aproximei e, na ponta dos pés, lhe dei um beijo lento na bochecha. Olhei em seus olhos e me virei em seguida na direção da fila de embarque.

Arrisquei uma última olhada para trás por cima do ombro. Daniel continuava ali, estático e exibindo um olhar confuso.

PERIGOSAS ACHERON

Talvez eu tivesse exagerado na minha dose de mistério.



Desembarcamos no píer turístico da pacata região comercial de Porto Belo.

Entrei em uma das diversas lojinhas de artesanato e comecei a vasculhar as peças de decoração.

A jovem detrás do caixa atendia uma cliente, mas exclamou:

- Fica à vontade aí, *chêro*! Se precisares de alguma coisa é só falar, tá?

O sotaque local era uma mistura do idioma português: meio lusitano, meio brasileiro. O chiado na pronúncia do “S” mais soava como “X”, embora

PERIGOSAS NACIONAIS

de maneira completamente diferente do sotaque carioca.

Enquanto eu me distraía entre as delicadas tiaras de flores, a atendente se aproximou:

- E aí, *tais* boa, *chêro*?

- Tudo bem! - respondi. - Na verdade eu estou só olhando.

- Ah tá! Tu *tais* viajando com o cruzeiro?

- Sim, acabei de chegar. Na verdade eu ainda nem andei pela região para conhecer melhor a cidade.

A atendente me lançou um olhar divertido:

- *Uix nega*, por aqui não tanta coisa assim para ver! Tu já *tais* com algum lugar em mente?

- Eu estava pensando em ir até a Ilha de Porto Belo a pé. É fácil chegar lá?

- Bom... tu *vira* nessa rua à esquerda e segue

PERIGOSAS ACHERON

toda vida reto até o barco pirata, não tem? Mas com esse calor, acho que não é uma boa ir a pé, não. Vais chegar lá toda escangalhada.

Embora o dialeto local me parecesse muito bem-humorado, acabei desanimando ao perceber que meu destino inicial não parecia ser tão perto quanto eu imaginava.

Ela reparou logo na minha decepção:

- Eu tenho uma ideia. Eu vou ter que dar um pulo em Bombinhas para levar umas mercadorias. É uma praia aqui pertinho e se tu quiser, podes vir comigo! Aí tu já me contas desse tal cruzeiro...

Abri um sorriso imediato, agradecendo:

- Nossa, que sorte! É claro que eu aceito... isto é, se não for incomodar você, claro!

- Vai nada! Deixa eu só avisar o meu pai rapidinho, é dois toques!

Ela saiu em direção aos fundos da loja, e retornou em seguida com uma sacola e um molho

PERIGOSAS ACHERON

de chave nas mãos.

- A propósito, o meu nome é Liz.

- Laila - respondi sorrindo.

Logo que entramos no carro, Liz ligou o ar-condicionado e o rádio e partimos.

Ela começou a explicar o trajeto:

- Então... daqui nós vamos pegar uma estrada até Bombas e depois damos uma esticadinha até Bombinhas. Dá uns vinte minutos, mais ou menos.

- Ah, beleza.

- Mas vamos ao que interessa: me conta como é esse tal cruzeiro?

- É absolutamente deslumbrante!

- É a primeira vez que tu *vais* em um cruzeiro?

- É a primeira vez que eu saio de férias na minha vida! E tem mais: você acredita que eu

PERIGOSAS NACIONAIS

ganhei essa viagem toda através de um sorteio?

- Cala-te boca, guria! Mentira!

Não consegui conter a risada.

- Sério!

- Meu... matasse a pau! Que sorte!

- Pois é! E isso aconteceu justo no momento em que a minha vida toda estava virada de cabeça para baixo. Bom... ela ainda está totalmente do avesso, mas eu quero voltar a pensar nisso daqui uma semana quando eu tiver que retornar à realidade.

- *Tais* bem certa! Não tem aquele ditado “a vida é uma viagem e a gente tem que aproveitar o caminho”? Pois essa é a tua hora de aproveitar o caminho. Aí na semana que vem quando a vida real voltar e bater a tua porta, tu decides se abre ou não.

Aquelas palavras reverberaram como poesia dentro de mim no mesmo instante em que uma música antiga preencheu o carro com uma letra quase profética:

PERIGOSAS ACHERON

♪ *Vento, Ventania*

Agora que estou solto na vida

Me leve pra qualquer lugar

Me leve mas não me faça voltar ♪

A voz cantada de Liz fez meus devaneios se dissiparem no ar.

- Tu *tais* viajando sozinha, Laila?

- Sim - a premiação foi para uma pessoa somente.

- Entendi... E fala aí, tu já *conhecesse* algum gatinho por lá?

- Bom...

- Opa, opa, opa! Aí tem coisa!

- Eu conheci um cara que chega a transbordar

PERIGOSAS NACIONAIS

de tão lindo, sabe? Nem sei nem por que ele tem me dado conversa... deve ser por pura obrigação de trabalho!

- Ai que *bobiça*, guria! Mas como assim, “obrigação de trabalho”?

- Ele faz parte da tripulação.

- Tipo marinheiro Popeye?

- Praticamente - sorri em meio a um suspiro. - Apesar de não fazer o meu tipo mais habitual, ele tem aquela beleza unânime que só se vê pela televisão, sabe? Corpo definido, tatuagens, um jeito galanteador e cheio de lábia, apesar de eventuais cantadas de pedreiro de vez em quando.

- Mas então ele está te dando mole?

- Ele com certeza passa essas mesmas cantadas em *trocentas* outras meninas ao mesmo tempo. Ontem mesmo eu vi ele jogando charme para uma Barbie platinada.

Contei para ela a respeito da mulher
PERIGOSAS ACHERON

aparentemente tímida que de um segundo para outro se transformou na despudorada campeã mundial do prêmio “Dançarina-do-Ventre-Que-Arranca-Sua-Saída-de-Banho-de-Forma-Sensual-e-Arebata-os-Expectadores”.

- Mas homem é tudo bicho *tanso* mesmo, né? Não podem ver um pau de virar tripa chacoalhante que já ficam ouriçados. Aí basta a guriazinha se desembestar a falar para eles perceberem que o único conteúdo que ela tem na cabeça é dieta, academia e o último capítulo da novela.

Notei um certo rancor no seu tom de voz, como se ela tivesse passado por alguma experiência daquele tipo recentemente.

Tentei reanimá-la mudando o assunto da conversa.

- Ah, e me lembrei agora! Eu também conheci um outro cara no navio. Só que esse na verdade me tirou a paciência.

- Ai, eu a-do-ro histórias assim! - ela retornou ao entusiasmo.

PERIGOSAS NACIONAIS

- Nem sei se vale a pena falar... é um cara convencido, metido a importante, sabe? Só de pensar já me falta o ar.

- Hmm... já *visse* aquelas frases de traseira de caminhão: “a vida não é medida pelo ar que tu *respira* mas pelos momentos que te tiram o ar”? - ela sorriu de forma incitante.

- Já, sim. Se eu não me engano foi o cigarro que disse isso para o pulmão, não foi?

Rimos juntas.

- Tá, mas e como é esse cara que já te tirou a paciência e o ar? Ele já te tirou o sono também?

- Ele é meio ermitão, sabe? Mas talvez por trás daquela barba toda até exista um certo talento. Mas teria que descontar uma boa dose de arrogância também. E ele parece fazer questão de ficar me provocando...

- Ui! Provocando arrepios?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Arrepios? Você está doida? - falei de supetão.

- Aí está mais uma coisa que esse cara te tira: do sério!

Liz riu alto, achando graça de seu próprio senso de humor.

O carro atingiu o alto de um morro e me deparei com uma visão panorâmica da praia de Bombinhas. A água tinha um inacreditável tom esverdeado que contrastava com a areia muito branca. Uma imagem do paraíso.

Ela estacionou o carro logo no começo da avenida para resolver seus assuntos de trabalho. Enquanto isso, caminhei arrastando os pés na água cristalina até as pedras na encosta, onde aproveitei para tirar várias fotos, tomar água de coco e adquirir alguns ímãs de geladeira para levar como lembrança.

Sentei em um banco de madeira em frente à orla, observando o movimento das ondas e o vai e vem dos turistas, sentindo o vento úmido me acariciar o rosto.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Quando a Liz retornou, o tempo já havia nublado e algumas nuvens mais pesadas se formaram no céu.

- *Conseguisse* aproveitar um pouco da praia? Acho bom a gente voltar logo porque está para cair um toró d'água a qualquer momento.

- Eu adorei! Nem tenho nem palavras para agradecer a oportunidade! Se eu puder te ajudar com a gasolina pelo menos...

- *Tais* tola, nega? Nem fala isso! *Timbora!* - os primeiros pingos de chuva começaram a cair. - Mas me conta; tu já tens algum plano para hoje a noite?

- Eu pretendo ir ao jantar formal do restaurante mais chique que tem lá no navio. Mas só é “formal” porque eles servem a comida por cardápio e não no estilo do buffet, sabe? No mais, é bem casual mesmo.

- Que massa! E *vais jantar* com o marombado?

- Sem chance. Como ele é da tripulação, ele não
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

se sentar na mesa e jantar com os passageiros.

- E o cigarro?

Esse povo tinha cada gíria.

- Eu... eu não fumo - falei, confusa.

- Não sua *tansa*! Eu estou falando do “senhor cigarro”! Aquele que te deixa asmática, que tira o teu fôlego, sabe?

- Ah! Esse aí em poucos minutos já me atazanou o suficiente para a semana inteira - decretei incisiva.

- Hmm... Dá para ver que esse cara tocou no teu ponto fraco, hein?

- Não mesmo! O meu ponto fraco tem nome, sobrenome, um sorriso lindo e um crachá da Precious Line!

PERIGOSAS ACHERON



Liz e eu trocamos telefones ao nos despedirmos em frente ao cais. Ela me fez prometer que eu lhe contaria todos os detalhes do restante da viagem - especialmente o desenrolar com o “Marombado” e com o “Asmático”.

Retornei à cabine sem ter condições nem de existir. Bastou um minuto parada para os meus olhos se fecharem.

Compartilhei a cama com a simpática obra de Timur: um macaquinho feito com toalhas, pendurado na luminária e relaxei por uns minutos, antes de começar a me preparar para o horário do jantar no restaurante.

Eu nunca pude me dar ao luxo de gastar o meu suado dinheirinho em um “banho de loja”, porém eu me considerava uma pessoa com bom gosto para combinar estilos. Quando possível, eu passava uma tarde inteira garimpando por lojas populares até

PERIGOSAS ACHERON

encontrar algumas peças coringa para o meu guarda-roupa. Uma vez a Carol me disse que essa atitude tinha inclusive um nome e sobrenome sofisticado: “Minimalismo - Menos é Mais”.

Optei por uma saia midi plissada amarela com uma blusa listrada em azul e branco seguido a linha náutica. O toque de elegância ficou por conta da sandália de salto alto e dos acessórios em tom dourado que eu comprei em uma lojinha de bijuterias chinesas qualquer.

Mas ainda faltava algo - um toque final.

Desci até o saguão comercial do navio. Era possível farejar a loja de perfumes à longa distância e ao entrar na loja, uma mistura de fragrâncias inundavam as narinas.

Havia ali uma ampla variedade de perfumes expostos - aqueles de frascos elegantes os quais eu nunca tinha me permitido sonhar em comprar. E o melhor: todos eles tinham um exemplar de amostra para que as pessoas pudessem provar em si próprias como se não houvesse amanhã. Ou no meu caso,

como se não tivesse um jantar formal em seguida.

Enquanto eu sentia as essências nos papéis retangulares a fim de optar por uma favorita, meu coração deu um leve salto ao ver Daniel por detrás da vitrine vindo em minha direção.

- Minha nossa, bem gata! Hoje é o seu aniversário?

Pressenti o que se seguiria àquela inusitada pergunta.

- Não... por que? - perguntei ressabiada.

- Porque você está de parabéns, viu?

Ai.

Ele erguei de leve a minha mão entre as suas:

- Será que eu posso falar com você rapidinho?

- Claro! - respondi surpresa, esquecendo rapidamente da cantada tosca.

PERIGOSAS NACIONAIS

- Você aproveitou a praia hoje?
- Sim, mais do que imaginava!
- Fico feliz. Mas então, Laila...

Ele parecia reticente e acanhado - uma faceta que eu não esperava ver em um cara que parecia ser sempre tão confiante.

- Bom... como eu disse, a princípio eu não ia sair do navio aqui em Porto Belo, mas eu cobreí um favor de um colega e consegui descer por meia hora. E... bom, ali no píer eu vi algo que me lembrou muito você. Tem a cor dos seus olhos.

Ele tirou um pacotinho do bolso.

- É bem simples, claro, mas eu espero que você curta.

Antes mesmo de abrir o embrulho pardo, meu coração já derreteu. Um calor subiu no meu rosto, me deixando sem graça e sem fala.

- Nossa Daniel... eu nem sei o que dizer!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Abre! Não é nada de mais... é só uma lembrança mesmo!

Quando abri, uma pulseira artesanal saltou em minhas mãos. Ela era feita com miçangas verdes e douradas e tinha um formato de flor. Senti como se tivesse ganhado uma joia valiosa.

- Eu adorei - consegui balbuciar.

- Que bom! Eu só não vou pedir para você usar ela agora porque eu imagino que não combine com as suas joias...

Joias? Minha bijuteria era praticamente folheada à tinta guaxe amarela.

- Imagina! Esta pulseira será tão valiosa para mim quanto qualquer outra *joia* que eu possuo! - julguei desnecessário esclarecer naquele exato instante eu não era proprietária de nenhum mísero pingente. - E eu faço questão de usar ela agora mesmo! Você me ajuda a colocar?

Entreguei a pulseira para ele, estendendo o outro braço em sua direção.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Daniel me observou com satisfação enquanto fechava a pulseira no meu pulso.

- Adorei, Daniel! Muito obrigada! - dei um beijo suave em seu rosto macio.

A minha vontade, no entanto, era bem mais impura: eu queria agarrá-lo ali mesmo e lhe tascar um beijo bem mais intenso.

Também queria já ter passado o perfume caro lá da loja. Não que eu estivesse cheirando mal, mas, pelo menos, ele teria um aroma delicioso para associar a mim.

- Ah! E tem um bilhete aí também... - ele apontou.

Um presente *e* uma mensagem? Que toque gentil e astuto da parte dele!

Tirei do embrulho improvisado um papelzinho que mais parecia ter sido rasgado às pressas de uma folha de caderno:

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

É simplis mais é de ♥

Espero que vc gosti.

Daniel

Hmm... tudo bem. Não tão astuto assim.

Por um instante me fez lembrar do senhor Thomas e de seus erros de português grotescos. Mas quem foi que disse que a linguagem do amor respeita regras gramaticais?

- Hmm... puxa, obrigada! - murmurei.

- Beleza pura, bem gata! Agora eu preciso ir. Hoje a noite eu vou fazer uma participação especial no musical do teatro! Te vejo lá?

- Claro! - falei com olhos faiscantes.

Se o tal musical seria bom ou não, eu não sabia.

Mas o meu espetáculo já estava garantido.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



VENTO VENTANIA:



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 9

- Dia 2 -

Deixei a perfumaria recendendo a uma essência exclusiva a qual intitulei “Lailê” - uma mistura tão grande de fragrâncias que já não era mais possível distinguir um perfume do outro.

Sentei-me em um bar diante de um piano esperando pelo meu horário no restaurante e fiquei observando as pessoas.

Enquanto eu namorava o Léo, há todo momento eu via pessoas solteiras sendo felizes usufruindo de sua vida cheia de liberdades sem ter que dar satisfações a ninguém, mas uma vez sozinha, tudo o que eu via eram casais felizes e a perfeição vindo

PERIGOSAS NACIONAIS

em forma de dupla.

Um casal de idosos de mãos dadas compartilhando um sorriso cúmplice.

O feijão sendo servido na mesa ao lado com uma cumбуca de arroz para ser melhor saboreado.

A salada de cebolas que combinava perfeitamente com tomates.

Carne com farofa.

O garfo sempre com uma faca para lhe acompanhar e eu me sentindo uma colher.

Diante daquela filosofada risível, a conclusão era que eu me sentia era com fome.

Assim que o relógio bateu as oito horas, me dirigi ao sexto andar e entrei no restaurante.

O lugar era imenso, com, pelo menos, três andares.

Fiquei um pouco atordoada, sem saber para

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

onde exatamente eu deveria me dirigir em meio a tantas mesas.

Um funcionário engravatado se aproximou e questionou o número da minha mesa.

- A verdade é que eu não sei. Eu não vim ao jantar ontem - respondi.

- Neste caso, eu lhe peço que por gentileza converse com o *maître* na entrada do restaurante para que ele lhe designe uma mesa.

Ao me aproximar da bancada, vi o supervisor gesticulando através de um rádio com alguém que devia estar na parte interna do restaurante. Em frente a ele, um passageiro paciente o aguardava, absorto em seus pensamentos.

Pois é. Quais eram as chances de este passageiro ser justamente *ele*?

- Mas ora, ora... se não é o *mister* cliente safira em pessoa! Que honra temos nós plebeus em poder contar com tal admirável presença nos recintos de um restaurante?

PERIGOSAS ACHERON

Ele se virou lentamente e plantou seus olhos já sorridentes em mim. Agora que ele vestia uma camisa jeans clara, os seus olhos azulados se acentuavam ainda mais que da última vez.

Tentei disfarçar o meu breve desconcerto emendando:

- Eu imaginei que clientes *safira* fossem servidos na própria cabine por mordomos e lacaios.

- E você acha que eu perderia a honra de jantar no mesmo restaurante frequentado pela grandiosa maruja que é praticamente uma *quase* uma campeã nacional? - ele se voltou a um casal de idosos que aguardavam sua vez de serem conduzidos à sua mesa. - Com licença... os senhores sabiam que nós estamos viajando com uma campeã olímpica de natação?

Os olhos da senhora idosa lampejaram cheios de admiração:

- Oh, não acredito! Que orgulho conhecer você, meu bem! Eu nunca conheci um atleta olímpico na minha vida! Que emoção!

O senhor idoso que a acompanhava aparentemente sofria de surdez e lhe perguntou o que estava acontecendo. Enquanto a senhora repetia a história em um volume audível de popa à proa, lancei um olhar fulminante para Peter, que agora sorria largamente.

O senhor arregalou os olhos, maravilhado:

- Minha cara, oh, minha cara! Eu também já fui atleta na minha época, sabia? Pode não parecer, mas eu era um skatista supimpa. Eu fazia umas manobras boas para dedéu! Deixe eu contar sobre um campeonato que participei no Chile uma vez...

O garçom se aproximou e chamou por Peter, solicitando que ele o acompanhasse até a sua mesa.

Antes de seguir o garçom, Peter se despediu, falando baixo ao meu ouvido:

- Você não vai destruir a ilusão de um casal que está tão entusiasmado, vai?

Antes que eu pudesse responder, a senhora
PERIGOSAS ACHERON

pousou sua mão em meu ombro, dizendo:

- Podemos tirar uma *selfie*?



Após posar para algumas fotos e autografar um guardanapo, o casal se despediu extremamente agradecidos e satisfeitos.

Voltei à minha atenção ao *maître* e lhe expliquei a minha situação, que imediatamente começou a falar no rádio em um idioma que eu não reconhecia.

A impressão inicial que eu havia feito de Peter mudava a cada novo contato que eu tinha com ele. Quando eu falei com ele na fila do check-in, imaginei que ele fosse uma pessoa mais reservada; ele parecia sério e circunspecto. Depois na simulação de emergência, eu tinha visto um lado

PERIGOSAS NACIONAIS

mais espirituoso. Agora eu via uma pessoa irônica, debochada. Quantas facetas mais haveriam nesse sujeito?

O *maître* desligou o rádio apontando para um garçom que estava de sentinela na entrada do restaurante. Ele se virou para mim:

- Senhorita, a sua mesa será a 32. Por gentileza acompanhe o senhor Ramuel - ele será o seu garçom. Acredito que você ficará bastante satisfeita com a mesa que conseguimos.

Sorri em gratidão enquanto o simpático Ramuel me conduzia à mesa.

As mesas eram grandes e coletivas, portanto eu imaginava que eu teria que dividir o espaço com alguma família.

Ramuel parece ter lido os meus pensamentos:

- O nosso supervisor conseguiu uma mesa mais privativa que achamos que será do seu agrado. Ali está.

PERIGOSAS ACHERON

De longe eu notei que já havia uma pessoa sentada de costas na pequena mesa localizada ao lado de uma janela com vista para o mar.

A medida que eu me aproximava, notei se tratar de uma pessoa alta, com cabelos ondulados, castanho claros e...

Oh, oh.

Eu conhecia aquela camisa jeans...!

- Sente-se por gentileza, senhorita. - Ramuel se explicou enquanto me puxava a cadeira. - Quando o senhor *maître* percebeu a estima mútua entre vocês, conseguiu aloca-los nesta mesma mesa para dois! Não é ótimo? - sem aguardar por uma resposta, acrescentou. - Eu retornarei em breve com os cardápios.

Peter não se conteve e desatou a rir assim tão logo Ramuel se retirou.

- Mas veja só isso! Eu que achava que apenas os clientes safira tinham acesso às mesas selecionadas! Ou então, espera aí... foi você quem

PERIGOSAS ACHERON

fez questão de se sentar comigo e pediu isso ao *maître*?

Mesmo percebendo claramente que o seu tom era de brincadeira, ele evocava os meus sentidos à externarem-se.

- Mas você é muito presunçoso, não? - falei em tom baixo, mas cheio de indignação. - Saiba que se eu não estivesse tão faminta e disposta a comer um javali eu lhe faria o imenso favor de pedir para trocar de mesa.

- Faminta? Você sabe que restaurantes como este servem uma quantidade de comida bastante, digamos, modesta, não sabe?

Eu não tinha pensado nisso.

- Eu... bem... - gaguejei. - É claro que eu sei! Já estive em centenas de restaurantes mais sofisticados do que este! Semana passada mesmo, eu estive em um evento exclusivo no *Le Grand Chateau*. Você conhece?

Citei o nome de um dos restaurantes mais
PERIGOSAS ACHERON

elegantes do país que era frequentado somente pela nata da sociedade - embora eu odiasse este termo que tendia a dividir as pessoas entre “nata” e “coalhada”. Tal restaurante inclusive dispunha de um instituto gastronômico bastante prestigiado internacionalmente.

Peter demonstrou uma expressão surpresa, o que me empolgou a continuar com aquela farsa.

- Nossa... eu já até perdi as contas da quantidade de eventos beneficentes que eu participei no *Chateau*. Fiz inclusive alguns cursos de culinária requintada e, modéstia a parte, me considero praticamente uma *sommelier*, que quer dizer “especialista em vinhos”.

- Acredito que a pronúncia correta da palavra seja “Chatô”. É francês.

Ops!

- É claro que eu sei que é “chatô”. Mas nós estamos no Brasil e falamos português, não é verdade? - acrescentei de uma forma mais incisiva do que pretendia, dando de ombros a seguir. - Mas PERIGOSAS ACHERON

o fato é que quando eu falei que estava faminta, eu quis dizer que em vez de comer apenas o prato principal, eu também vou pedir uma entrada e uma sobremesa.

- Entendo. Imagino que você pedirá um *hors-d'oeuvre* também?

Órr do quê?

Eu já previa uma certa angústia para entender toda aquela disposição de talheres na mesa, e agora mais essa? Eu não fazia ideia do que aquilo significava, mas o importante era convencer. Neste quesito eu me julgava uma especialista.

- Bem... se tiver no cardápio, talvez eu peça! - inabalada, arrisquei a resposta sem ter certeza se ela de fato fazia algum sentido.

Ramuel reapareceu com os cardápios em mãos.

Antes de entregá-los, ele tirou o guardanapo de tecido que descansava em cima do meu prato e em um movimento rápido, o desenrolou e posicionou-o por cima do meu colo. Imaginei que eu mesma já

PERIGOSAS ACHERON

deveria ter feito isso, já que o guardanapo de Peter não se encontrava na mesa.

- Bom, senhores, a sugestão do *chef* para esta noite é a entrada *Insalatina di mare con verdure croccanti*. Como recomendação ao prato principal temos o *Duetto di gamberi e salmone gratinati alle erbe* com *Selezione di formaggi italiani ed internazionati*, e um *Parfait di papaia con salsa alla vaniglia* de sobremesa. Mas fiquem totalmente à vontade para verificarem os cardápios. Eu retornarei a seguir para anotar os seus pedidos.

Ele se afastou com uma mesura e eu olhei aflita para o menu em minhas mãos.

Eu não tinha entendido bulhufas do que Ramuel tinha dito. Por acaso estávamos na Itália?

Para piorar, o cardápio estava todo em italiano. Eu já não sabia os nomes daqueles pratos requintados em português, que dirá em outro idioma!

Comecei a me rebelar. O navio estava saindo do meu Brasil varonil, santo! Eu não tinha obrigação

PERIGOSAS ACHERON

de entender aquilo!

Com o rosto ainda baixo, meus olhos se ergueram discretamente do cardápio para espiar Peter. Ele analisava o cardápio de forma concentrada, embora um tanto suspeito. Pela forma com que seus olhos azuis dançavam pelas páginas do menu, eu tive a certeza de que ele também não tinha entendido nada, mas ele possivelmente era convencido demais para perder a pose.

Um instante depois, Ramuel retornou à nossa mesa:

- Os senhores já se decidiram? - perguntou, erguendo uma caneta a um pequeno bloco de anotações.

- Eu ainda estou em dúvida, Ramuel - ergui meus olhos inocentes. - Peter, você gostaria de pedir enquanto eu ainda me decido?

Joguei ele na fogueira por pura maldade, eu sabia. Mas aquela seria a minha vingança pelas posadas de *selfies* há pouco. Eu adoraria ver a sua arrogância ruir.

PERIGOSAS NACIONAIS

Ele me lançou um olhar desconfiado e então prosseguiu:

- Vamos lá. Eu vou querer uma *Insalata del giorno*, um *Costolette di manzo Argentine Arrosto* - ele movimentava as mãos enquanto gesticulava. - Para finalizar, uma *Torta Sacripantina*.

- *Grazie mille, signore* - respondeu Ramuel com simpatia.

Embora eu odiasse ter que admitir, o italiano de Peter soou perfeito e encantador aos meus ouvidos.

Os dois olharam para mim.

- Bem, eu... na dúvida, vou pela sugestão do *chef* mesmo - me rendi.

E seja o que Deus quiser.

- Muito obrigado, senhores. Retorno em breve com as suas entradas - disse Ramuel, retirando-se.

Peter resolveu puxar uma conversa.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- E como foi a sua descida em Porto Belo hoje?

Reparei novamente no seu leve sotaque. O “Porto” puxando um “R” mais parecido com o falado interior, mas com charme. Era agradável.

- Maravilhoso! - a lembrança de Liz apelidando Peter de “senhor cigarro” me fez achar graça.

- A julgar por esse sorriso, o passeio deve ter sido ótimo mesmo.

- É que eu fiz amizade com uma garota ali da cidade, e ela me levou para passear pelas praias da redondeza. E nossa... eu nunca tinha visto um lugar tão lindo quanto este antes!

De repente, me dei conta do que havia dito e logo emendei:

- Quer dizer... sem contar as praias do Caribe, é claro. Eu quis dizer que nunca vi um lugar lindo assim aqui no Brasil.

- Este litoral é muito bonito mesmo, e na minha opinião pode ser até melhor do que o Caribe em

PERIGOSAS ACHERON

alguns aspectos. Ainda mais quando damos a sorte de um dia ensolarado como foi hoje. Uma pena o tempo de escala ser tão curto. Eu gostaria de ter descido também.

- Ué, mas por que você não desceu? O que o todo poderoso “Peter” tinha de tão interessante para fazer no navio em vez de passear em Porto Belo?

Ele suspirou de leve.

- Eu trouxe um projeto de trabalho que preciso finalizar até amanhã. Não pude me dar ao luxo de tirar uma folga.

Quem em sã consciência se compromete com um projeto de trabalho durante suas férias a bordo de um cruzeiro? - pensei.

Contendo a minha curiosidade, decidi não prolongar o assunto ao perceber uma certa preocupação em seu semblante.

- ... de qualquer forma não houve mesmo muito tempo para aproveitar Porto Belo porque além do fato da escala já ter sido curta, a fila para as lanchas

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

também estava bem demorada.

- É mesmo? Quanto tempo você teve que esperar? - ele ergueu as sobrancelhas de leve.

- Na verdade eu dei muita sorte! Um rapaz que eu conheci aqui no navio me arranhou uma senha para que eu conseguisse sair antes o que me deu praticamente uma hora a mais para conhecer a cidade... Se não fosse por isso, eu tenho certeza que...

Ele refletiu por alguns segundos até me interromper:

- Só um instante - ele ergueu o dedo indicador até o lábio - acredite, eu já vivi isso, então falo por experiência própria. Até onde eu sei, a senhorita não aceita muito bem toda a logística envolvida na questão de filas... que dirá as filas preferenciais, quando certas pessoas são atendidas antes daquelas que já estavam aguardando há mais tempo...

Ele fez uma pausa dramática, mas mantendo um olhar bem-humorado.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Eu já sabia o rumo que aquela pergunta inocente estava tomando.

Permaneci estática. Não assenti, não neguei.

Ele concluiu:

- ... mas agora você me diz que utilizar da influência de um amigo para passar na frente dos outros pobres mortais, neste caso está tudo bem?

Cheque mate.

E fui eu que coloquei a faca e o queijo na mão dele dispostos em uma bandeja de ouro!

Por que mesmo eu tinha aberto a minha boca? Ah! Porque o tal assunto de trabalho tinha deixado o *coitadinho* desconfortável!

E o pior era ter que admitir que ele tinha toda razão: eu não tinha visto a situação por esse lado.

Alguns diziam que as palavras mais difíceis de pronunciar eram inconstitucionalissimamente ou otorrinolaringologista. Para mim, o mais difícil era

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

dizer: “você tem razão, me desculpe”.

Enquanto eu ensaiava uma resposta, Ramuel chegou para servir as nossas entradas.

- Vocês gostariam de um queijo ralado em sua *insalata*?

Eu detestava queijo na salada, mas aceitei para ganhar tempo.

Assim que Ramuel se retirou, Peter disse:

- Você quer saber algo curioso? Eu ainda não sei o seu nome.

Ãhn? Era isso mesmo? Ele mudaria de assunto assim, sem exigir explicações?

Fiquei tão absorta neste pensamento que só assenti em um murmúrio:

- U-hum...

- *U-hum*. Mas que nome atípico! É indígena?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- É sim, da tribo Fú - falei, lembrando do senhor Thomas. Ele franziu as sobrancelhas deixando claro que não entendeu a minha tentativa de piada. - Meu nome é Laila.

- Laila... - ele repetiu. - Bonito nome! É Laila do quê?

- Do que o quê?

- Qual é o seu sobrenome?

- Você não está pensando em me mandar uma carta, está? Então não precisa saber o meu nome completo. É só Laila.

Ele segurou o olhar por um instante e abriu um sorriso quase imperceptível, meio de canto de boca. A seguir, torceu o pescoço um pouco e olhou o meu cartão de embarque em cima da mesa.

Só percebi tarde demais.

- Laila Leila Lins - ele leu em voz alta - Hmm... bem peculiar. Um triplo L. Até rima.

PERIGOSAS ACHERON

Droga!

- E você? Você deve ter um sobrenome italiano tipo “De Luca”. Não, não, eu já sei! “Caputo”! Caputo combina com você.

Ele franziu as sobrancelhas.

- Você acha que eu tenho cara de italiano?

- Bem... você é estrangeiro.

- Boa, Sherlock.

- E percebi que você fala italiano fluentemente.

Ele agora abriu um sorriso largo.

- Pelo jeito eu consegui impressionar você!

A sua falta de modéstia típica retornou.

- Impressão sua.

- Você não precisa necessariamente saber italiano para *falar* italiano, sabia? - ele deve ter

PERIGOSAS NACIONAIS

percebido o meu olhar hesitante e acrescentou. -
Você já ouviu dizer que para deixar um italiano mudo, basta amarrar as suas mãos?

- Nunca ouvi - falei, achando graça.

- Eu só li o que estava escrito no cardápio dando uma ênfase exagerada nas vogais, aumentando o volume da minha voz e gesticulando com as mãos.

- Mas então como você sabe o que pediu se o cardápio estava todo em italiano? - perguntei.

- Honestamente? Eu não faço a mínima ideia!

Ele ria com tanta vontade que me senti encorajada a também admitir a verdade.

- Eu também que não entendi uma palavra do que estava escrita no cardápio e quando eu olhei para você, eu *sabia* que tinha visto uma certa confusão nesses seus olhinhos azuis!

Oops!

PERIGOSAS ACHERON

A frase dita em voz alta tinha soado um tanto dúbia. Podia parecer que eu tinha encarado ele de maneira intencional, como uma espécie de, sei lá... atração.

Peter ficou quieto e olhou para baixo, contido.

Tratei de mudar o assunto rapidamente:

- É claro que se o cardápio estivesse escrito em inglês, aí eu estaria bem mais confiante.

- É mesmo?

- Sim. Italiano nunca foi o meu forte. E por falar nisso, já que você não é italiano, de onde você é?

- *England*. Eu sou de Londres.

Anta, Laila, Anta!

O cara se chama *Peter*, era lógico que ele não seria chinês. Por que eu inventei essa história de ser “ultra confiante” no inglês?

Anotação mental: Jamais, nem sob tortura arrisque-se a falar inglês na frente dele.

- Ah... legal! - assenti discretamente. - Você fala português muito bem!

Ele sorriu em resposta.

- Obrigado! Eu já moro aqui há um bom tempo, mas foi um longo caminho.

Ramuel chegou para retirar as entradas. Minha salada tinha ficado intocada, já que estava repleta de frutos do mar, que eu odiava. Ponto para o cardápio.

A seguir, ele nos serviu o prato principal com uma bandeja tapando os pratos.

Peter e eu partilhamos um olhar de cumplicidade.

Ele abriu a bandeja e disse exultante:

- Pelo jeito eu escolhi uma costela. Mas eu já sabia, era justamente a minha intenção ao fazer o

PERIGOSAS NACIONAIS

pedido! - ele riu.

- Quanto a mim, que rufem os tambores! - bati ritmadamente na mesa para fazer um efeito sonoro antes de revelar meu prato - Adivinhou quem disse... peixe com frutos do mar! Ai, *porca miséria!* - gesticulei exageradamente com as mãos.

Peter achou graça.

- Você gosta de carne?

- Se não for da porca miserável, sim.

- Então vamos trocar os nossos pratos - ele sugeriu.

- Imagina! Você não recebeu exatamente o que queria?

- Na verdade o que eu realmente queria era um “frutti do mare” - Peter inventou a palavra, novamente chacoalhando os dedos no ar.

Ele não aguardou minha resposta e levantou o seu prato em minha direção, me estimulando que

PERIGOSAS ACHERON

fizesse o mesmo.

Ergui o meu prato e os nossos dedos se tocaram em um breve roçar de pele com pele.

Agradei por ele ter salvo o meu jantar e recebi um esboço de sorriso em resposta.

- E quanto a este tal projeto de trabalho que você comentou antes... Não querendo parecer sua chefe, mas ele não deveria ter sido feito antes de você embarcar em uma viagem de férias? - indaguei.

Minha curiosidade havia vencido.

- Por incrível que pareça, essa não é uma viagem de férias para mim. Estou aqui a trabalho.

- Como assim? Você trabalha para a *Precious Line*?

- Não. Eu tenho uma reunião muito importante com um cliente em Montevideu em dois dias e eu precisava desse tempo de concentração para finalizar o projeto. Já faz algumas semanas que

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

venho tentando concluir esta apresentação lá no meu escritório, mas tive alguns problemas pessoais recentemente que me tiraram um pouco do foco.

Ele pareceu se fechar brevemente, distraído. A seguir, piscou os olhos pesadamente, tentando afastar algum pensamento.

- Pelo menos aqui eu consigo ficar mais imerso no projeto, sem desviar a minha atenção, sabe? Bem, o que eu estou falando... você provavelmente deve saber muito bem como são essas coisas!

- Eu? - perguntei confusa enquanto enfiava um pedaço da costela na boca.

- Ora, você não é uma jovem empreendedora do ramo de importação?

A carne parou no meio do trajeto e eu quase engasguei.

Não... não... nãããooo...

Percebendo minha aflição nítida, ele acrescentou:

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Pois é... eu assisti a sua apresentação de boas vindas a bordo! - ele me lançou um novo olhar provocativo. - Olha... se a competição fosse para a performance mais engraçada, você certamente levaria o prêmio!

- Que engraçado, *mister* Peter! Percebe-se claramente que você tem *mesmo* se concentrado demais nesse tal trabalho importante...

- Eu tive que aproveitar que o navio ainda estava ancorado para fazer uma ligação e lá em cima o sinal da antena pegava melhor. Mas eu admito: essa tal apresentação conseguiu mesmo desviar o foco da minha atenção por alguns instantes - ele falou gracejando.

- Nem precisa explicar! - fiz um sinal com as mãos e falei baixinho: - Eu sei *muito bem* o que captou a sua atenção na brincadeira.

- É claro que você sabe, afinal... - de repente ele parou, confuso. - Espera aí... por que esse tom de ironia? “*Eu sei muito bem*”? O que você quer dizer?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Deixa para lá... - fez um movimento rápido com a mão para ele desconsiderar.

Homens. É claro que o que chamou sua atenção foi a tal Isla, a tripa platinada da dança do ventre.

Ele não insistiu.

- Enfim... me fale um pouco mais sobre o seu ramo de atuação. É realmente impressionante alguém tão jovem obter sucesso nos dias de hoje... Há quanto tempo que você trabalha com importação?

Não havia necessidade de levar a mentira adiante. A minha intenção com essa história tinha sido a de surpreender Daniel e aniquilar a Isla.

- Na verdade eu não...

- Olá novamente senhores! Espero que tenham gostado do jantar! Posso recolher seus pratos?

Ambos acenamos positivamente à Ramuel, que junto de seu auxiliar, limparam a mesa e nos serviram a sobremesa.

PERIGOSAS ACHERON

- *Parfait di papaia* para a senhorita e *torta sacripantina* para o senhor.

Dessa vez não nos decepçionamos com as nossas escolhas.

Tão logo Ramuel se retirou, Peter disse:

- Laila, você me desculpe, por favor. Você sim está aqui neste cruzeiro curtindo as suas férias que eu imagino serem bem-merecidas. Aposto que “trabalho” é o último assunto que você gostaria de conversar.

- Não é bem assim, Peter...

- Não, não... - ele me interrompeu. - Me desculpe. Só porque *eu* estou aqui a trabalho, não quer dizer que você também tenha que ficar pensando nisso.

Não é que eu desejasse continuar mentindo para ele, nada disso. Eu apenas resolvi largar mão e desistir do assunto.

E convenhamos que tais elogios inflaram o meu
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

ego, que já andava tão calejado ultimamente.

E no final daquela semana, essa questão já não teria mais a menor importância.

- Você trabalha com o que exatamente, Peter? - perguntei desviando o foco de mim.

- Eu atuo na área gerencial, mas no momento eu tenho me focado mais neste projeto de marketing para o lançamento de um novo produto no mercado.

- Entendi... É só por isso que você está viajando sozinho então? Quero dizer... para focar a sua concentração no projeto? - sondei.

- Em partes. Não que eu tivesse outra escolha. Como eu comentei antes, eu não encaro essa viagem como *férias* propriamente dita, entende?

Assenti.

- Mas e você? - ele perguntou. - Algum motivo específico para você estar viajando sozinha?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Pensei um pouco antes de responder e decidi não admitir que havia ganhado a viagem um sorteio. Mas também não quis mentir.

- Foi uma decisão de última hora. Infelizmente a minha melhor amiga não pode vir junto.

- Entendo... - ele respondeu.

Involuntariamente, remexi na pulseira que eu havia recém-ganhado de presente.

- Lembranças de Porto Belo? - ele perguntou apontando para o bracelete.

- De certa forma... Eu... eu ganhei de um rapaz que conheci aqui no cruzeiro.

Por que eu havia me sentido constrangida ao dizer isso para ele?

- Mas veja só...! A senhorita é rápida no gatilho, hein? - ele manteve o tom brincalhão. - Isso que nós embarcamos somente ontem! Se continuar nesse ritmo, até o final do cruzeiro você já deve estar casada!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Me senti ruborizar.

Imobilizei a garfada a meio caminho da boca e tentei retorná-la ao prato.

Por que mesmo eu tinha contado isso a ele?

- Não é bem por aí! - falei sem graça. - Ele é só um amigo, nada mais.

- Mas eu assumo que você esteja solteira, certo?

- Bem, sim. No momento estou seguindo carreira solo.

- Carreira solo? Acho que é a primeira vez que eu vejo alguém descrever o seu estado civil dessa forma!

- Bem... carreira solo com eventuais participações especiais, claro!

Dei risada da minha própria piada, e Peter esboçou um meio sorriso, adicionando um “*entendo*” em voz baixa.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Mas assim... - complementei - eu sei me valorizar, é claro! É preciso muito mais do que uma pulseirinha para me conquistar!

Me senti constrangida ao relembrar da vontade absurda de poucos minutos atrás de agarrar Daniel à força. E tal qual o Incrível Hulk se transformava em verde quando sentia raiva, eu me tornava uma beterraba gaguejante quando ficava envergonhada.

- Você está ficando vermelha, Laila.

Pior do que ruborizar era ter alguém enfatizando o fato de você ficar vermelha.

- ... mas quem sabe essa vermelhidão toda é só consequência do sol que você pegou hoje na praia, né?

Apenas assenti positivamente com a cabeça, sem adicionar qualquer outra palavra.

Ramuel voltou novamente trazendo uma mesa de rodinhas repleta de bebidas.

- E então senhores? Gostaram do jantar?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Peter elogiou os pratos e o serviço. Ramuel sorriu em satisfação.

- Você aceitariam uma bebida para finalizar?
- Um café - falamos ao mesmo tempo.

Tão logo Ramuel nos serviu e retirou-se, Peter ergueu a sua xícara em uma espécie de brinde:

- *A cup of coffee shared with a friend, is happiness tasted and time well spent!*
- *Cheers!*

Mesmo sem compreender nada além de *coffee*, ergui a xícara e agradeci silenciosamente ao dia em que a professora de inglês levou a nossa turma à um pub irlandês e nos ensinou essa expressão utilizada em brindes. A infelicidade ficou por conta do dia seguinte, quando uma enxaqueca latejante me fez aprender na prática o significado de *hangover*.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 10

- Dia 2 -

O jantar se prolongou além do que eu tinha a princípio estimado. Apesar do começo inusitado, no fim das contas o saldo tinha sido uma agradável surpresa.

Apressei os passos rumo ao teatro. O musical já havia iniciado e o protagonista - ao menos diante dos meus olhos - estava prestes a iniciar o seu número.

Daniel surgiu com os cabelos modelados em um topete alto, usava óculos espelhados e vestia uma jaqueta preta de couro. Ele parecia um Elvis Presley da atualidade, e a semelhança se estendia

PERIGOSAS NACIONAIS

ao fascínio com que as garotas o encaravam na frente ao palco.

Uma guitarra alta começou a tocar uma música e Daniel se aproximou do microfone com quatro dançarinas ao seu lado.

Apesar do senso geral de que os holofotes causavam uma cegueira momentânea à quem estava no palco, eu tive certeza de que Daniel me viu e fixou os seus olhos em mim quando começou a cantar.

♪ Eu sou terrível

E é bom parar

De desse jeito

Me provocar ♪

Ele dançava de forma sedutora, arrancando

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

suspiros das recém-tietes.

Mas eu sabia que aquele sorriso era inteirinho só para mim:

♪ *Eu sou terrível*

Vou lhe dizer

Que ponho mesmo

Pra derreter ♪

A música terminou e as luzes se apagaram em um arrebate, deixando visível apenas um fecho de luz que destacava a silhueta de Daniel segurando a haste do microfone com uma mão e a outra erguida em direção ao teto.

Ele manteve a posição de astro por alguns segundos enquanto era ovacionado. No instante seguinte, ele jogou alguns beijos para a plateia

PERIGOSAS ACHERON

rendida e se retirou aos bastidores.

O espetáculo prosseguiu com um mágico vestido com um terno de lantejoulas douradas munindo diversas espadas. Nem se ele cortasse a sua assistente de palco em mil pedacinhos diante de mim me causaria tanto impacto como o que eu tinha acabado de presenciar.

Como era possível uma pessoa comum se transfigurar completamente quando pisava em um palco? Até os tímidos malabaristas se tornavam as pessoas mais interessantes do universo diante de um público atento.

Mas Daniel passava longe de ser uma pessoa comum - ele era a representação do que se chamava de “pacote completo”. Além da sua incontestável beleza e sensualidade, ele também atingia um nível impressionante de afinação e potência em sua voz quando cantava.

Um verdadeiro *rockstar*.

Ao final do espetáculo, o apresentador convidou os hóspedes a estenderem a noite com a
PERIGOSAS ACHERON

equipe de animação em uma balada retrô.

Na saída do teatro, avistei Daniel ao lado de alguns membros do elenco teatral.

Cercado por garotas escandalosas e em meio a um festival de poses e bicos, Daniel tirava *selfies* e distribuía beijos enquanto o mágico, a acrobata e dois malabaristas limitavam-se a acenar de longe aos passageiros que deixavam o teatro.

Um membro da equipe de animação se aproximou e gradualmente afastou Daniel do aglomerado. Ouvi um “Ahhh” choroso das garotas durante a despedida, seguido por um entusiasmado “Êêêê” após Daniel garantir que as reveria em breve na tal balada.

O grupo logo se debandou, até que me vi sozinha diante da porta do teatro, remexendo as miçangas da minha pulseira.



PERIGOSAS NACIONAIS

Nunca gostei de ambientes tumultuados em que a música é mais alta que os nossos próprios pensamentos e por este comportamento, já fui taxada de antissocial por alguns amigos. Mas tal atributo não me ofendia de forma alguma: se ser antissocial é preferir a companhia de um bom livro enquanto curte uma boa música e saboreia uma xícara de café quentinho ao invés de conversas enfadonhas gritadas diante de um *tunts tunts* ensurdecedor, então sim: eu era ré confessa.

Toda vez que sinto vontade de fazer algum programa fora, a minha primeira opção é uma ida ao cinema. Pode ser sozinha ou acompanhada - ou melhor dizendo - é sempre acompanhada de um balde de pipoca metade salgada, metade doce. Não são raras as vezes inclusive que a pipoca se torna o motivo principal do programa, deixando o filme para segundo plano.

Tudo isso para dizer que se Daniel conhecesse o meu histórico, saberia o quanto eu estava sacrificando pela pequena chance de conversar com ele. Eu estava trocando a Jane Eyre por ele - fala sério - e isso significava *tudo* aos meus parâmetros!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

A boate estava lotada. O ambiente se enchia daquelas frenéticas luzes piscantes e um cheiro de cigarro impregnava no ar.

Diversas pessoas remexiam o esqueleto a um som de bate-estaca.

Tunts, tunts, tunts...

Um grupo de pessoas passou saltitando do meu lado e senti o respingar de um líquido bastante suspeito - um misto de bebida alcoólica e suor alheio.

Meu olhos começaram a varrer o ambiente em busca do motivo pelo qual eu estava me sujeitando àquele lugar quando, de repente, senti um toque de mão alisando os meus cabelos por trás.

Daniel.

Me virei com um sorriso já aberto que murchou em seguida ao me deparar com um rapaz musculoso e que tinha um corte moicano descolorido nas laterais.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Muito prazer, filé!

- O prazer é somente seu mesmo - retruquei em tom seco.

Ele não entendeu a indireta - ou fingiu não ouvir - e começou a acariciar o meu braço.

- Posso te pagar uma bebida?

- Um chá de sumiço. E para já, por favor.

A minha impaciência por ambientes como aquele elevava de nível quando um desconhecido abusado se sentia no direito de tocar em mim.

Virei as costas para sair dali.

- Relaxa, nervosinha... - o sujeito segurou meu braço e insistiu. - Sabia que eu sou fissurado em um desafio? Vamos lá, me diga: você tem nome ou vou ter que te chamar de nervosinha a noite toda?

- Você só pode estar de brincadeira - puxei o meu braço com força. - Me deixa em paz, cara!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Está certo, nervosinha! Mas antes, deixe eu só te contar um segredo... - ele se aproximou do meu ouvido. - Eu sou um terrorista.

- O quê?!? - bradei assustada diante daquele anúncio absurdo e tão espontâneo.

- Calma bebê! O que eu quero dizer é que do seu lado eu viro um atentado.

Fui do pavor ao ódio mortal em um segundo.

Agora era eu quem estava prestes a cometer um atentado contra uma vida humana diante de mim.

Naquele instante, ouvi uma voz conhecida atrás de mim:

- Oi, minha gata... Eu me atrasei um pouco, desculpe. Este sujeito aí está te incomodando?

Enquanto me virava, Daniel colocou o braço sobre o meu ombro e encarava o sujeito com um olhar penetrante.

Sorri satisfeita.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Ele já estava de saída.

O sujeito se afastou, contrariado.

- Daniel! - exclamei. - Você chegou na hora certa!

- Eu percebi! De vez em quando embarcam uns caras folgados... Mas fica tranquila que o Dani aqui vai cuidar bem de você - ele me lançou um sorriso atravessado. - A propósito, você é linda sempre ou só quando respira, gatinha?

Enrubesci. Ele tocou de leve no meu queixo antes de complementar:

- Acho que vou ter que manter os olhos bem abertos nesses idiot...

Ele não conseguiu concluir a frase quando foi abordado por quatro garotas seminuas que se achavam semideusas. Elas usavam o uniforme típico das baladas: vestido embalado a vácuo, cabelos pranchados, olhos pretos como um panda, boca melada de gloss. Pareciam recém-saídas de uma mesma linha de produção.

PERIGOSAS ACHERON

Elas agarraram Daniel sem qualquer pudor e, jogando seus cabelos no meu rosto ao se virarem, o arrastaram para a pista de dança.

E como não ter motivo para ficar já era um bom motivo para ir, voltei à minha cabine a fim de curtir o prazer de minha própria companhia.

Após um banho relaxante, observei o meu reflexo no espelho - de cara lavada, com sardinhas evidentes, cílios curtos, lábios rosados e cabelos molhados e escorridos. Esta era definitivamente a minha versão preferida.

Por que nós, garotas, sentíamos uma necessidade quase brutal de exibir uma versão diferente de nós mesmas apenas para atrair a atenção dos outros? E a disputa era desleal: ou você exibia a sua melhor forma a fim de desbancar a concorrência, ou jamais conseguiria se destacar.

Originalidade? Nem pensar! Ser original era sinônimo de extravagância.

A verdade é que nos esforçávamos diariamente para sermos consideradas únicas e verdadeiras, mas

PERIGOSAS ACHERON

quando a nossa individualidade era posta a prova, nós seguíamos comportamentos padronizados, assim como as garotas de linha de produção da boate.

E será que eu era assim tão diferente delas?

O meu lado “Laila nua e crua” parecia tão entediante... precisava de um tempero.

Preparei um café quentinho e me reclinei na varanda, desfrutando do silêncio enquanto observava com fascínio a forma suave com que aquele imenso navio deslizava pelas ondas do oceano.

Liguei a luminária e me lancei novamente na leitura do meu livro.

“A noite está chegando” pensei, enquanto olhava pela janela. “Não ouvi a voz nem os passos do senhor Rochester na casa durante todo o dia, mas, com certeza, vou vê-lo antes da noite. Temia o encontro hoje de manhã, mas agora o desejo,
PERIGOSAS ACHERON

porque a expectativa foi tão frustrante que me deixou impaciente.”

Instantes depois, uma batida urgente na porta da cabine me despertou.

Me espantei com a silhueta por detrás do olho mágico: era Daniel.

Fiquei constrangida em atender, pois já vestia meu pijama de flanela amarelo largo e confortável.

As batidas persistiam.

Amarrei rapidamente os cabelos rebelados pela umidade do mar e abri uma pequena fresta da porta.

- Daniel! O que você...

Com a mão firme, ele abriu o restante da porta e entrou na minha cabine me lançando um olhar penetrante. Ele posicionou um dedo por cima dos meus lábios, me impedindo de continuar a falar.

PERIGOSAS NACIONAIS

- Não diga nada, Laila. Só me escute.

Pisquei os olhos, ansiosa.

- No momento em que eu vi você saindo da boate, eu senti um aperto aqui no peito. De repente, toda aquela festa perdeu a graça e não fazia mais sentido continuar ali, forjando um sorriso que só é realmente verdadeiro quando é direcionado a você.

Meu coração acelerou.

- De que me adianta toda a fama ou então ter essas centenas de garotas disputando a minha atenção...

Fama? Centenas?

- ... se a única pessoa de quem eu realmente quero receber essa atenção é você?

Parei de respirar por um instante.

- E... eu... eu não sei o que dizer... - engoli seco.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Basta você dizer apenas uma palavra, bem gata. Eu estou disposto a qualquer coisa para ficar com você.

Eu não podia acreditar nos meus ouvidos. Apesar de todo o seu charme e beleza, nós nos conhecíamos há apenas um dia. Aquilo parecia repentino demais.

Enquanto meus olhos eram só confusão, os seus eram pura expectativa e desejo.

Então ele me beijou.

Eu sabia que nada daquilo fazia sentido, mas naquele instante, eu apenas fechei os olhos e me entreguei às sensações.

O beijo que começou sufocante e urgente, mudou repentinamente para um toque mais afetuoso e ainda mais arrebatador. Senti uma pressão suave no queixo, como um leve roçar de barba...

Me afastei de sobressalto, ainda ofegante. Diante de mim havia um desconcertante par de
PERIGOSAS ACHERON

olhos azuis intensos.

Suas mãos acariciavam o meu rosto em um afago.

- Peter!! Mas o que está acontecen...

O telefone da cabine tocou. Peter completou a minha frase:

- O que está acontecendo é que eu não consigo me concentrar no trabalho desde o instante em que eu conheci você. Você fez com que eu olhasse para dentro de mim e percebesse o que deve ser prioridade na vida de um homem. E a minha prioridade é você, Laila. Só você.

O toque do telefone insistia, mas o meu corpo estava paralisado.

Meu coração pulsava em minha garganta.

- ... e eu admiro tanto você! - ele acrescentou. -
Tão linda, inteligente, batalhadora... e ainda tem esse senso de humor que faz a vida parecer mais leve e fascinante.

Seus olhos penetraram no mais profundo da minha alma quando ele afirmou em sua mais sincera voz:

- Você me salvou, Laila.

Eu ouvi direito? Eu o salvei?

A paixão que eu vi em seu olhar alimentava as borboletas no meu estômago.

Como magnetismo, todas as forças dentro de mim queriam desesperadamente beijá-lo novamente.

A quietude daquele momento foi interrompida pelo som de uma secretária eletrônica atendendo a ligação no viva voz.

Ambos viramos nossas cabeças em direção ao telefone quando uma voz conhecida surgiu do aparelho:

“Laila, aqui é o senhor Thomas... Assim que você retornar dessa viagem que você ganhou por caridade, passe aqui na contabilidade para assinar

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

a sua rescisão. O valor é uma merreca, mas deve significar muito dinheiro para alguém que foi lançada no olho da rua. Pois é... sabe-se lá quando você vai arranjar outro emprego com essa sua, digamos, falta de capacidade. Passar bem.”

Acordei em um sobressalto, derrubando o livro que estava no meu colo.

Um misto de confusão e alívio se entrelaçavam.

Com a ondulação suave do oceano, tentei colocar a cabeça de volta no lugar.

Inspirei. Expirei.

A visão de Daniel se declarando, abrindo mão de tudo para ficar comigo.

O beijo ardente de Daniel, seguido por outro beijo mais romântico... de Peter!

A contemplação do seu olhar...

Até aí, um sonho muito estranho e sem sentido - mas ainda assim, um sonho.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Mas como acordar e dizer que tudo não passou de um pesadelo quando a realidade exposta pelo suposto senhor Thomas era tão verdadeira?



EU SOU TERRÍVEL:



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 11

- Dia 3 -

Mar calmo, pensamentos agitados.

Certa vez, sonhei que eu estava no topo da Torre Eiffel quando surgiu diante de mim um balão de ar quente conduzido por ninguém menos que Johnny Depp. No sonho, ele era um agente do FBI que me convocava a uma missão específica: salvar o planeta Terra da ameaça dos zumbis que se alimentavam de qualquer coisa que tivesse a cor azul. Imagine a minha alegria ao constatar que o uniforme do Johnny era justamente de um tom azul marinho? Como nova recruta, minha primeira ordem foi para que ele se livrasse daquela roupa de imediato.

PERIGOSAS NACIONAIS

A conclusão era que sonhos não significavam nada: nunca estive em Paris, nunca conheci um agente do FBI e só vejo um zumbi quando me olho no espelho nas segundas-feiras pela manhã. Ao menos eu posso dizer que já vi Johnny Depp só de cuecas. Vermelhas, por sinal, para minha completa decepção.

Quem inventou esse papo de que os sonhos necessariamente tem alguma interpretação coerente ou que pode ser um sinal de presságio devia apenas sonhar com algodão-doce e arco-íris.

Eu seguiria aproveitando as minhas férias ao máximo, sem impor qualquer obrigação a mim mesma - afinal de contas, na semana seguinte Daniel, Peter e os demais passageiros seguiriam suas vidas como se nunca tivéssemos tido qualquer contato.

Aliás, neste primeiro dia de navegação eu tinha apenas um único compromisso: o de não perder o horário do café da manhã - algo que o meu estômago já se encarregava de dar este recado.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Coloquei um vestido floral soltinho, calcei uma sandália confortável e me dirigi até o deck superior.

Uma mesa farta estava disposta. Comecei os trabalhos me servindo de algumas frutas e iogurte - a ala menos disputada pelos hóspedes naquele momento - com a intenção de a seguir me lançar feito uma capivara nervosa no omelete com bacon, queijo e muita batata palha.

Com a bandeja em mãos, comecei a procurar por uma mesa disponível no salão abarrotado de pessoas. Já estava prestes a levar a bandeja para a área externa quando avistei Peter de longe, sozinho em uma mesa de frente a uma janela circular com vista para o oceano.

Ponderei por alguns instantes se deveria me juntar a ele, relembrando com certo embaraço do sonho da noite anterior. Contudo, como a realidade era bastante diferente da invenção do meu subconsciente, resolvi arriscar.

Estava na metade do caminho quando o destino encarregou-se de me colocar um freio.

PERIGOSAS ACHERON

Uma mulher perfeitamente equilibrada em um salto quinze aproximou-se e sua mesa e o abordou. Com ela de costas para mim e a uma distância considerável, não consegui ouvir o conteúdo da conversa, mas analisei as feições de Peter.

De início, ele franziu os olhos demonstrando uma certa hesitação. A seguir, ele se levantou da mesa com um sorriso cordial e estendeu a mão para cumprimentá-la. Ela pegou a sua mão e sem qualquer pudor, o puxou para um abraço próximo e que me pareceu bastante longo. Tive a impressão de que eles já se conheciam. Quando ela finalmente se sentou à mesa, me dei conta de que eu também a conhecia a loura bronzeada de peitos turbinados: era a tal Isla, a Shakira tupiniquim do concurso de dança.

Ela usava um decotado vestido listrado nas cores náuticas e um chapéu branco de abas largas. Movimentava seus cabelos compridos e platinados de maneira frenética em uma clara linguagem corporal de “estou muito a fim”.

Fiquei abstraída com aquela cena até uma

criança passar correndo do meu lado, quase derrubando a bandeja de minhas mãos.

Meu olhos voltaram a percorrer o local em busca de uma mesa que me permitisse alimentar tanto meu estômago quanto minha curiosidade, mas o ambiente estava abarrotado e tive que me contentar em dividir o espaço na área externa com o sol a pino e fumantes de plantão.

Eu ainda mordiscava a primeira fatia de mamão quando o astro-rei da noite anterior surgiu do meu lado.

Daniel parecia mal humorado e usava um óculos de sol que tapava metade de seu rosto.

Sentou-se ao meu lado, posicionando sua bandeja na mesa:

- E aí, bem gata... só vai? - falou com uma voz desanimada.

Como é que ser responde a um “*só vai*”?

- Tudo. Tudo bem comigo - falei. - Mas pelo
PERIGOSAS ACHERON

visto o dia não está trabalhando muito ao seu favor hoje, né?

- Pois é... a festa de ontem foi até altas horas. Estou todo zoadado.

- Ué... mas nos dias em que você trabalha até tarde, você não ganha umas horas a mais para dormir no dia seguinte?

- Quando eu sou escalado para trabalhar até tarde sim, eu ganho folga. Só que ontem eu fui dispensado cedo, mas acabei ficando, papeando, bebendo, dançando... quando me dei conta, o dia já estava amanhecendo. Agora vou ter que passar o dia a base de energéticos e remédios para ressaca.

Ele tentou aparentar um certo constrangimento, mas um tênue sorriso de satisfação em seu rosto reforçou a minha suspeita de que ele pretendia deliberadamente sugar até a última gota do seu sucesso momentâneo da noite anterior com as garotas a bordo.

- ... mas enfim! Agora que eu já estou na labuta, fique tranquila que eu vou me sentar bem

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

aqui, na sua companhia! O que você acha?

Era como se eu devesse me sentir honrada em partilhar a mesa de café da manhã junto da celebridade mor do navio.

Antes que eu pudesse responder, ele analisou o meu prato e mudou de assunto:

- Olha só que orgulho, Laila! Você leva a sério a dieta até mesmo em um cruzeiro *all inclusive*! Isso não é para qualquer um!

Decidida a não mais mentir, falei a verdade só para variar:

- Aguarde mais um pouco e você verá se eu tenho mesmo todo esse foco! Que se *donnuts* a dieta, meu caro!

Daniel riu.

- Você fala isso brincando, mas sabia que tem muita gente que realmente pensa assim? Acham que só porque estão de férias, podem descuidar do *shape*?

PERIGOSAS ACHERON

Mas quem disse que eu estava brincando?

- Hmm... é mesmo? - forcei um sorriso.

- Sim, pô! Não sei como que esses frangos tem a coragem de jogar no ralo todo o esforço feito por meses a fio - ele ergueu os bíceps, exibindo seus músculos contraídos. - Para mim, isso aqui é quase que uma religião, sabe? E fico baita feliz de saber que você pensa o mesmo! Eu sabia que não tinha me enganado com relação a você!

Se eu negasse aquela afirmação agora eu tinha certeza de que ele me atearia fogo em praça pública.

E bem... me manter focada na alimentação durante aquela única refeição - sim, seria apenas durante *aquela* refeição - não me faria mal.

- Sim, é claro...

- Então deixa eu vou te dar uma dica baita fera: peça para o cozinheiro te preparar um café da manhã anabólico. Ele faz uma panqueca proteica a base de whey, clara de ovo e farelo de aveia. É tudo
PERIGOSAS ACHERON

sem glúten, sem lactose e sem gordura.

Sem gosto e sem graça também, pensei.

Enquanto isso, a Laila versão robótica apenas murmurava:

- Que interessante! Vou pedir amanhã.

Logicamente, na manhã seguinte eu fugiria de Daniel como o diabo da cruz.

- Amanhã, nada! Eu vou lá fazer o pedido para nós agora mesmo! Mas como você está de férias, acho que você também pode se dar ao luxo de incluir uma sobremesa, né?

Obrigada meu pai santíssimo!

Já que meu sonho de um café da manhã regado à bacon ruiu, eu compensaria com uma das belíssimas sobremesas que eu vi expostas lá no buffet. Tinha um sonho com doce de leite irresistível que...

- ... mas pode deixar isso por minha conta

também, gatinha! Eu vou pedir uma tortinha de batata doce, grão de bico e cottage que imita uma *cheesecake*! Aposto que você nem vai perceber a diferença!

Mal-humorada, eu já não tinha mais energias para forçar um sorriso, tamanho era o nível de falta de açúcar no meu sangue.

No instante em que ele pronunciou “batata doce”, meu cérebro começou a traçar um plano de fuga. Eu poderia arrumar uma desculpa qualquer, um “*Puxa vida, eu preciso ir! Acabo de me lembrar do curso de manipulação de marionetes que eu me inscrevi hoje cedo!*”. Saindo às pressas, eu me esconderia atrás do bar da piscina e espiaria até que Daniel saísse, concedendo ainda uns dois minutos só por garantia. Depois disso, eu me debandaria ao restaurante, onde aqueles salivantes *donnuts* açucarados estariam me aguardando ansiosos em serem abocanhados.

- Espere só um pouquinho aqui, minha donzela. O seu súdito aqui vai lá rapidão e retornará com o melhor manjar que você já degustou em toda sua

breve vida!

Dito isso, ele pegou a minha mão como um perfeito cavalheiro e a beijou, mantendo seus olhos fixados nos meus.

E essa era toda a “doçura” que o meu sangue precisava para recuperar o bom humor.



- Vamos lá, mocinha! Onde está essa força que eu não estou vendo? *Vambora, vambora!*

Além de suar em bicas, eu ainda tinha que aguentar aquela voz de gralha gritando em meu ouvido. Quando eu lhe devolvi um olhar irritado, a instrutora tirana da academia logo emendou com uma risadinha irônica:

- *Welcome to hell*, ô florzinha delicada! Se você

PERIGOSAS NACIONAIS

quer ser adulada, vai lá para o spa porque aqui o treino é *pesadá*ssô!

- Só que esse tanto de peso que você colocou é desumano - bati o pé.

- Peso difícil é aquele que você tem que levantar da cama todos os dias, flor!

Objetei que todo o meu corpo estava dolorido, mas ela logo me passou o sermão da Igreja dos Marombados de que DOR nada mais era do que a sigla para “D”edicacão, “O”timismo e “R”esultado, acrescentando em tom solene que a dor da disciplina era melhor do que a dor do arrependimento.

Nesse ponto eu fui obrigada a concordar: eu já estava mesmo arrependida de estar ali. Eu estava pagando todas as minhas penitências de uma só vez.

Uma vez encurralada, passei a praticar o meu exercício preferido em academias: o da observação. Eu me divertia com os narcisistas que se contorciam em poses extravagantes em frente ao PERIGOSAS ACHERON

espelho na tentativa de conseguir aquela *selfie* motivadora. O objetivo era claro: mostrar as veias saltadas enquanto fazia uma expressão marrenta e sofredora. Eu também vi quando algumas pessoas pingando suor saíram de um equipamento sem limpá-lo, deixando o usuário seguinte revoltado.

Mas a instrutora não prestava atenção a nada disso e só tinha olhos para encarar a pupila.

- Acelera, mocinha - ela gritava em meio a palmas estridentes. - Beijinho no ombro para a gordura passar longe! *Vambora!*

Eu ansiava por um pouco de privacidade a fim de me auto boicotar entre um exercício e outro, mas da mesma forma com que ela tinha uma voz de gralha, tinha também olhos de águia.

A instrutora finalmente me deu uma trégua quando Daniel apareceu. Observei de canto de olho que eles conversavam muito próximos, mas não consegui ouvir o teor da conversa.

Me escapuli para a bicicleta ergométrica; ao menos ali eu poderia seguir no meu próprio ritmo.

PERIGOSAS NACIONAIS

Tropecei em um altere, o que chamou a atenção de Daniel:

- É isso aí, gata! *No pain no gain!* - ele ergueu o braço e apontou para seu bíceps, onde tinha feito a tatuagem.

Fiz um sinal de positivo com o dedão e segui para a bicicleta, tentando fingir interesse no exercício que estava por vir.

Ele se aproximou.

- Olha só, Laila... eu vou ter que trabalhar agora. Sabe como é, o dever me chama.

- Claro, vai lá! - respondi com um tom empolgado. - Eu vou ficar mais um pouco e aproveitar para fazer a aula de funcional...

Ele sorriu orgulhoso.

- Nossa, que inveja! Se eu pudesse, também passaria o dia inteiro treinando. A gente se encontra depois nas atividades da tarde?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Ô! - respondi monossílaba.

Eu sabia que isso não aconteceria, já que certamente eu estaria desprovida de forças nas pernas pelos próximos dias.

Ele me deu uma piscadela e saiu.

O plano agora era fugir daquele lugar. A fome era tamanha que o meu estômago já estava prestes a devorar o pâncreas.

Contudo, bastou Daniel virar as costas para a instrutora voltou a dirigir sua atenção ao frango que ela escolheu para adestrar naquele dia.

- Chega de papo furado agora e bora queimar esse culote! - as palmas “motivacionais” voltaram. E ajeita esse cabelo todo desgrehado também, dona moça!

Meus olhos imediatamente caçaram um espelho e constataram que a infeliz tinha toda razão: o meu cabelo estava todo espetado e o rosto parecia um tomate encerado de tão brilhante.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Parei para tentar ajeitar os fios do cabelo com o suor, mas a hiena surda não perdoou a pausa e berrou novamente ao meu lado:

- Eu estou de olho em você, dona moça...
Vamos lá! Pedala, PEDALA!

O conceito do ditado “barriga vazia não tem ouvidos” nunca me pareceu mais verdadeiro.



O mundo voltou a girar em perfeita sintonia.

Após deixar a academia suando mais do que tampa de marmitta, voltei à minha cabine para uma rápida ducha. Com o corpo ainda massacrado, me dirigi ao bálsamo da vida: a banheira de hidromassagem.

Enquanto deixava aquela água morna e

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

borbulhante me relaxar, cheguei a conclusão de que aquela ‘brincadeira’ já estava ficando fisicamente perigosa para mim: eu precisava encontrar uma forma de ficar imune ao charme de Daniel.

Meia hora depois, me sentia renovada para explorar os cantinhos mais remotos do navio.

A medida que eu caminhava, notava ainda mais a imensidão do navio. Passei pelas mais diversas opções de entretenimento a bordo: cassino, torneios esportivos como basquete e pingue-pongue, uma parede de escalada (que eu só cogitaria subir se no topo tivesse algo como uma caixa de chocolates suíços como recompensa) e até uma tirolesa que cruzava toda a extensão do convés principal. Cruzei também por uma piscina que simulava ondas para a prática de surf, onde os espectadores torciam mais pelo tombo alheio do que pela revelação da nova promessa do surf mundial.

Ao subir algumas escadas, cruzei por uma encantadora capela com capacidade para umas cinquenta pessoas, onde os casais podiam realizar uma cerimônia de casamento em alto-mar

PERIGOSAS ACHERON

celebrada por algum oficial do navio.

Quando imaginei já estar no ponto mais alto do navio, avistei adiante a imponente letra D que reinava solitária no topo da embarcação. Ao seu redor, lâmpadas pequenas e arredondadas lhe conferiam um brilho que simulavam um diamante - o nome da embarcação - e iluminavam todo o convés durante a noite.

Uma escada em caracol quase escondida atrás de um pilar conduzia até aquele topo. Quando cheguei no último degrau, a visão foi inacreditável em três sentidos.

Primeiro, a imensidão que se enxergava do alto: toda a proa, onde podia-se enxergar o mesmo horizonte a ser desbravado que o comandante via diante de si, até a popa do navio com seu rastro de espuma esbranquiçada deixada pelas hélices do motor.

O segundo motivo é que os demais hóspedes do navio não deviam ter a menor ideia de que havia um lugarzinho assim tão arrebatador e

PERIGOSAS NACIONAIS

aconchegante como aquele, já que havia apenas mais uma pessoa lá em cima.

E a terceira inacreditável razão é que entre três mil e seiscentos passageiros a bordo, esta pessoa era Peter.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 12

- Dia 3 -

- Que coincidência! - Peter exclamou, parecendo não dar tanta importância ao fato de nos encontramos de uma forma tão inesperada ali, em um lugar quase clandestino. Estávamos absolutamente sozinhos.

A voz de minha mãe ressoou no meu ouvido: *“Coincidência é a presença anônima de Deus na situação”*.

- É... demais! - devolvi, tentando conter a perplexidade.

Comecei a puxar uma conversa casual no estilo

“será que vai chover” acrescentado de um “ainda é muito cedo para tanto calor”, que de repente, sem eu perceber, passou para uma provocação irônica do tipo “*Ah, mas eu percebi durante o café da manhã o quanto você está realmente focado no seu projeto de trabalho!*”.

Meu tom de voz saiu um tanto estranho, como se ele me devesse uma explicação!

Ele apenas sorria enquanto a minha boca desgovernada continuava falando de forma cínica que “*Essa sua amiguinha platinada deve ser uma executiva à paisana!*”.

Ele me perguntou o que significava “platinada”, e depois usou o mesmo termo para me explicar que a “platinada” era uma ex-colega de trabalho que ele mal tinha reconhecido, pois já fazia muito tempo desde que eles haviam trabalhado juntos.

- Mas que coincidência vocês se encontrarem aqui! Eu imagino que você a tenha reconhecido bem depois daquele abraço, certo?

Peter achou graça, e eu me senti envergonhada.
PERIGOSAS ACHERON

Eu estava exagerando na dose de ironia. Até parecia que eu estava com... ciúmes!

Para minha sorte, ele desconsiderou esta última provocação. Ao invés disso, ele disse franzindo as sobrancelhas:

- Só falta você me dizer que não acredita em coincidências!

- Não. Não acredito - respondi taxativa.

- Então se o fato de nos encontrarmos em um lugar tão isolado do navio não é uma coincidência, é o quê?

- Bem, é... é... uma simples obra do acaso.

- Obra do acaso, mas é claro! - ele bateu na própria testa, como se tivesse tido uma revelação. - Pois veja só... eu também acredito em obra do acaso! É ou não é uma grande coincidência? - ele alfinetou, rindo da própria piada.

- *Tremenda* coincidência - ironizei, também

PERIGOSAS NACIONAIS

soltando um fiapo de risada tímida.

- Mas quer saber? Eu vejo mais uma possível explicação.

- É mesmo? E qual seria?

- Você pode ser uma *stalker*!

- Não me diga!

- É... aquela pessoa que fica na espreita, espionando a vida alheia.

Fingi ter ficado surpreendida com a revelação. Puxei o ar profundamente e coloquei a mão no peito de forma dramática em uma atuação exagerada:

- Oh céus! Você me desmascarou! Está bem Peter, eu confesso: eu sou uma espiã soviética. Terei que reportar aos meus superiores que fui descoberta e precisarei abortar a minha missão.

Peter riu.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Não ria. Agora que você sabe a verdade, eu terei que te matar.

- Nossa, Laila! Você tem sorte de ser uma executiva tão bem-sucedida, porque se você dependesse da sua atuação para viver, não conseguiria emprego nem no teatro da escola.

Aparentei ter ficado sentida.

- Pois o senhor fique sabendo que quando eu quero atuar, eu convenço qualquer um.

- Não sei, não. Eu me julgo um bom detector de mentiras.

Dei um sorriso sem graça.

Relembrei o sonho da noite anterior; do olhar de admiração de Peter enquanto me tecia elogios e do quanto eu não era digna de ouvir nada daquilo.

Ele não fazia a menor ideia de quem eu realmente era.

Balancei a cabeça a fim de esclarecer as ideias e

PERIGOSAS ACHERON

afastar esses pensamentos.

Para mudar de assunto, apontei para o laptop aberto em cima de uma mesinha improvisada ao lado de um caderno com anotações.

- Pelo visto essa sua viagem está sendo mesmo a trabalho! No que exatamente você está trabalhando - quer dizer... se você não se importar em falar, claro.

Ele imediatamente assumiu um ar mais sério, como se eu tivesse apertado um interruptor.

- Absolutamente! Você gosta de ler, Laila?

Abri um sorriso. Finalmente eu podia falar algo para Peter que retratava o meu verdadeiro eu, sem mentiras nem exageros.

- Eu sou apaixonada por qualquer coisa que envolva o universo literário!

- Que bom! Talvez você possa me auxiliar em uma pesquisa então! - ele colocou um óculos de grau que lhe conferiam um charme intelectual e

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

acrescentou. - Uma multinacional contratou nossos serviços para desenvolver um projeto de *marketing* de um novo leitor digital chamado “Anglo”.

- Sei. - falei reticente. Eu ainda não era uma adepta dos leitores digitais.

- A ideia é lançar um leitor que vá além dos que já existem no mercado. Ele terá aquela mesma tela fosca simulando a leitura de uma folha de papel, mas o diferencial é que este não será somente em preto em branco, e sim colorido. As cores permitirão a adição de imagens, mapas e fotografias mais vívidas no livro com a ideia de enriquecer a experiência de leitura.

- U-hum...

- Além disso, eles também estão projetando um dispositivo de som. Se você estiver lendo Vinte Mil Léguas Submarinas, por exemplo, toda vez que o Capitão Nemo estiver usando o submarino, o aparelho ativa um som de imersão na água; quando algum personagem estiver ouvindo uma música, essa canção começa a tocar no aparelho também,

PERIGOSAS ACHERON

entende?

- Nossa!

- E então... o que você acha?

- Bem... todos esses atrativos são realmente tentadores. Mas você quer saber a opinião sincera de uma leitora apaixonada, certo?

- Claro! - Peter posou seus olhos em mim com plena atenção.

- Eu acho que o maior desafio desse produto será convencer a “velha guarda”. A próxima geração vai crescer acostumada aos leitores digitais, mas a maioria dos leitores de hoje em dia ainda são muito apegados ao papel.

- Imagino que você diga isso por experiência própria?

- Sim. Para mim, ostentação não é andar conforme a modinha da novela ou exibir um celular de última geração, e sim ter uma estante cheia de livros em casa!

Ele sorriu.

- É uma boa colocação!

- E eu sou uma viciada convicta em cheiro de livros. Novos, antigos, qualquer um. Isso não tem como simular em um leitor virtual!

Peter silenciou e olhou para longe, pensativo.

- Me desculpe, Peter. Acho que eu mais atrapalhei do que ajudei, né?

Ele levou mais uns segundos para sair daquele estado de introspecção.

- Muito pelo contrário! - falou animado. - Agora eu tenho ainda mais certeza de que você é a pessoa certa para me ajudar!

- Como assim? - perguntei confusa.

- Eu também gosto muito de ler, mas desde que o primeiro leitor foi lançado eu não tive nenhuma dificuldade em trocar o papel pelo digital. E eu preciso de alguém que pense exatamente como

você, para que você me diga o que te convenceria a dar uma chance para o Anglo!

- Entendo. Você quer contratar os meus serviços de consultoria, então? - falei em tom brincalhão.

Os olhos dele assumiram em um inconfundível ar de culpa.

- Me desculpe, Laila. Às vezes eu me esqueço de que eu sou o único passageiro a bordo que não está aqui para curtir férias.

- Eu estava só brincando com você! - puxei uma cadeira mais próxima da mesa. - É claro que eu te ajudo! Eu só não sei exatamente de que forma.

Seus olhos voltaram a sorrir em silêncio.

- Bem, eu imagino que você já tenha uma certa experiência com a área de marketing da sua empresa, certo?

E agora? Será que ele começaria a usar termos técnicos que me fariam passar vergonha? Claro que

PERIGOSAS ACHERON

em últimos casos eu poderia fingir uma tontura ou enjoo ocasionado pelo balanço do navio. Sim, essa seria uma desculpa bastante convincente caso fosse necessário.

- Bom... digamos que de certa forma. Existem um outro funcionário na empresa coordenando essa área.

Boa! Com essa resposta, eu não me sentia na obrigação de saber nada muito aprofundado sobre o assunto.

- *Okay...* De qualquer forma, é bom poder contar com uma opinião qualificada como a sua.

Não fique vermelha, Laila. Não fique vermelha!

Ele questionou:

- Por acaso existe algo específico que vem à sua mente quando o assunto é conquistar este público-alvo?

Olhei para o alto e fiquei observando o movimento lento das nuvens no céu enquanto o
PERIGOSAS ACHERON

navio se movia suavemente. Pensei por alguns instantes antes de falar em voz alta:

- Bem... além de ressaltar todos os diferenciais do Anglo que você citou, você também poderia focar na diferença entre ler um livro em um leitor digital versus um tablet ou celular. Acredito que grande parte desse público ainda confunde os dois aparelhos. Eu por exemplo, não gosto de ler nessas telas que refletem e cansam a vista.

- É verdade... - ele fez uma anotação em seu caderno. - Às vezes partimos do pressuposto de que a concorrência já fez todo o trabalho de divulgação desses diferenciais, mas muitas pessoas ainda desconhecem a distinção entre esses dispositivos.

- E dá para reforçar que os tablets e celulares também sofrem muita interferência externa como aqueles alertas de mensagens ou redes sociais que acabam desviando o foco da leitura. Já o Anglo seria um aparelho com foco exclusivo na leitura, sem interrupções.

Peter continuava fazendo anotações, o que me

estimulou a continuar:

- ... fora a praticidade em transportar vários livros em um só aparelho, claro. Eu, por exemplo, trouxe três livros para esta viagem que ocupam um espaço considerável na mala!

- Verdade. Este é mais um bom ponto! - ele disse. - Eu só preciso juntar todas estes pontos de vista na criação de um slogan para a campanha de publicidade.

- Tem que ser algo que instigue os leitores mais tradicionais a abrir a mente para outras formas de leitura.

Peter levantou os olhos do computador, sorrindo:

- Estou impressionado, Laila! Já tenho a garota propaganda do produto!

Levantei as duas mãos em um gesto rápido, contestando a ideia.

- Muita calma nessa hora! Eu só estou ajudando
PERIGOSAS ACHERON

a ressaltar os pontos positivos, mas em nome da classe eu afirmo que o processo de mudança de nossos corações apaixonados por livros físicos vai exigir mais do que isso.

- ... como por exemplo?

- Bem... como é que o Anglo substituiria a sensação de folhear as páginas de um livro?

- Obviamente não temos a folha em papel, mas o movimento de mudar de página na tela é similar e o dispositivo pode acionar um efeito sonoro de... *turning page*, sabe? Está bem assim para você?

Achei a ideia interessante, mas eu ainda não estava convencida.

- Essa ideia é boa, mas e o que você me diz do cheiro de um livro novo?

- Você não vai deixar essa passar, não é? - ele me fitou esboçando um sorriso levíssimo no canto da boca.

- Não. Ou você encontra uma solução para este

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

conflito ou terá que me internar em uma clínica de reabilitação para viciados em cheiro de livros.

Ele ponderou, não descartando a hipótese.

- Quando você comentou isso antes, eu tive uma ideia. Eu vou fazer umas pesquisas para checar a viabilidade, mas tentarei dar um jeito de saciar essa sua dependência.

- Sério? Se você conseguir fazer isso, ficará a um passo de me conquistar!

A frase me escapou sem pedir licença. Peter pareceu surpreso com aquela súbita declaração e eu tentei remendar.

- Quero dizer... ähn... digo...

Ele me dispensou de mais um ataque de gagueira com um rápido aceno de mão e acrescentou, satisfeito:

- Não precisa explicar, Laila. Eu posso ser *gringo*, mas entendi o que você quis dizer.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Tentei disfarçar o constrangimento com um sorriso murcho e me calei.

Quando o silêncio já estava a ponto de cruzar a linha tênue de tornar-se embaraçoso, ele foi quebrado por um comentário sarcástico.

- ... mas pensando bem, alguém deveria avisar àquela sua tal “participação especial” que se ele presenteasse você com um livro, a conquista seria bem mais eficaz do que com uma pulseira.



Se havia algum lugar que poderia receber a definição de “paraíso” no dicionário náutico, este lugar era a banheira de hidromassagem. A sensação de cozinhar naquela água quente era o verdadeiro alcançar da glória: um arrepio aconchegante, um relaxamento total do corpo.

PERIGOSAS ACHERON

Mas como tudo o que a princípio se mostra perfeito vem sempre seguido de um longo “*maaas*”, neste caso além de ser um bálsamo para os corpos fatigados, a hidromassagem também era o antro dos casais apaixonados. Eu, na condição de uma maruja solteira tão pagante daquela passagem quanto qualquer outro hóspede (está bem... *quase* isso! Mas eu não andava com um crachá sinalizando que estava ali por pura sorte!), me sentia no direito de estragar aquela “festinha”.

Naquele momento, eu já tinha desenvolvido um sistema para fazer valer o meu direito ao artigo primeiro da constituição naval (ninguém é obrigado a tolerar casais-egocêntricos-beijoqueiros-em-óbvia-demonstração-pública-de-afeto dentro da banheira de hidromassagem): eu me jogava na banheira com a delicadeza de um elefante seguida de um sonoro “Ahhh...” na intenção de demonstrar todo um alívio proporcionado por aquela água quente. Começava a brincar na água fazendo pequenas ondinhas ao remexer os pés no centro. Se algum deles me olhasse de canto de olho, eu lançava a frase mágica: “*Não parece que aqui dentro somos todos frangos de uma mesma sopa?*”,

e pronto: em dois ou três minutos e o tal casal apaixonado seguia seu rumo para outros afazeres que eu preferia não pensar a respeito.

Depois disso, era só tranquilidade - ao menos até a chegada do próximo casal de pombinhos.

Enquanto eu saboreava daquele bálsamo, uma lembrança me veio à tona: naquele exato instante, o mundo continuava a girar. As avenidas mundo afora continuavam lotadas de motoristas estressados e buzinas ensurdecedoras, os bancos com suas filas intermináveis, clientes estúpidos ao telefone dizendo que tinham o problema mais urgente do planeta para se resolver. Enquanto isso, no Diamond a vida real era colocada em suspenso por uma semana.

Quer dizer, à exceção de Peter.

Talvez após esta reunião ele poderia finalmente se dar ao luxo de aproveitar um pouco do restante da viagem.

Quando o deixei, ele permanecera envolto na missão de criar uma *catch phrase* - que entendi ser PERIGOSAS ACHERON

algo como um “bordão” para o projeto.

E quanto a mim, eu tinha descoberto o frescor de um novo sentimento dentro de mim.

Eu havia sim me sentido realizada em partilhar com Peter um pouco do universo literário o qual eu era tão apaixonada, mas havia algo além disso.

Satisfação.

Orgulho próprio.

Realização.

Peter fez questão de agradecer pela minha colaboração, e eu pude sentir que os seus elogios eram de fato genuínos.

Eu *de fato* havia colaborado. Eu tinha sido útil e essa sensação era nova para mim.

Enquanto eu estava perdida nesses pensamentos, duas pessoas entraram na hidromassagem: um pai de meia idade com seu filho adolescente. Eles prosseguiram com a

conversa que já estavam tendo antes de se acomodarem na banheira.

- ... tipo, a orientadora até falou que se eu não passar nessa matéria, eu vou ter que repetir o ano todo com uma turma mais nova. Aí fica difícil, pai! Nem quero pensar nisso!

- Pois é, meu filho! Eu sempre te digo ‘preste atenção nas aulas, estude um pouco da matéria todo dia para não deixar tudo acumular na semana das provas’, mas você não me escuta. Toda vez você me pede para confiar em você!

O mundo não parecia ter ficado em suspenso para aqueles dois também.

- Pô pai, eu já sei que eu vacilei! Só não precisa ficar jogando isso na minha cara agora! - o garoto suspirou fundo - Meu, meu, meu....! Eu não posso nem imaginar. Droga! Se eu reprovar, todo mundo passa para a série adiante e eu fico tendo que aturar a pentelhada.

- É... eu não vou te enganar. Provavelmente você perderia alguns dos seus amigos sim. E com PERIGOSAS ACHERON

certeza passaria uma certa vergonha...

Eles estavam tão envoltos em sua conversa que me senti segura em observá-los. O pai não dava moleza para o desespero aparente do filho. Eles ficaram em silêncio por um minuto, e conseguia notar que o pai calculava mentalmente as próximas palavras.

- Mas ainda dá tempo de convergir toda essa ansiedade em um esforço para reta final das provas, filho. Nem tudo está perdido.

- Mas é praticamente impossível. Tenho que tirar nove em, pelo menos, três matérias, sendo uma delas matemática. Tipo... a orientadora até tentou me incentivar com aquele papo de ver o copo meio cheio e tal, mas se me der sede, eu bebo a tal da água e encho de novo.

- Pois é... Tecnicamente o copo continuará cheio... cheio de ar! - o pai respondeu sorrindo. - Mas é aí que mora o segredo: é só você que pode encher a água de novo no copo, filho. A atitude só depende de você.

PERIGOSAS NACIONAIS

O garoto ficou pensativo.

- Pode até ser, mas não é fácil mudar.

O pai reagiu rapidamente, percebendo que estava prestes a ganhar o debate.

- É difícil mesmo, mas você pode começar a fazer as coisas de um jeito diferente. Por exemplo; separe uma hora específica do dia para os estudos, arranje uma forma nova de estudar, faça uma lista das matérias que são prioridades...

- Mas eu nunca fui um cara muito organizado, você sabe...

- Mas você pode também pode mudar isso! Para tudo tem uma primeira vez, filho. Isso faz parte do seu amadurecimento. Você já deve ter percebido que esse seu jeito de lidar com os estudos não está dando certo...

Neste instante, arregalei os olhos e me levantei de súbito, interrompendo brevemente a conversa dos dois.

PERIGOSAS ACHERON

Saí da banheira e me sequei rapidamente, catando a minha saída de banho e calçando os chinelos.

Aquela conversa tinha me dado uma ideia para o slogan da campanha de Peter, mas eu tinha que ser rápida para não permitir que meus pensamentos vagassem para alguma outra direção.

Apressei os passos rumo à escada em caracol pensando que a ideia me soava muito boa e talvez valesse a pena ser compartilhada.

Quando eu estava cruzando a área de piscina, ouvi alguém me chamando.

- Laila, Laila!

Me virei e vi Daniel, mais lindo do que nunca. Ele vestia uma camiseta cinza com o nome “Precious Line” bordado em azul. O uniforme seria bastante simples não fosse pelo fato de que ela estava tão justa em seu corpo que ressaltava cada centímetro de seu braço definido.

O tipo de distração que poderia me fazer

PERIGOSAS ACHERON

esquecer até o meu próprio nome.

- Tudo bem com você? - ele disse enquanto me dava um beijo rápido na bochecha. - Será que eu posso falar com você um instante?

- Danieel! - gritou uma voz masculina de longe.

- Acho que estão te chamando, né? - repliquei.

- Droga! É o meu supervisor. Eu preciso ir até lá para falar com ele, mas também tenho uma coisa importante para dizer a você.

- Na realidade eu também estou com um pouquinho de pressa... nos vemos mais tarde? - propus.

- Danieel!

- Sim, sim, claro! Posso passar na sua cabine mais tarde, antes do seu horário de jantar?

Estranhei. O que poderia ser assim tão urgente?

- Claro! Pode ser... - informei-o do número da

PERIGOSAS NACIONAIS

minha cabine e o fitei com um olhar misterioso. - Mas você pode adiantar o assunto? Só para eu não morrer de curiosidade até a noite?

- Danieeeeeel! - dessa vez o grito veio mais urgente e irritado.

- Um convite irrecusável! - ele gritou, enquanto corria em direção ao palco da equipe de animação.



Cheguei ofegante ao topo do navio e me deparei com Peter de costas, com o olhar vidrado na linha do horizonte do oceano. Ele estava tão absorto em seus pensamentos que nem reparou em minha presença.

- Peter?

- Ah... oi! - ele se virou com um sorriso

PERIGOSAS ACHERON

cansado.

Contive o meu entusiasmo por um instante ao perceber que ele agora parecia fisicamente esgotado.

- Está tudo bem com você?

Ele esfregou os olhos e recolocou os óculos.

- Sim, sim... Só estou um pouco impaciente esperando ela chegar, só isso.

Ela?!?

- Ela quem? - a pergunta escapuliu involuntária, antes que eu pudesse sequer raciocinar.

- A inspiração! - ele sorriu, retornando ao seu escritório improvisado.

- Ahhh!

A expressão de alívio também saiu de forma impensada. Onde estava o meu autocontrole? Provavelmente tinha se perdido em meio a minha

animação.

Peter continuou:

- Eu estou rastreando cada canto da minha mente em busca do arremate final para a apresentação, inclusive apelei para o pessoal da empresa pedindo uma ajuda deles na criação desse slogan. Espero que eles consigam algo bem convincente, porque o tal cliente é bastante exigente.

As suas palavras tiveram o efeito de um balde de água fria caindo sobre mim no ápice de um inverno rigoroso.

Fiquei receosa - ou melhor, petrificada - em externar a minha ideia.

Quem era eu, afinal de contas? Uma desempregada que vivia com as contas tão apertadas que foi obrigada a largar a faculdade no terceiro período para dar conta de pagar o aluguel de uma quitinete minúscula de um bairro popular. Aluguel este que, após sofrer o reajuste anual, me forçou a aderir ao plano “minha casa, minha

PERIGOSAS ACHERON

dívida” - um empréstimo bancário com parcelas a perder de vista.

- O que eu faço, Laila? Eu nunca tive esse tal de bloqueio criativo antes, mas eu tenho passado por um estresse mental na minha vida pessoal tão grande que já está comprometendo até a minha inspiração.

Que se dane! Eu não tinha nada a perder.

Quem sabe a minha ideia pudesse ser um fio condutor para a tal inspiração que ele tanto precisava?

- Bom... eu andei pensando em algo para esse seu slogan...

No mesmo instante, um toque de telefone soou no computador de Peter.

- Só um instante, por favor Laila. *Hold that thought!*

Não entendi o que ele quis dizer, mas presumi pelo dedo indicador levantado que ele precisava

PERIGOSAS ACHERON

atender aquela ligação.

- Olá Patrícia.

O rosto de uma mulher elegante e perfeitamente maquiada surgiu na tela, exibindo dentes brancos e um sorriso radiante.

- Boa tarde senhor Jones! Como o senhor está?

A voz feminina do outro lado da linha soava melodiosa.

- Bem. Eu gostaria de...

Ela o interrompeu:

- O senhor sabe que se precisar de qualquer coisa *mesmo*, basta me dizer, não é?

- Sim. Obrigado Patrícia. Como estão as coisas aí no escritório?

- Sentindo a sua falta por aqui, é claro! - ela logo percebeu o quão comprometedora aquela frase havia soado e emendou um pouco cambaleante. -

Quero dizer..., todos comentam que a empresa não é a mesma quando o senhor não está.

- O pessoal já se reuniu para discutir o *case* do Anglo? - ele questionou, desconsiderando o comentário anterior.

- A equipe de marketing está reunida neste momento.

- *Okay*. Por favor peça ao Toni que me ligue assim que puder, está bem?

- Sim senhor, pode deixar. Mas eu telefonei para lhe passar dois recados. O senhor Martinez telefonou há pouco para confirmar que amanhã um motorista lhe buscará no terminal portuário às nove horas em ponto. Depois da reunião ele quer convidar o senhor para almoçar com toda a equipe executiva.

- *Okay*, pode confirmar. E o outro recado?

- Bem... é... a Aurora. Ela ligou novamente.

Aurora? Contraí os olhos e notei uma sombra
PERIGOSAS ACHERON

passar pelo semblante de Peter.

Quem diabos era Aurora? Uma namorada? Um relacionamento mal resolvido?

E se eu considerava Peter um conhecido - talvez um *quase* amigo - por que eu odiei ver a forma com que ele reagiu ao ouvir o nome dela?

Ele estava prestes a responder algo à Patrícia quando pareceu se dar conta da minha presença.

Tentei disfarçar o olhar ansioso, embora fosse incrivelmente difícil controlá-lo.

Percebendo seu silêncio, a secretária adicionou quase em um sussurro:

- Foi a terceira vez hoje, na verdade. Se o senhor quiser, eu posso...

- Está tudo bem, eu já entendi Patrícia. Por favor, só diga ao Toni que eu ficarei no aguardo do seu telefonema.

- Claro, senhor Jones. Como o senhor quiser.

PERIGOSAS NACIONAIS

- Até logo, então.

- Até logo.

E desligou.

Seu olhar permaneceu perdido no computador por mais uma fração de segundo até voltar à realidade.

- Desculpe, Laila. Você ia me dizer algo antes... O que é?

Chacoalhei de leve a cabeça tentando afastar os pensamentos daquela conversa enigmática que eu tinha acabado de ouvir.

- Ah, sim! Bem... é que eu tive uma ideia. Pode ser algo ridículo, mas foi algo que me veio na cabeça de repente.

- Para o slogan? - seus olhos se focaram atentos em mim.

- Isso. Você pode me emprestar um papel?

PERIGOSAS ACHERON

Ele me entregou seu celular e tirou do aparelho uma caneta acoplada.

Não pude deixar de notar a imagem no seu fundo de tela. Era a fotografia de um banco de madeira com um encosto robusto trabalhado em ferro fundido. Um banco solitário no meio de um parque com um gramado muito verde.

Será que aquele lugar tinha algum significado?

Enfim... voltei a me concentrar na minha ideia. Peguei a caneta e comecei a esboçar a imagem em meu pensamento na tela.

Quando terminei, lhe devolvi o celular.

- Pensei em algo assim...

PERIGOSAS NACIONAIS



Mordi os lábios, me sentindo como uma criança ao entregar o boletim para a avaliação dos pais.

Peter analisou o meu rabisco por segundos que me pareceram intermináveis. Quando finalmente levantou o rosto, fixou aquele par de olhos tão azuis quanto um céu aberto em mim e abriu um sorriso.

Tirou os óculos, levantou-se da cadeira e sem dizer qualquer palavra, me deu um abraço firme, na exata medida entre o ousado e o sem noção.

Absorvi o seu calor em silêncio, saboreando toda a fragrância do seu perfume: um aroma clássico, suave e refrescante.

PERIGOSAS ACHERON

Quando se afastou, havia uma gratidão genuína em seus olhos faiscantes:

- É isso. Você me salvou, Laila!

Capítulo 13

- Dia 3 -

Sábado, 17h57m.

Era um final de tarde fresco e agradável de primavera.

Metade da cidade estava reunida no ginásio de esportes para o grande evento do ano: as finais dos jogos escolares municipais.

A quadra central estava lotada de pais orgulhosos. Alguns exibiam camisetas estampadas com o nome de seus filhos e outros mais empolgados traziam pompons para fortalecer a torcida.

Os professores finalmente davam uma trégua aos alunos, juntando-se à algazarra dos gritos de guerra que tinham o intuito de estimular os colegas em quadra que estavam prestes a realizar um dos seus maiores feitos de sua curta vida de adolescente.

Entre os atletas que recebiam esses incentivos dentro de quadra, estava eu - uma das pivôs do time de basquete da Escola Municipal Ernesto Geisel e maior pontuadora do nosso time no campeonato.

Todos na escola nutriam a esperança de que finalmente levaríamos o troféu de basquete depois de sete anos de jejum.

Do outro lado estava Isabela, a estrela da Escola Bandeirante. A sua intimidade com o esporte era tamanha que seus colegas de equipe a apelidaram de “Isabola”.

Alta, dona de longas madeixas loiras e de uma pele de porcelana (o que equivalia a ouro 24 quilates aos padrões adolescentes durante a cruciante fase hormonal), Isabela era o meu

extremo oposto. Enquanto o seu gráfico de popularidade ultrapassava a medição do papel, eu era uma típica adolescente insignificante que, tomada pela surpresa ao constatar uma certa habilidade com o basquete, dedicou-se de corpo e alma ao esporte como forma de sair do anonimato social.

Nossos colégios localizavam-se no mesmo bairro e embora ambos fossem públicos, havia uma rivalidade não revelada entre os alunos.

Em minha inocência quase infantil, eu implorava a Deus pela vitória dizendo que nunca mais em toda minha vida eu lhe pediria qualquer outra coisa. Eu só queria ganhar aquele torneio. Para não cair no risco de soar pretensiosa diante do Altíssimo, eu lhe dava uma brecha: caso Ele estivesse distraído focando a Sua atenção em alguma guerra pelo mundo, eu me contentaria em perder *desde que* no final do campeonato eu tivesse convertido mais cestas do que a Isabela. Aquilo seria o suficiente para ferir a sua honra e a forçaria baixar aquele nariz empinado na marra (essa parte final eu não incluía na oração porque eu sabia que

Deus abominava qualquer hostilidade!).

A partida começou aos gritos da torcida:

“Aqui é o Geisel

Com raça e união

Buscando no torneio o troféu de campeão”

Nossa equipe nunca havia se dedicado tanto quanto o fizeram naquela partida contra o nosso maior rival.

Começamos atrás no placar e o Bandeirante foi consistente em manter uma vantagem de cerca de dez pontos até o final do terceiro tempo.

Contudo, a nossa torcida não esmoreceu:

“Pisa, esmaga, faz suco de limão

O Geisel perde ponto, mas ninguém supera não

Mas se superar, não tem problema,

A gente vai lá e muda o esquema”

No último tempo, nos aproximamos no placar.

O Bandeirante vencia por uma diferença de quatro pontos, até que nos últimos vinte segundos, um milagre aconteceu. Nosso time converteu dois lances livre, e em uma roubada de bola durante o ataque adversário, a redonda veio parar em minhas mãos justamente na linha dos três pontos.

Eu tinha literalmente a grande chance do campeonato nas mãos.

Eu podia arriscar o lançamento à distância, converter os três pontos e me tornar a rainha do colégio ao ser a responsável pela virada do placar nos segundos finais da partida; eu me resignaria a

PERIGOSAS NACIONAIS

converter uma cesta de dois pontos simples, o que nos levaria ao empate e conseqüentemente à prorrogação ou pior que tudo: perderia o ponto e a chance da vitória.

Não tive tempo de raciocinar.

Não tive tempo de levantar prós e contras.

Arremessei à distância.

A bola flutuou em câmera lenta até cair em um perfeito chuá.

A torcida foi ao delírio.

O juiz apitou o final da partida.

Vencemos.

E aquele dia, que já tinha tudo para ser o melhor dia da minha vida, foi de fato confirmado quando além de vencermos o campeonato, eu ainda levei o “Troféu Cestinha”.

E no instante em os jornais da cidade

PERIGOSAS ACHERON

interiorana registravam o momento em que abaixei a cabeça ao sentir o peso da medalha no meu pescoço foi quando eu mais senti o maior orgulho de mim mesma.

Até aquele momento.



A reação de Peter diante da minha ideia me elevou ao êxtase.

Após o seu abraço caloroso, percebi uma nítida mudança em sua fisionomia. O que antes parecia assolado pela preocupação, agora demonstrava confiança.

Ele estava animado.

Repetia que o slogan era cativante, afirmava que aqueles dizeres realmente transmitiam muito

bem a ideia do produto e o conceito da marca.

- Tenho certeza de que o cliente ficará satisfeito! Vou ligar agora mesmo para a empresa.

- Sério? - respondi entusiasmada, sem conseguir conter a largura do meu sorriso. - Nossa, fico feliz com a sua reação!

- É excelente, Laila! Mesmo! - ele disse enquanto tirava uma foto do meu rascunho pelo celular e discava um número no computador.

Uma voz melosa atendeu após o primeiro toque.

- A que devo o prazer novamente, senhor Jones?

Quanta formalidade! - pensei.

- Olá Patrícia. Eu preciso falar com o Toni agora mesmo.

- Ele ainda está em reunião, senhor. Eu ainda nem tive a oportunidade de passar o seu recado

ainda.

- Melhor ainda! Assim eu já falo com a equipe toda.

- O senhor é quem manda! Só um instante que eu já vou transferir.

Após um breve silêncio, uma música de espera começou a tocar.

Peter olhou para mim e disse que colocaria o fone de ouvidos para poder ouvir melhor, já que ele falaria com a tal equipe pelo viva voz.

A ligação foi atendida prontamente.

- Olá Toni, olá pessoal! Tudo bem por aí?

Ele ouviu a resposta do outro lado da linha, ainda mexendo em seu celular.

- Pois podem ficar tranquilos porque eu acabo de receber uma ideia perfeita para o Anglo. Toni, dê uma olhada no que eu acabei de enviar para o seu celular.

PERIGOSAS NACIONAIS

Enquanto ouvia as respostas do outro lado da linha, Peter fazia algumas anotações no seu computador.

- Eu já imaginava essa sua reação.

Silêncio.

- Na verdade não sou eu quem mereço os elogios. A verdade é que eu contei com a ajuda de uma excelente profissional de marketing a quem eu tive a sorte de conhecer aqui no navio.

Ele ergueu os olhos para mim com um sorriso iluminado no rosto.

- Pode deixar que eu transmito os elogios sim! - ele me deu uma piscadela rápida e continuou. - Toni, peça para o James dar prioridade na vetorização da imagem dentro do conceito de identidade visual do Anglo, *okay*? E peça que ele me encaminhe o trabalho finalizado o quanto antes para eu poder concluir a apresentação.

O silêncio foi um pouco mais longo dessa vez.

PERIGOSAS ACHERON

Pude perceber que a conversa se estenderia e eu sabia que Peter ainda tinha bastante trabalho pela frente. Chamei a sua atenção através de um gesto, indicando que eu estava descendo para o convés e que nos falaríamos novamente mais tarde.

Ele ergueu o braço me pedindo para esperar, e rapidamente alcançou a minha mão, segurando-a com firmeza para que eu não saísse dali.

Sentei no banco à sua frente sentindo meus dedos envoltos pelo calor da mão dele.

- Pessoal, desculpe interromper o *brainstorming*, mas vou ter que deixar vocês conversando a este respeito por conta. Mais tarde nos falamos novamente!

Segundos depois, ele se despediu e desligou a conexão. Só então soltou a minha mão.

- Desculpe, Laila, eu não queria fazer você esperar. Eu sei que você está de férias e deve ter feito vários planos, mas eu não podia deixar você ir embora antes de lhe agradecer novamente por ter salvado a mim e a toda a minha equipe! Eles

PERIGOSAS ACHERON

adoraram o conceito!

Eu não cabia em mim, tamanho o orgulho que eu estava sentindo. Orgulho de receber aqueles elogios. De ter a minha capacidade reconhecida, mesmo depois de ser lançada à rua da amargura pelo senhor Thomas. Aliás, quem era mesmo esse senhor Thomas?

- Até que para uma nadadora olímpica aposentada, você é uma ótima empreendedora! - caçoou Peter.

- Quem disse que eu estou aposentada? Eu só resolvi dar uma chance para os outros atletas. Eu nunca discurssei sobre o quanto eu sou contra o monopólio das medalhas?

- É muito gentil da sua parte. Mas falando sério, Laila: quem me dera poder contratá-la para trabalhar comigo!

Tentei disfarçar a engolida atravessada daquela proposta.

- Eu aceito a oferta, senhor Jones. Aliás, como

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

devo me dirigir a partir de agora? Senhor Jones, Meritíssimo Jones, Vossa Excelência Sir Jones?

- Ah, por favor, né Laila? Este tratamento de “Senhor Jones” é só lá no escritório. Para você eu sou apenas *Mister* Jones.

Gargalhei.

- Entendi! Do tipo; 🎵 “*pass me a bottle, Mister Jones!*” 🎵 - cantarolei um trecho da música famosa.

Ele sorriu com os olhos, replicando:

- *Absolutely. Tonight, at dinner!*

Um sentimento quentinho aflorou em mim ao compreender o significado daquelas palavras pronunciadas com seu charmoso sotaque britânico.

“Hoje a noite, no jantar.”

O que significava que nós já tínhamos o nosso encontro marcado.

PERIGOSAS ACHERON



Após aquele ano glorioso, a minha carreira de jogadora de basquete chegou ao fim.

Na temporada seguinte, a puberdade chegou com força máxima e direcionou toda a minha energia às outras funções - com dedicação especial, por exemplo, à produção de glândulas sebáceas (vulgo: espinhas). Com tamanha dedicação, esta fase deixou de lado o meu crescimento na vertical e, não de muito bom grado pude notar as minhas colegas espichando bem mais do que eu.

E diante da derrota, Isabela passou a descontar sua frustração na comida. Tornou-se uma confeitadeira de mão cheia e até adaptou seu apelido.

Ela agora era conhecida por Isabolo.

PERIGOSAS NACIONAIS



MISTER JONES:



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 14

- Dia 3 -

Apesar de estar com a autoestima mais alta que o custo do meu aluguel, fisicamente eu me sentia em frangalhos.

Quando cheguei ao elevador e observei meu reflexo no espelho, constatei que no fim das contas não se tratava apenas de um sentimento; eu estava realmente um trapo. Meus cabelos cheios de frizz pareciam ter entrado em uma discussão acalorada com a escova a ponto de eles nunca mais quererem cruzar caminhos um com o outro novamente. O verdadeiro significado de “cabelos rebeldes”.

Quando estava virando o corredor quase na

PERIGOSAS NACIONAIS

minha cabine, ouvi o final de uma discussão em vozes baixo, mas com um claro tom grosseiro.

- ... você faz parte daquele tipo de gente que nós chamamos de ‘ratos do casco’ que surgem das profundezas do porão do navio... Até o seu chefe que se acha um peixe grande, não percebe o tamanho minúsculo que é o aquário que ele habita. Já eu sou de outra categoria. Eu estou muito acima, em um lugar totalmente inatingível para gente da sua laia.

Quase não reconheci aquele tom tão ríspido e me surpreendi quando me deparei com o dono daquela voz: era Daniel.

Ao seu lado estava Timur, meu camareiro que o encarava de volta, atônito.

Quando notou a minha presença, Daniel pareceu desconcertado por um momento, mas se recompôs rapidamente, abrindo um sorriso encabulado.

- Laila. - ele falou com uma animação incerta.

PERIGOSAS ACHERON

- Está tudo bem por aqui? - me dirigi a Timur que havia baixado os olhos para o carpete.

- Sim, é claro que sim! - Daniel se interpôs - Eu... eu só vim até aqui para te trazer isso.

Ele tirou do bolso uma flor vermelha em origami e a entregou para mim.

- E a gente também precisa conversar sobre aquele assunto que deixamos pendente, lembra?

Ele fez um leve movimento de cabeça e arregalou os olhos em direção à Timur como se dissesse “- *Eu estou querendo falar com você a sós mas o cara aí não se liga*”.

- Está tudo bem com você, Timur? - toquei de leve seu braço, querendo ouvir uma resposta de sua boca.

- Tudo bem sim, dona Lala. Com a sua licença... - ele recolheu o aspirador de pó e se retirou em passos curtos e apressados.

- Até logo, Timur! - Daniel vociferou em sua
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

direção, estendendo o braço em um aceno cordial. Então se voltou para mim. - Eu estava contando para ele sobre a forma que eu vi um hóspede tratando o recepcionista hoje cedo... Mas a verdade é que a maioria desses filipinos não são de muito papo...

- Nossa, mas que absurdo! Como pode existir pessoas tão estúpidas e que tratam os outros dessa maneira?

- Você não viu nada! E o tanto de coisas que a gente tem que aguentar de alguns hóspedes? Quem me dera todos fossem como você... - ele me lançou uma piscadinha sedutora. - Mas enfim, gatinha... será que posso entrar por um instante? Prometo ser breve! - ele acarinhou uma mexa do meu cabelo com delicadeza.

Meus cabelos!

De repente me dei conta do lixo humano que eu aparentava naquele momento! Digamos que eu era o contraste total e absoluto da figura aprumada e impecável que sorria diante de mim.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Claro, entre! - virei-me rapidamente em direção da porta da cabine. - Só me dê um tempinho, porque eu preciso ir ao banheiro para... para... renovar o protetor solar!

Eu sabia exatamente o quão esfarrapada aquela desculpa havia soado, mas foi o máximo que consegui formular diante da pressão. Eu não podia terminar a frase no “*preciso ir ao banheiro*” e deixar a critério de sua imaginação a ideia do que eu faria lá dentro. Ao menos a visão de alguém passando um protetor solar pelo corpo podia parecer mais atrativa do que alguém em pleno uso do vaso sanitário com uma expressão de alívio.

Daniel se sentou na cama com os braços cruzados no colo enquanto eu me tranquei no banheiro procurando desesperada por meu creme de pentear. Revirei as gavetinhas e prateleiras, até me lembrar de que havia deixado o bendito em cima da penteadeira no quarto. Sem ele, eu não conseguiria vencer a eterna luta contra meus indomáveis fios.

Me forcei a sair do banheiro para buscá-lo

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

quando notei Daniel se virando de súbito, como se pego no flagra.

Ele já não estava mais sentado comportado na cama - agora estava de pé diante do armário bem diante da minha bolsa semiaberta. Ele reagiu rapidamente; cruzou o pequeno espaço até o banheiro e me estendeu algo.

- Desculpe, Laila. É que eu imaginei ter visto o seu protetor solar aqui na bolsa e ia te alcançar... Aqui está.

Nem toda a sua beleza deslumbrante fez com que eu achasse aquela cena normal.

- Hmm... obrigada! - murmurei em retorno, desconfiada.

Retornei ao banheiro com a sensação estranha de que ele estava de fato bisbilhotando nas minhas coisas. Essa desconfiança fez com que eu me abandonasse o ritual capilar. Só molhei as mãos com um pouco do protetor solar e passei no rosto e cabelos desalinhados para dar uma tapeada.

PERIGOSAS ACHERON

Passei um brilho labial, espirrei um perfume e saí um pouco mais disposta.

Daniel estava novamente sentado na cama com cara de moço comportado.

Vê-lo ali me fez sentir algo contraditório.

Por um lado, mesmo que vestido de forma bastante casual - bermuda jeans, uma camiseta preta básica e tênis - Daniel estava mais lindo do que nunca. Se eu parasse para analisar aquele fato, sentado na minha cama estava o cara que na noite anterior havia sido ovacionado pela plateia vibrante que acompanhou o musical. O mesmo cara que a seguir foi devorado por garotas frenéticas que praticamente lhe mendigavam por um minuto de sua atenção!

De outro lado, eu sentia que uma espécie de barreira havia se rompido. Eu tinha deixado ele entrar no meu quarto de forma espontânea. Eu compartilhei com ele a *minha própria cama*! Talvez isso não fosse tão sério assim considerando que ele apenas *sentou* na minha cama, mas ainda

assim, em minha escala de *crush*, Daniel tinha saído da categoria de “completo estranho” e avançado para o nível de “vamos nos conhecer melhor”. Depois disso, começaria o processo de avaliação para uma das três subdivisões:

1. “Só amizade (e olhe lá)”;
2. “Quem sabe outro dia”;
3. “Só se for agora!”.

Me sentei ao seu lado e o estimulei a falar:

- Então...?

- Então, Laila... Pois é! Eu gostaria de te fazer um convite.

- Um convite? - tentei soar agradável a fim de disfarçar meu nervosismo.

- Pela minha escala de folgas eu posso descer amanhã em Montevideu. Já na seguinte, em Buenos Aires, eu terei que permanecer a bordo, então eu gostaria de convidar você para darmos um giro pela

PERIGOSAS NACIONAIS

cidade comigo amanhã. O que você me diz?

Alguma garota a bordo daquele navio em sua consciência conseguiria negar um pedido desse?

- Claro que sim, Daniel! - respondi de imediato.

- Imagino que você vá querer passear pela 18 de Julio para fazer umas compras, certo? Nós também podemos...

- Bem... - o interrompi - Na verdade eu nunca estive em Montevideu antes.

- Mentira! Sério? - ele pareceu surpreso.

Quando eu dizia uma mentira - uma mentira *de fato*! - ninguém reagia dizendo "Mentira!". Agora bastava eu dizer a verdade para variar para que eu recebesse uma reação dessas!

- Sim. É a primeira vez que eu visito o Uruguai.

- Nossa! Por trabalhar com importação, eu achei que você fosse uma pessoa viajada e tal...

PERIGOSAS ACHERON

Hora de girar a chave da riqueza.

- E eu sou! Já rodei o mundo inteiro! É que a minha fonte principal de comércio é a Europa, sabe?

- Ah, imaginei algo assim mesmo. Só por curiosidade, quantos idiomas você fala?

- Quatro. - arrisquei.

Na minha mente, eu tentava me convencer que não estava mentindo. Por razões óbvias eu dominava o português. Arriscava algumas palavras em inglês, sabia dizer três coisas em francês - *bonjour, merci beaucoup, au revoir...* (pensando bem, sutiã, baguete e toalete também soavam francês!). E o quarto idioma... bem... eu compreendia quase tudo do tal *peixeiro* da Liz, de Porto Belo. Porque *aquilo* que ela falava não era nem de perto o português que todo mundo conhecia!

- Quatro línguas? Espanhol é uma delas?

Era melhor não arriscar, afinal de contas, se eu
PERIGOSAS ACHERON

mentisse ele perceberia já no dia seguinte.

- Bem... não. No espanhol eu só “*arrisco un pueco*” - dei uma ênfase exagerada no som do erre para soar mais parecido com um nativo.

- “*Un pueco?*” - ele riu alto. - Você não existe, gata!

Não entendi o motivo para a gargalhada, mas quando ele repetiu pela terceira vez o “*arrisco un pueco*”, eu comecei a desconfiar que o meu portunhol não devia ter saído tão bem quanto eu imaginava.

- Bem... mas eu ficarei feliz em apresentar Montevidéu para você amanhã então! A gente se encontra no deck 5 lá pelas 9. Pode ser?

- Combinado!

Ele se levantou e se despediu com um beijo demorado na lateral do meu rosto.

- Ah, e só uma observação, bem gata - ele disse já do lado de fora da cabine. - Eu posso até não
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

falar quatro línguas como você, mas uma coisa eu garanto: de língua eu entendo muito bem!

Ele me lançou uma nova piscadela de olho, se virou e saiu, sem olhar novamente para trás.

Fechei a porta, mas fiquei parada, boquiaberta e surpresa diante daquela declaração.

Então eu comecei a rir. Um riso contido de início - só para mim - até se tornar alto e histérico.

Corri para o banho pensando no que as tietes de Daniel diriam se eu lhes contasse o que tinha acabado de acontecer!

Eu poderia dizer que tido para a cama com ele.

E não; aquilo não seria uma mentira. Eu poderia ser apenas acusada de omitir que o sentido real da frase era puramente literal.



PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Liguei a televisão para verificar o progresso do navio no mapa náutico.

Estávamos próximos à cidade de Rio Grande, quase na fronteira com o Uruguai.

Fui até a varanda e me sentei na espreguiçadeira, curtindo a brisa salgada do mar e deixando a minha imaginação extravasar diante da extensão de um oceano de cor azul petróleo, misterioso e silencioso.

O momento me trouxe lembranças da infância, de quando eu almejava grandes conquistas para o futuro, do quanto eu sonhava alto.

Quando eu era criança o meu pai dizia que a única coisa que alguém precisa ter para fazer o que quiser na vida é coragem. Quando decidi me mudar para a intimidante “cidade grande” aos dezenove anos a fim de procurar um bom emprego e me aprimorar nos estudos, eu recitava aquela frase como se fosse um mantra. Ela me encorajava e fazia de mim uma pessoa mais otimista com relação ao futuro.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Menos de um mês após a mudança, consegui um emprego de recepcionista - algo inicialmente temporário - na contabilidade do senhor Thomas, o que me serviria para custear meus estudos iniciais. Eu frequentava a faculdade à noite, estudava durante os intervalos de almoço e ainda me dedicava no curso de inglês aos sábados à tarde.

Naquela época, eu tinha bastante foco, disciplina e dedicação.

Na contabilidade, fui promovida à assistente da administradora de condomínios, embora o salário a princípio tenha permanecido o mesmo (o que realmente valia era a experiência e a confiança que estava me sendo depositada, conforme palavras do senhor Thomas).

Quando o custo dos estudos aumentaram, passei a dobrar a minha carga horária no trabalho para tentar equilibrar a balança de ativos e passivos com o salário complementar de horas extras.

Mas em algum ponto dessa trajetória, eu simplesmente travei.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Tranquei a faculdade e me convenci de que seria bom eu desacelerar para colocar as dívidas em dia e para me dedicar à busca de um emprego que me fosse mais prazeroso e recompensador.

Aí veio o Léo.

Trabalhávamos perto, almoçávamos junto, nossos horários coincidiam o que na prática significava “carona garantida”. E em meio a este comodismo, as buscas por um futuro mais promissor e o anseio em trazer meus sonhos à realidade, a tal da coragem em si - tudo isso ficou estacionado.

Uma vez que eu já não tinha mais o compromisso de dedicar meu tempo e dinheiro à faculdade, me voluntariava a participar de todas as reuniões de condomínio que surgiam - se fossem marcadas durante os finais de semana, ainda melhor - a hora extra era dobrada! O salário passou a render a ponto de eu conseguir guardar uma reserva ao final de cada mês, embora eu já não tivesse mais tempo para gastá-lo como gostaria.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Foi então que, em questão de horas, a minha vida deu uma guinada completa. Perdi o emprego no qual eu tinha investido tanto tempo e dedicação, o meu relacionamento capenga ruiu de vez, assim como toda a minha ilusão de um futuro brilhante.

Por outro lado, em três dias de mudança de rotina, eu já tinha experimentado tantas coisas novas, conhecido pessoas interessantes e ainda colocaria os meus pés fora do país pela primeira vez.

Talvez o futuro ainda reservasse algo de melhor para mim logo adiante, afinal de contas.

Um som estridente e robótico me despertou desses pensamentos.

Tive uma sensação estranha, tipo quando você cumprimenta alguém na rua sem se lembrar exatamente de onde a conhece?

Aquele barulho não me era estranho, mas eu não o reconhecia.

Tocou novamente.

PERIGOSAS ACHERON

Olhei para o meu celular, que me encarava de volta com o visor ligado.

Aquele som pré-histórico tinha saído dali?

Tomei o aparelho nas mãos e notei duas mensagens de texto. Não me lembrava mais há quanto tempo eu tinha usado o tal recurso de mensagens do aparelho! A comunicação tinha evoluído e agora o recado era dado somente por aplicativos, oras!

A primeira mensagem vinha de um número desconhecido.

<Número Desconhecido> Boa tarde Laila! Aqui é a Jennifer do RH da i9. Gostaria apenas de confirmar a sua entrevista para a próxima segunda-feira, dia 17 às 17h00m. Agradeço a gentileza de confirmar o recebimento da mensagem.

A entrevista, é claro! Seria no dia seguinte ao
PERIGOSAS ACHERON

meu retorno da viagem.

<Laila> Boa tarde! Confirmado, Jennifer. Estarei aí no horário e dia marcado. Até breve!

Uma resposta simples, sucinta, simpática.

A segunda mensagem vinha de outro número oculto, mas que trazia o nome de “Pré-visões”.

<Pré-visões> Você quer saber o que o amanhã lhe reserva? Nós temos a resposta! Responda SIM para este SMS e surpreenda-se.

**** Apenas R\$ 0,50 ****

Nossa! A vidência estava em promoção!

Eu sabia muito bem o que o amanhã me
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

reservava: um passeio por Montevideu ao lado de Daniel; se bobeasse, de mãos dadas!

Nunca acreditei em superstições (até porque esse tipo de crença atraia um baita azar!), mas a bagatela atraiu a minha curiosidade.

<Laila> SIM

Segundos depois, a resposta.

<Pré-visões> Por favor nos informe o seu signo.

Começou mal! Eles sabiam com propriedade o que o amanhã me reservava - algo que ainda nem chegou a acontecer! - mas não tinham capacidade de *descobrir* o meu signo?

PERIGOSAS ACHERON

Mas agora que a minha valiosa moeda já tinha ido para o ralo, eu não tinha mais nada a perder.

<Laila> Gêmeos

Dois segundos depois, a minha sorte chegou por SMS. O tal vidente não teve sequer o cuidado de aumentar o intervalo de tempo entre as mensagens para disfarçar uma invocação aos astros ou uma analisada em sua bola de cristal.

<Pré-visões> Seu futuro lhe diz: *Viva o hoje! Amanhã é um tempo duvidoso.*

Ahh... não brinca!

Sério mesmo que eu gastei R\$ 0,50 nisso?

PERIGOSAS NACIONAIS

<Pré-visões> Amuleto para atrair a sorte: *Colar com um trevo de quatro folhas em metal dourado, preferencialmente ouro.*

Se eu tivesse um colar de ouro já me consideraria sortuda!

<Pré-visões> Números para aposta: *4, 19, 32, 40, 42 e 49.*

<Pré-visões> Cor da sorte: *Amarela, para sintonizar suas energias*

<Pré-visões> Frase de poder regente para a semana: *Uma mentira pode salvar seu presente, mas condenará o seu futuro.*

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Isso estava parecendo coisa da Carol.

<Pré-visões> Medite em suas previsões e coloque-as em prática!

Não fazemos pesquisa de opinião, pois sabemos exatamente o que você está pensando a respeito de nossas previsões.

Você duvida?

Responda SIM e verá que estamos certos!

**** Apenas R\$ 0,50 ****

Ah! Que se dane!

<Laila> SIM

PERIGOSAS ACHERON

A resposta chegou instantes depois:

<Pré-visões> Você está pensando: *“Não acredito que gastei R\$ 1,00 com isso!”*.

Se acertamos a resposta ou lhe arrancamos um sorriso, seja generoso e contribua com uma doação em nosso site!

Capítulo 15

- Dia 3 -

Eu estava distraída com o celular em mãos, comodamente sentada à mesa designada a mim e Peter para o jantar.

Eu aguardava a sua chegada até que uma voz surgiu detrás de mim.

- Acho que você deixou cair algo.

Quando me virei, Peter estava abaixado, recolhendo o meu casaco do chão.

Bastou nossos olhos se encontrarem para que as batidas do meu coração ecoassem em meus

ouvidos.

Sim, eu realmente deixei cair algo. O meu queixo despencou em queda livre.

Disfarçadamente, fechei a boca embora ainda sustentasse os meus olhos nele, como se absorvidos por uma espécie de controle hipnotizador.

Ele vestia-se de maneira informal: camiseta preta de algodão e jeans azul-escuro. Seus cabelos ondulados estavam perfeitamente alinhados e a sua feição - antes preocupada e cansada - exibia agora um semblante revigorado.

E a sua barba tinha sido feita.

Perfeita.

Onde estava aquela linha do maxilar tão bem definida e marcante que eu não tinha percebido antes?

- Está tudo bem, Laila? - seu olhos se estreitaram, hesitantes.

PERIGOSAS NACIONAIS

Senti a fragrância suave de seu perfume enquanto ele recolocava o casaco na parte de trás da minha cadeira.

- Tu... tudo. Sim. E você?

Ele ignorou a pergunta e insistiu.

- Você está estranha... Aconteceu alguma coisa?

É claro que aconteceu, criatura! Só eu que senti o tempo parar? Só eu que tive essa falta de ar?

Ele parecia outra pessoa. Além de parecer mais jovem e atraente, eu agora podia distinguir o seu queixo proeminente, os seus lábios simétricos...

- Laila? - ele insistiu com uma certa curiosidade, provavelmente despertada por meu olhar abobalhado.

- Ahh... bem... me desculpe! É que você está tão... diferente! - gaguejei.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Ah, é isso! - ele tocou o próprio rosto com uma das mãos. - Pois é. Eu tive que abandonar a minha versão “profeta” para a reunião de amanhã. Você sabe como são essas convenções sociais do mundo corporativo, não é? As pessoas julgam o seu grau de competência pelo terno que você veste.

- U-hum... pois é - consegui balbuciar.

Peter sorriu quase sem graça.

Ramuel se aproximou com os cardápios em mãos para me salvar.

Enquanto ele anunciava os especiais do dia, aproveitei o momento para me recompor.

Por motivos óbvios, não ouvi uma palavra do que foi dito e optei novamente pela sugestão do chef.

Peter fez o mesmo.

- Você me acompanha em um vinho hoje, Laila?

PERIGOSAS ACHERON

- É claro! - respondi, satisfeita em poder contar com o auxílio da bebida durante o jantar.

Após Ramuel se retirar, Peter começou a discorrer sobre a finalização da apresentação e do quanto ele se sentia confiante para a reunião com seu cliente no dia seguinte.

Um garçom chegou com uma garrafa do vinho *Merlot* e nos serviu.

Peter ergueu a sua taça em um brinde:

- Ao sucesso dos outros...

Olhei para ele desconfiada e com um meio sorriso, ao que ele complementou:

- ... porque o nosso é inevitável!

Rimos.

Como eu gostaria de acreditar naquelas palavras!

No momento em que o primeiro gole do vinho

atingiu a minha garganta e aqueceu o meu espírito, percebi às costas de Peter uma pessoa desfilando pelo saguão em nossa direção, demonstrando extrema afinidade com seus saltos altíssimos. Ela usava um longo vestido vermelho que exibia uma fenda tão profunda que mais um pouco se enxergaria até o seu útero.

Era Isla, a “ex”.

Não propriamente uma ex-namorada (pelo menos até onde eu sabia), mas a ex-colega de trabalho de Peter. Mas independente disso, só o peso que a palavra “ex” carregava já conseguia me causar uma certa aversão.

Ela abriu um sorriso de comercial de pasta de dente:

- Boa noite! Estou interrompendo algo?

Ela fez a pergunta sem me dirigir o olhar, pousando a mão sobre o ombro de Peter.

Ao reconhecê-la, ele se levantou e, em um gesto gentil, ofereceu a mão para cumprimentá-la.

PERIGOSAS ACHERON

Ela aproveitou a mão estendida e o puxou para um abraço, dando-lhe um beijo no rosto.

Fiquei em dúvida: tinha sido apenas impressão minha ou ela dirigiu o seu olhar em minha direção no momento em que o beijava?

- Espero não estar incomodando! - seu tom de voz inocente destoava com a maneira sedutora com que ela o encarava.

- De forma alguma - assegurou-lhe Peter, simpático. - Deixa eu te apresentar; esta é a Laila, uma amiga.

Seus olhos resvalaram em mim por um instante e logo se desviaram. Quando eu percebi que ela não iria se apresentar, respondi em um tom alto e irônico:

- É um prazer conhecê-la, *queridinha*.

Peter se interpôs.

- Laila, esta é a Isla. Nós trabalhávamos juntos há uns...

PERIGOSAS NACIONAIS

- Para ser precisa, Peter, hoje faz exatamente quatro meses que saí da empresa. Tempo demais, você não acha? - ela lhe acariciou as costas, voltando a ignorar completamente a minha presença.

- O tempo voa, realmente.

- É... mas este mesmo tempo parece ter lhe feito muito bem! E eu preciso ressaltar que agora sim você voltou a ser a mesma pessoa que eu conhecia antes! Eu praticamente nem reconheci você com toda aquela barba hoje cedo quando tomamos o café da manhã juntos!

Ela não sabia que eu os tinha visto juntos no restaurante pela manhã e claramente fez questão de esfregar o fato na minha cara.

- ... mas eu não estou dizendo que a barba não caía bem, sabe? É só inegável que você fica ainda mais charmoso assim.

Enquanto dizia isso, com a mão palma da mão ela tocou de leve a face esquerda de Peter.

PERIGOSAS ACHERON

Eu não tinha como saber se eles tinham todo esse grau de intimidade, mas independente disso eu a achei extremamente atrevida.

Peter também pareceu surpreso e apenas murmurou um acanhado agradecimento.

A cobra enfim deu o bote:

- Mas então, você e essa sua *amiga*... - ela apontou uma enervante unha vermelha trêmula em minha direção - vocês trabalham juntos? Ela é sua secretária?

Não resisti e ergui o braço, sinalizando que eu estava bem ali diante dela.

- Querida? Eu estou bem aqui na sua frente. Se você quiser saber algo a meu respeito, pode me perguntar diretamente.

Eu tentei dar um toque leve e divertido à frase, embora eu estivesse me roendo internamente.

Peter riu, parecendo aceitar a minha fala como uma piada, mas entre Isla e eu havia uma espécie

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

de raio fulminante invisível conectando nossos olhares.

Ambas compreendíamos perfeitamente as intenções de cada frase que estava sendo dita ali.

Ela se recuperou rapidamente.

- Ah, me desculpe. É que eu não vejo o Peter há tanto tempo... E a verdade é que eu estava morrendo de saudades de papear com ele, como fazíamos antigamente. Saudades quando os diálogos não eram *triálogos*!

Peter se colocou na linha de fogo, tentando amenizar os raios.

- Respondendo a sua pergunta, eu acredito que podemos dizer que eu e a Laila trabalhamos sim juntos em um projeto, não é mesmo Laila?

- De certa forma, sim! - respondi, orgulhosa.

- Mas o potencial da Laila vai muito além de ser minha secretária. Ela é uma profissional brilhante.

PERIGOSAS ACHERON

Foi a minha vez de corar.

Isla fazia um esforço para esticar os lábios em um sorriso murcho e sem dentes. Não queria externar a sua antipatia, mas sem sombras de dúvida estava me odiando por dentro.

♪ *Wouldn't it be nice if we were older*

Then we wouldn't have to wait so long ♪

Peter e Isla olharam para os lados, procurando a origem daquele som.

♪ *And wouldn't it be nice to live together*

In the kind of world where we belong ♪

Ambos posaram seus olhos em mim.

PERIGOSAS NACIONAIS

- Acho que é o seu celular, Laila - Peter acenou com a cabeça em direção a minha bolsa.

Eu estava tão compenetrada no diálogo que eu não percebi o toque no meu celular. O navio devia estar próximo a alguma costa para captar um sinal de antena.

O visor mostrava “Carol”.

Antes de atender, interceptei Isla retomando o diálogo com Peter:

- Mas eu aposto que até hoje você não encontrou uma substituta à minha altura, não é? Alguém mais capacitada que eu? Lembra que o pessoal até me apelidou de Infal-Isla e diziam que eu era infalível?

Após ouvir isso, atendi o celular com determinação.

- Alô?

Uma voz animada exclamou do outro lado da linha:

PERIGOSAS ACHERON

- Laila, meu cheirinho! Oh, meu Deus! Finalmente consegui completar a ligação!

- Ah, olá Caroline! - respondi séria e profissional.

- “Caroline”? Nossa, quanta formalidade! Mas é tão bom ouvir a sua voz! Mas e como você está? Me conte tudo e não me esconda nada!

- Por aqui está tudo bem, obrigada! Como vão as coisas na empresa?

Minha voz saiu tão profissional que Peter parou a conversa e dirigiu o olhar em minha direção.

Tapei o receptor de voz do celular gesticulando algo como “sabe como é... negócios!”.

- Pirou, Laila? Que papo é esse de empresa? Por favor, não me diga que você está de pileque?

- Ah, Caroline, eu fico lisonjeada com as suas palavras, mas acho um certo exagero você dizer que eu sou *insubstituível* para o andamento da empresa! A equipe inteira é bastante capacitada,
PERIGOSAS ACHERON

inclusive você!

Peter agora me observava mais atentamente como se achasse aquela conversa divertida.

Sinalizei novamente um gesto mudo de “esses funcionários neuróticos que não sabem andar pelas próprias pernas!”.

- Laila Leila Lins! Trate de me explicar agora mesmo o que está acontecendo! Desembucha!

Nome completo só servia para preencher formulários ou para as pessoas mais próximas deixarem claro que estavam furiosas com você.

- Veja bem Caroline, a ligação está começando a falhar. Mas você pode despachar esse contrato imediatamente! Como você sabe, temos milhares de dólares envolvidos nesse negócio!

A frase fez com que Isla arregalasse os olhos em surpresa.

- Contrato? Milhares de dólares? É bom você ter uma ótima explicação para isso tudo, dona PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Laila, porque eu só posso imaginar que você está delirando de bêbada ou então está se fingindo para alguém com uma história mirabolante. E eu espero sinceramente que seja a primeira opção.

- Claro! Amanhã eu estarei no Uruguai e telefonarei para você de lá para explicar tudo... quer dizer, para explicar os procedimentos da transação financeira.

- É bom você me ligar no exato instante que você colocar os pés em terra firme. Caso contrário, eu vou mandar a polícia uruguaia te caçar!

- Fique tranquila. Amanhã nos falamos, Caroline! Passar bem!

Desliguei o telefone com a consciência pesada, mas com o ego nas nuvens.

Eu sabia que, uma vez a par de todos os detalhes, a Carol concordaria comigo que a tal da Isla, que se achava o maior sabor do universo, merecia ser destituída do primeiro lugar no pódio da soberania.

PERIGOSAS ACHERON

Ramuel enfim chegou com as nossas entradas e Isla pareceu finalmente fazer uso de sua capacidade intelectual, dando-se conta de que era hora de se retirar.

- Bem... vou deixá-los jantar, então. - ela virou-se para Peter. - Eu fiquei muito feliz em vê-lo tão bem e recuperado, sendo novamente o mesmo Peter de antes! - ela então colocou sua mão no ombro dele, aproximou os lábios próximos ao seu ouvido e disse em uma voz sussurrante, porém alta o bastante para que eu escutasse - Para mim é sempre um imenso prazer te ver, amado.

A sujeitinha era muito abusada!

Mas o que martelou nos meus pensamentos foi: *recuperado? Voltou a ser o mesmo de antes?*

Percebi uma tensão leve no pescoço de Peter. Ele a agradeceu com um aceno de cabeça e se despediram.

E então, o ar voltou aos meus pulmões.

Embora eu estivesse morrendo de curiosidade
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

de saber a respeito da tal “recuperação”, achei melhor não tocar no assunto já que parecia ser algo muito pessoal e pelo visto, desagradável.

Peter voltou a se sentar e começou a se servir da salada.

- The Beach Boys?

- Quê? Meninos na praia? - perguntei, confusa, tentando arriscar uma tradução literal.

- O toque do seu celular... é uma música do The Beach Boys, não é?

- Ah... acho que sim! - assenti me sentindo estúpida. - Na verdade, a música é inspirada naquele filme “Como se Fosse a Primeira Vez”, você conhece?

- Digamos que se eu tivesse assistido, acho que eu não teria coragem de admitir.

Percebi por sua expressão divertida que ele tinha sim, assistido ao filme... e adorado!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Mas então quer dizer que você está de férias e resolvendo assuntos de trabalho? Até parece um tal sujeito que eu conheço!

- Pois é! Mas o assunto já foi resolvido! - repliquei sucinta, encerrando o assunto. A minha atuação tinha sido direcionada à Isla; eu não pretendia enganar Peter mais do que já havia feito.

Ele tomou um longo gole de vinho.

- Sabe Laila, eu tenho que admitir que foi uma agradável surpresa conhecer você. Quando eu te vi pela primeira vez, eu não podia imaginar que aquela garota tão empenhada nas causas civis do universo das filas VIP, no fundo, e eu quero dizer, *beeem* lá no fundo mesmo, quase achando o petróleo, era de fato uma pessoal agradável.

- Muito simpático de sua parte! - repliquei com o mesmo tom de ironia dele. - Fico comovida, de coração. Infelizmente eu ainda não posso retribuir a gentileza já que você ainda está em processo de avaliação no meu conceito. Preciso de mais um tempo para desvendar se existe alguém aí dentro

PERIGOSAS ACHERON

tão bacana quanto a aparência.

Ele franziu o cenho, sorrindo com os olhos:

- Não sei bem... mas eu *acho* que isso foi um elogio. Foi?

Ops!

Enfie com pressa uma garfada generosa de salada na boca.

- Bem... ãhn... - fez um gesto de que estava mastigando, tentando ganhar tempo para formular uma boa resposta que não me comprometesse.

- Tudo bem, tudo bem! - ele apaziguou. - Mas o que eu quero dizer é que nós não deveríamos perder o contato, sabe?

- Vamos ver se você continua pensando isso até o fim da viagem. Eu posso ser uma pessoa muito mais invocada do que já fui até agora.

Nesse momento, um fotógrafo contratado do próprio navio nos abordou:

- Boa noite, senhores! Com licença. Será que eu poderia tirar uma foto do belo casal para registrarmos este momento especial?

Do belo casal?

Ai...

Mas tudo bem... Até onde eu sabia, a palavra “casal” não tinha exclusivamente uma conotação amorosa. Podia significar uma simples dupla, um par de pessoas.

Mas não seria constrangedor simplesmente aceitar tirar a foto sem nem ao menos tentar corrigir o termo que o fotógrafo utilizou?

- Claro! - Peter respondeu tranquilo, virando o rosto em direção à máquina fotográfica.

Segui o seu exemplo e fiz o mesmo.

- Vocês poderiam se aproximar um pouco mais? Para melhorar o ângulo da foto... - o fotógrafo fez um gesto com a mão que podia ser interpretado por “juntem-se mais um pouco”.

Torci o tronco em direção ao centro da mesa e Peter aproximou sua cadeira de mim a ponto de eu poder novamente sentir o aroma do seu perfume. O fotógrafo ficou satisfeito e começou a manusear a câmera com habilidade. Alguns rápidos flashes depois, ele analisou o resultado no visor da máquina.

- Quando o casal é bonito e possui uma sintonia como a de vocês, fica fácil tirar a foto perfeita logo de primeira!

Peter se voltou para mim e nossos olhares se cruzaram, acompanhados de um sorriso cheio de cumplicidade.

O fotógrafo nos explicou que se quiséssemos adquirir as fotos tiradas durante o cruzeiro, elas estariam expostas na sessão fotográfica do quinto andar.

Assim que ele se retirou, quebrei o silêncio que havia se instalado momentaneamente.

- Você já pensou que amanhã, neste exato momento, toda a sua ansiedade e expectativa para a PERIGOSAS ACHERON

tal reunião já terá ido embora?

Peter assentiu, pensativo.

- É verdade. Se tudo der certo, todo o trabalho e preparação desse projeto será finalmente recompensado.

- Com certeza! E amanhã o nosso brinde será pelo sucesso da reunião! Mesmo não tendo muito a ver com isso, eu preciso admitir que estou ansiosa para saber como será a recepção do seu cliente.

- Então, Laila... é justamente isso que eu queria te falar antes. Eu não vou retornar ao navio amanhã.

Por um segundo, senti o vinho retornando à minha garganta em um refluxo.

- Você não vai voltar?! Como assim? - indaguei sem conseguir controlar a perturbação na minha voz.

- É... eu vou desembarcar em Montevideú. Logo após a reunião eu pegarei um voo de volta ao PERIGOSAS ACHERON

Brasil.

Engoli em seco.

Um sentimento inusitado tomou conta de mim.
Um misto de tristeza e decepção.

- É verdade isso? - a única pergunta que minha mente atordoada conseguiu formular.

- Sim, é. Mas como eu disse antes, eu gostaria mesmo de manter o contato com você. Afinal de contas, quando o Anglo começar a ser comercializado, eu farei questão de mandar um aparelho para você.

Meu sorriso saiu torto.

- ... e eu vou precisar do seu *feedback*, é claro! Preciso saber se o Anglo vai conseguir a façanha de conquistar uma leitora de livros de papéis inveterada.

Nenhuma resposta me veio à mente.

Nenhuma interjeição, nenhum murmúrio.

PERIGOSAS NACIONAIS

Nada.

- Você se importaria em me passar o seu número de telefone? - ele perguntou receoso enquanto eu sustentava o meu olhar perdido nele.

Uma faísca de indignação tomou as rédeas:

- Quer saber, Peter? Não. - declarei, batendo de leve com as mãos na mesa.

- Não? - ele respondeu, atônito.

- Não, eu não acho isso justo. Depois de ter acompanhado toda a sua aflição para essa reunião, agora eu vou ficar sem saber o desfecho?

Ele girou a taça de vinho entre os dedos.

- Ah, é isso! Bem... se você me der o número do seu telefone eu prometo de passar uma mensagem amanhã assim que eu sair da reunião. Está bem assim?

Fazia sentido, eu sabia, mas eu não queria retroceder agora.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Não sei, não! Você vai ficar com os dedos calejados de tanto digitar. Quando eu fico curiosa, eu me torno insuportavelmente questionadora!

Peter finalmente sorriu.

- Agradeço a sua consideração com o bem-estar dos meus dedos, mas não se preocupe com isso. O voo será longo e o avião tem Wi-Fi.

- Ah! - vi ali a oportunidade para mais um argumento. - Mas você já viu quanto custa a internet aqui no navio? É um assalto à mão armada! Não adianta discutir, Peter. O grande senso de injustiça já está pairando no ar.

Ele levantou as mãos em sinal de entrega.

- Em termos de argumentação, eu declaro a minha rendição!

Sorri, inebriando a satisfação de vencer uma discussão com ele, mesmo sabendo que tudo aquilo era apenas uma brincadeira.

Peguei um cartão que estava sobre a mesa

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

escrito “*Ramuel - Garçon*” e anotei no verso o número do meu telefone.

Peter rasgou um pedaço deste mesmo cartão, anotou o seu número e estendeu-o em minha direção:

- Você realmente não estava mentindo quando dizia que podia ser ainda mais invocada!



Nunca gostei de despedidas, mas hoje, particularmente, senti uma tristeza ainda maior em dizer ‘adeus’. Talvez fosse porque no fundo eu sabia que a chance de não voltar a dizer ‘oi’ para ele novamente eram enormes.

Mas o que esperava?

Uma despedida já estava fadada a acontecer de

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

qualquer forma, uma hora ou outra.

Peter e eu pertencíamos a mundos completamente diferentes, embora ele imaginasse o contrário.

Se ele soubesse a verdade a meu respeito, era bastante provável que ele nem teria se dado ao trabalho de pedir o meu telefone.

Mas não foi uma despedida dramática.

Não dissemos “adeus”, “tudo de bom” nem “foi um prazer lhe conhecer”.

Nós simplesmente nos olhamos e nos abraçamos.

Peter disse: “nos falamos amanhã então!” e eu respondi “Está bem, até amanhã”.

“Good night”.

“Boa noite”.

Um último olhar, um último sorriso.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Quando me virei, não olhei para trás.

Retornei à minha cabine, preparei um chá e me sentei na varanda, observando as estrelas.

Que sentimento novo e inesperado era aquele?

Infelicidade.

Parecia que a viagem tinha acabado no momento em que ele disse que não voltaria a bordo.

Olhei para o celular em busca de um sinal de antena. Eu precisava muito falar com a Carol. Precisava explicar o que tinha acontecido, mas acima disso, precisava que ela me explicasse o que estava acontecendo comigo.

Respirei fundo, lembrando a mim mesma de que eu ainda tinha vários motivos para celebrar.

Amanhã eu pisaria pela primeira vez em solo estrangeiro, teria uma companhia agradável para me apresentar a cidade. Quantas garotas naquele navio não gostariam de estar no meu lugar?

PERIGOSAS ACHERON

Abri meu livro na página onde o marcador de páginas havia sido deixado da última vez, ainda no meio de um capítulo.

O senhor Rochester, sentado na sua poltrona forrada de damasco, parecia diferente daquele que eu conhecia antes. Não tão sério, e muito menos melancólico. Havia um sorriso nos seus lábios e os olhos brilhavam, talvez por efeito do vinho... não tenho certeza, mas acho bastante provável. Para resumir: ele estava em seu humor pós jantar, mais expansivo e cordial, e também mais indulgente consigo próprio que o seu humor frio e rígido da manhã.

A leitura começou promissora.

Instantes depois, senti o vento da noite arrepiar meu braço. Retornei ao quarto, fechando a porta da varanda com a intenção de continuar a leitura. Ao me virar, me deparei com um envelope amarelo pardo debaixo da minha porta.

PERIGOSAS NACIONAIS

Não havia nenhuma identificação no lado de fora.

Abri o envelope e senti meu coração sobressaltar.

Era uma foto.

A foto do nosso jantar.

Peter e eu.

No verso da foto, em letra cursiva e caligráfica, uma tinta azul maculava o papel branco:

“You know it’s gonna make it that much better

When we can say good night and stay together...”

PS: Senha da Wi-Fi: JONES8074

PERIGOSAS ACHERON

Peter

O quê?

Será que eu tinha entendido certo?

Corri para o aplicativo de dicionário que eu tinha instalado no meu celular e digitei a frase.

“Você sabe que será muito melhor quando nós pudermos dizer boa noite e ficarmos juntos”

Meu coração parou por dois instantes.

Já no momento seguinte, fiquei inquieta - queria gritar, correr.

Abri a porta da cabine com urgência e olhei para os dois lados procurando por algum vulto ou qualquer movimentação que pudesse indicar

PERIGOSAS NACIONAIS

alguém se esgueirando por alguma passagem.

Encontrei Timur ali próximo, recolhendo as bandejas deixadas nas portas das cabines por hóspedes que preferiram jantar em seus quartos.

- Olá dona Lala! - ele fez um aceno com a mão.

- Tudo bem, Timur. Por acaso você viu este envelope ser colocado debaixo da minha porta?

- Sinto muito. - ele deu de ombros.

Quem sentia era eu.

Sentia meu coração batendo mais forte do que pipoca na panela.

Ao retornar para a cabine, o meu livro permanecia aberto sobre a cama.

No alto da página, destacado da primeira vez em que eu havia lido o livro, um marca texto na cor verde fez saltar diante dos meus olhos uma frase:

PERIGOSAS ACHERON

“É loucura uma mulher permitir que um amor secreto queime dentro dela. Amor que, desconhecido e não correspondido, devora a própria vida que o alimenta. E, se revelado e retribuído, pode levar, como um fogo-fátuo, a um pântano de onde não há como sair.”



WOULDN'T IT BE NICE:



Capítulo 16

- Dia 4 -

O aroma característico de protetor solar dominava o ambiente abarrotado de famílias ansiosas pela primeira escala do navio em solo estrangeiro.

A voz da diretora de cruzeiro surgiu animada pelos alto-falantes: *SEÑORAS Y SEÑORES, sean todos bienvenidos a Montevideo!*

Testemunhar aquela alegria alheia estava me irritando profundamente e como eu costumava dizer em situações como aquela: paciência é tudo; tudo que eu não tenho.

Daniel estava atrasado há mais de vinte minutos

e eu já começava a pensar se tinha delirado sobre aquela sua visita ao meu quarto no dia anterior.

Como os demais hóspedes, eu também me sentia ansiosa em sair e explorar a cidade.

O pensamento incômodo de que se eu tivesse descido por conta, já estaria há muito tempo batendo pernas pelas famosas ruas arborizadas da cidade insistia em zumbir em meus ouvidos.

Até mesmo Peter naquele momento já devia estar bastante ativo - um membro participante do fluxo matinal rítmico da cidade. Talvez ele estivesse dentro de um carro dando uma última revisada em sua apresentação, ou quem sabe já estivesse encarando o seu cliente.

Se por obra do destino nós nos cruzássemos em alguma esquina da cidade, como será que eu deveria reagir? Ou ainda, qual seria a reação *dele* ao me ver ao lado de Daniel?

Nesse instante, meu companheiro de desembarque finalmente deu as caras. Já de longe, percebi seu belo sorriso armado no rosto. Ele estava

PERIGOSAS ACHERON

quase irretocável.

Quase.

Ele vestia uma camisa polo listrada em azul e branco e uma bermuda jeans de tonalidade clara que ornava com um cinto marrom.

E calçava chinelos de dedo.

Mas não... não era do tipo casual-estiloso. Eu não conseguia pensar em um motivo plausível para alguém usar em público um *troço* com tiras em decomposição além de um desmesurado valor afetivo.

Quando se aproximou, ele foi logo desferindo suas desculpas:

- Oi, oi minha gatinha! - um beijo firme e demorado encontrou minha bochecha. - Desculpe o atraso, mas meu chefe me empacou até agora. Ele me pediu para trazer umas coisas da cidade, mas não é nada que vá atrapalhar o nosso passeio.

- Tudo bem - murmurei. - Mas você tem certeza

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

que quer ir de chinelos, Daniel? Não vai ser desconfortável para você caminhar?

Ele deu de ombros, minimizando a questão:

- Ih, bem gata! Você deve estar achando que Montevideu é uma metrópole tipo Nova Iorque, Londres ou Tóquio como você deve estar acostumada. Mas eu lamento desiludir você: a cidade aqui é minúscula. Não vai muito além de estátuas e prédios velhos.

Um belo banho de água fria.

Então a minha primeira experiência internacional seria em uma capital que mais parecia um cidadezinha interiorana?

Daniel percebeu a decepção em meu semblante e emendou:

- Ahh... desanima não, bem gata. Olha só: eu prometo me esforçar ao máximo para que você tire o melhor proveito de Montevideu, de mim e das suas *vacaciones*.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ele percebeu quando franzi as sobrancelhas em interrogação:

- Vacaciones significa férias em espanhol. Que você curta bem as suas férias - ele ergueu as sobrancelhas de forma charmosa antes de acrescentar: - E para começar essa experiência montevidiana, aqui no Uruguai você será a minha *nena*. É tipo “gatinha” em espanhol, saca?

Alguém deveria encaminhar à Daniel o memorando universal que dizia que chamar alguém de “gata” já não era tão *cool* assim.

Ri de leve com este pensamento, e ele encarou como um sinal verde.

Ele passou a palma da mão de leve no meu rosto e fez um carinho suave.

- Este passeio vai ser inesquecível, *nena*!

Aquiesci.

Quando Daniel queria ser irresistível, era muito difícil não se deixar envolver.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ao nos dirigirmos à fila, Daniel colocou sua mão por cima do meu ombro, me envolvendo em um abraço. Fui alvejada por olhares de uma inveja fulminante, mas eu não podia me importar menos.

Daniel também parecia bem ciente das admiradoras que o cercavam: pelos cinco minutos de caminhada entre o navio e o ônibus que nos levaria ao centro da cidade, ele parecia um político em dia de eleição: distribuía sorrisos e atendia até mesmo à solicitações de *selfies*. Só faltou segurar um bebê no colo.

O translado encheu rapidamente e deixou o terminal portuário, iniciando seu curto trajeto até o centro da cidade.

O dia estava perfeito - um céu de azul profundo e clima ameno.

- A área que a gente desembarca é bem “pega turista”, sabe? Muita bugiganga, artigos de segunda mão. Já a Avenida 18 de Julio tem umas lojas mais requintadas, joalherias elegantes e tal... enfim, lojas das quais você deve estar mais acostumada a

PERIGOSAS ACHERON

frequentar.

A sua intenção em agradar me pareceu genuína, mas a realidade era que eu nunca tinha pisado em uma joalheria em toda a minha vida. Aliás, eu nunca sequer entrei em uma loja que recebesse a denominação de “requintada”. E mesmo que eu quisesse atuar como a jovem próspera que me fiz parecer, eu só tinha levado dinheiro o suficiente para almoçar e comprar uma lembrancinha tipo... um ímã de geladeira.

- Então Daniel... - tateei sutilmente com o cérebro trabalhando à mil por hora por uma desculpa convincente. - Eu agradeço a sua preocupação, mas eu prefiro deixar para fazer as minhas compras mais... dispendiosas... em Buenos Aires. Lá eu já conheço algumas lojas de renome; aquelas que eu sei as que são honestas e não vão querer me empurrar falsificações, sabe?

Perfeito, Laila! - pensei.

Eu já sabia que em Buenos Aires ele teria que permanecer a bordo, portanto não me veria retornar

PERIGOSAS NACIONAIS

ao navio trazendo apenas sacolinhas de supermercado cheias de alfajores e potes de *dulce de leche*.

Ele assentiu, contrariado

- Você é quem sabe.

O ônibus nos deixou em frente à Catedral de Montevideu, um prédio que visualmente demonstrava trazer muito passado em suas paredes. Logo a seguir havia a *Plaza Constitución* - uma praça agradável e bem arborizada com uma fonte com querubins em mármore no seu centro.

- Essa praça é a mais antiga da cidade, - disse Daniel - você só vai ver lugares históricos por aqui. Não é a toa que esse bairro é chamado de *Ciudad Vieja*; Cidade Velha. Mas se você quiser registrar, posso tirar uma foto sua.

Aceitei a oferta e lhe estendi o meu celular, me dando conta apenas tarde demais de que o meu aparelho era de um modelo bem antigo e nada condizente à executiva de sucesso a qual eu fingia ser.

PERIGOSAS ACHERON

Daniel não deixou passar em branco.

- Eu já tive um celular desses... umas duas décadas atrás! - ele riu e acrescentou em tom de brincadeira. - Ao menos esse seu aparelho está combinando perfeitamente com o bairro, hein *nena*?

Eu lhe devolvi um sorriso sem graça sem conseguir formular uma boa desculpa. Para mim, se o celular fizesse chamadas, mandasse mensagens e conectasse a internet eu já me dava por satisfeita.

Enquanto eu me posicionava para bater a foto, Daniel deve ter consultado o seu arsenal de cantadas e em vez de dizer o tradicional “Diga xis”, ele soltou:

- Se quiser um beijo me dá um sorriso; se não quiser, dê um salto-mortal para trás!

Fiz uma prece silenciosa aos céus por ele ser tão lindo, porque toda vez que ele me lançava uma cantada de pedreiro eu sentia como se agulhas finas tivessem sendo fíncadas debaixo de cada uma das

PERIGOSAS ACHERON

minhas unhas.

Seguimos pelas ruas estreitas por um caminho encantador, repleto de restaurantes, lojinhas e bares.

Tudo o que eu via era novidade para mim; as construções antigas me remetiam aos livros de história, a uma época em que o Uruguai ainda não era um país independente.

Apesar de antiga, Montevideú transparecia-se como uma cidade bem conservada e muito, muito arborizada. Daniel inclusive chegou a comentar que em Montevideú havia uma árvore plantada para cada três habitantes.

Assim que chegamos à famosa *Plaza Independencia* - uma praça muito ampla e considerada um dos maiores pontos turísticos da cidade, Daniel sugeriu que nos sentássemos por um instante para darmos pequenas pausas a fim de “sentir a vibração do local”.

Ele estava certo.

PERIGOSAS NACIONAIS

Encontramos um banco em frente à estátua em homenagem ao herói da independência uruguaia - o general Artigas - e nos sentamos lado a lado.

Observamos ao nosso redor um grupo de jovens preparando seus instrumentos para iniciar uma apresentação musical.

- Você já deve ter feito esse passeio algumas dezenas de vezes, né? - provoquei Daniel, empurrando o seu braço com um leve movimento do meu próprio braço.

Ele manteve o olhar fixo no grupo musical.

- Algumas vezes... - ele voltou o olhar para mim. - Mas eu nunca tive uma companhia tão gata quanto você!

- Ah, está bem Daniel! - repliquei em tom sarcástico. - Você não acha que eu vou acreditar nisso, né?

- Ué! Por que você duvidaria?

- Você sabe muito bem o quanto chama a
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

atenção das garotas no navio. Em um momento você se apresenta no teatro com um monte de tietes disputando uma gota do seu suor embaixo do palco, no seguinte a organização praticamente começa a distribuir senhas para as garotas conseguirem tirar uma foto com você. Até as brincadeiras de animação que você comanda juntam mais gente do que cabe no lugar. E eu tenho certeza que tudo isso se repete semana após semana.

Ele abriu um sorriso que preencheu todo o seu rosto.

- Não vou ser hipócrita de negar que é mais ou menos isso mesmo - ele divagou. - Mas eu só tenho uma única pergunta: por acaso eu consegui chamar a *sua* atenção? - seu polegar apertou suavemente o meu queixo.

Corei.

- Bem... eu aposto que você já deve ter trazido “*trocentas nenas*” aqui nesse mesmo lugar... - fiz um sinal de aspas no ar para ressaltar a ironia daquela palavra “nena”.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Uma voz grave soou em um microfone, interrompendo meu ataque de gagueira.

O vocalista do grupo anunciava o início da apresentação. Aproveitei a chance para me calar e desviar o olhar.

- *Esperamos que les guste nuestra musica...* - ele apontou para uma caixinha à sua frente claramente destinada à contribuições espontâneas - *... y desde ya, muchisimas gracias por ayudarnos a promocionar nuestro sueño. Ahora... ¡dale!*

A banda começou a tocar uma música de rock, e muitos passantes pararam para assistir.

Alguns começaram a cantar junto.

- Laila, deixa eu explicar uma coisa: a gente ainda está só se conhecendo, mas acredite: eu sei exatamente como você me vê.

- É mesmo? E como é que eu te vejo?

- Um cara popular, fora do comum, admirado e invejado pelas pessoas...

PERIGOSAS ACHERON

- ... e um sujeito modesto! - não resisti.

- É, bem... digamos que eu sei o meu valor. Mas a questão é que por trás dessa carapuça, eu tenho outros anseios de vida, sabe? Eu quero crescer, ser reconhecido por algo que vá além da glória passageira do universo náutico.

Assenti de leve.

- Entendo, Daniel, e acredito em você. Você tem talento, é carismático, afinado e, bem... tem uma excelente presença de palco e tudo mais. Você já pensou em participar de algum desses concursos de canto da televisão?

Ele muito provavelmente bateria todos os recordes de votos do público feminino.

- Acho que você não está entendendo, Laila... - ele suspirou exibindo um meio sorriso. - A minha ambição não está na fama ou na glória; isso tudo eu já tenho. O que eu preciso agora é conquistar tudo aquilo que eu ainda não consegui. Eu quero me estabelecer em um lugar, sossegar, sabe? Ter uma família e poder viver a minha vida ao lado de PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

alguém assim...

Ele continuou falando, mas eu só pude ver os seus lábios se movendo. A sua voz foi abafada pelo coro da pequena multidão que se formou ao redor da banda musical. O vocalista fazia um movimento com as mãos no ar, incentivando o público a cantar com eles o que provavelmente era o refrão da música.

♪ *Sólo una vez*

pudo reírse de su contradicción

y de volar como si fuera un pez

que ahora camina cumpliendo una misión ♪

♪ *Sólo una vez*

pudo aguantarse de querer existir

PERIGOSAS ACHERON

logró burlarse del sentido común
y de las cosas que no saben morir... 🎵

Acompanhamos o restante da apresentação em silêncio.

Ao final da música, a banda recebeu a aprovação do público através de aplausos empolgados, que os motivou à imediatamente tocar a próxima canção do repertório.

Daniel se levantou em um convite para continuarmos nossa caminhada.

O tópico anterior não voltou a ser mencionado.

- Está vendo aquele palácio ali? - Daniel apontou para uma edificação imponente e arquitetônica com uma enorme torre em estilo gótico.

- É lindo!

PERIGOSAS NACIONAIS

- É o *Palacio Salvo*. Quando ele foi construído no início do século passado, foi considerado o edifício mais alto da América do Sul.

Enquanto eu analisava o tamanho da torre - um tanto modesto para os padrões de hoje em dia - ele se virou e apontou para outro prédio antigo que exibía umas colunas na fachada:

- Aquele prédio ali é o *Palacio Estévez*, o antigo palácio presidencial. Hoje é um museu. Já aquele outro edifício espelhado do lado é a sede do governo atual.

Olhei para ele com um ar surpreso.

- Que incrível! Você se interessa por história?

Ele levantou uma sobrancelha e disse com um sorriso enigmático:

- Uma das *trocentas nenas* que eu trouxe para cá era guia turística - caçoou.

PERIGOSAS ACHERON



Estávamos em meio à movimentada Avenida *18 de Julio*, o fervo comercial da cidade.

Eu tinha acabado de me sentar em um banco na pitoresca praça *Entrevero*, que muito cordialmente fornecia Wi-Fi gratuito para os seres humanos que se tornavam cada vez menos humanos caso não tivessem acesso à internet.

Daniel tinha ido até uma loja de departamentos próxima para buscar algo que seu chefe havia lhe encomendado.

Assim que o meu celular conectou a internet, o tradicional barulhinho de nova mensagem tocou.

Meus batimentos cardíacos triplicaram na possibilidade de ser notícias atualizadas de Peter quanto à reunião.

<Carol> - Prezada senhora Laila: queira por gentileza telefonar à subordinada que vos fala assim que vossos sagrados pés se firmarem em terra firme. Tentei localizar o mencionado contrato milionário em seu gabinete, mas só encontrei faturas de cartão de crédito vencidas, carnês com prestações atrasadas e cartas jurídicas de cobrança.

<Carol> - A propósito, aqui é a Caroline. Passar bem!

Liguei para ela imediatamente.

O toque de chamada se arrastava com uma insistência irritante.

A Carol não era do tipo que faria jogo duro por conta da pequena confusão do dia anterior e portanto, estranhei quando a chamada foi direcionada à caixa de mensagens.

“Carolzinha! Eu estou em Montevideú, mas não

ficarei aqui por muito tempo. Assim que puder, me ligue! Eu preciso muito falar com você! Mesmo. Muito mesmo!”

Desliguei.

Olhei rapidamente as outras mensagens recebidas.

Peter não tinha mandado notícias.

A essas horas a reunião já devia ter terminado e ele estava fazendo uma social com os executivos da empresa. Ou *executivas!*

- Nossa Peter! Você é muito mais bonito pessoalmente do que nos meus sonhos!

- Hola, mucho gusto! Eu me chamo Dolores, mas pode me chamar a qualquer hora que você quiser!

- Me beije se eu estiver errada, mas esse leitor digital utiliza energia nuclear, certo?

Chacoalhei a cabeça na tentativa de afastar
PERIGOSAS ACHERON

aqueles pensamentos obsessivos.

Eu quase não me reconhecia.

Daniel vinha agora em minha direção com uma sacola na mão e com os olhos atentos em mim.

Fisicamente falando, ele era o pacote completo: era alto, tinha um rosto simétrico e sedutor, ombros largos e músculos dignos desses atores descamisados que as novelas colocavam para atrair a audiência. Além disso, seu sorriso era capaz de causar delírios. Até as *chicas uruguayas* o encaravam enquanto ele passava, provando que não era apenas o estimulante afrodisíaco do palco ou sua posição de destaque no navio que chamava a atenção.

Mesmo assim, os meus pensamentos estavam longe dali.

Ou quem sabe, não tão longe assim - talvez há apenas alguns quarteirões de distância, mas eu não tinha como saber exatamente.

Daniel se aproximou exclamando:
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Aí está você! Eu procurei você por todos os lugares, bem gata!

- Como assim? Eu fiquei bem aqui, no mesmo lugar que você me deixou.

- Sério? Porque já faz alguns anos que eu estou procurando alguém como você, *nena*!

Esbocei um sorriso.

- Você é muito engraçadinho.

- É esse seu sorriso que me motiva!

Ele estendeu a sua mão livre, me incentivando a levantar do banco em um convite para continuarmos o passeio.

- O que você me diz? Bora almoçar?

Concordei de imediato. O meu estômago já estava criando vida própria e eu queria muito experimentar o tal *chivito*, um sanduíche clássico da culinária uruguaia.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Falei isso à Daniel que imediatamente me disse que conhecia um lugar delicioso próximo dali.

Assim que entramos no lugar, um cheiro saboroso invadiu as minhas narinas.

Daniel pegou dois cardápios e me estendeu um deles.

- Esses *chivitos* são uma coisa de outro mundo, Laila.

- Eu imagino! - falei, já salivando ao ver as pessoas retirando seus pedidos no balcão.

- Pois é! O maldito vira uma assombração que vai perseguir você pelas próximas semanas e que você só se dará conta do mal que ele fez no seu corpo na próxima vez que subir na balança.

Quê?!?

Quando é que o mundo virou do avesso e a expressão “coisa de outro mundo” passou a ser algo ruim?

PERIGOSAS ACHERON

- ... mas não precisa fazer essa cara de espanto não, gatinha! Saca só isso - ele apontou para um sanduíche no cardápio: - *chivitos light: Berenjena, Lechuga, Rúcula, Palta, Cebola Cruna y Queso de Cabra...*

Se *berenjena* fosse algum tipo de batata, *lechuga* fosse linguiça e *palta* fosse picanha eu estaria bem. Mas vindo de quem vinha, o meu pressentimento já me dizia que...

- ... ou seja; berinjela, alface, rúcula, abacate, cebola crua e queijo de cabra.

Eu jamais comeria um sanduíche de berinjela nas férias! Não M-E-S-M-O!

- Ah, me desculpe Daniel! É que... sabe, eu fiz uma promessa uns anos atrás... - acrescentei dramaticidade para causar maior impacto - aliás, foi praticamente um pacto de sangue com a minha avó; que Deus a tenha. Ela me fez jurar que toda vez que eu viajasse, eu experimentaria um prato típico da região, sabe?

- Eu, hein? Que espécie de juramento mórbido
PERIGOSAS ACHERON

foi esse? - Daniel disse, franzindo as sobrancelhas.

- Bem, ela era *chef* de cozinha. E era apaixonada por... hmm... princípios. Ela era muito tradicional.

- Qual era o nome dela?

- O nome dela? Era... Albertina. Por quê?

Ele juntou as mãos, olhou para cima e iniciou uma oração um tanto íntima.

- Olá dona Albertina. Eu sou o Daniel e estou ao lado da sua neta Laila. Eu entendo que na sua época, a senhora achava que ser obeso era sinônimo de saúde. Imagino que a senhora não sabia que os revertérios intestinais que faziam vocês pintarem a porcelana no banheiro tinham a ver com o excesso de lactose. Bem, as coisas mudaram bastante por aqui. Por esse motivo, a gente pede que seja aberta uma exceção nesse tal juramento aí para que a Laila permaneça firme na dieta. Obrigado... - ele voltou o olhar para mim, mas voltou para cima novamente, se lembrando de algo: - Ah! E amém! - concluiu.

Soltei uma risada sem graça, esperando a indicação clara de que ele estava brincando. Nada. Nenhuma reação.

- Meu *coach* sempre me diz que dieta não tira férias.

Me dei por vencida e enfiei o tal chivitozinho light goela abaixo.

Ao final da refeição que mais pareceu um aperitivo, Daniel acrescentou cheio de orgulho:

- Eu não disse que valeria a pena? Vai por mim, gata. As dicas do Dani aqui é tipo vitamina; faz um bem danado para o seu corpo! - ele acrescentou soltando uma risada que exibiam seus dentes perfeitos.

- Mas já que estamos comendo saudável, essa tal porção podia ser mais bem servida, você não acha? Isso aqui mal deu para o cheiro!

- Então aqui vai mais uma porção de sabedoria: se a gente abre uma exceção aqui e ali, o estômago
PERIGOSAS ACHERON

pode ficar mal acostumado e aumentar de tamanho em até oitenta vezes, sabia?

Aquela informação só serviu para me fazer pensar no tanto de vezes que eu faria o meu estômago dilatar logo que eu retornasse ao navio em um ambiente “Daniel-free”, bem longe de seu olhar crítico.

Ele olhou no fundo dos meus olhos, arrematando o golpe final atingindo o ápice de seu charme:

- No final das contas, tudo se resume à apenas uma questão, minha gatinha: *no pain, no gain*. E eu imagino que não deve ser nada fácil para você manter o título de garota mais linda desse mundo. Mas posso te falar? Continue o plano. Está dando certo.

Senti um calor crescendo dentro de mim.

Eu não sabia dizer se era pela intensidade em seu olhar, pelo jeito com que ele passou a língua devagar por sobre seus lábios ao terminar de dizer aquela frase ou por sua mão que se juntou a minha,
PERIGOSAS ACHERON

acariciando-a pela primeira vez.

Pensei que essa sensação podia ser as famosas borboletas no estômago.

Mas no fim das contas, era apenas fome mesmo.



FRÁGIL:



**EXTRA: ROTEIRO DE CAMINHADA EM
MONTEVIDÉU:**

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 17

- *Dia 4* -

O sol já estava se pondo quando passamos brevemente pelo Parque Rodó e nos misturamos aos uruguaios que curtiam o fim de tarde na orla em frente ao Rio da Prata, mais conhecida por *Rambla*. Enquanto alguns uniam o útil ao agradável ao passear e se exercitar com seus cachorros, outros preferiam a companhia de suas cuias de mate trazidas debaixo do braço.

Caminhamos até o tradicional letreiro de Montevideu quando Daniel se dirigiu até uma loja de suplementos para comprar alguns produtos “ultra mega power para o *shape*”.

PERIGOSAS NACIONAIS

Fiquei aguardando seu retorno ali no parque mesmo, enquanto selecionava algumas fotos para postar nas redes sociais.

De repente, um som familiar soou do aparelho.

♪ *Wouldn't it be nice if we were older...* ♪

- Carol! - atendi no instante em que senti a primeira vibração no celular.

- Então quer dizer que eu voltei a ser só “Carol”, é?

- Me desculpe, Carolzita... Nossa, eu tenho tanta coisa para te contar!

- Onde você está?

- Estou em uma praça com Wi-Fi, esperando o Daniel voltar.

PERIGOSAS ACHERON

Falei só “Daniel” propositalmente, esperando a exata reação que ela teve.

- DANIEL? Que Daniel?

- É, bem... um *amigo* que fiz aqui no navio...

- Amigo, é? Que nota...?

“Nota” era um código que tínhamos para toda vez que captávamos um carinha com potencial em nosso radar. Mesmo que estivéssemos com outros amigos, a gente se olhava de um jeito só nosso e de alguma maneira, dava um jeito de enfiar no meio da conversa uma pergunta casual do tipo: “- Ah, Laila, você não tinha que ir à farmácia hoje, não?”, e a resposta que se seguia representaria o número da nota que estávamos concedendo ao indivíduo em questão: “- Sim... vou passar lá por volta das 8 horas”, ou então “Já passei lá mais cedo, as 3 horas!”.

A última vez em que perguntei à Carol sobre uma nota foi quando falei com ela por telefone durante o seu primeiro encontro com o David. Quando do meu lado da linha eu lhe questionei a

PERIGOSAS ACHERON

nota, ela disfarçou e respondeu “Dez dias, dez meses, dez anos... quem é que está contando o tempo, Laila?”. E por seu tom de voz eu soube tudo o que viria a seguir.

- Oito.

- Oito? Meu Deus, Laila! Para *você* dar oito, esse tal Daniel deve ser um fenômeno! - ela se espantou. - Eu me lembro que para o Léo você tinha dado nota seis, e olha que depois disso você chegou a namorar sério com ele!

Digamos que eu era bem exigente mesmo. Oito era praticamente um recorde para os meus padrões rigorosos.

- Pois é. Ele é um colírio... - falei reticente.

- Hmm... pressinto um “mas” a caminho.

Desatei a lhe contar toda a história; desde o meu suspiro quase adolescente por Daniel no primeiro dia do cruzeiro, de como essa atração me fez contar algumas mentiras inocentes a meu respeito, do fato de que tais lorotas haviam sido

PERIGOSAS ACHERON

ditas em público em uma brincadeira e que, por consequência, acabaram sendo testemunhadas por Peter. Confessei que essa minha vida inventada havia elevado a minha autoestima a um ponto que eu já não conseguia mais desmentir.

Concluí a narrativa lhe falando sobre o sentimento inusitado que eu havia experimentado ao ouvir Peter dizer que não retornaria mais ao navio e lhe contei sobre o bilhete misterioso que ele havia deixado debaixo da minha porta.

Enquanto ouvia, a Carol apenas murmurava eventuais “a-hã” para confirmar que estava ali, digerindo as informações. Quando finalmente teve chance de falar, insistiu na tal ligação enigmática que eu tinha tido com ela na noite anterior.

- Bem, deixe só eu entender: Então quer dizer que ontem, quando nós nos falamos por telefone, você estava inventando *mais uma* mentira só para posar como uma brilhante executiva na frente dessa tal Isla?

- Exato! Você tinha que ter visto a cara de tacho

dela quando eu disse “contrato milionário”! Primeiro ela arregalou os olhos e eu pude perceber nitidamente quando ela murchou, bem ali na frente do Peter.

- Nossa! E você deve ter se sentido triunfante, né Laila?

Notei o tom recriminador na sua voz. Foi a minha vez de murchar..

- ... eu só não entendo uma coisa: se tudo o que você disse era apenas fingimento para a tal Isla, por que você não para de falar nesse tal Peter?

- Não é bem assim, Carol. Eu só estava narrando os fatos. E sei lá, acho que toda a situação massageou um pouco o meu ego caído, só isso... eu acho.

O outro lado da linha se manteve em silêncio por uns segundos.

- Você sabe que eu sou a sua melhor amiga, né?

- É claro!

PERIGOSAS NACIONAIS

- E você sabe que melhores amigas falam a verdade, custe o que custar, certo?

- Sei... - murmurei, já sabendo que não gostaria de ouvir o que viria a seguir.

- ... e eu não vou te falar aquilo que você quer ouvir, mas sim aquilo que você *deve* ouvir, está bem?

- Desembucha.

- Bem... quanto ao Peter, mesmo que você se sinta culpada por ter mentido para ele, ele mesmo já resolveu a questão para você ao decidir não retornar ao navio. Vocês provavelmente nunca mais vão se ver na vida, ou seja, questão resolvida. A partir de agora, encare esse assunto como uma lição: para se envolver com alguém, você *precisa* ser verdadeira, Lailinha! Você já pensou que o Peter foi embora sem nem ao menos ter tido a chance de conhecer você *de verdade*?

A pergunta era retórica e tinha me atingido como um murro no estômago.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- ... e quanto a este Daniel que está na sua frente em carne e osso, bem... você precisa admitir que vocês são um tanto diferentes. Então escute bem o que eu vou dizer agora, porque você nunca mais vai me ouvir repetir isso, chuchu... - ela fez uma pausa para causar maior impacto e arrematou: - Se joga, Laila! Se nem você e nem ele estão se iludindo, se vocês dois têm consciência de que esta semana é apenas passageira, se o cara é um OITO, eu só te digo isso: vai fundo! Beija na boca, aproveita ao máximo essa semana, porque você sabe... daqui a pouco a vida real bate na porta de novo e a realidade é um pouco mais árdua.

Fiquei realmente surpreendida com este conselho da Carol - justamente ela, uma pessoa sempre tão comedida e prudente em suas opiniões.

- Espera aí, Caroline. Você está me dizendo que eu devo curtir o momento, sem medir as consequências?

- Eu? Você está doida? Eu nunca falei nada disso.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ela não ia mesmo repetir.

- Captei.



Logo que desliguei o telefone, Daniel retornou da loja munido de três sacolas repletas de suplementos e um semblante de satisfação.

Ele me estendeu uma barrinha de proteína com a mesma pompa com que ofereceria um buquê de rosas. Como o melhor tempero é a fome, a tal barrinha me pareceu um manjar dos deuses.

O céu já dava sinais da escuridão próxima e optamos por dar o passeio por encerrado.

Eu já sonhava com o momento em que me entregaria ao aconchego de um banho quente e demorado.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Já estávamos na área de reembarque quando um dos fotógrafos profissionais do navio se posicionou diante de nós.

- Olá vocês dois! Que tal uma foto de recordação de Montevideú?

- Claro! - Daniel exclamou, sem aguardar por minha resposta. - Só espere um pouco!

Ele me puxou pela cintura, lançou uma piscadela rápida ao fotógrafo e me tascou um beijo entusiasmado na boca.

E ele foi com tudo: não um beijo gentil nos lábios, mas um ataque direto à boca.

Ainda alarmada, tentei me focar na sensação daquele beijo, mas tudo não passou de um instante rápido, uma pose para a foto.

A lembrança maior ficou por conta do sorriso sem graça que recebemos do fotógrafo antes de chamar o próximo passageiro da fila.

Daniel riu, limpando o canto da boca em uma

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

provocação brincalhona e malandra e pegou a minha mão sem dizer qualquer palavra ao seguirmos adiante com os procedimentos de reembarque.

Passados pelo raio-X, ele me disse que sua folga estava oficialmente terminada, já que ele estava escalado para comandar a animação noturna na boate.

- Bem... então é isso - falou, ao chegarmos próximo às escadas que conduziam para os cômodos dos tripulantes na área baixa do navio - Eu fico por aqui porque preciso bater o ponto. Espero que você tenha curtido o dia de hoje tanto quanto eu curti.

- Ah... sim. Você foi um ótimo guia. - falei com um meio sorriso.

- A real é que eu gostaria de ter sido bem mais do que um guia! - ele ergueu a mão em uma carícia na minha bochecha.

- C-claro! Obrigada pela companhia.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ele me puxou novamente para junto de si em um beijo ofegante.

Seu rosto se movia de um lado para outro enquanto suas mãos faziam uma expedição por minhas costas e braços.

Comecei a corresponder, lembrando o conselho da Carol, mas assim que nos afastamos, Daniel me lançou um olhar atravessado.

- Você não fechou os olhos.

- O quê?

- Você não fechou os olhos.

- Não fechei? - perguntei surpresa por ele ter dito isso logo após o nosso primeiro beijo *real-oficial*.

- Está tudo bem. Eu compreendo perfeitamente, gatinha.

- Ähn?

PERIGOSAS ACHERON

Que papo de maluco era aquele?

- Você só quis ter certeza de que isso estava de fato acontecendo, não é? E a real é que sim, a gente se beijou mesmo.

- Ããhnn?!?

- A gente se vê hoje a noite?

Completamente confusa com aquele diálogo, ouvi novamente a voz da Carol: *Se joga, Laila.*

- Hmm... bem, eu acho que sim.

- Que fofa... ficou até desnorteada? - ele riu algo, cheio de confiança. - Não se preocupe. Eu já vi esse filme antes. Mas quero muito te ver hoje a noite lá na boate, beleza?

- Sim - murmurei.

Ele piscou um olho, estalou os dedos e desceu as escadas sem olhar para trás.

Subi até minha cabine onde entreguei todo o

PERIGOSAS NACIONAIS

peso do meu corpo à cama.

Eu e Daniel nos beijamos.

Tinha sido um beijo entusiasmado, sem dúvidas.

Ardente.

Um pouco estranho.

Quantas garotas naquele mesmo navio não dariam de tudo por um beijo dele?

Mesmo assim, eu me sentia estranhamente tranquila. Meu coração não saltou do peito, eu não senti falta de ar ou um frio na boca do estômago.

Fiquei perdida em meus pensamentos até meus olhos posarem despretensiosamente no envelope amarelo sobre o criado-mudo.

Peguei-o na intenção de conectar a senha do Wi-Fi de Peter no meu celular, mas antes eu me foquei na fotografia do nosso jantar.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Nós dois saímos com os olhos quase fechados por conta do sorriso largo. Ele estava em uma pose relaxada, com os braços sobre a mesa, o tronco e a cabeça levemente arqueados em minha direção. O retrato de duas pessoas tranquilas, apreciando a companhia um do outro.

Conectei a internet e olhei ansiosa para o celular na busca por alguma nova mensagem.

Nada.

Entrei no chuveiro deixando a água quente escorrer por entre os fios do meu cabelo gradualmente. Enquanto sentia aquela onda de calor reconfortante transpassar pelo corpo, desencorajei a mim mesma repetindo que não adiantaria nada ficar me lamentando. Peter devia ter um universo de coisas novas acontecendo diariamente em seu cotidiano; provavelmente a sua própria rotina era muito mais empolgante do que uma viagem de cruzeiro.

Terminei o banho, peguei o meu livro e o celular (não sem antes dar uma espiadela disfarçada

PERIGOSAS ACHERON

de canto de olho a fim de me certificar de que eu não havia recebido uma nova mensagem durante o banho). Subi até o convés superior, procurando por um cantinho tranquilo para relaxar corpo e mente, mas a área estava lotada de passageiros que queriam acompanhar a saída do navio do porto.

Em meio a uma multidão de rostos, faltava apenas um.

Percorri toda a extensão do convés em busca de uma espreguiçadeira em que eu pudesse relaxar e ler meu livro, contudo as únicas que encontrei disponíveis ficavam na área reservada aos fumantes.

Naturalmente, olhei para o alto e enxerguei o único lugar que não haveria nenhum agito.

O topo do navio.

Antes de encarar as escadas, me servi de algumas porções de frutas e sanduíches já que eu não pretendia ir ao jantar formal naquela noite.

A iluminação noturna da letra “D” concedia
PERIGOSAS ACHERON

uma luz indireta ao ambiente, deixando o local ainda mais tranquilo e aconchegante e, como eu já imaginava, o lugar estava deserto.

Sentei-me na cadeira confortável que Peter havia usado no dia anterior e abri o livro.

Minha mente foi imediatamente transportada ao mundo de Jane Eyre, em meados do século dezenove. Jane estava vivendo um drama pelo fato de seu grande amor - o senhor Rochester - estar prestes a se casar com a bela e esnobe senhorita Ingram. Não suportando a ideia de vê-lo casado com outra mulher, ela pede para deixar a propriedade de Thornfield, onde trabalha como governanta.

A violência da emoção, aumentada pela tristeza e pelo amor dentro de mim, pedia para dominar, lutava para afirmar-se, clamava pelo direito de predominar, de superar, de elevar-se e, por fim, de reinar. Sim - e por falar.

– Lamento deixar Thornfield. Amo

Thornfield, e amo porque... porque vivi aqui uma vida plena e deliciosa, pelo menos por algum tempo. Não fui humilhada, nem paralisada. Não fui enterrada viva com mentes inferiores, nem excluída de contato ou comunhão com tudo que é brilhante, vital e elevado. Conversei, face a face, com aquilo que reverencio, que me seduz – com uma mente aberta, original e atenta. Eu conheci o senhor, Mr. Rochester. E fico tomada de angústia e pavor ao pensar que devo me separar do senhor para todo o sempre.

A partir daí, o texto atingia o seu ápice - a parte mais bela de todo o livro na minha opinião.

O senhor Rochester declara o seu amor à Jane e a pede em casamento em uma manifestação tão apaixonada a ponto de Jane duvidar de que aquelas palavras estavam realmente sendo ditas.

A buzina do navio soou em anúncio a saída do navio do porto no exato instante que os meus olhos já não conseguiam finalizar a leitura do capítulo, prejudicados pela pouca luminosidade da noite que

PERIGOSAS ACHERON

adentrava.

Tomei o meu celular novamente em mãos. O sinal da internet era forte ali, embora ainda assim, não houvesse nenhuma mensagem nova.

Será que o fato de eu não receber nenhuma mensagem até aquele momento já era por si só uma mensagem? Seria possível que ele já tivesse se esquecido de mim?

Sim, era perfeitamente possível. Era muito provável que a tal mensagem misteriosa deixada debaixo da minha porta tinha sido uma espécie de despedida que minha mente romântica não tinha interpretado de forma correta.

Me peguei imaginando onde ele estaria naquele momento. Talvez jantando em algum restaurante sofisticado com uma executiva uruguaia de pernas longas e sotaque charmoso. Ou ainda, quem sabe, ele já estivesse sentado em uma poltrona de primeira classe sendo servido de uma taça de champanhe por uma comissária de voo elegante e simpática, que lhe ofereceria um brinde em

celebração ao sucesso da reunião.

Será que ele tinha mesmo apresentado a minha ideia como estratégia de marketing ao seu cliente ou a sua efficientíssima equipe tinha criado algo muito mais inteligente?

Eu já não aguentava mais tantos “serás” e tomei uma decisão: eu ia mandar uma mensagem para ele.

Era melhor me desculpar com um “oops” do ser atormentada por “serás”.

Digitei a primeira frase que me veio à mente:

<Laila> Oi Peter! Aqui é a Laila, do navio... você me deu o seu número de telefone ontem no jantar. Onde você está? Como foi a reunião? Você já está no avião? Você disse que daria notícias e eu gostaria de saber se o seu cliente ficou satisfeito...

Li e reli a mensagem. Eu não precisava me

PERIGOSAS ACHERON

apresentar com tantos detalhes, afinal de contas ele não aparentava ter problemas de memória.

E eu tinha sido muito questionadora, soava desesperada.

Reformulei a mensagem, tentando soar mais relaxada e casual:

<Laila> Oi Peter, aqui é a Laila. Eu alertei você quanto a ser uma pessoa curiosa. Quando puder, mande notícias.

Cliquei no botão “enviar” e aguardei.

Ele tinha *prometido* me dar notícias, oras.

Já era noite; a reunião provavelmente tinha terminado horas atrás.

Passados alguns minutos, vi que o seu status passou a constar como “*online*” no aplicativo.

Ainda assim, um tempo considerável se passou e nada de resposta.

E se aquele nem fosse o número de telefone dele?

Meus olhos não se desviavam da tela, aguardando por algum sinal até que meu coração deu um salto: o status mudou de “*online*” para “*digitando*”.

Dez longos segundos se passaram até eu ouvir o toque de nova mensagem recebida.

<Peter> Oi Laila!

E parou por aí.

Minutos novamente se passaram, e nada.

Talvez ele estivesse passando pelos incômodos procedimentos de embarque como despachar a

bagagem ou tirar o sapato para passar pelo raio-X.

<Laila> Você já embarcou?

Digitando...

<Peter> Embarquei.

Por que as respostas monossílabas?

Será que ele estava propositalmente me evitando?

Chega de “serás”, Laila!

Resolvi perguntar a respeito da reunião - se ela tinha sido tão boa quanto ele esperava.

Ao invés disso, formulei uma pergunta para que
PERIGOSAS ACHERON

ele tivesse que digitar algo além de “sim” ou “não”.

<Laila> E então... como foi a reunião?

Digitando...

<Peter> Que tal se eu te contar pessoalmente?

Pessoalmente? Como assim??

Digitando...

<Peter> Olhe para trás.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 18

- Dia 4 -

- Peter!!

Minhas costelas se expandiram em uma onda de euforia que fez com que eu me lançasse em seus braços impulsivamente.

Quando dei por mim, eu já o envolvia em um abraço apertado, inalando toda a fragrância do seu perfume.

- Nossa, mas que recepção calorosa! - ele falou em um misto de surpresa e bom humor.

- Ah... me desculpe! - me desvencilhei com um

certo embaraço. - É que... bem... eu não esperava ver você de novo! O que aconteceu?

Ele se encostou contra uma mesa e começou a narrar empolgado sobre a satisfação de seu cliente quanto à proposta e de como o painel diretor blá, blá, blá...

Eu armei um sorriso automático no rosto e soltava eventuais interjeições do tipo “nossa!”, “puxa, que bom!” ou “sério?”, mas no fundo eu só conseguia me concentrar na sua aparência.

Ele ainda vestia o traje formal usado para a reunião, embora o paletó já estivesse agora em suas mãos. A gravata cinza chumbo estava oculta por detrás de um colete de terno preto e acinturado. As mangas da elegante camisa branca estavam arregaçadas até o cotovelo.

E seu olhos azuis realçavam-se ainda mais enquanto ele narrava com entusiasmo o sucesso do seu dia.

- ... você tinha que ver, Laila! Eu nunca vi o senhor Martinez tão animado, e eu sei bem o
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

quanto é difícil agradar o *gringo*! Ele adorou o slogan! E ainda disse que fará questão de mandar o primeiro aparelho para você, assim que ele for lançado.

Tal frase me arrebatou de meus pensamentos impudicos.

- Espera aí... você falou de mim para o seu cliente?

- É claro!

- O que você disse exatamente? - hesitei.

- A verdade. Que eu tive sorte de contar com a consultoria especializada de uma entusiasta pela literatura em papel que além disso ainda era surpreendentemente criativa a ponto de criar um slogan capaz de convencer ela mesma.

Meu rosto se retorceu em um sorriso involuntário.

- Mas ainda tem a *cherry on the cake*! - ele acrescentou depois de uma pausa. - Você se lembra
PERIGOSAS ACHERON

quando me disse que um leitor virtual não poderia nunca substituir o cheiro de um livro novo?

- Me lembro...

- Depois que você me falou isso, eu entrei em contato com um fornecedor que cria umas essências, digamos... curiosas. Eles inclusive já trabalham com velas aromáticas que exalam um aroma de livro novo, você acredita? - ele acrescentou com um entusiasmo visível. - Então eu propus ao senhor Martinez que na embalagem do leitor virtual seja incluído um aromatizador de ambientes com essa fragrância para ser borrifado antes da pessoa começar a ler pelo Anglo. O que você acha?

As palavras me fugiram por completo.

Ele não apenas tinha prestado atenção nas minhas observações como também tinha *agido* a respeito!

Um pensamento intrusivo invadiu a minha mente: e se como resposta àquela pergunta eu simplesmente pousasse as minhas mãos em seu

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

pescoço e o puxasse para um beijo longo, sem dizer uma palavra sequer?

Meus braços arrepiaram apenas com o pensamento e a minha falta de coragem me fez apenas exclamar:

- É extraordinário, Peter! Incrível!

Minha voz saiu estremecida, mas ele pareceu satisfeito com a minha reação.

- Mas você ainda não ouviu um último detalhe.

- Tem mais? - perguntei curiosa.

- Esse fornecedor das essências aromáticas é alemão... - ele fez uma pausa proposital e seu rosto se iluminou - ... e como você bem sabe, isso significa que nós teremos que importar o produto.

Oh, oh!

- ... então eu pensei que nós dois poderíamos trabalhar juntos. Eu lido com a negociação e você faz os trâmites de importação.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Eu definitivamente deveria tê-lo beijado antes.

Eu deveria ter calado aqueles lábios antes que ele tivesse dito isso.

Eu não era nada daquilo que ele imaginava, contudo o que mais doía não era a vergonha que eu sentia de mim mesma. O que me corroía por dentro era o brilho de expectativa em seus olhos.

- Eu nem sei o que dizer, Peter... - murmurei.

- Você não tem que dizer nada, Laila. Afinal de contas, nós ainda estamos de férias e não deveríamos tratar de assuntos de trabalho agora, certo?

- Quer dizer que a partir de agora você está de férias também? - questionei, satisfeita pela mudança de assunto.

- Eu nem me lembro da última vez em que eu *realmente* consegui me desligar do trabalho. E acho que depois de dedicar tanto tempo neste projeto, eu mereço uns dias de descanso.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- É justo, claro! Quem não vai gostar muito dessa novidade é a sua “secretariazinha”!

- A Patrícia? Por que você diz isso? - ele me encarou desconfiado e com as sobrancelhas franzidas.

Pelo amor de Deus, Laila! Como é que este pensamento me escapou em voz alta?

Peguei novamente o meu livro e comecei à folheá-lo distraidamente, criando uma desculpa para desviar o olhar.

- Bem... ela terá um trabalhão para reajustar a sua agenda de compromissos, não?

- É, acho que sim... - ele ponderou por um instante. - Preciso me lembrar de levar uma lembrança para ela.

Isso se ela conseguir sobreviver sem a presença do ar que ela respira.

Ele arrastou uma espreguiçadeira mais próxima de mim e deitou-se.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Mas e você? Está animada para descer em Buenos Aires amanhã?

- Muito! Na verdade, será a minha estreia na Argentina!

- É mesmo? Eu já estive lá algumas vezes, mas sempre a trabalho. De certa forma, esta também será a primeira vez em que eu vou de fato conhecer a cidade - ele pareceu lembrar-se de algo. - Ah, e o que você achou de Montevideú?

Eu não sabia até onde eu queria compartilhar dos detalhes com ele.

- Foi... legal - falei reticente.

- Nossa, mas quanto entusiasmo! - ele foi irônico. - Você desceu com alguma excursão do navio?

Eu não queria mais mentir para ele.

- Não. Eu... eu fui com aquele amigo que conheci aqui no navio. Aquele que eu falei para você outro dia.

PERIGOSAS ACHERON

- Ah, sim. O seu *amigo*.

Ele assentiu, desviando o olhar para o céu repleto de estrelas.

- Em resumo, o passeio foi apenas uma longa caminhada, sabe? Os meus pés estão doendo até agora.

Por que eu sentia tão sem graça, como se lhe devesse uma explicação?

Mudei de assunto na tentativa de quebrar o desconforto que eu sentia.

- ... mas eu confesso que não imaginava que Montevidéu pudesse carregar tanta história em suas ruas, praças e prédios! E tudo parece tão bem conservado!

Silêncio.

- ... no fim das contas, acho que eu gostei de Montevidéu mais do que eu imaginava que fosse gostar. E estranhamente, achei a cidade muito tranquila para uma capital. Você não acha? -
PERIGOSAS ACHERON

questionei na tentativa de chamá-lo para a conversa.

Ele não respondeu de imediato, o que me fez desconfiar que ele não tinha ouvido a minha pergunta. Um instante depois, ele disse em uma voz baixa, quase inaudível:

- É... acho que eu também gosto mais do que imaginava gostar.

Peguei uma maçã de cima da mesa e dei uma mordida.

- A propósito, queria agradecer pela foto que você me mandou ontem - tentei quebrar o gelo.

- Ah sim - falou, ainda aéreo.

- E obrigada também... - parei, pensando no recado escrito à mão atrás da fotografia - obrigada pela senha do Wi-Fi. Agora que você está de volta, acho que não vou mais precisar dela.

Ele finalmente voltou o pescoço em minha direção com um ligeiro sorriso.

PERIGOSAS NACIONAIS

- Tudo bem. - respondeu.

Após mais alguns segundos de silêncio, criei coragem e fiz a pergunta que atormentava a minha mente desde a noite anterior.

- Posso te fazer uma pergunta?

- Já fez, mas pode fazer outra.

- Engraçadinho. Bem, é que... o que você quis dizer com aquela frase atrás da fotografia?

Ele agora se virou totalmente em minha direção com um olhar curioso.

- Como assim? Você não entendeu? - havia diversão em seus olhos, quase um desafio.

- Eu entendi, mas... ao mesmo tempo, não entendi - dei de ombros em rendição.

Ele enfim exibiu um sorriso largo.

Após uma pausa que pareceu durar uma eternidade, ele começou a cantarolar:

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- 🎵 *You know it's gonna make it that much better, when we can say goodnight and stay together...* 🎵

Meu queixo caiu ao me dar conta do que aquela frase significava. Era parte da letra da música do meu toque de celular.

Agradei silenciosamente o fato de já ter escurecido e ele não poder ver a vermelhidão que atingiu em cheio o meu rosto.

- Sim, é claro! A música... - tentei disfarçar a vergonha. - Pelo jeito você gosta dessa banda, né? Como é mesmo o nome... Beach Boys? Eu cheguei e mencionar que coloquei essa música como toque por conta daquele filme do Adam Sandler?

Ele ignorou os meus comentários.

- Será que agora *eu* posso fazer uma pergunta para você?

- Já fez. - decretei.

- Posso fazer duas perguntas então?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Tecnicamente essa já foi a segunda.

- *Okay...* em vez de uma pergunta, eu vou fazer uma afirmação então: você não fazia ideia de que o texto que eu escrevi no verso da foto era a letra da música.

- Como assim? É c-claro que eu sabia! Como eu não iria saber? - tentei desdenhar daquela afirmação, como se aquilo fosse algo absurdo.

- Você não sabia! - ele inclinou a cabeça para trás, rindo. - Pois agora a senhorita vai ter que me dizer exatamente o que imaginou ao ler aquele bilhete!

- O que eu imaginei? Oras, o que eu imaginei...! Que é... que é a letra da música do meu toque de celular, oras! - olhei para o aparelho nas minhas mãos e em uma tentativa de fuga, acrescentei: - Puxa vida, você viu o horário? Eu estou atrasada para o show no teatro!

Me levantei um tanto estabanada, derrubando alguns biscoitos de cima da mesa.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Bem... a gente se vê por aí, Peter... - me despedi, já me dirigindo às escadas.

Ele permaneceu deitado na espreguiçadeira e pude perceber que ele levantou uma mão brevemente em um aceno.

Quando eu já estava descendo as escadas, ouvi novamente o som de sua risada divertida seguida por uma afirmação irônica:

- Você não sabia!



Cheguei na cabine ofegante, sem condições - e para falar a verdade, sem nunca ter tido uma real intenção - de ir ao teatro.

De onde eu tiraria a coragem necessária para falar com Peter novamente?

PERIGOSAS ACHERON

E eu podia ter respondido tantas coisas...

- Ah Peter, é que eu achei o seu recado tão desconexo! Fiquei me perguntando: “o que a letra da música do meu celular tem a ver com a senha do Wi-Fi?” Achei que você tivesse exagerado na dose do vinho!

Ou então:

- Puxa, a questão é que com aqueles garranchos, você praticamente criou um novo estilo de alfabeto! Como você queria que eu entendesse que aqueles símbolos indecifráveis significavam a letra da música do meu celular? A sua professora deveria ter batido mais com a régua na palma da sua mão quando criança...

Pois é, mas isso era a minha vida: a tal resposta aniquiladora só me vinha à mente um minuto depois de eu já ter dado a resposta mais imbecil do meu arsenal cerebral. Pior do que isso era depois ter usado a frase suprema das desculpas esfarrapadas: “- Nossa, como já está tarde!”.

Comecei a preparar um chá de camomila.
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Toda aquela agitação tinha suprimido momentaneamente o sentimento inusitado que havia tomado conta de mim momentos antes; uma euforia desmedida ao vê-lo sair dos meus pensamentos e materializar-se bem ali, diante dos meus olhos. E é claro que a sua aparência “executivo-intelectual-e-arrebatador” também tinha exercido um papel fundamental para o meu desconcerto.

E quando aqueles olhos azuis me encararam na expectativa de “retribuir” a minha ajuda oferecendo-me um negócio em conjunto? Eu nem ao menos fazia ideia do quanto aquela proposta realmente significava em termos financeiros para uma empresa importadora verdadeira. Devia significar uma oportunidade única.

Todos aqueles pensamentos me perturbaram a ponto de eu não conseguir mais me concentrar. Não conseguia ler, assistir televisão, nem beber o chá.

Eu precisava caminhar. Precisava extravasar toda aquela energia concentrada.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Comecei a caminhar a esmo, deixando os meus passos me levarem sem qualquer destino específico.

Cruzei um barzinho onde um pianista tocava um jazz suave diante de uma plateia de três casais que dançavam em uma pista de dança improvisada.

A seguir, entrei no cassino que, devido ao forte cheiro de cigarros, me levou automaticamente em direção à uma saída que dava para a área externa do navio. Lá, uma turma geração saúde corria por uma pista de cooper demarcada.

Abri outra porta e me deparei com uma espécie de baile que eu presumia ser o ponto de encontro dos solteiros da terceira idade a bordo com direito à trocas de olhares e senhorinhas ruborizando quando eram convidadas à dança pelo “pão” do pedaço em uma clara referência de que no coração não havia rugas.

Mais adiante me vi diante da boate onde eu supostamente deveria encontrar Daniel. Eu não estava com o mínimo de cabeça para tal encontro,

PERIGOSAS ACHERON

mas a curiosidade falou mais alto. Entrei somente a ponto de ver uma cena que me deixou consternada e me fez levar a mão à boca em espanto.

Ao som tradicional de um “tunts-tunts” eletrônico e com direito à luzes piscantes, eu vi a seguinte cena como se fosse em câmera lenta: um ambiente repleto de garotas histéricas gritando para um rapaz que dançava em cima de um balcão. Era Daniel - sim, o mesmo Daniel que havia dito naquela tarde que almejava se estabelecer e começar uma família; o mesmo que tinha me roubado um beijo passional e dito que eu era a garota mais linda do navio. Ele e três outros rapazes movimentavam-se sensualmente usando apenas uma sunga e botas de couro. Seus corpos estavam banhados em óleo (que evidenciava cada centímetro de músculo em seu corpo).

Eu já estava prestes a sair quando os meus olhos me traíram ao captarem uma visão que possivelmente me atormentaria pelos próximos dias: os garotos sacaram um spray de chantili que, após uma dança coreografada para o agito sensual da lata, enfim pressionaram o seu conteúdo por

PERIGOSAS NACIONAIS

sobre as garotas que pareceram atingir o nirvana, o ápice da plenitude humana.

Saí de lá as pressas em busca de ar.

Retornei ao deck principal e no pequeno palco na lateral da piscina havia um trio de músicos tocando músicas acústicas em um ambiente aconchegante e de baixa iluminação. Havia um baixista que às vezes tocava um saxofone, outro que manuseava uma minibateria e uma gaita de boca e o vocalista que tocava violão.

Me encostei em um pilar e deixei o som dos instrumentos e a voz suave do vocalista entrar em meus ouvidos.

Eles tocavam uma música que em determinado momento, dizia:

♪ *Estamos sós e nenhum de nós*

Sabe exatamente onde vai parar

PERIGOSAS ACHERON

Mas não precisamos saber pra onde vamos

Nós só precisamos ir 🎵

E este era justamente o pensamento que mais me martelava na mente: eu não fazia ideia de onde ir.

Para encabeçar a minha lista de arrependimentos, eu havia largado a faculdade. Uma coisa era não ter condições financeiras para seguir com o curso de forma integral como eu gostaria, mas não havia desculpas por eu não ter seguido os estudos me matriculando no mínimo de disciplinas exigido.

Enganei a mim mesma quando disse que economizaria durante o semestre para continuar a estudar no ano seguinte, o que me levou automaticamente ao meu segundo arrependimento: a dedicação desenfreada ao trabalho. Dedicar-se, dar o seu melhor era uma coisa - outra bem diferente era trabalhar um número desumano de horas extras na tentativa vã de juntar algum

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

dinheiro extra, desconsiderando o resto à minha volta. Como resultado, perdi o namorado que - agora eu admitia - com razão se sentia abandonado - e ainda pior, me fez negligenciar a mim mesma. Eu me anulei em detrimento do meu trabalho.

Trabalho este, diga-se de passagem, que já não existia mais.

Agora eu estava desempregada e minha esperança de conseguir um novo emprego era baseada em currículo falso, cheio de mentiras formuladas para que me considerassem uma candidata à altura da vaga na empresa tão sonhada.

Além de tudo isso, eu ainda me encontrava afogada em um emaranhado de confusões criadas por mim mesma durante a viagem.

Tudo o que eu queria era poder voltar atrás.

♪ *Eu vejo um horizonte trêmulo*

Eu tenho os olhos úmidos

PERIGOSAS ACHERON

Eu posso estar completamente enganado

Eu posso estar correndo pro lado errado 🎵

Era exatamente isso: as minhas atitudes estavam me levando para o lado errado e eu sabia que deveria começar a trilhar para o lado certo.

E mesmo fazendo esforço para admitir, sabendo o quão seria difícil para o meu ego, eu sabia por onde começar: pela mentira que começou pequena e começava a tomar maiores proporções. Eu ia contar a verdade à Peter.

Abrir o jogo agora poderia me levar a dois extremos: ou ele acharia graça da “confusão” ou se sentiria enganado. Essa segunda hipótese me angustiava tanto que, se acontecesse, eu não suportaria o resto da viagem. Mas esta era uma consequência que eu teria que enfrentar em algum momento. Ou quem sabe existisse um cursinho de “Importação para Leigos - Tornando-se especialista na arte de importar em 24 horas”?

- Não! Eu vou falar a verdade! - reforcei a mim
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

mesma em voz alta.

Assim que aparecer o momento certo, eu falo sem pestanejar! - decretei.

Um sussurro surgiu repentinamente por trás de mim, me fazendo estremecer em um pulo.

- Promete dizer a verdade, toda a verdade, nada além da verdade?

Era ele. Vestia uma camiseta cinza com calças confortáveis, tinha os cabelos ainda molhados e penteados para trás e exalava um frescor suave de seu perfume já característico.

- Que susto, Peter!

- Promete? - insistiu.

- Hmm... acho que prometo - ergui a mão como se fizesse um sinal de juramento.

Seria esta a ocasião certa que eu havia acabado de pedir?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

De uma coisa eu sabia: para passar a andar no rumo certo, eu estava decidida a não mentir mais para ele.

- Você foi mesmo ao teatro? - questionou.

- Hmm... não.

Ele sorriu com um leve aceno de cabeça.

- Eu já desconfiava!

Por favor, não me pergunte de novo sobre o tal bilhete!

Se fosse para falar a verdade, eu teria que admitir que tinha pensado que ele estava, bem... demonstrando certo interesse por mim.

O que não devia ser verdade...

Será?

- Bem... eu não fui ao teatro, mas estive na boate. Isso conta? - tentei desviar o foco.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Ah, sim? Foi encontrar aquele seu amigo? - ele perguntou de maneira contida.

- É... eu encontrei ele por lá, sim... - fiz uma pausa rápida para acrescentar um certo drama - ... mas peguei ele de calça curta, sabe? Ou melhor dizendo, nem calça ele tinha mais! Estava só de sunga, se banhando em óleo de cozinha enquanto rebolava até o chão em cima de um balcão.

Nossa troca de olhares sério durou apenas uma fração de segundo.

Meus lábios se contorceram até não conseguirem mais segurar a gargalhada.

Peter viu no meu riso frouxo um sinal de que estava tudo bem e agora também não se continha.

- Se salpicasse um pouco de sal e pimenta, ele já estaria pronto para ir à frigideira! - complementei.

Ri a ponto de sair lágrimas dos olhos.

- Me corrija se eu estiver enganado, mas você
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

não me parece alguém que curte esse tipo de, digamos... entretenimento? - havia diversão em seus olhos.

- De fato. Eu prefiro baladas em que os dançarinos se banhem em óleo de coco, sabe? É muito mais saudável!

- Sei. Você prefere as baladas que se preocupam com o bem-estar do seu colesterol.

- Exato - ponderei. - Mas para falar a verdade, dentre poucas coisas que eu realmente *odeio*, uma delas é essa palavra. Balada.

- Ué, mas não é você que vivia o lema da vida baladeira do “solteira sim, sozinha nunca”?

- Não é bem assim...

- Se não me falha a memória, suas exatas palavras foram “eu sigo uma carreira solo com diversos convidados especiais”.

- Espera aí, eu não disse “diversos”. Eu disse “ocasionais”!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- *Tomato, tomato*^[3]...

- Mas no fim das contas, nem isso é verdade - admiti, cautelosa. - Você pode até rir, mas a verdade é que eu sou uma romântica inveterada que ainda acredita que existe a pessoa certa para cada um, sabe? Aquela pessoa que, quando finalmente aparecer, vai simplesmente transformar todas as dúvidas em certezas?

- Você quer dizer alma gêmea?

- Vai lá. Pode rir.

- Eu não estou rindo - seus olhos estavam fixos nos meus.

- Você não vai me dizer que também acredita nisso, vai?

Ele ficou introspectivo por um momento.

- Bom... eu já acreditei um dia.

Ele desviou o olhar. Seus pensamentos pareceram se tornar ligeiramente distantes.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Mas você pode continuar acreditando! Acreditar ou não em algo é uma decisão, e não um sentimento. Eu gosto da ideia de que cada pessoa no planeta tem uma alma gêmea circulando por aí, em algum canto. Que existe algum tipo de conspiração do destino orquestrando os eventos para que essas pessoas um dia se encontrem, sabe? E que no momento em que elas se encontrarem, elas vão se reconhecer no instante em que se olharem.

Peter permanecia em silêncio, sério. Continuei:

- Mesmo que isso tudo seja só um conto de fadas criado por uma mente fértil e apaixonada, eu acho que prefiro manter a ingenuidade. Você não concorda? - o instiguei para ter certeza de que ele ainda estava me ouvindo.

Ele elevou a mão ao queixo, respondendo após um momento de silêncio:

- Eu acho que prefiro manter essa sua credulidade em vez de estragá-la dizendo o que eu realmente penso.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- A minha crença não é tão sugestionável assim! - provoquei. - Pode falar, eu quero saber!

Ele refletiu por um instante, escolhendo suas próximas palavras.

- Para resumir, eu acredito que as frustrações que você sofre no decorrer da vida acabam enterrando esse anseio do ser humano em querer acreditar que existe uma conspiração celestial trabalhando a seu favor. O que acontece é que algumas pessoas que ainda acreditam nesse conto de fadas, como você mesma disse, não passaram por uma experiência traumática.

- Bem... as frustrações fazem parte da vida de qualquer um. - falei, tentando parecer composta. - Talvez você só tenha que encarar esses tropeços como experiências que farão você reconhecer um sentimento sincero quando ele realmente aparecer.

Ele me lançou um meio sorriso.

- Mas quem diria! Além do talento para o marketing, a senhorita também é filósofa!

PERIGOSAS ACHERON

Esta parecia a ocasião perfeita para eu me abrir e assumir as consequências dos meus atos.

Não, Peter. Eu não sou um prodígio do marketing.

Não, Peter. Eu não sou uma filósofa.

Sim, Peter. Eu sou uma fraude.

A minha mente trabalhava a todo vapor ensaiando a melhor forma de iniciar minha confissão, mas ao mesmo tempo, a minha área cerebral onde se alojava a dona curiosidade se aliou com minhas cordas vocais e tomaram uma atitude implacável em forma de pergunta:

- Se você me permite perguntar... essa frustração que você citou tem a ver com a tal Aurora?

A dona curiosidade havia feito uma anotação mental ao ouvir o nome “Aurora” ser pronunciado pela secretária de Peter no dia anterior.

Notei quando Peter endureceu o maxilar e

PERIGOSAS ACHERON

puxou o ar profundamente pelas narinas.

- Desculpe Peter, desculpe, desculpe! Eu não quis ser invasiva. Não sei nem porque eu falei isso.

- Está tudo bem, Laila - ele hesitou antes de acrescentar: - Mas você está certa. Tem a ver com ela, sim.

Decidi me manter em silêncio por um tempo para ver se ele acrescentaria algo a mais, mas não veio nada.

- Você... gostaria de falar a respeito? Tipo... desabafar? - tentei soar o mais compreensível possível.

Ele pensou por mais e disse por fim:

- Bom... se eu te contar toda a história, talvez você entenda o motivo do meu ceticismo em relação a essa junção de hormônios que algum dia alguém resolveu chamar de amor.

Eu tinha medo de saber a verdadeira história por trás daquele pessimismo, mas ansiava em saber

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

a carga que ele parecia trazer consigo.

- Se você se sentir à vontade para falar, eu adoraria ouvir. - virei meu pescoço em sua direção, me esticando na espreguiçadeira ao seu lado.

- É uma história um pouco longa...

- A gente não está de férias? Temos a noite inteira!

Pisquei para ele com um meio sorriso mas ele não me viu.

Seu olhar já estava direcionado ao céu estrelado enquanto a sua mente parecia revolta em lembranças.

E em meio à escuridão do convés principal iluminado apenas pela letra “D” e ao som suave de um violão tocado à distância, ele respirou fundo e começou a me contar a sua história.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



INFINITA HIGHWAY:



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 19

- Dia 4 -

Meus pais tiveram três filhos homens. Meu irmão mais velho - Oliver - já tinha sete anos quando eu nasci, e essa diferença de idade naturalmente representou uma certa distância de afinidades entre nós. Já o meu irmão mais novo Charles nasceu quando eu tinha apenas dois anos de idade e ainda era praticamente considerado um bebê.

Meus pais moravam em Cambridge, uma cidadezinha relativamente próxima à Londres que, apesar da agitação dos estudantes do mundo inteiro por conta da universidade famosa, ainda mantinha um certo ar interiorano.

Meu pai levava uma vida acadêmica: dava aulas como professor auxiliar no curso de Publicidade. Já a minha mãe ficava em casa cuidando dos filhos e da vida alheia da vizinhança.

Nós levávamos uma vida sem luxos e abundância, mas tínhamos tudo aquilo que era imprescindível para qualquer criança: estudos, comida na mesa e atenção e carinho dos pais.

Certo dia, meu pai voltou do serviço dizendo à minha mãe que havia conhecido um cara chamado Raul; um novo professor de Comunicação Social que tinha acabado de chegar do exterior - veio do Brasil - para lecionar umas aulas de Jornalismo durante um semestre.

Algumas semanas depois, meu pai o convidou para um jantar em nossa casa. A partir daquele momento, eu mesmo já pude perceber que além do assunto acadêmico em comum que imperava na maioria de suas conversas, os dois também partilhavam do gosto por tênis. O esporte acabou aproximando-os ainda mais e fez com que eles criassem um vínculo de amizade que rompeu as

paredes da universidade.

Daquele primeiro jantar em diante, o “uncle” Raul passou a frequentar a nossa casa todos os finais de semana. Eu e meus irmãos o adorávamos quando porque, além de ser muito divertido, ele também nos trazia chocolates.

Ao fim do semestre que encerrou o seu contrato temporário, tio Raul voltou ao Brasil sem um tostão no bolso, mas com a mente cheia de ideias novas. Passados cerca de dois meses do seu retorno, ele telefonou ao meu pai e compartilhou de seus planos para abrir uma assessoria com o objetivo de auxiliar empresários brasileiros que tivessem a intenção de adentrar no mercado europeu. Ele ofereceu sociedade ao meu pai, que coordenaria o negócio da Europa enquanto tio Raul prospectaria clientes em potencial no Brasil.

Em um ano e meio, o negócio prosperou a ponto de meu pai largar o emprego na universidade para poder se dedicar exclusivamente à empresa, já que ela já estava lhe rendendo um conforto financeiro cada vez mais promissor.

No ano seguinte, nos mudamos para um apartamento amplo e confortável em Londres no distinto bairro de Kensington & Chelsea.

Com dez anos, eu já tinha visitado o Brasil três vezes; a última delas tinha sido por conta do casamento luxuoso do tio Raul.

Para meu pai, tudo seguiu muito bem por um tempo: a empresa crescia tanto quanto os seus filhos adolescentes. Certo dia, meu pai começou a perceber um comportamento estranho do tio Raul. Ele começou a se atrasar nos compromissos com os clientes, simplesmente se esquecia de participar das conferências telefônicas semanais com a equipe administrativa e ausentava-se constantemente do escritório sem apresentar qualquer satisfação a ninguém.

O problema atingiu o auge quando meu pai tentou contatar tio Raul por duas semanas seguidas sem sucesso. Ele tinha simplesmente desaparecido do mapa.

Meu pai comprou uma passagem para o Brasil

para fazer algo que na Inglaterra é bastante comum e que nós chamamos de intervention, que é quando alguém se envolve em uma situação complicada na intenção de ajudar ou impedir que ela se agrave.

Do aeroporto o meu pai seguiu direto para a empresa, onde os funcionários lhe contaram que o tio Raul não comparecia no escritório há quase um mês.

Meu pai foi então até a sua casa e encontrou tudo às escuras; não havia movimentação nenhuma.

Na manhã seguinte quando ele retornou, finalmente encontrou o tio Raul. Ele estava com um aspecto deplorável: tinha olheiras profundas, vestia roupas rasgadas e encontrava-se magro e abatido. A sua casa - antes sofisticada e com uma mobília impecável - agora estava suja e vazia.

Assim que viu meu pai, ele se jogou em seus braços e começou a chorar como uma criança arrependida. Disse que há sete meses ele tinha

PERIGOSAS NACIONAIS

começado a participar de jogos de azar por influência de um cliente que havia sugerido tal ambiente para a assinatura de um contrato. Na tentativa de socializar com esse tal cliente, ele aceitou apostar em uma máquina de caça-níquel e como resultado, dobrou o dinheiro da primeira aposta. Na semana seguinte, ele retornou ao mesmo cassino - dessa vez sozinho, e saiu novamente com mais dinheiro do que quando entrou.

Ele passou a encarar suas idas ao cassino como uma forma de extravasar o estresse do trabalho e as brigas conjugais, que passaram a ser cada vez mais frequentes. Em pouco tempo, a sua esposa enfim o abandonou, o que lhe serviu de combustível para aumentar a quantidade de apostas em jogos de mesa como poker e blackjack.

Em poucos meses ele estava falido. Vendeu todos os móveis da sua casa a fim de pagar certas dívidas e no mesmo em que abraçava o meu pai, ele implorou por sua ajuda. Queria se tratar, curar o vício.

PERIGOSAS ACHERON

Neste dia, meu pai começou a planejar a mudança da nossa família para o Brasil.

Tio Raul então se internou voluntariamente em uma clínica de recuperação, afastando-se de seu cargo. Enquanto isso, meu pai se desdobrou e assumiu a administração da empresa sozinho, o que inevitavelmente diminuiu o tempo que ele antes dispensava para a família.

E foi assim que, na crítica idade de treze anos, da noite para o dia eu passei a morar em uma cidade grande de um país estrangeiro o qual eu não dominava a língua, fui afastado dos meus amigos de infância e ainda tive que me adaptar a uma nova cultura completamente diferente do que eu tinha vivido até então.

Meu pai passou a treinar o meu irmão Oliver - então com vinte anos - para ser o seu braço direito na empresa. Meu irmão sempre foi bastante maduro e parecia querer assumir essa responsabilidade.

Para não perdermos nenhum ano de escola, eu

e Charles fomos matriculados em uma escola americana, onde pudemos seguir os estudos em nosso idioma nativo. Todas as tardes eu me dedicava às aulas de português com uma professora particular, tentando adquirir confiança para fazer amizades com alguns brasileiros. Em compensação, meu irmão mais novo optou por aprender a língua na sua forma mais efetiva: no auge da sua fase infantil quando uma amizade sincera é criada logo após a troca da primeira palavra, ele logo se cercou de companhias que achavam o máximo ter um amigo que falava com um sotaque engraçado.

Durante este período, eu me sentia bastante sozinho. Em um desses momentos de isolamento, eu conheci algo que a princípio era apenas um passatempo, mas que logo passou a se tornar uma paixão: a fotografia. Eu adorava o fato de poder mexer com a imaginação e reação das pessoas sem precisar enfrentar barreiras idiomáticas.

Passei então a me dedicar cada vez mais à atividade: eu acordava de madrugada para fotografar o nascer do sol, viajava distâncias na

busca de paisagens naturais, participava de manifestações artísticas na busca pela foto perfeita que fosse capaz de capturar em uma imagem toda a riqueza cultural do evento.

Meus pais me apoiavam e me presentearam com uma câmera profissional. Fiz diversos cursos de aprimoramento.

Quando ganhei meu primeiro concurso de fotografia amadora, eu já estava convicto de que em breve eu cursaria a faculdade de Tecnologia em Fotografia.

Nesta época, a vida estava boa. Tudo estava se encaixando nos eixos.

Meu tio Raul estava melhor e gradualmente retornando à ativa; Oliver estava prestes à se formar na faculdade de Administração e em vias de ser nomeado diretor da empresa. Meus pais também pareciam satisfeitos com o filho adolescente, que não lhes causava grandes problemas (além das ocasionais explosões de raiva quando alguma sessão de fotos tinha ficado

desfocada), e com o mais novo Charles que tinha recém-montado uma banda de rock na garagem de um amigo vizinho.

Tudo ia bem até o dia fatídico. Até aquela hora, aquele minuto em que tudo mudou.

O milésimo de segundo que destruiu todos os planos de um futuro brilhante para a nossa família.

Era fim de tarde de uma quinta-feira de verão, e eu estava absorto na leitura de um livro. A televisão estava ligada em algum filme e minha mãe tricotava um cachecol no sofá ao lado. Charles estava no quarto jogando videogame e Oliver devia já estar a caminho de casa de volta da aula, enquanto meu pai provavelmente estava preso no trânsito da hora do rush.

O telefone tocou.

Minha mãe só levantou os olhos por cima dos óculos, demonstrando claramente que eu é quem deveria atender, já que eu não estava fazendo nada que fosse tão importante quanto a confecção de uma vestimenta de lã.

Uma voz masculina e firme falou do outro lado da linha.

- Boa noite. Eu gostaria de falar com o senhor ou com a senhora Jones, por favor?

- Meu pai não está, mas vou chamar a minha mãe. Quem gostaria de falar?

- Aqui é o Capitão Sousa do Corpo de Bombeiros.

Minha mãe me lançou um olhar curioso.

Captei algo estranho naquele tom de voz. Uma frieza misturada com nervosismo.

Algo me dizia que aquela voz não seria capaz de pronunciar qualquer boa notícia e, como homem da casa naquele momento, eu não pretendia colocar a fragilidade da minha mãe à prova.

- Será que eu posso ajudar? Minha mãe está... bem... ela está ocupada no momento, se o senhor

me entende.

- Sim, entendo perfeitamente.

Lembro de pensar que ele provavelmente já tinha ouvido aquele tipo de frase algumas outras vezes em sua carreira.

Até hoje não sei descrever em detalhes o que foi dito em seguida, só me lembro de fragmentos como “lamento” “acidente”, “carro”, “fatalidade”, “corpo”.

E “Oliver”.

Foi então que tudo ruiu.

Minha mãe envelheceu dez anos em uma semana e só conseguia se manter em pé com o auxílio de remédios fortíssimos que tinham a capacidade de encarcerar todos os seus sentimentos dentro de si mesma.

Meu pai caiu em uma severa depressão. Não comia, não saía do quarto. Não se importava mais em viver ou morrer. Ele simplesmente existia.

Vivemos nesse limbo por aproximadamente um ano.

Certo dia, acordei com o som insistente do telefone ecoando pela sala deserta. Era tio Raul, que confundiu a minha voz sonolenta com a voz deprimida do meu pai. Ele começou a dizer que a empresa estava prestes a decretar falência e tentou incentivar o meu pai a retornar ao escritório. Tentou estimulá-lo a se apoiarem um no outro a fim de salvarem a empresa, dizendo que aquele era o momento do tudo ou nada.

Ao desligar o telefone, eu soube exatamente o que fazer.

Fui até o quarto de Oliver, ainda preservado como se fosse um santuário.

Peguei um de seus trajes sociais e o vesti.

Entrei no quarto de meus pais, tirei do cabide um terno que cheirava à naftalina e descí as escadas.

Encontrei meu pai sentado na varanda ao lado
PERIGOSAS ACHERON

do Robert, o nosso cachorro. Ele tinha o olhar perdido no horizonte, como lhe era costume nos últimos tempos.

- Pai...

Ele deu um leve salto ao ouvir minha voz e pareceu sair do transe por um instante.

Observou atentamente as minhas roupas, mas não esboçou nenhuma reação.

- Veste isso aqui, pai - falei, lhe estendendo o cabide. - Eu e você vamos agora até a empresa e você vai me ensinar tudo o que você sabe. Eu vou ser o seu funcionário mais dedicado e darei tudo de mim. Nós dois juntos - eu e você - vamos reerguer tanto a empresa quanto a nossa família. Nós merecemos essa nova chance, pai.

Embora ele tenha se mantido calado, percebi quando um pequeno facho de luz reacendeu em seus olhos. Ele respirou profundamente por um momento, levantou-se da cadeira e balançou a cabeça para cima e para baixo em um movimento contínuo. Ainda em silêncio, ele pegou o terno das
PERIGOSAS ACHERON

minhas mãos e sem dizer qualquer palavra, dirigiu-se para dentro de casa.

A partir daquele instante, algo novo brotou. Uma esperança.

Passamos a dedicar todos os minutos que tínhamos à empresa.

Inevitavelmente essa entrega veio com um preço - tive que abnegar da minha paixão pela fotografia. Mas em troca eu recebi algo muito mais valioso: a união e gratidão de meus pais.

Nos anos seguintes, meu pai voltou a ser o mesmo homem ativo e dinâmico que um dia havia sido, e a empresa voltou a progredir.

Meu irmão mais novo decidiu voltar à Europa quando completou dezoito anos. Não quis cursar uma faculdade de imediato a fim de arriscar-se na carreira de músico, sua vocação.

Passados seis anos da morte de Oliver, meu pai me chamou para uma conversa: ele se declarou pleno e satisfeito com o meu progresso e anunciou
PERIGOSAS ACHERON

que era chegado o momento da sua aposentadoria.

Meses depois, meus pais se mudaram para uma fazenda no interior da Escócia e eu assumi a direção integral da empresa.

A partir de então, minha vida entrou em uma certa rotina. Durante os dias de semana, eu ligava as luzes da empresa de manhã quando ninguém ainda havia chegado e as desligava após todos já terem ido embora. Nos finais de semana eu planejava alguma viagem - ou para alguma praia, para as montanhas, ou qualquer lugar que eu pudesse acampar - e encontrava um lugar remoto e inspirador onde eu pudesse aliviar a mente e tirar algumas fotos.

Em certa ocasião, um feriado no meio da semana interrompeu esse fluxo. Sem ter motivos para ir ao trabalho naquele dia e também sem ter um passeio planejado, acordei cedo e levei o Robert para um passeio.

Demos algumas voltas no parque até que me sentei em um banco. Coloquei uma música no fone

de ouvidos e tentei relaxar um pouco no sol, que brilhava forte depois de uma sequência de dias de chuva.

Só senti que alguém se aproximava quando Robert puxou a coleira, esticando-a ao máximo.

- Mas que lindo cachorro!

Quando abri os olhos, uma garota de cabelos curtos, usando uma calça jeans rasgada nos joelhos e regata amarela estava diante de mim, acarinhando Roberto e exibindo um sorriso largo. Me lembro especificamente da cor da sua camiseta porque ela subia um pouco toda vez que o cachorro que ela também trazia no colo a puxava na tentativa de cheirar Robert, que a correspondia animadamente.

Tirei o fone do ouvido.

- Oi... desculpe, o que você disse?

- O que você está ouvindo aí?

Ela se sentou ao meu lado e sem aguardar
PERIGOSAS ACHERON

qualquer resposta, pegou um dos fios do meu fone e o colocou em seu ouvido.

- Ah, mas é claro! Eu tinha certeza que seria Beatles! Você tem cara de quem ouve exatamente esse tipo de música!

- Você está me dizendo que sou uma pessoa totalmente previsível?

- Desde que eu te vi lá de longe eu já sabia. “Aquele cara lá está ouvindo Beatles”! Eu até disse para mim mesma: “certeza que é Beatles”!

- Pois então eu lamento dizer que essa música não é dos Beatles.

- Como não? É claro que é!

- Não. Stand by Me. É do Ben E. King.

- Você sabe qual é a música dos Beatles mais tocada nos bares? - ela perguntou de supetão, desconsiderando meu comentário anterior.

- Não faço ideia.

- Let it Beer... let it beer! - ela cantou em uma voz alta e desafinada, sem aparentar qualquer traço de vergonha.

Os cães pararam de se cheirar e começaram a brincar, mordendo o pescoço um do outro.

- Peter - estendi minha mão para ela, me apresentando com um cumprimento formal.

- Aurora - ela segurou a minha mão e a analisou, acrescentando: - Desculpe a ousadia, mas eu vejo nenhuma aliança aqui. E na outra mão também não. Por acaso existe alguma Yoko na vida desse John Lennon?

Ela era direta.

E barulhenta.

E linda.

- Não - falei, sem conseguir acrescentar nada mais, nem perguntar o mesmo de volta.

Ela apenas confirmou com a cabeça em um
PERIGOSAS ACHERON

sorriso silencioso.

- Qual o nome do seu cachorro?

- Robert.

*- Você só pode estar de brincadeira! - ela
bradou em surpresa - É inacreditável! Adivinha
qual é o nome da minha cadela?*

- Sei lá... Roberta? - arrisquei.

*- Roberta? - ela pensou por um instante - É,
acho que Roberta também seria uma grande
coincidência. Mas não, é ainda mais incrível!
Júlia!*

*- Júlia? Como que “Júlia” é uma grande
coincidência?*

*- Júlia e Robert! - ela soltou um riso explosivo -
Sacou? Julia Roberts, a atriz!*

- Ah, claro! É muita coincidência mesmo!

Tentei me lembrar de quando eu tinha tido uma

conversa tão informal e desprendida como aquela. Talvez quando eu ainda estava no primário.

- Alguém já te disse que você parece um ator de televisão? Eu me esqueci o nome do cara, mas tenho certeza que você deve ouvir essa comparação o tempo todo!

- Na verdade eu nunca fui comparado a ninguém famoso.

- Sério? É difícil de acreditar! Você é a cara de um gringo, mas eu não consigo me lembrar do nome dele agora assim, sob pressão - ela estala os dedos continuamente na tentativa de se lembrar. - É um ator que fez “O Morro dos Ventos Uivantes”... ou era “Orgulho e Preconceito”? - ela franziu o cenho por um instante mas logo deixou a sua dúvida ir embora. - Ah, sei lá! Só sei que se você deixar crescer umas costeletas, você poderia arranjar um emprego de tipo, sócia do cara, sabe?

- Acho que eu poderia considerar o caso...

- Pois é! Você poderia dar autógrafo por ele,
PERIGOSAS ACHERON

tirar algumas fotos com as fãs dele...

- Não estou falando disso. Eu só acho que ficaria bem de costeletas.

Toquei o rosto de leve. Acho que eu tentava inconscientemente buscar um elogio.

- Lamento dizer, mas não. Ninguém fica bem de costeletas. Ninguém mesmo - ela olhou para cima e se retificou rapidamente. - Quer dizer, só o Wolverine. Fora ele, ninguém mais.

- E o Elvis Presley?

Ela sorriu, concordando com a cabeça.

- ... e o Elvis, é claro! Rei.

A dupla de cães se cansou rápido da brincadeira. Eles estavam agora exaustos, deitados lado a lado e apenas observando o movimento.

- Eu vou te contar um segredo, mas você não pode contar para ninguém! Promete? - Aurora perguntou.

PERIGOSAS NACIONAIS

- *Se é um segredo, por que você quer me contar?*

- *Porque você está envolvido nesse segredo.*

- *Eu?*

- *Sim, você já vai entender. É que eu e a Júlia temos uma ligação muito forte, sabe? - ela começou a sussurrar: - Tão forte que eu sei exatamente o que ela está sentindo ou querendo dizer.*

Até ali a conversa tinha fluído de maneira leve e divertida, mas a partir daquele momento eu comecei a suspeitar que ela tinha algum parafuso a menos.

- *É mesmo? - perguntei com cautela - E o que ela está dizendo?*

- *Você sabe que ela é uma cadela, né? Isso é um fato consumado!*

- *Certo...*

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Mas só porque ela é uma cadela, não quer dizer que ela seja uma oferecida. Ela é uma cadelinha de muito respeito.

- Sei...

Achei graça, ainda sem entender o motivo daquela conversa estranha.

- Tipo... de coração eu espero que você não julgue ela como assanhada e nem nada disso, mas é que... bem, ela adorou conhecer o Robert. Ela achou ele muito simpático e interessante. Ela só não diz também que ele é um “gato” porque essa seria uma ofensa no mundo canino!

- Uma tremenda ofensa! - ecoei, com uma risada.

- E por esse motivo, ela gostaria de saber se pode ver o Robert de novo qualquer dia desses?

Pela primeira vez percebi que ela desviou o olhar dos meus, olhando em direção de onde Júlia estava sentada, impassível.

PERIGOSAS ACHERON

- Eu acho que o Robert também gostaria disso.

Ela levantou o rosto com um sorriso iluminado.

- O que você disse, Robert? - aproximei o rosto do meu cachorro, que ao ouvir seu nome ficou de pé, pronto para seguir com o passeio. - O quê? Ah, entendi... Você quer que eu pegue o telefone da Júlia para a gente marcar um próximo encontro?

Trocamos telefones.

E ali começou um dos capítulos mais intensos da minha vida até aquele momento.

O dia que eu achei ter encontrado a minha tal alma gêmea.

O início da experiência que até hoje me deixa marcas.



PERIGOSAS NACIONAIS

STAND BY ME:



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 20

- Dia 4 -

Estrelas brilhavam em meio a paisagem escura do céu.

Peter finalmente tirou os olhos de lá e voltou seu rosto em minha direção, ainda deitado na espreguiçadeira.

- Acho melhor encerrar a história por aqui, Laila - ele suspirou, cansado. - Ao menos por hoje. Eu alertei você de que a história era longa, não é?

Eu tinha ficado totalmente absorta no som de sua voz desde o momento em que ele respirou fundo e começou a se revelar.

Um misto de sentimentos me atingiu de ímpeto:

Entusiasmo ao ouvir como uma amizade havia criado a oportunidade perfeita para que seu pai e tio iniciassem uma empresa de sucesso do zero; aflição quando ele contou sobre como havia se sentido deslocado logo que se mudou para o Brasil (seguido de uma vontade quase incontável de abraçá-lo); ânimo quando ele finalmente descobriu a fotografia como um escape a essa solidão;

Logo depois, senti uma angústia profunda ao ouvi-lo narrar com uma voz trêmula de emoção a morte do seu irmão e a consequente inércia de seus pais e a seguir, sentimentos opostos me inundaram: tristeza por ele ter que abrir mão do seu sonho de se tornar um fotógrafo, mas alento ao descobrir que tanto a sua família quanto os negócios haviam voltado aos eixos.

Confesso também que senti uma certa apreensão ao constatar que Peter não era um simples funcionário bem-sucedido como eu a princípio o tomara. Ele era o dono da empresa para a qual trabalhava.

PERIGOSAS NACIONAIS

Mas ainda mais estranho foi o corrosivo sentimento de ciúmes que tomou conta de mim ao ouvi-lo falar de Aurora.

Eu odiava o fato de ter gostado dela a princípio, e me consumia o fato de desconhecer o desenrolar da história.

O que ela teria feito de tão terrível que o feriu a ponto de fazê-lo desacreditar no amor?

Mas eu ia pressioná-lo. Eu precisava deixá-lo à vontade para se abrir apenas quando ele se sentisse à vontade para tal.

- Tudo bem, Peter, como você preferir. Mas eu vou querer saber o restante dessa história!

- Quando eu decidi te contar, eu já sabia muito bem desse risco. Afinal de contas, você já me alertou sobre ser uma pessoa curiosa e questionadora, lembra?

- Acho bom você estar plenamente ciente disso! Saiba que eu estou disposta a até mesmo torturar você - falei tentando soar ameaçadora.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Acho melhor eu não pagar para ver - ele se voltou para mim lançando um pequeno sorriso torto que preencheu o meu corpo de um calor novo. - Mas eu vou te contar, sim. É só que o dia já foi intenso demais.

Reconheci o início de um clássico de rock bem antigo sendo tocado pela banda ali próxima - uma daquelas músicas capazes de remeter o ouvinte a uma viagem de carro por uma estrada ensolarada, tendo apenas o azul do céu no horizonte como destino.

♪ I don't know where I'm going,

But I sure know where I've been... ♪

De súbito, uma ideia maluca surgiu à minha mente.

Me levantei da espreguiçadeira e estendi a mão à Peter.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Vem, vamos dançar.

- Dançar? - ele franziu as sobrancelhas, sobressaltado.

- Dançar, dançar! Vem! - insisti, mantendo a mão ainda estendida em sua direção.

- Não, não. Você provavelmente nunca viu um *gringo* dançando. Eu sou patético, Laila, vai por mim.

- Acho que você não entendeu, Peter. Isso não foi um convite, não teve ponto de interrogação - falei incisiva, mas mantendo o tom de brincadeira. - Vem!

- Eu sou muito desajeitado... Eu não tenho ritmo, não sei o que fazer com as mãos e...

- Quando você me vir dançando, eu garanto que você se sentirá infinitamente mais otimista a respeito do seu próprio desempenho.

- Ai...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Quando ele enfim segurou a minha mão, eu senti um calor inesperado transpassar o meu corpo.

Fomos até a frente do palco onde os músicos estavam e nos juntamos à meia dúzia de pessoas que estavam ali apenas curtindo a apresentação - não propriamente dançando.

Comecei a balançar o corpo em movimentos lentos, conforme a melodia inicial da música.

Peter apenas ria, envergonhado.

Quando a música chegou no refrão - a única parte que eu realmente sabia cantar - deixei o ritmo fluir, dando vazão aos espasmos involuntários do meu corpo conforme o ritmo da música. Fiz coro ao vocalista a plenos pulmões:

♪ *Here I go again on my own*

Going down the only road I've ever known...

Like a drifter I was born to walk alone

PERIGOSAS ACHERON

But I've made up my mind

I ain't wasting no more time 🎵

Para minha surpresa, Peter também começou a cantar a música, esboçando um leve movimento de cabeça que acompanhava o ritmo da bateria.

- Isso! - tentei incentivá-lo com um gesto de mãos e aproximei o meu rosto em seu ouvido, falando um pouco mais alto que os instrumentos: - Você já ouviu o ditado “dance como se ninguém estivesse olhando”? Pois é exatamente isso que acontece: ninguém está olhando! Está todo mundo concentrado nos seus celulares, olha só!

Ele sorriu, aprovando a ideia.

A segunda parte do refrão foi acompanhada com uma nova empolgação. Cantamos ainda mais alto as partes gritadas da música.

Ao final, seu semblante estava mais leve e animado.

PERIGOSAS NACIONAIS

- Viu só como a vergonha vai logo embora? Agora só falta você se soltar na dança também! Pense que a probabilidade de você voltar a ver essas pessoas aqui é quase nula.

- Mas e você? Só o fato de eu voltar a ver você já me dá motivos suficientes para eu não querer expor meus dotes de dançarino na sua frente!

Suspirei diante daquela afirmação.

- Nós vamos mesmo voltar a nos encontrar depois dessa viagem, não é Peter?

Eu não queria ter soado tão suplicante.

- É claro! - ele abriu um sorriso curioso. - Você parece se esquecer de que, se der tudo certo, nós ainda vamos trabalhar juntos!

Aquela resposta foi como um soco no meu estômago.

Eu ainda não tinha lhe dito a verdade.

Eu tinha que falar.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ainda naquela noite eu encontraria a ocasião perfeita e tudo ficaria bem.

Nós dois ríamos de toda aquela confusão juntos.

A voz do vocalista soou pelo alto-falante.

- A próxima música se chama “*I’ll Be*” e nós gostaríamos de dedicá-la ao casal André e Beatriz, que nesta noite celebram quinze anos de casados!

Uma tímida salva de palmas deu início a um som de saxofone que preencheu todo o ambiente, criando uma súbita atmosfera romântica.

Travei, sem saber como reagir.

Peter me olhou nos olhos e replicou o mesmo gesto que eu havia lhe feito antes. Agora era ele quem estendia a mão em um convite para dançarmos.

- Pelo menos em músicas lentas eu sei exatamente o que fazer com as mãos - ele disse.

PERIGOSAS ACHERON

Meu coração deu um salto tão forte que parecia querer achar o caminho para fora do peito.

Sem conseguir pronunciar qualquer palavra, encontrei forças esboçar um sorriso casual, torcendo para que meu movimento facial fosse interpretado como um “sim”.

Ele tomou uma de minhas mãos, colocando a outra em volta da minha cintura, onde senti um calor imediato.

Pousei minha mão livre em suas costas como se o abraçasse e me deixei conduzir pela melodia da música.

Meu queixo permaneceu por sobre seu ombro, já que eu não confiava em mim mesma caso continuasse a dança encarando os seus olhos.

Até darmos os primeiros passos ritmados, eu ainda segurava a respiração. Quando enfim recuperei o ar, reconheci fragmentos do seu já familiar perfume, mas sobretudo, senti o cheiro da sua pele. Tudo o que eu queria era continuar respirando profundamente, permitindo-me inebriar

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

daquele momento. Inebriar-me dele.

Fechei os olhos na tentativa de controlar meus pensamentos e recuperar um pouco da sobriedade.

Quando decidi me concentrar no movimento sinuoso do navio, só consegui reparar no quanto eu me sentia flutuar em seus braços.

Nos movíamos lentamente e em silêncio, apenas sentindo o calor da respiração um do outro.

Parecíamos um casal de longa data, íntimos e com uma infinidade de memórias entre nós.

Se eu tivesse o poder de congelar o tempo apenas uma vez em toda minha vida, aquele teria sido o momento.

Quando a música terminou, Peter me dirigiu um olhar capaz de iluminar toda a infinidade do oceano.

- Laila... eu sei que estou me arriscando ao perguntar isso para você agora...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Eu retribui seu olhar com expectativa. Eu não sentia apenas borboletas no meu estômago, mas um zoológico inteiro.

- ... mas será que você...

Ele hesitou por um instante. Pensei que talvez eu devesse simplesmente calá-lo com um beijo e acabar logo com toda aquela agonia.

- ... você gostaria de descer comigo amanhã em Buenos Aires? Nós dois, juntos?

Dessa vez o meu sorriso veio fácil e preencheu todo a extensão do meu rosto.

- Pensei que você nunca fosse perguntar!



Naquela noite, quando eu pousei a cabeça no

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

travesseiro e fechei os olhos, eu soube.

Eu estava perdida.

A verdade que assolava todos os meus pensamentos e dominava todo o meu ser era apenas uma: eu estava irremediavelmente apaixonada por Peter.



HERE I GO AGAIN:



I'LL BE:

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 21

- Dia 5 -

Havia algo novo naquele raiar de dia.

Alguma coisa inexplicável, uma atmosfera diferente. E não, não era o fato de eu ter despertado muito antes do nascer do sol.

Eu já tinha custado a dormir na noite anterior: tentei forçar o sono na esperança de fazer aquelas próximas seis horas passarem em um piscar de olhos. Contudo, minha mente fervilhava com certas imagens que se revelavam no momento em que eu fechava os olhos.

Era como se algo novo tivesse se revelado a

mim.

De um lado eu me sentia empolgada como uma daquelas adolescentes dos filmes americanos que estão prestes a sair para o tão esperado baile de formatura. Mas eu também tinha medo.

Eu estava decidida a contar toda a verdade para Peter na noite anterior, mas bastou sentir o seu calor do seu corpo junto ao meu para fazer sumir todas as minhas boas intenções.

Naquela altura, eu estava disposta a tudo - até mesmo esfolar os meus joelhos diante da esnobe da Agatha em uma súplica desesperada para que ela me ajudasse. Eu seria sua escrava mais fiel, disposta a trazer o seu café todas as manhãs. Todo o lucro daquele negócio seria integralmente dela. Eu não queria absolutamente nada além de aprender sobre o tal processo de importação de início ao fim e, claro, que ela permanecesse nos bastidores, apenas coordenando os movimentos da sua marionete (no caso, eu).

Eu faria qualquer coisa para não decepcioná-lo.

PERIGOSAS NACIONAIS

Peter e eu tínhamos combinado de nos encontrar às oito horas no Atrium - uma área externa onde serviam um generoso café da manhã *a la carte*.

Às seis horas eu já estava desperta.

Aproveitei para tomar um banho lento e provar mil combinações de trajes diferentes. Acabei optando por um vestido listrado soltinho com um confortável tênis branco. Me maquiei e fiz uma trança nos meus cabelos que resolveram desafiar a força da gravidade.

Quando terminei, senti que ainda faltava algo. Desci até o saguão comercial e fui até a loja de perfumes. Analisei as embalagens mais elegantes até encontrar um frasco suntuoso que ostentava uma etiqueta com cinco dígitos de dólares. Borrifei uma pequena quantidade em um papel de amostra e me decidi: ele tinha uma fragrância levemente adocicada na medida.

Desafiei o olhar inquisidor da atendente e borrifei um pouco do perfume no pescoço e punhos

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

como se estivesse fazendo aquilo na minha própria casa. Fechei a tampa, ergui o pescoço e saí da loja sem olhar para trás ou dar qualquer satisfação.

O dia mal tinha começado e eu já me sentia imbatível.



O relógio apontava 7:42.

Voltei à minha cabine para pegar a bolsa e quando já me dirigia ao elevador, fui interceptada por Timur, o camareiro.

- Bom dia dona Lala!

- Muito bom dia para você também, Timur! - meu humor estava nas alturas. - Você nunca ganha folga não?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Às vezes, dona Lala - ele coçou a cabeça, tímido. - A senhorita vai descer?

- Sim, na verdade estou de saída agora mesmo! Você precisa de algo?

Ele pareceu reticente.

- Não, não... é que... é que...

- O que foi, Timur? - o estimulei, estranhando o seu comportamento inseguro.

- Me desculpe pela pergunta, mas... a senhorita vai descer sozinha?

- Isso lá é pergunta que se faça para alguém de respeito, Timur?

Minha tentativa de brincar com a situação foi frustrada quando percebi o seu olhar assustado, como se tivesse cometido a maior falha do universo dos camareiros desde os primórdios da humanidade.

- Desculpe, desculpe dona...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Eu estou brincando, Timur - toquei o seu braço, tentando tranquilizá-lo. - Eu vou descer com um amigo.

- Ah sim. O senhor Daniel.

- Não, não o Daniel. É... um outro amigo. Um hóspede aqui do cruzeiro.

Seu rosto resplandeceu em uma satisfação que eu não consegui compreender.

- Por que a pergunta, Timur? Algum problema com Daniel?

- Não, nenhum... - sua atitude adquiriu um novo vigor. - Espero que a senhorita e seu amigo se divirtam muito, dona Lala!

- Tudo bem, então... Até à volta, Timur!

- Até logo!

Embora tenha notado uma certa estranheza naquela conversa, decidi seguir com meus planos.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Quando cheguei ao Atrium, ergui o pescoço e comecei a procurá-lo por entre as mesas até que meu peito inflou em uma contração ao vê-lo de longe.

Esta era a primeira vez que eu o via após ter admitido a mim mesma que estava de fato apaixonada.

Ele vestia uma polo azul-marinho com os botões abertos, bermuda jeans e um boné preto. Trazia uma máquina fotográfica em mãos.

Sua fisionomia concentrada em algo no meio do Rio de La Plata - que o deixava ainda mais lindo do que da imagem que eu via na minha mente ao fechar os meus olhos - indicava que ele tinha enxergado uma daquelas imagens que são captadas apenas pelo olhar apurado de um fotógrafo.

Seu semblante irradiava uma paz e tranquilidade que eu ainda não tinha visto.

- Ora, ora... veja só quem os meus olhos têm o prazer de rever nesta manhã ensolarada!

PERIGOSAS ACHERON

Oh, oh.

Daniel.

- E aí, bem gatinha? Tudo na boa?

Ele me puxou para um abraço firme e, antes que ele pudesse tentar me cumprimentar com um beijo, me afastei rapidamente como se a sua tentativa tivesse me passado despercebido.

- O... oi Daniel! É... bem... você por aqui? Achei que você tomasse café da manhã lá no *buffet*.

- Eu gosto de variar. E pelo jeito você também, né? - ele passou a parte externa da mão em meu rosto em um afago. - Se você quiser posso pedir uma omelete de claras para você e tomamos um café da manhã juntinh...

Por tudo que é mais sagrado! Eu não podia - e principalmente, eu não *queria* - que Peter me visse ali com ele.

Lancei um olhar rápido na direção de Peter, mas ele permanecia concentrado no visor da

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

câmera.

- Daniel... - me desvencilhei. - Espera aí...

- O que foi, gatinha? - suas sobrancelhas se juntaram. - Você está estranha... Parece, sei lá, meio desesperada.

- Eu, eu... é isso! - aproveitei a deixa. - Eu estou mesmo desesperada! Desculpe, mas eu preciso de um banheiro, tipo, urgente!

Olhei para os lados em um sentimento de desespero real, buscando freneticamente por uma porta para a qual eu pudesse me refugiar.

- Tem um banheiro ali - ele apontou - Se você quiser...

- Valeu! - exclamei um pouco mais alto do que pretendia, antes de sair apressada na direção indicada.

Quando fechei a porta, as minhas mãos tremiam.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Fechei os olhos respirando profundamente enquanto tentava recuperar a sanidade. Alguns minutos se passaram até que os meus batimentos voltassem ao normal.

Eu estava desnorteada e não tinha ideia do que deveria fazer em seguida.

Peter estava ali fora, me esperando.

E se ele se cansasse de esperar e desistisse de mim?

Aquela angústia me deu forças para espiar para fora da porta.

As mesas agora estavam lotadas e, embora eu não visse Daniel em lugar algum, também não enxergava mais Peter.

Dei uns passos receosos na saída do banheiro e comecei a caminhar pelo restaurante devagar, buscando por um rosto familiar.

- Laila!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Dei um salto pelo susto. Ao me virar, vi Peter sentado em uma mesa compartilhada com outros hóspedes.

Quando me aproximei, ele se levantou:

- Bom dia! - disse, puxando a cadeira ao seu lado para que eu me sentasse.

Se os homens soubessem o quanto esses pequenos gestos eram capazes de derreter o coração de uma mulher com certeza o fariam com mais frequência.

- Oi, Peter! Desculpe pelo atraso. Eu tive um contratempo - respondi, me sentando.

- Está tudo bem! - ele se virou para as outras três pessoas sentadas à mesa. - Laila, deixe eu apresentar você: estes são o senhor Júlio, sua esposa Lúcia e sua filha Ariadne.

Cumprimentei o trio com um aceno de cabeça cordial.

E não; a tal filha mencionada não era uma
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

criança geniosa, tampouco uma adolescente inquieta. Era uma jovem mulher com um tom de pele bronzeado, ombros largos e cabelos longos que lhe caíam até o meio das costas. Como se tudo isso não bastasse, ela ainda fazia parte do seletor grupo de mulheres que são naturalmente belas e não precisam recorrer à qualquer artifício da maquiagem para ressaltar suas qualidades.

Percebi um exame malicioso sendo lançado à minha pessoa com direito a uma troca de olhar sutil que passa despercebido pelos homens, mas que é perfeitamente assimilado entre mulheres que rivalizavam em prol de um objetivo comum.

Ficou claro naquele momento que Ariadne já tinha posto o seu alvo em Peter, que ingenuamente não havia captado a sua sórdida intenção.

Ainda.

- Já tomei a liberdade de pegar uma bandeja de café da manhã para você, Laila. - disse, me estendendo um prato que continha dois pães italianos com porções caprichadas de queijo,

PERIGOSAS ACHERON

salames, ovos mexidos, geleias e frutas variadas.

- Obrigada!

- O senhor Júlio estava me contando que eles já contabilizam setenta e duas noites em cruzeiros mundo afora. Você pode acreditar?

- Incrível! - tentei soar o mais simpática possível.

- Pois é... nós já rodamos muitas milhas náuticas por esse mundo afora. Esse é o nosso oitavo cruzeiro!

Ariadne entrou na conversa mantendo o olhar fixo em Peter, como se não houvesse nenhuma outra pessoa na mesa.

- Nós acabamos de voltar das Ilhas Maldivas! É simplesmente o lugar mais fabuloso que eu já tive a oportunidade de pôr os olhos na minha vida! Já me imagino passando minha lua de mel naqueles bangalôs no meio do mar azul-turquesa, sabe?

- Primeiro você precisa arranjar um namorado,
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

não é filha? A não ser que você esteja pensando em passar a lua de mel sozinha!

Todos soltaram uma risada contida para o comentário de dona Lúcia. Menos eu.

Ariadne concordou com um sorriso tímido.

- Você já esteve nas Ilhas Maldivas, Peter?

- Ainda não, mas eu ainda quero muito conhecer. Eu gosto de lugares onde a natureza assume o protagonismo do turismo.

- Você adoraria, tenho certeza! E aposto que faria fotos maravilhosas! - a câmera profissional de Peter em cima da mesa pareceu lhe dar a dica. - O lugar é realmente mágico! A natureza se exhibe de forma tão abundante diante dos seus olhos que você se sente na obrigação de capturar cada som, cada textura, cada movimento. Eu mesma bati tantas fotos que nem preciso dizer que o meu Instagram bombou de *likes*.

Ri sem mostrar os dentes. Ponto para ela.

PERIGOSAS ACHERON

- E você, Laila? Já fez algum cruzeiro antes?

Assim que o senhor Júlio pronunciou a pergunta, todos os olhos se desviaram em minha direção.

Eu juro que não pretendia mais mentir, ainda mais na frente de Peter. Mas em um mar de mentiras, o que representaria mais uma gota?

E esta seria a última - A ÚLTIMA - invenção.

- Eu já fiz alguns cruzeiros pelo Caribe.

- É mesmo? Nós também já estivemos em duas oportunidades. Qual foi o seu lugar preferido?

Como eu não tinha previsto essa pergunta?

- Ah, eu não sei bem... as praias são todas tão parecidas, tipo, aquela areia branquinha e mar transparente, não é mesmo?

Pelo canto de olho, notei quando Ariadne se aproveitou da minha suposta “distração” e pousou uma mão por cima de Peter, chamando sua atenção

com uma pergunta inaudível.

- Vaca... -

Com o súbito retorno de olhos arregalados para cima de mim, percebi que o meu pensamento saiu em voz alta.

- Ähn... - gaguejei. - Vaca...ções. Significa “férias” em espanhol. Acho que este era o nome da ilha particular no Caribe que eu mais gostei.

Ariadne estreitou os olhos e finalmente dirigiu a palavra a mim diretamente:

- Desculpe a curiosidade, mas vocês dois são o quê... amigos?

Peter se antecipou:

- Somos amigos sim. Não é mesmo, Laila?

Ele me deu um leve empurrão com o cotovelo, como uma pequena provocação.

Uma brincadeira... *entre amigos*.

PERIGOSAS NACIONAIS

- É.... - me limitei a responder com um meio sorriso.

- Entendi - ela ponderou. - Mas tipo assim... não é meio estranho dois... *amigos*... estarem juntos em uma viagem de cruzeiro?

Peter tentou esclarecer a situação:

- Bem, na verdade nós...

- ... não achamos estranho não, Ariadne! - eu o interrompi - Por que você acharia estranho? Eu não acho estranho. Você acha estranho, Peter? Acho que não... por que seria estranho? - disse uma voz totalmente descontrolada que pareceu muito ser a minha.

Peter me encarou com um olhar surpreso e parecia segurar o riso.

- Desculpe... talvez a minha mente seja um pouco fechada.

- Imagina! A gente escuta isso o tempo todo, não é mesmo Peter?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Foi a minha vez de cutucar de leve o seu braço em um estímulo zombeteiro.

- É... é sim. O tempo todo.

Ele enfim liberou o sorriso que estava preso.

Observei o prato vazio diante dele e encontrei ali a deixa que eu estava procurando.

- Pois bem... eu acho que deveríamos nos preparar para a descida, né?

Peter olhou de relance para o seu relógio.

- É verdade... eles já devem estar liberando a saída. Você está pronta?

Entre estar faminta e testemunhar a tal Ariadne se jogando para cima do meu “amigo”, eu preferia jejuar.

- Sim, podemos ir - falei, já me levantando da cadeira.

- Com licença, senhores. Foi um prazer

PERIGOSAS ACHERON

conhecê-los.

Fiquei um pouco constrangida diante daquela sua gentileza tão contrastante com a minha apressada retirada.

- Sim, foi um prazer - murmurei em um quase sussurro.

- O prazer foi todo nosso!

- Espero que a gente ainda se esbarre pelo navio! - complementou Ariadne, cheia de terceiras intenções.

Quando finalmente nos libertamos daquela situação, avistei novamente Daniel parado na porta do restaurante, conversando com um colega tripulante.

Congelei por um instante com a cabeça em turbilhão.

- Hmm Peter, eu preciso ir ao toalete rapidinho, tudo bem? Retocar a maquiagem e tal... coisa de mulher, você sabe! Você pode ir na frente que eu já

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

encontro você no elevador, tudo bem?

Eu precisava me afastar do raio de visão de Daniel com urgência.

- Tudo bem - ele respondeu, sem parecer desconfiar.

Abaixei a cabeça fingindo remexer algo na minha bolsa enquanto rumava em direção ao meu refúgio já conhecido.

Enquanto aguardava uns minutos até ter certeza de que Peter havia se retirado do restaurante e eu conseguiria dispensar Daniel longe de sua vista caso fosse necessário, aproveitei o momento para repassar o batom.

Ouvi quando a porta se abriu estrondosamente por trás de mim.

- Oi de novo, Laila!

- Ah, oi! Que coincidência! - exprimi surpresa ao rever Ariadne ali. - Eu já estava de saída... até mais.

PERIGOSAS ACHERON

- Espera, Laila. Na verdade não foi bem uma coincidência... Eu queria mesmo falar com você.

- Ah, sim?

Antenas, ativar!

- Laila... eu gostaria que você fosse sincera comigo.

Será que ela tinha descoberto minha farsa sobre as minhas viagens ao Caribe? Mas eu tentei soar tão convincente...

- C-claro!

- Você e Peter... vocês são só amigos mesmo?

Ah, como eu queria responder aquela pergunta com um sonoro “NÃO”.

Queria poder dizer com um sorriso triunfante que a nossa ligação ia muito além da amizade ou que a gente estava caminhando para um relacionamento sério. Queria poder lhe dar uma piscadinha maliciosa e acrescentar “*se é que você*”

me entende, queridinha”.

Mas a mentira sobre minhas viagens ao Caribe tinha sido a última. Eu tinha prometido isso a mim mesma.

- Sim, somos só amigos - respondi debilmente.

Seu semblante atenuou-se e ela pareceu satisfeita com a resposta. Devia ter percebido a sinceridade em minhas palavras - algo não tão comum nos últimos dias.

- Bem... eu não vou negar que fiquei feliz com essa notícia. Eu queria mesmo confirmar isso com você antes de lhe pedir um favor - ela me estendeu um papel colorido, acrescentando: - ... será que você poderia entregar isso a ele? É o meu telefone e, bem... o número da minha cabine também, por via das dúvidas!

Aquela foi a primeira vez que eu senti meu punho se fechar de forma involuntária. Meus dedos ficaram loucos para socar alguém.

Mas disfarcei. Aquela conversa absurda já tinha

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

me tomado preciosos minutos longe de Peter.

- Pode deixar - falei, pegando o bilhete de sua mão.

- Muito obrigada, Laila! Obrigada mesmo!

Ela soou grata.

Fechei a *necessaire* e, enquanto me dirigia à porta, senti um ímpeto irresistível de acrescentar um último comentário:

- Só um conselho, Ariadne: não fique muito ansiosa ao lado do telefone. Eu tenho uma leve desconfiança que o Peter possa ser *gay*...

Isso tecnicamente não é uma mentira! - afirmei a mim mesma. *Tecnicamente!* Qualquer um que fosse procurar pela palavra *gay* em um dicionário “Inglês - Português” veria que a tradução da palavra também podia ser *alegre*.

Peter era um cara alegre e feliz, logo, eu não havia mentido.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

E foi exatamente neste sentido que me senti ao ver a cara dela murchar por um segundo. Eu me senti muito “*gay*”.



- Você tem algum plano para o dia, Laila? Algum lugar que você faça questão de conhecer?

Na correria dos dias entre a premiação e o início da viagem em si, eu não tinha tido tempo para preparar um roteiro específico. Contudo, sempre que eu ouvia falar em Buenos Aires, um lugar me vinha logo à mente.

- Eu gostaria muito de conhecer aquele parque que tem uma flor enorme no centro, sabe?

- Ah, sim! A *Floralis Genérica*.

- Isso!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- *Okay...* Como temos um tempo curto, teremos que selecionar alguns lugares-chave para conhecermos sem muita correria. Que tal?

- Perfecto! - arrisquei.

A saída do navio foi bastante rápida. Tal qual sua bandeira, o sol escancarava-se em meio a um céu limpo e azul.

Entramos em um táxi e Peter imediatamente solicitou ao motorista que nos levasse até a *Plaza de Mayo*.

- Esse seu espanhol é realmente tão bom quanto parece ou você está aplicando a mesma tática utilizada para falar italiano?

- Você fala espanhol? - ele me perguntou.

- Não...

- Então isso é algo que você nunca vai saber! - riu.

Eu podia jurar que o seu espanhol era perfeito.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Assim como a forma com que ele pronunciava cada palavras no idioma. *Muy caliente*.

Eu estava observando a cidade pela janela quando ouvi:

- Muito bom esse seu perfume.
- SÉrio? Obrigada - ruborizei de leve.
- Eu não sou de reparar muito nessas coisas, mas este seu perfume é realmente muito bom.

Então este era o motivo do bendito custar cinco dígitos! Se eu estivesse usando a minha tradicional colônia de farmácia, ele jamais teria me feito aquele elogio.

Logo chegamos à ampla e bem conservada praça que tinha como destaque principal uma edificação imponente, a sede do governo administrativo da Argentina: a famosa Casa Rosada.

- Não é engraçado imaginar que todas as manhãs o presidente do país se levanta, toma um
- PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

café e vem para cá trabalhar?

- Mas se aqui é uma casa... o presidente já não mora aqui?

- Não mora, não. Inclusive durante os finais de semana a circulação de pessoas pela área interna é livre. A população vem dar uma analisada no gabinete presidencial: se tiver muitos papéis acumulados, eles o julgam um péssimo administrador - se estiver tudo muito organizado, eles começam a pensar em uma nova manifestação para não deixar o presidente tão à toa.

Nossos olhares se cruzam em meio a um pequeno sorriso.

Curiosamente, uma manifestação de cartazes estava acontecendo no meio da praça naquele momento.

- Você sabe porque ela é rosa? - perguntei.

- Uma vez eu li um artigo que dizia que ela foi pintada com sangue de gado misturado com cal e gordura.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Credo!

- Mas também pode ter sido apenas a cor da moda no Parlamento *Fashion Week* daquela época...

- Acho que eu prefiro acreditar nessa versão.

Peter apontou para uma espécie de pirâmide que ficava no meio da praça:

- Eu vou até ali tirar algumas fotos, *okay*?

- Tudo bem.

Aproveitei para tirar algumas fotografias com meu celular também.

Fui até o chafariz, observei as árvores, acompanhei o movimento dos pedestres.

A seguir, me sentei em um banco e fechei os olhos, deixando a brisa aliviar o meu rosto do calor matinal.

Minutos depois, fui até Peter, que agora

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

ensaiava o melhor enquadramento de uma estátua onde um soldado montava seu cavalo.

- Você sabia que nessas estátuas de cavaleiros existe uma pista quase oculta sobre o destino do homenageado em questão?

- Sério?

- Sim. Quando o cavalo estiver com apenas uma das patas dianteiras erguidas é porque a tal pessoa foi ferida em batalha. Se as duas patas estiverem erguidas, significa que ele morreu em combate.

- Entendi. Já no caso de as quatro patas estarem firmes no chão significa que o cara morreu depois de trabalhar uma vida inteira igual a um cavalo!

Um sorriso lento se espalhou em seu rosto.

- Em tese isso significaria que o indivíduo morreu de causas naturais, ou seja, você tem uma parcela de razão.

Sugeri que fôssemos ao próximo local de metrô, já que havia uma estação bem em frente à
PERIGOSAS ACHERON

praça. Peter se mostrou um pouco receoso, temendo que não teríamos tempo suficiente para fazer todo o roteiro inicialmente planejado.

- Ah, vamos! - eu peguei sua mão e lhe dirigi pelo caminho. - Será como uma aventura, você vai ver! Que forma melhor de realmente conhecer uma cidade do que experimentando as mesmas coisas que os locais vivem?

Um brilho surgiu em seus olhos.

- Está bem!

Descemos as escuras escadas do metrô e analisei no mapa a estação mais próxima de nosso próximo destino - os bosques de Palermo, mais especificamente o Parque *Tres de Febrero* - e começamos a trilhar o caminho subterrâneo.

Mesmo não sendo o horário de maior fluxo, o metrô estava lotado de pessoas que iam e vinham com pressa, sem olhar realmente para nada além de seus próprios passos.

Ao chegarmos, caminhamos por algumas ruas

PERIGOSAS ACHERON

estreitas e arborizadas, que já serviam de prenúncio do que encontraríamos a seguir no parque: um lugar impecável, rodeado de árvores e flores. O som tranquilizante da natureza criava uma espécie de refúgio ao caos da metrópole fervilhante.

- Que lugar lindo, Peter! - meus olhos faiscavam. - Dá vontade de passar o dia inteiro por aqui! Pena que o nosso tempo é tão curto.

- É verdade... - ele se limitou a dizer. - Que tal se começássemos por ali?

Estranhamente, ele apontou para um conjunto de lojinhas aglomeradas do lado de fora do parque. Entramos por uma porta escura, e logo percebi a sua intenção.

- *¡Hola señor! Me gustaria alquilar una bicicleta de esas que van dos personas, por favor.*

- *Ah si, por supuesto!*

O atendente entrou em um depósito e logo retornou trazendo uma bicicleta dupla: dois assentos e dois guidões - ambos unidos em um

PERIGOSAS ACHERON

mesmo quadro.

Nada podia ser mais perfeito.

Sentei no assento da frente e saímos para explorar o parque.

Em determinado momento, tive uma sensação de plenitude como nunca antes havia sentido. Ergui os braços em direção ao céu azulado enquanto o som que chegava aos meus ouvidos era o riso de Peter atrás de mim.

Pedalamos por um grupo de pessoas que aproveitavam o gramado para pegar um sol, e em meio a skates e patins, testemunhamos uma família de patos cruzando a ciclovia na maior tranquilidade.

Descemos da bicicleta e atravessamos a cinematográfica ponte *Griego*, que cruzava um lago prateado, lar de algumas espécies de aves que circulavam em meio aos pedalinhas.

Do outro lado, a junção do jardim, da ponte, da pérgula coberta por trepadeiras e do pitoresco pátio

PERIGOSAS ACHERON

destacado por cores vibrantes das rosas tornavam este parque uma combinação sem igual.

Enquanto Peter aproveitava a beleza do lugar para bater fotos, circulei por entre os mais de dezoito mil tipos diferentes de rosas no Roseiral.

Seguimos o passeio de forma leve e descontraída até nos darmos conta de que havíamos extrapolado o nosso limite de tempo naquele lugar.

Ele tirou do bolso uma folha de papel onde havia feito algumas anotações sobre os principais pontos turísticos da cidade, amassou-o e o arremessou na cesta de lixo ali próxima.

- Como já dizia o poeta: muitas vezes a falta de plano é o melhor plano!

Naquela altura, eu já sabia que nenhum outro plano poderia ser melhor do que estar naquele exato lugar em sua companhia.

Olhamos novamente o mapa e pedalamos em direção à icônica *Plaza de las Naciones Unidas*, local onde se encontrava a emblemática *Floralis*

PERIGOSAS ACHERON

Generica.

Logo que chegamos em frente ao extenso gramado do parque, Peter me disse que iria até um mercado ali próximo para buscar uma água. Enquanto isso, segui até a enorme estrutura metálica em formato de flor.

Apesar de a estrutura levar a palavra “genérica” em seu nome - o objetivo era representar todas as flores do mundo - o seu formato lembrava o de uma tulipa que desabrochava todos os dias de acordo com a luz do sol. Ao seu redor havia um belo espelho de água que adicionava ainda mais beleza ao monumento.

Um momento depois, notei Peter vindo em minha direção contra a claridade do sol. Só de saber que o destino dos seus passos era eu - *eu!* - o meu coração se inflava. E era assim que eu me sentia o tempo inteiro agora.

- Laila! - ele me chamou a distância. - Você poderia vir até aqui, por favor?

Caminhei em sua direção, estreitando a visão

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

por conta do sol que irradiava sua luz com toda a força. Debaixo da sombra de uma árvore, Peter estava diante de uma toalha vermelha estendida com frutas, empanadas, pães, geleias e uma garrafa de vinho com duas taças.

- Como não teremos tempo para almoçar em Puerto Madero, pensei em trazer uma boa refeição até nós - declarou, com o rosto caloroso e amigável.

Eu já não encontrava mais palavras para descrever a perfeição daquele dia.

Todo o meu ser vibrava de vontade de ser envolvida por seus braços.

Meu coração batia como o de um viciado que, ao passar por uma crise de abstinência, tinha o seu objeto de desejo servido diante de si em uma bandeja de ouro.

Nossos olhares se cruzaram e algo se passou naquele instante.

Uma pergunta formulada. Uma resposta.

PERIGOSAS ACHERON

- Obrigada, Peter.

Ele piscou os olhos devagar, parecendo compreender o que aquele agradecimento significava.

Nos sentamos diante da luz dourada que irrompiam por entre os galhos da árvore.

Ele pegou o seu celular e colocou uma música típica portenha para tocar:

♪ Sé que hay en tus ojos con solo mirar

Que estás cansado de andar y de andar

Y caminar girando siempre en un lugar ♪

Enquanto a música tocava, ele nos serviu duas taças de vinho e ofereceu um brinde:

- Que nossos dias seguintes sejam sempre

PERIGOSAS NACIONAIS

melhores que o anterior!

Se assim o fosse, o que eu poderia esperar do amanhã?



COLOR ESPERANZA:



EXTRA: ROTEIRO EM BUENOS AIRES:

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 22

- Dia 5 -

- Eu acho que você avalia um dia como perfeito quando mal percebe o quanto as horas voaram, certo? - falei em um suspiro, deixando o peso do meu corpo cair sobre a cama.

Uma satisfação genuína surgiu em resposta.

- Acho que essa é uma boa forma de saber, sim, dona Lala.

- Neste caso, eu respondo a sua pergunta com todas as letras: o meu dia foi p-e-r-f-e-i-t-o, Timur!

Um sorriso incontido se espalhou em meu

PERIGOSAS NACIONAIS

rosto. Era um movimento praticamente involuntário que se fez muito recorrente durante aquele dia.

Peter e eu havíamos retornado ao navio há cerca de dez minutos.

Durante nosso piquenique improvisado, decidimos abandonar todos os planos de uma correria frenética para conhecer o máximo de pontos turísticos humanamente possível e nos entregamos à brandura daquele momento de paz.

Ele me contou um pouco mais a respeito de sua infância em Cambridge e sobre como foi crescer com outros dois irmãos homens. Me contou sobre o seu petauro de estimação - uma criaturinha que parecia uma miniatura de esquilo de olhos esbugalhados e membranas que o permitiam dar curtos rasantes no ar.

Eu lhe falei sobre a cidade interiorana que cresci e como todos os habitantes cumprimentavam-se por apelidos - o meu era “Rapunzel” por conta da cabeleira esvoaçante que eu já tinha desde criança. Contei-lhe a respeito do

PERIGOSAS ACHERON

dia em que vi meu pai colocando os presentes de Natal debaixo da nossa árvore e como, em vez de achar que papai noel não existia, eu tinha ficado plenamente convicta de que o *meu pai* era o tal bom velhinho responsável por presentear todas as crianças do mundo.

E assim, o ponteiro que gostaríamos que tivesse rodeado o relógio a passos lentos, criaram asas e voaram.

E eu acabei pegando carona neste voo, porque voltei me sentindo nas nuvens.

Eu praticamente não me reconhecia mais.

Eu adorava o som da sua voz e o brilho do seu sorriso. Quando ele falava sorrindo então, eu sentia como se fosse perder o controle.

Nós ainda não tínhamos nos beijado, e eu ansiava por este momento mais do que qualquer outra coisa na vida. Eu tinha uma certeza dentro de mim de que isso estava prestes a acontecer, mas eu não queria pressioná-lo - ainda mais depois da história que ele havia compartilhado comigo na PERIGOSAS ACHERON

noite anterior e que claramente havia deixado uma ferida aberta.

Por ele, eu esperaria todo o tempo do mundo.

Contudo, assim como a segunda voz de uma dupla sertaneja (que você quase não ouve, mas sabe que ela está lá, fazendo parte da canção), um zumbido incômodo se intrometia no meu mundo de imaginação ardente: a consciência de que essa história poderia acabar com meu coração partido em mil pedaços.

A gente pertencia a mundos opostos, embora Peter imaginasse o contrário.

Não! - reafirmei à mesma.

Eu estava decidida a não viver uma vida com base em probabilidades.

Uma leve batida na porta me tirou desses devaneios.

- Timur? - atendi, surpresa ao vê-lo ali novamente após a ronda noturna.

PERIGOSAS NACIONAIS

- Boa noite, dona Lala. Me desculpe incomodá-la, mas o senhor Daniel me pediu que eu lhe chamasse. Ele está no *lounge* bem aqui, ao lado do corredor. Ele gostaria de lhe falar imediatamente.

Daniel? Nossa, eu tinha me esquecido completamente dele.

Por mais que eu não tivesse a mínima vontade de conversar com ele, esta seria uma excelente oportunidade de colocar um fim em qualquer expectativa que possa ter sido criada entre nós.

- Obrigada, Timur. Eu já vou até lá - falei, fechando a porta.

- Desculpe insistir, dona Lala. Mas é que ele parecia estar com um pouco de pressa. Talvez ele tenha algum outro compromisso...

Timur estava agitado, e toda aquela ansiedade me fez franzir as sobrancelhas em desconfiança.

- Tudo bem... estou indo agora então - balbuciei, fechando a porta da cabine atrás de mim.

PERIGOSAS ACHERON

Eu pretendia dispensá-lo rapidamente a fim de ter tempo de acompanhar o pôr do sol.

Logo que virei o corredor, ouvi a voz de Daniel conversando com outra pessoa - uma voz masculina. Um pouco antes de entrar no *lounge*, ouvi meu nome ser pronunciando.

- ... a quantos anda aquele teu lance com a tal de... como é mesmo o nome dela? Laís?

- É Laila - Daniel respondeu com uma voz calma.

- Isso, isso! E aí, ela ainda está na tua rede?

- Cara, eu só te digo uma coisa: eu nem precisei oferecer comida de qualidade para a garota já vir comer na minha mão... O nível de carência da mina é tão grande que eu só precisei investir uns trocados em um barbantino ridículo lá do camelô... Dobrei uma florzinha com um papel amassado e pronto: a garota já se derreteu toda na do papai aqui.

Daniel riu e tomou um gole da bebida que tinha

PERIGOSAS ACHERON

em mãos.

- Mas tu tem certeza que a garota é cheia da grana mesmo?

- Tenho, cara, eu estou te falando... Eu botei o olho nela desde o primeiro dia depois que ela disse que é empresária, tem casa de praia e tal... E de quebra, ela até que é bem succulenta...

- É mesmo... dá pra dar um caldo.

Eu estava atônita diante daquela confissão, mas nem todo o choque fez passar em branco o fato de que o outro sujeito da conversa também me conhecia. Eu só não conseguia reconhecer a sua VOZ.

- É o que eu te digo, cara... a mina é classe alta. Ela vai ser a minha chave de aposentadoria - Daniel gargalhou antes de acrescentar com um tom mais sério. - Mas sério, cara! Dessa vez eu estou sentindo que vai rolar! Só de pensar na vida que me espera, nas festinhas exclusivas, boca livre... É só eu levar a gata no banho-maria que eu nunca mais vou ter que trabalhar na vida! E digo mais: só volto PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

a pisar em um cruzeiro se for como hóspede da suíte duplex deluxe!

- Olha o cara... já está se achando parte do clã da alta sociedade!

- Quase lá... quase lá! E por falar nisso, preciso prestar a minha assistência diária na mina. E eu já até pensei no meu movimento de xeque-mate. Hoje a noite quando eu me apresentar no teatro, eu vou dedicar uma música para ela...

O interlocutor soltou uma risada irônica.

- Peralá! Cuidado aí, mano... Isso não vai te sujar com a Dora e com a Anne, não né? Se elas descobrirem, meu chapa...

- Até parece que você não sabe com quem está falando, meu! Eu sei exatamente o que fazer para não dar essa mancada!

- Bom... se a tal mina é toda *carentona* como tu disse, ela vai surtar nesse teu plano!

- É isso - ele soou determinado. - Eu vou fazer
PERIGOSAS ACHERON

isso hoje a noite. A garota é baita ingênua, meio trouxa. Aposto que vai ficar caidinha com a minha “homenagem”.

- Rumo ao triunfo!

Quando percebi que o tom da conversa se encaminhava para uma despedida, me escondi por trás de um pilar.

Eu estava dominada pela raiva. Daniel seguiu em passos largos e tive que lutar contra todos os meus instintos para não esbofeteá-lo ali mesmo. Minha vontade era de deformar o seu rosto, mas eu sabia que meus tabefes não lhe pareceriam mais do que leves beliscadas.

Eu precisava ser inteligente no planejamento da minha revanche.

Eu já estava prestes a retornar à cabine quando percebi que o sujeito que conversava com Daniel também se retirou como um raio. Só tive tempo de vê-lo de costas.

Ele era forte e tinha um inconfundível corte no

PERIGOSAS ACHERON

estilo moicano de fios platinados. O mesmo cara que havia me passado uma cantada intimidante na boate quando Daniel apareceu todo prestativo em meu socorro.

Eles tinham tudo planejado.

Respirei fundo em busca de concentração antes de retornar ao quarto a passos firmes e ruidosos.

Timur ainda encontrava-se no corredor manuseando o seu carrinho de limpeza.

Ele me lançou um olhar ansioso, e foi somente neste momento que me dei conta.

- Ele nunca mandou me chamar, não é Timur?

Ele abaixou os olhos, ruborizando.

- Não, não mandou dona Lala. Desculpe.

- Não precisa se desculpar. Eu tenho até que agradecer você.

Ele ergueu novamente os olhos, agora cheios de

curiosidade.

- Vocês dois conversaram?

- Não foi necessário. Eu ouvi uma conversa dele com outra pessoa. Eu sei que ele só estava querendo me usar.

- Eu sinto muito, dona Lala. Sinto mesmo, mas era para o seu melhor. A senhorita está bem?

- Estou... acho que estou... - afirmei, mais como um reforço a mim mesma.

- Eu não queria que a senhorita ficasse magoada. Mas quando eu percebi que a senhorita não se importava mais tanto com aquele idio... quer dizer, com o senhor Daniel... então eu achei que a senhorita deveria saber a verdade.

Coloquei uma mão por cima do ombro de Timur, tranquilizando-o:

- Muito obrigada, Timur. Mesmo.

- Se me permite perguntar, a senhorita pretende

fazer algo?

- Pode ter certeza que sim. Se ele joga sujo, eu jogo imundo. Eu vou pensar em algo que atinja em cheio aquele ego vaidoso dele.

- Neste caso, se a senhorita me permite, eu sei de algo que talvez possa lhe ajudar...



O sol ainda brilharia por mais alguns minutos antes de se pôr no mar.

Após minha rápida conversa com Timur, elaboramos o plano perfeito para uma revanche.

Como vim a saber, já pesava sob Daniel a fama de não ter nenhum escrúpulo. Ele inclusive já tinha aplicado um golpe semelhante em uma senhora herdeira de uma generosa aposentadoria militar (ele

PERIGOSAS NACIONAIS

só não contava que os filhos dessa mesma senhora herdaram a *profissão* do pai e estavam muito atentos à sua tentativa de golpe).

Timur também me confessou que, no dia em que eu flagrei ele e Daniel discutindo em frente a minha cabine, Daniel o estava pressionando para abrir a porta do meu quarto usando a chave mestra. Ele disse que pretendia me preparar uma surpresa romântica (o que obviamente significava revirar de forma amorosa e gentil todos os meus pertences em busca de informações a respeito da minha “riqueza”).

Mas na área dedicada aos tripulantes, as paredes são finas e tem ouvidos bem atentos. Desafetos já tinham desvendado um grande segredo de Daniel e agora era apenas questão de tempo para que ele recebesse a lição merecida.

Subi até o solarium para espairar a mente enquanto admirava o rastro dourado que se formava sobre o oceano.

Meio que sem querer, me senti assolada por um

PERIGOSAS ACHERON

súbito abatimento.

Embora eu não nutrisse qualquer laço emocional com Daniel, um legítimo sentimento de tristeza me atingiu como um raio inesperado.

Ingênua e trouxa; suas exatas palavras.

Sua fala causou um efeito imediato: eu me senti um objeto manipulável - alguém que poderia ser descartado tão logo não tivesse mais utilidade. Como eu poderia esperar que alguém gostasse realmente de mim se o meu único atrativo era justamente aquela porção da mentira, ou seja, tudo que não representava de fato quem eu era?

A comprovação desse fato inegável me ardia a alma.

Mesmo sendo noventa por cento verdadeira, somente os dez por cento de mentira é que eram apreciados.

Minhas mentiras se tornaram um mecanismo de defesa para que eu não encarasse a realidade.

A realidade de que eu era cem por cento desinteressante. Cem por cento insignificante. Cem por cento descartável.

- *Hey, pretty girl.*

Antes mesmo de ouvi-lo, eu já havia reconhecido quando o vento trouxe um perfume familiar até minhas narinas.

O perfume dele.

O perfume de alguém que não me dispensaria um minuto sequer de sua atenção caso soubesse quem eu realmente era.

- Oi - respondi com um rápido aceno de cabeça, limpando por trás dos óculos uma gota de lágrima que insistiu em cair sem convite.

Sua expressão murchou no instante em que pousou seus olhos em meu rosto inchado.

- Você está chorando?

Que poder tinha essa frase que, sempre que dita

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

em voz alta, em vez de confortar fazia com que a pessoa sentisse ainda mais vontade de chorar?

- Será que eu posso te pedir uma coisa? - falei, sentindo meus olhos voltarem a marejar.

- Qualquer coisa.

- Me dá um abraço?

Sem hesitar, ele me envolveu no calor de seus braços e nós ficamos ali, parados em um abraço silencioso.

Ali eu me sentia amparada e protegida, como se nenhum de meus pesadelos pudessem me encontrar.

O que aconteceria se Peter descobrisse a verdade?

Eu queria contar, eu precisava contar.

Mas não agora. Não naquele momento.

Os raios solares causavam uma explosão de

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

cores no horizonte. Fixei meu olhar na espumante água azul e branca por sobre o mar e aos poucos fui me sentindo reconfortada.

Passado um tempo, afrouxei os braços e Peter enfim pousou os seus olhos em mim.

- Você quer falar sobre isso?

Fiquei em silêncio por alguns instantes.

- Bem, eu... eu tenho alguns pensamentos ruins atormentando a minha cabeça. São sentimentos conflitantes muito difíceis de entender...

- Sabe o que uma grande filósofa me disse ontem? Que acreditar ou não em algo é uma decisão, e não um sentimento.

Esbocei um leve sorriso.

- Que filosofia barata!

- Sabe que na hora eu até senti que essa teoria era mesmo absurda, mas bastou eu decidir que aquilo de fato fazia sentido que pronto! Passei a

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

considerar a tal filósofa como uma grande pensadora contemporânea!

Meus lábios enfim se contorceram em um sorriso tímido.

Fiquei introspectiva por um instante, observando o movimento do sol, que agora se punha lentamente.

- Correndo o risco de soar bem clichê agora, mas sempre que eu observo a vastidão do oceano e o infinito do céu, eu me pergunto se os meus receios são realmente tão grandes assim. Se eu não deveria simplesmente esquecer todos eles e deixar a vida tomar conta.

Pude ouvi-lo respirar profundamente.

- É clichê dizer que a maioria dos clichês são verdadeiros?

- Tomara que sejam mesmo.

Uma brisa atingiu o meu rosto e balançou meus cabelos.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Fique tranquila, Laila... - ele acrescentou após um intervalo - se o seu medo é de que o navio naufrague, eu garanto que isso não vai acontecer!

Ali estava Peter, tentando soar espirituoso e me fazer sorrir, sem saber que eu realmente tinha medo do momento em que o *meu* barco afundasse.

- ... mas se ele naufragar - ele acrescentou, como se lesse os meus pensamentos - eu e você estamos no mesmo bote salva-vidas, lembra? Eu estarei lá para salvar você.

Ele se virou para mim, me encarando com um olhar fixo.

Encarou mesmo, não simplesmente “olhou”.

Meu coração se encheu de ansiedade.

Será que ele podia ouvir o tambor dentro do meu peito? Será que ele sentia o mesmo?

Minha respiração ficou curta e entrecortada.

Quando ele tocou em meu braço, tal gesto

PERIGOSAS ACHERON

refletiu como uma descarga elétrica pelo meu corpo.

Estávamos agora bem próximos, à distância de um beijo.

Meus olhos se direcionaram à sua boca e eu não consegui conter os meus lábios de se abrirem em um movimento lento.

- Oi, oi casal!

Dei um salto. Uma garota da equipe de animação surgiu repentinamente ao nosso lado.

- Ai, me desculpe atrapalhar, mas é bem rapidinho. Eu tenho uma oferta incrível para vocês, ó! Nós estamos organizando um concurso de karaokê para amanhã, que é um dia só de navegação. Que tal se vocês se inscrevessem como dupla e soltarem o gogó?

Peter tentou justificar-se, mas agora ele é quem tinha perdido o dom da oratória.

- Bom... eu... eu não sei! Eu até participaria...

PERIGOSAS NACIONAIS

- Ah, não! Já posso pressentir um “mas” vindo por aí... - revidou a garota, chacoalhando a prancheta.

- Sim... é que, bem... - ele hesitou.

Um momento de insensatez invadiu a minha mente e, quando me dei conta, eu já o estava expondo o pensamento em voz alta.

- Vamos participar sim! Anota aí: Peter e Laila.

Peter me observou com um ar surpreso, mas não contestou.

A garota anotou os nossos nomes em uma lista e saiu satisfeita.

- Como se não bastasse me ver dançando, agora você também quer me ver cantando? Onde vai parar a minha reputação desse jeito?

Pensei por um instante.

- Ué! Muito melhor do que manter uma reputação é a liberdade que você ganha quando não

PERIGOSAS ACHERON

dá mais a mínima bola para ela.

- *Welcome back*, filósofa Laila! Voltou a ser aquela pessoa que distribui frases de efeito da mesma forma com que distribui sorrisos.

Sorri para ele.

Ele sorriu de volta.

E o sol enfim se pôs.

Capítulo 23

- Dia 5 -

- Senhoras e senhores, *ladies and gentlemen, damas y caballeros...*

Fachos de luz agitavam-se por todo o palco.

- A Precious Line tem a honra de apresentar um espetáculo de talentos muito especial e que, esperamos, ficará para sempre guardado em sua memória!

Tambores ressoaram.

- Uma apresentação criada com toda a dedicação deles... os únicos... os incomparáveis...

PERIGOSAS NACIONAIS

Mais tambores rufaram.

- ... membros da *sua* equipe de animação!

Uma música circense ressoou enquanto alguns membros do grupo de animação se alinhava no centro do palco diante de aplausos animados do público.

- Boa noite, pessoal!

“Boa noite!”

- Acho que não ouvi direito - a apresentadora fingiu limpar os ouvidos. - Eu disse BOA NOITE PESSOAL!

Palmas e assobios acompanharam o segundo *“BOA NOITEEEE!”*.

- Bem, caros senhores... nessa noite nós reuniremos um pouco de tudo que já foi apresentado no teatro durante a semana. E para começar, um belo truque de magia será realizado pela caçulinha da nossa equipe. Com vocês... Anne!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Uma mulher entrou salteando pelo palco abaixo de estrondosas palmas. Ela trajava um vestido de lantejoulas pretas que pressionavam os seus seios de Pão de Açúcar e afinavam sua cintura antes de abrir-se em uma cauda andorinha. Ao invés da cartola típica nos mágicos, ela usava uma tiara com orelhas de coelho. Lancei um discreto olhar atravessado para Peter, que estava sentado ao meu lado: ele permanecia impassível, observando o palco com uma certa curiosidade, tal qual os demais espectadores.

A moça convidou um voluntário da plateia para participar de um truque de cartas. Ao final da mágica, a carta na qual o voluntário assinou o seu nome apareceu em cima de sua poltrona no teatro. O truque deixou a plateia completamente atônita.

A seguir, seis membros da equipe entraram usando óculos de sol. Cada um deles se sentou em uma cadeira e começaram a apresentação de um musical bastante original. Utilizando-se apenas do som produzido por eles próprios através de estalos, palmas nas pernas, peito e braços junto com pisadas ruidosas no chão, eles apresentaram uma sincronia

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

perfeita de ritmo e movimento.

Seguiu-se então uma apresentação de equilibristismo e outra instrumental, a qual um rapaz utilizou-se apenas de copos de cristal com água para criar uma bela melodia.

Ao final de cada apresentação, os membros da equipe de animação eram aplaudidos com fervor.

- E agora nós temos o prazer de chamar ao palco o nosso maior talento. Um cantor com passagens pela Broadway e Las Vegas. Ele é popular, versátil, um artista completo! Com vocês... Daniel.

Então, eis que aparece o digníssimo cantor, trazendo um microfone dourado nas mãos. Ele vestia um lustroso macacão boca de sino que lhe conferia um visual característico dos anos cinquenta.

Daniel se posicionou em cima de uma estrutura elevada e um holofote passou a iluminar sua silhueta imóvel enquanto um piano era trazido para o meio do palco.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Sua voz quebrou o palpável silêncio da expectativa, preenchendo cada canto do teatro.

- Essa música vai para a minha gata...

Ai meu Deus! Não diga meu nome, não diga meu nome...

- ... para a minha *nena*...

Quatro notas de piano ressoaram antes da música começar a ser cantada a capela.

TUM, TUM, TUM, TUM...

♪ *You shake my nerves and you rattle my
brain* ♪

TUM, TUM, TUM, TUM

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

♪ *Too much love drives a man insane* ♪

TUM, TUM, TUM, TUM...

♪ *You broke my will* ♪

TUM TUM TUM TUM

♪ *Oh what a thrill* ♪

TUM TUM TUM TUM

♪ *Goodness, gracious, great balls of fire!* ♪

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Quando a música entrou no ritmo agitado do famoso *jive*, um casal de dançarinos saiu inesperadamente de dentro do piano e iniciaram uma dança de ritmo ágil.

Movimentos rápidos de braços e pernas se espalhavam por toda a dimensão do palco, impressionando a plateia que os acompanhava com os olhos vidrados.

Meus olhos também estavam fixos: não nos dançarinos, mas sim no celular que eu segurava em minhas mãos.

Tudo o que tive que fazer foi clicar no botão “enviar” e aguardar.

A música se aproximava-se do *gran finale* arrebatador - momento mais agudo que exigia o máximo do potencial de voz do artista.

♪ *Kiss me baby...* ♪

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

E foi então que uma voz estridente como uma gralha ecoou pelos alto-falantes:

♪ ... *woo feels good*

Hold me baby

I want to love you like a lover should ♪

Os dançarinos no palco pararam e testemunharam de camarote os efeitos que a egolatria desmedida traz a um indivíduo.

Ainda de olhos fechados, Daniel parecia embriagado de prazer e não notou que a sua verdadeira voz desafinada começou a repercutir pelo microfone. Ele continuou com sua humilhante exibição por mais um momento.

♪ *You're fine, so kind*

PERIGOSAS ACHERON

*I've got tell this world that you're mine mine
mine mine... ♪*

Quando ele enfim abriu os olhos, talvez o assombro da plateia em conjunto com algumas pessoas elevando as mãos até seus ouvidos tenham feito-o perceber que algo de errado estava acontecendo.

O pianista parou de tocar e os dançarinos saíram às pressas do palco enquanto Daniel permaneceu ali, mudo e estático.

A seguir, um som mecânico e pré-gravado soou pelas caixas de som:

“Devido a uma falha técnica, esta apresentação teve que ser interrompida. Pedimos desculpas pelo transtorno e retornaremos em breve”.

O burburinho inicial logo se transformou em conversas vibrantes de pessoas pasmas com o que haviam acabado de presenciar.

A mensagem técnica apenas havia tentado disfarçar o que todos já viam como uma clara certeza: Daniel estava *fingindo* cantar.

Eu tentava captar ao máximo tudo o que as pessoas estavam falando a respeito do ocorrido e dei um salto ao ouvir a voz de Peter em meio a toda aquela agitação.

- Que loucura foi essa, Laila?

- O quê? Eu não fiz nada! - falei na defensiva, como um reflexo.

- Você não percebeu? Aquele cara ali não é um cantor de verdade. Ele provavelmente usava um recurso de *playback*.

- Pode ser... Que loucura, não?

- Eu quase tive pena do sujeito. Quase.

- Pena? Por que você teria pena dele?

- Sei lá... ser desmascarado assim na frente de todo mundo. Pense você que nessa era atual, as

PERIGOSAS NACIONAIS

peessoas assistem a vida acontecer através da tela do celular. Quantas câmeras estavam filmando aquele momento e amanhã serão postadas nas redes sociais? Se eu fosse ele, não mostraria mais as caras pelo navio até o fim da viagem.

- É... você tem razão. Ele deveria mesmo se esconder em um canto qualquer e não sair mais de lá.

Eu sempre soube que a vingança era um prato que se comia frio, mas ninguém nunca me disse que era tão delicioso.

Enquanto eu ainda saboreava aquela sensação de triunfo, Peter soltou um último comentário casual.

- Pois é... mas esse é o preço da mentira.



PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

O teatro deu por encerrada a apresentação teatral da noite minutos depois, alegando não terem conseguido corrigir a falha técnica.

“Agradecemos a compreensão de todos e esperamos revê-los em breve!”

- Bom... depois dessa diversão às custas da desgraça alheia, acho que nós merecemos relaxar um pouco. O que você acha?

Sorri diante daquele convite mais que oportuno de Peter.

- Concordo! E já que você falou em relaxar, eu gostaria de convidar você para conhecer o meu lar nesse cruzeiro...

Confesso que a pausa que se seguiu foi proposital de minha parte. Eu queria justamente reparar naquela tênue expressão de sobressalto que surgiu no rosto de Peter quando ele provavelmente suspeitasse que eu me referia à minha cabine.

- ... porque você sabe; uma coisa é aonde você dorme, outra coisa é o lugar que você considera o PERIGOSAS ACHERON

seu lar. E aqui no cruzeiro, este lugar para mim é a banheira de hidromassagem!

Um sorriso se abriu a seguir, expondo dentes brancos e perfeitos.

Combinamos de nos reencontrar no convés em alguns minutos após nos trocarmos por roupas apropriadas.

Eu pretendia me trocar rapidamente para já estar *dentro* da banheira de hidromassagem quando ele chegasse.

Embora eu julgasse que o meu corpo estava em dia quando comparados aos padrões normais esperados para a raça humana (embora muito longe das modelos *photoshopizadas* de capa de revista), eu preferia evitar o constrangimento de passar por algum tipo de olhar de inspeção por parte dele.

Quando cheguei na porta da minha cabine, Timur me aguardava com um sorriso escancarado.

- Dona Lala, dona Lala! A Tina acabou de me contar que o plano deu certo! Eu nem acredito! A PERIGOSAS ACHERON

senhorita viu?

Ele estava em êxtase e não demonstrava sentir um pingo de remorso. Assim como eu.

- Não poderia ter sido mais perfeito, Timur! E não é que a joia mais preciosa do Diamond se mostrou uma verdadeira pedrinha brita quando soltou a sua bela voz de gralha alvoroçada na frente de todo mundo?

Timur soltou uma gargalhada radiante.

- A Tina disse que nunca sentiu satisfação maior na vida.

Tina era uma dançarina de burlesco que fazia parte da equipe profissional do teatro. Logo que foi contratada para uma turnê a bordo do Diamond, Daniel lhe desferiu inúmeras cantadas sem saber que Tina já havia fixado o seu próprio alvo no nível mais alto da hierarquia marítima: o comandante do navio.

Não satisfeito com as constantes rejeições vistas como cenas públicas de humilhação, Daniel

PERIGOSAS ACHERON

resolveu acabar com o romance dos pombinhos náuticos e em uma festa de confraternização da tripulação regada a muito álcool, tirou algumas fotos comprometedoras do comandante com sua jovem dançarina. Munido desta arma, bastou Daniel criar uma conta falsa de e-mail e enviar tais fotos ao comandante sob a ameaça de encaminhá-las à sua bela e recatada esposa Vivian, que o aguardava com anseio na cidade de Gênova, onde morava com os dois filhos do casal.

O e-mail gerou o efeito desejado: o comandante deu um fim imediato em seu caso com a dançarina. Como a ameaça tinha sido anônima, não houve uma acusação efetiva quanto à identidade do remetente. Tina, porém, tinha certeza absoluta da autoria daquela tramoia e portanto, convencê-la à participar do plano de desmascarar Daniel publicamente havia sido a oportunidade que ela tanto esperara para se vingar.

Há cerca de dois meses, enquanto um tripulante limpava o *back deck* (que pelo contexto, entendi se tratar dos andares inferiores onde a tripulação ficava hospedava), ele ouvira casualmente Daniel

cantarolando no chuveiro, distraído. No seu relato posterior a seus colegas, ele disse que a voz do tal cantor sensação do navio parecia com a trilha sonora de seu pior pesadelo sendo cantado por um espírito maligno sob efeito de gás hélio.

Não foi necessário muito mais do que essa suspeita para que o zumbido se espalhasse pelos corredores ocultos dos camareiros de bordo, que já desgostavam de Daniel pela maneira rude com que eles sempre eram tratados.

E a oportunidade enfim chegou.

Com Tina devidamente posicionada nos bastidores do teatro durante a apresentação de Daniel, ela aguardava receber o sinal para entrar em ação. Em determinado momento, ela recebeu um aviso no celular com a palavra “*agora*” - a mensagem que eu mesma tinha enviado quando a performance de Daniel estava pela metade. Tina então, tratou de tirar o operador de som do teatro com uma desculpa qualquer e, a partir disso, o único esforço necessário foi o de pressionar um botão que emudecia o microfone do verdadeiro

PERIGOSAS NACIONAIS

cantor e acionava o de Daniel.

- ... ah! E a Tina descobriu quem era a pessoa que realmente cantava: um paisano que apesar de afinado, não tem lá muita desenvoltura com o palco.

- Paisano?

- É... um filipino, como eu. Enfim, agora é esperar para ver se alguma justiça vai ser feita.

- Vamos esperar. Por consideração a *você*, eu espero que, pelo menos, ele seja afastado desse navio.

- Provavelmente ele vai passar o resto da semana trancafiado na cabine, repensando o seu futuro a bordo - ele pensou brevemente por um instante antes de acrescentar: - ... isso se aquele cérebro permitir que ele pense em algo além de bomba e whey!

- ... e métodos de enganação contra garotas ingênuas e trouxas! - acrescentei amarga, encerrando a conversa.

PERIGOSAS ACHERON

Me despedi de Timur, e vesti o meu biquíni às pressas, estabanada. Peguei o roupão fornecido pelo navio e subi rapidamente ao convés.

A enorme banheira de hidromassagem com espaço para doze pessoas estava completamente vazia naquela hora da noite.

Larguei o roupão sobre uma espreguiçadeira e entrei na banheira devagar, me acostumando aos poucos com a temperatura quente da água.

Ao longe, avistei Peter caminhando em minha direção com uma toalha em mãos.

- Você foi rápida, hein?

- Bem, não é como se eu tivesse um guarda-roupa inteiro à minha disposição para escolher um modelito, né?

- Ah, sim! Imagino que se você estivesse em *blá, blá, blá...*

Seus lábios continuaram se movimentando mas eu não tive maturidade suficiente para prestar

PERIGOSAS ACHERON

atenção no que ele dizia.

A música lenta ao fundo - *Thinking Out Loud* - contribuía para que a cena diante de mim parecesse com um filme em câmara lenta.

♪ *When your legs don't work like they used to
before* ♪

... ele pousou a toalha em cima de uma cadeira...

♪ *And I can't sweep you off of your feet* ♪

... largou os chinelos...

♪ *Will your mouth still remember the taste of*
PERIGOSAS ACHERON

my love 🎵

... removeu o cartão de embarque do bolso...

🎵 *Will your eyes still smile from your cheeks* 🎵

... e tirou a camiseta em um movimento ágil.

Enquanto ajeitava os seus pertences na cadeira, tive um vislumbre de sua pele lisa e ombros largos. Pensei estar emocionalmente preparada quando ele se virasse, mas meus batimentos cardíacos fizeram questão de deixar claro que não pensavam o mesmo.

Ele tinha um porte atlético: era magro mas tinha os braços e abdômen bem definidos, sem exagero.

Seu tom de pele claro - herdado da descendência europeia - contrastava com a

bermuda escura que ia até a altura dos joelhos.

Ele ainda estava falando quando se sentou ao meu lado na hidromassagem.

Se liga, Laila! Você não é mais nenhuma adolescente e pode muito bem olhar para ele sem suar frio.

- ... e então? - disse, claramente em uma entonação de pergunta.

- Hmm, bem, eu... eu acho que sim - arrisquei na defensiva.

- Sim, o quê? Você compraria ou esperaria mais um pouco?

- Compraria o quê?

Ele me deu um sorriso atravessado.

- Você está bem, Laila?

- Ah... - tentei voltar a mim - é que eu perdi a concentração, acho.

PERIGOSAS NACIONAIS

- Estava pensando em quê?

- Eu estava viajando, desculpe - falei, disfarçando um suspiro. - É só que... nossa, que calor está aqui, não?

- Acredito que o calor é justamente o propósito de uma... - ele apontou para uma placa - “Banheira *Aquecida* de Hidromassagem”.

- É, óbvio... - concordei debilmente.

Antes que ele se desse conta de que *ele* era o motivo de eu ter ficado fora do ar por alguns segundos, tratei de mudar de assunto:

- É engraçado pensar que até poucos dias atrás eu jamais acreditaria se alguém me dissesse que eu estaria aqui com você, relaxando em alto-mar dentro de uma “*Banheira Aquecida de Hidromassagem*” - acrescentei solenemente.

Ele assentiu com um sorriso.

- Por que “poucos dias atrás”? Você planejou a viagem de última hora?

PERIGOSAS ACHERON

Ops! Alerta vermelho!

Ele ainda não sabia que eu havia ganhado a viagem em um sorteio. Seria essa uma deixa para eu começar a lhe contar a verdade?

- Não, quero dizer, sim... É que... - gaguejei.

- Ah, já entendi! Você quis dizer que há poucos dias você não imaginava estar aqui *comigo*, né? Porque você achou que eu desembarcaria em Montevideú?

- É, é isso mesmo - concordei aliviada.

Encarei a sua interrupção como um sinal divino de que aquele não era o momento certo; pelo menos não ainda.

- E por falar nisso, o que os seus funcionários disseram sobre você não retornar logo depois da reunião?

- Como você mesma previu, a Patrícia pareceu não gostar muito da ideia.

PERIGOSAS NACIONAIS

- Ah, mas é óbvio que não gostou - murmurei irônica.

- Ela deve ter tido um trabalho dobrado para reagendar os meus compromissos da semana.

- Oh, coitadinha...

- Será que você poderia me ajudar a comprar algo para ela em Camboriú?

- Eu? Ajudar você a comprar um presente para sua secretária?

- Não é um presente. Uma lembrança, só - ele diminuiu os olhos e pareceu analisar o meu rosto de maneira curiosa por um instante, mas não acrescentou nada.

- Bem, é claro que eu ajudo se você quiser. Com aquele rosto todo rebocado, ela provavelmente ficará feliz com um kit de maquiagem ou algo do tipo. Aposto que vai ficar toda agradecida com a “lembrança” trazida pelo chefinho.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ele abriu um sorriso que lhe ocupou toda a face - os olhos, as bochechas. Consegui ver até o início de uma covinha.

- Você acha mesmo? Será que ela vai querer demonstrar essa gratidão de alguma forma?

O seu risinho me despertou uma indignação. Apontei para o seu rosto e o confrontei.

- Espera aí... então é isso? Você quer *mesmo* que ela se derreta toda a ponto de querer recompensar o chefe *tããõ* atencioso?

Ele fingiu ter ficado sentido, mas era claro que se divertia com aquela situação.

- Nossa, Laila! É por isso que você me toma? Um chefe interesseiro?

- Sei lá! É que você pareceu tão animado...

- Eu fiquei animado mesmo, mas foi porque mesmo sem perceber, você aceitou descer comigo amanhã.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Aquilo quebrou qualquer resquício de marra dentro de mim.

- Aceitei, é?

- *Yes, m'am!* Isto é, se você ainda quiser.

- É claro que sim!

A resposta me saiu mais apressada do que eu pretendia.

- Tomara que você continue com toda essa certeza amanhã depois de participarmos do tal concurso de karaokê que você inventou...

- Ah, bem pensado! - emendei, me divertindo. - Talvez você me faça passar vergonha... E se você cantar muito mal?

- Isso foi uma pergunta?

- Ai, não! Não me diga! Ou melhor, diga sim. Preciso me preparar. Você canta muito mal?

- Isso você vai ter que esperar para ver... Só

PERIGOSAS ACHERON

espero não ser tão ruim quanto aquele cara do teatro.

Ah... Isso eu posso garantir que você é anos-luz melhor que ele! Em todos os sentidos...

- Como assim? - ele perguntou com as sobrancelhas levemente arqueadas.

- Como assim o quê?

- Como que você pode garantir que eu sou anos-luz melhor que ele?

- E-eu disse isso?

- Disse.

Eu estava começando a ficar com medo de mim mesma. Quando é que meus pensamentos adquiriram vida própria e passaram a me escapulir assim, tão sem controle? Quando eu me dava conta, eu já tinha externado algo que deveria ficar preso só na minha mente.

- Bem... é que o Daniel é ruim demais,
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

coitado? Não deve ser muito difícil encontrar alguém que seja mais desafinado do que o infeliz.

- O *Daniel*, é?

Ai, droga!

- Ah, sei lá... Daniel, Gabriel, Ezequiel... era algo tipo assim, não?

- Nem me pergunte. Eu não faço a menor ideia.

- De qualquer forma, você me disse que o seu irmão é músico, então eu imagino que deve existir uma veia artística correndo pela sua família - falei, mudando o foco da conversa.

- Na verdade, não. O talento musical é só dele mesmo.

Ele soou vago.

- Me fale um pouco mais sobre ele. Como é mesmo que ele se chama... Charles?

- Charles, Tales, Aristóteles... algo tipo assim.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Engraçadinho! - falei, roçando meu braço no seu por dentro da água. Aquele movimento impensado teria me desconcentrou brevemente e quase não compreendi a pergunta um tanto estranha que se seguiu.

- Você por acaso conhece o Charles?

- Quem, o seu irmão?

- Sim.

- Ué, acho que não. Por que... eu deveria conhecê-lo?

Ele ponderou por um instante.

- Na verdade não, não deveria.

Percebi quando o seu semblante esmoreceu de leve e resolvi arriscar.

- Mas então, como é a relação de vocês?

- Acredito que você entenderia melhor se eu te contasse o restante da história de ontem. Você

PERIGOSAS ACHERON

entenderia melhor o contexto.

A banheira de hidromassagem parou de borbulhar e imediatamente me curvei em direção ao botão para religá-la. Girei a tecla até o limite máximo de tempo e as bolhas voltaram à ativa de pronto.

- Sou toda ouvidos.



GREAT BALLS OF FIRE:



THINKING OUT LOUD:

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 24

- Dia 5 -

Eu estava sentado na sala de reuniões ouvindo o gerente operacional relatar os números do seu setor relativo ao trimestre anterior quando uma mensagem de texto apitou em meu celular.

Desconsidere.

O celular apitou novamente, o que acabou capturando a minha atenção.

<Número Desconhecido> Bem que eu tentei adestrar a Júlia quanto as regras de etiqueta para um encontro canino. Expliquei que ela deveria

PERIGOSAS ACHERON

aguardar o Robert fazer o primeiro contato, mas ela começou a lambêr a minha mão freneticamente como se dissesse: ‘Manda logo essa mensagem aí, ô humana!’.

<Número Desconhecido> Enfim, ela pede para avisar que está com saudades do Robert e gostaria de convidá-lo para uma farejada por aí. POR FAVOR me responda o quanto antes, pois quando ela fica ansiosa, ela começa a roer todos os móveis! Lambeijos de Júlia e da sua humana de estimação.

Abri um sorriso no meio da reunião, o que atraiu alguns olhares curiosos em minha direção.

Marcamos de nos ver no dia seguinte e claro, nenhum de nós lembrou de levar os respectivos cachorros para o encontro.

Logo de início já percebi o quanto éramos diferentes: enquanto eu sempre fui um sujeito mais discreto e reservado, ela era um sopro de

entusiasmo.

Daquele dia em diante, Aurora passeou a semear atos de inconsequência em minha rotina ponderada e eu senti como se os meus olhos tivessem sido abertos a uma realidade que me era desconhecida até então.

Saltei de paraquedas.

Dirigi oitocentos quilômetros para assistir a um show de uma banda alternativa que eu nunca tinha ouvido falar.

Entrei de penetra em uma festa de casamento.

Passei cinquenta e oito horas acordado ao lado dela ouvindo a frase “- Teremos tempo de sobra para dormir quando morrermos!” sendo dita toda vez que eu ameaçava um bocejo.

Passei a enxergar novas cores ao meu redor.

Às vezes certas atitudes beiravam a insensatez, como na noite em que fomos em um pub irlandês e em determinado momento, Aurora subiu em uma
PERIGOSAS ACHERON

cadeira gritando para o bar lotado: “A próxima é por minha conta!”. Quando as pessoas reagiram com gritos de comemoração e pedidos desenfreados ao garçom, ela me puxou pela mão, correndo para fora do bar.

Curiosamente, aquele foi instante em que eu me dei conta de que estava me apaixonando por ela: quando ela me tirou do sério e mesmo assim eu queria continuar do seu lado para sempre.

Passado cerca de um mês, Aurora começou a me questionar a respeito da minha família e delicadamente insistia em conhecê-los. Ela me contou que havia perdido os seus pais há muitos anos, quando ainda era pré-adolescente e que agora sentia ter uma nova chance de relembrar o sentimento acolhedor proporcionado por um seio familiar.

Meus pais já haviam retornado à Escócia e vinham duas vezes por ano ao Brasil.

Na semana em que eles finalmente vieram, Aurora parecia estar em êxtase. Portou-se de

forma encantadora especialmente com minha mãe, à quem tecia elogios intermináveis os quais eram acatados com um sorriso tímido.

Uma semana após o retorno deles, o assunto passou a ser outro: quando iríamos juntos para a Escócia. Este foi o tema dominante de suas conversas pelas próximas semanas.

A oportunidade que ela tanto esperava veio por meio da rede social, quando ela descobriu que o meu pai faria aniversário em dois meses. Com essa informação preciosa em mãos, ela passou a insistir ainda mais no assunto, ressaltando que aquela seria a chance perfeita para conhecer meus tios, primos e demais parentes.

Não é como se eu não quisesse levá-la até a casa dos meus pais por temer assumir um compromisso mais sério - nada disso. Apesar do pouco tempo, eu já considerava o nosso relacionamento como algo muito verdadeiro. Porém, a insistência dela era tamanha que eu cheguei a pensar que era quase uma obsessão, mas acabei creditando toda aquela empolgação a uma

carência familiar e ao fato de ela nunca ter viajado para o exterior antes.

Logo que embarcamos, Aurora me interrogou durante todo o voo a respeito de meus irmãos. Ela se mostrou abalada quando lhe falei sobre a perda repentina de Oliver, mas não demonstrou grande interesse quando lhe contei que Charles agora fazia parte de uma banda de rock que alcançou um sucesso considerável pela Europa.

Chegamos dois dias antes do almoço de aniversário. Aurora estava radiante e interagiu com meus familiares de forma gentil e divertida. Nem as barreiras culturais e idiomáticas contiveram o seu entusiasmo.

Na manhã do aniversário, fui surpreendido ao acordar: uma Aurora completamente diferente da pessoa que eu conhecia até então estava diante de mim. Uma maquiagem forte e escura ao redor dos olhos e um batom tão vermelho quanto sangue. Usava um vestido muito curto e justo com um decote profundo. Lembro-me de dizer: “Você está linda, mas será que toda essa produção não está

um pouco exagerada para um almoço de interior?”. Ela apenas sorriu e acrescentou: “Espere e verá”.

Eu esperei.

E vi.

Quando descemos até o jardim, Aurora captou logo toda atenção. Atraiu olhares curiosos - na grande maioria recriminadores - mas não se deixou abalar e pareceu se divertir com a situação.

Uma buzina em frente à casa anunciou a chegada de mais um convidado.

Era Charles e um amigo seu da banda. Ambos foram imediatamente envolvidos por alguns familiares ainda no portão de entrada. Me virei para Aurora e a vi completamente estática, parecia em estado de choque. Seus olhos estavam parados, fixos no portão.

Toquei de leve em seu braço e perguntei se ela estava se sentindo bem, ao passo que ela saiu abruptamente do transe, me garantindo que estava

ótima apesar de sua pálida aparência.

Quando Charles enfim se aproximou, eu lhe dei um abraço forte. Fazia um ano que não nos víamos pessoalmente.

Me virei em direção à Aurora a fim de apresentá-los.

- Charles, esta é a Aurora, minha namorada. Este é Charles, meu irmão.

Percebi um curioso ar de reconhecimento no semblante do meu irmão.

- A gente já se conhece? - ele perguntou, exibindo um sorriso simpático.

- Não. Definitivamente não - Aurora afirmou sem pestanejar.

- Ah, me desculpe então. É que você me parece familiar.

- Ora, o Peter já deve ter mandado uma foto nossa para você, né? Ou sei lá... talvez seja porque

eu tenho esse biotipo de rosto tão comum, sabe? Uma aparência dessas que você vê a cada esquina, todos os dias? - ela pareceu se dar conta de algo. - Oh, não... eu já sei! Eu pareço familiar porque já sou praticamente da família, não é mesmo Peter?

Murmurei uma resposta monossílaba.

Eu nunca tinha visto Aurora tão agitada. Ela falava nervosamente, sem parar para respirar.

- Ah sim, sim... acho que Peter mandou mesmo uma foto...

Eu nunca tinha mandado nenhuma foto nossa para ele.

- ... mas enfim, é um prazer conhecê-la! - ele acrescentou com cautela.

- Ah, imagina! O prazer é inteirinho meu!

Charles me lançou um sorriso e com um tapinha de leve nas costas, saiu em direção a sala de cumprimentos familiares.

A partir desse instante, Aurora passou a se comportar de um modo estranho até mesmo para os padrões dela, que já tinha uma conduta padrão um tanto expansiva.

Ela ficou aérea por um breve período até que puxou o ar profundamente e se retirou sem dizer qualquer palavra. Ela foi até Hugo - o amigo de Charles - e o engatou em uma conversa que mais parecia um monólogo gesticulado do que um diálogo entre duas pessoas normais.

Em dado momento, Aurora começou a soltar risadas escandalosas do nada, como se quisesse chamar a atenção de todos para si. Depois, subiu em uma cadeira e começou a imitar vozes diferentes enquanto contava uma história qualquer ao Hugo. Ele reagia com um sorriso inibido que não escondiam um desconforto.

Minha mãe me chamou discretamente até a cozinha e disse que estava confusa com aquele comportamento extravagante de Aurora. Acabamos chegando à conclusão de que devia ser uma reação nervosa em querer agradar tantas pessoas novas

de uma só vez.

Quando retornamos ao jardim, outra cena: Aurora estava de costas para meu irmão e com o pescoço voltado para trás, em sua direção. Ela pedia para que Charles lhe ajudasse a retirar o blazer. Ele parecia constrangido, mas a ajudou. A seguir, percebi nitidamente o exato instante em que a sua expressão saiu do embaraço e virou um completo espanto. Ele largou a vestimenta de qualquer jeito e saiu apressado para dentro de casa, sem voltar o olhar à risada ressoante de Aurora.

Tudo aquilo estava muito estranho.

Fui ao encontro de Aurora e discretamente a conduzi até um canto vazio:

- O que está acontecendo com você, Aurora?

Ela envolveu o meu rosto com suas mãos e me olhou no fundo dos olhos.

- Está acontecendo, Peter. Está finalmente acontecendo - ela disse, sem piscar.

- O que você quer dizer com isso? O que é que está acontecendo?

Ela ainda não piscava.

- O meu sonho. O meu sonho está finalmente acontecendo.

Ela ergueu o seu dedo indicador e tocou o meu nariz, dando uma risadinha. Sem acrescentar mais nada, saiu saltitando até a mesa onde o almoço começava a ser servido.

Eu a observei por mais um tempo e confuso, fui atrás de Charles. Ele estava em meio a uma conversa calorosa com Hugo; parecia eufórico. Ouvi a expressão “restraining order” - ordem de restrição - ser proferida antes que eu entrasse na sala.

- Charlie?

Ele virou o seu rosto pálido em minha direção. Ele parecia desesperado.

Sinalizou um olhar à Hugo, para que ele nos
PERIGOSAS ACHERON

deixasse sozinhos.

- Peter...

- Que diabos está acontecendo, Charlie?

Ele respirou fundo.

- Você sabe que eu amo você, não sabe mano?

- Acho que nós não precisamos disso, precisamos? Me diga o que está acontecendo...

- Você é e sempre foi muito mais do que um irmão para mim. Eu amo você, confio em você. Tem coisas que eu só falo para você e bem... você sabe do que eu estou falando.

- Pois em nome de todo esse amor, Charlie - fale logo de uma vez.

Ele ficou em silêncio por um tempo que me pareceu eterno.

- O quanto você realmente conhece a Aurora?

A pergunta me pegou de surpresa. Eu já sabia que tudo aquilo tinha a ver com ela, mas imaginei se tratar de algo maluco que ela tinha dito, ou talvez algum comportamento atípico para os recatados padrões europeus.

- Que tipo de pergunta é essa?

Ele parecia receoso.

- É que... eu já conheço a Aurora.

- O quê?

- Não sei bem como dizer isso da melhor forma, então vou ser direto. Peter... - ele se aproximou, colocando as mãos por sobre meus ombros - A Aurora é perturbada mentalmente.

- Espera aí... ela está sim um pouco nervosa, mas...

- Não, mano, me escuta! - ele me interrompeu. - Eu sei o que estou dizendo. Eu sabia que ela me era familiar. Ela deve ter cortado ou tingido os cabelos, colocado uma maquiagem diferente... sei

lá. Mas é ela, agora eu tenho certeza.

- Do que você está falando? - perguntei, transtornado.

- A Aurora é tipo... uma dessas fãs maníacas da banda. Desequilibradas. Ela inclusive já me causou problemas no passado; um deles envolveu até a polícia.

- Você deve estar se confundindo, Charlie... A Aurora nunca nem viajou para o exterior. E de vez em quando ela pode ser mesmo um pouco excêntrica, mas...

- Peter, é ela. É ela - ele foi categórico. - Eu não afirmaria isso se não tivesse certeza. Agora mesmo, lá fora, eu vi uma tatuagem na parte de trás do pescoço dela. E então eu me lembrei de já ter visto essa tatuagem antes... - ele fez uma pausa e respirou fundo - ... na foto de perfil que a polícia me enviou quando a deteve.

Joguei meu corpo em uma cadeira e levei as mãos ao rosto sem acreditar no que eu ouvia. A minha Aurora - aquela que me arrancou de uma
PERIGOSAS ACHERON

vida de mesmice e pintou cada área da minha vida com novas cores.

- Desculpe Charlie, mas eu não consigo acreditar. Eu não posso acreditar... - fiquei repetindo.

- Mano, você sabe que eu jamais mentiria para você. Mas se você quiser tirar a prova, eu sei de algo que pode confirmar isso que eu estou dizendo...

Ergui os olhos em sua direção.

- Peça para ver a parte interna dos lábios dela - ele desviou os olhos embaraçado, acrescentando em voz baixa. - Ela tem uma tatuagem ali... Uma tatuagem do... bem... é o meu nome.

Fiquei sentado ali na sala por um bom tempo, travado. Queria desesperadamente voltar no tempo, esquecer tudo aquilo e continuar o resto da minha vida na ignorância do que tinha ouvido.

Quando enfim encontrei forças para me levantar, fui até o jardim e avistei Aurora sentada
PERIGOSAS ACHERON

em uma poltrona mais afastada da mesa de almoço onde estavam as pessoas. Ela tinha um celular nas mãos.

Me aproximei sorrateiramente, sem que ela percebesse.

Ao chegar ao seu lado, reconheci o aparelho em suas mãos e fiz uma pergunta na qual eu já sabia a resposta.

- De quem é este celular, Aurora?

Ela deu um salto ao ouvir minha voz.

- Peter! Nossa, você quase me matou de susto! - ela escondeu o aparelho de Charlie entre as suas pernas e, batendo de leve no espaço do sofá ao seu lado, acrescentou: - Vem cá... senta aqui comigo um pouco, vem!

Me sentei e ela envolveu os seus braços em meu pescoço.

- Ai Peter, eu estou adorando tanto isso aqui! Nunca me senti tão bem acolhida na minha vida!

Eu realmente sinto que faço parte da família, sabe? O que você acha? Eu me encaixo no perfil da célebre família Jones?

- Célebre?

- Ah, é só uma maneira de dizer! E então?

Eu acreditava sem ressalvas em Charlie - nunca tinha tido razões para duvidar dele - contudo naquele instante, todos os meus instintos me instigavam a tirar a prova, mesmo já sabendo que odiaria o que eu encontraria.

Posei uma mão no rosto de Aurora e comecei a acariciá-la de leve, mas ela nem percebeu do tanto que estava perdida em suas conjeturas.

- Imagina que louco seria se a gente se casasse e todos nós morássemos aqui na fazenda, afastados do resto do mundo! Quer dizer, eu, você e toda a família que está aqui, né? Afinal de contas, não dá para viver sem a família por perto! Mas assim... todo mundo, sem exceção! A gente poderia...

Continuei acariciando o seu rosto enquanto ela
PERIGOSAS ACHERON

divagava sobre uma suposta mudança para a Europa. Meu dedão posou de leve em seus lábios em uma pequena compressão. Meu peito já ardia em dor pela antecendência daquele momento, mas os meus batimentos cardíacos se esqueceram de como deveriam trabalhar no instante que vi uma mancha preta maculando o rosado em sua boca.

Não precisei escancarar o que estava escrito ali. Como se tivesse tomado uma descarga elétrica, tirei rapidamente a mão do seu rosto.

Ela parou de falar, assustada.

Quando a confrontei, ela chorou copiosamente e reconheceu imediatamente o inegável: que a sua intenção inicial havia sido mesmo a de aproximar-se de Charlie a qualquer custo.

Calhou desse “custo” ser eu.

Durante a confissão, eu percebi que até mesmo o seu plano de aproximação havia sido milimetricamente esquematizado. Nem a tal cachorra que ela tinha levado ao parque no dia em que nos conhecemos era dela.

PERIGOSAS NACIONAIS

Após a chorosa fase de confissões, ela insistia em dizer que há algum tempo já se sentia arrependida de sua intenção inicial. Para ela, o fim havia justificado os meios, uma vez que esse “fim” era um verdadeiro sentimento de amor.

Mas eu fiquei cego de raiva. Eu observava as suas lágrimas como se diante de mim estivesse vendo uma cena de teatro de atuação medíocre, de uma atriz em final de carreira.

Quanto mais ela se justificava, mais a indignação me consumia.

Quanto mais os seus olhos inchavam, mais insensível eu me tornava.

Meu irmão me contou mais tarde que além de invadir o seu quarto de hotel por três vezes em cidades diferentes, ela também furtou o seu carro e também, talvez por ciúmes ou inveja, atentou fisicamente contra uma modelo que contracenou com ele em um videoclipe da banda; ocasião esta em que ela foi detida pela polícia.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Naquela mesma noite eu já estava dentro de um voo de volta ao Brasil.

Sozinho.



- ... e então Laila, respondendo à sua pergunta, o relacionamento com o meu irmão é ótimo, apesar de tudo. Ele ainda é o meu melhor amigo.

Eu estava completamente atônita e me esforçava ao máximo para não deixar transparecer o meu choque.

Quando em um milhão de anos eu poderia imaginar que por trás daquela engolida em seco que Peter havia dado quando ouviu o nome de Aurora ser pronunciado pela sua secretária, havia uma história tão absurda como essa?

PERIGOSAS ACHERON

Como alguém tinha sido capaz de magoar um cara tão incrível como Peter, tramando um plano tão egoísta e maquiavélico?

E além disso, eu me sentia péssima. Não por mim, mas por ele. Eu pude perceber em suas expressões, pelo tom de sua voz, que havia muito sofrimento enterrado dentro dele. Eu queria ter a coragem de abraçá-lo ali, em silêncio, sem precisar dizer uma palavra.

- Pelo jeito eu surpreendi você, né? - ele agora exibia um sorriso acanhado, quase forçado.

Não obtive sucesso em esconder a minha consternação.

- Me desculpe, Peter! É que... bem, eu ainda estou tentando digerir essa história... É quase inacreditável!

- Quase não parece verdade para mim, que fui o protagonista dessa novela - ele respirou fundo. - Essa é a primeira vez que eu consigo falar sobre o que aconteceu com alguém, sabe? Enquanto eu me ouvia narrando os acontecimentos em voz alta,
PERIGOSAS ACHERON

parece que eu me livrava de um veneno que estava me corroendo por dentro. Eu estava mesmo precisando colocar isso tudo para fora.

Toquei o seu braço de leve em um afago. Foi um movimento involuntário, quase um reflexo.

- Eu já estava me sentindo culpada por estimular você a falar sobre isso...

- Não se preocupe, Laila. Você já me ajudou só em estar disposta a ouvir o meu desabafo - ele posou sua mão quente por sobre a minha, que por um motivo completamente alheio a mim mesma, continuava acariciando o seu braço. Senti um tremor transpassar meu corpo, o coração bater mais forte.

- Se tiver alguma coisa que eu possa fazer, ou dizer... Porque eu... bem, eu nem sei bem como agir...

Será que aquele era um bom momento para beijá-lo? Se eu continuasse ignorando minha prudência e desse voz aos meus instintos mais primitivos, eu seguraria firme o seu rosto com as

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

duas mãos, olharia fundo em seus olhos azuis e sem nenhuma palavra, lhe tascaria um...

- Não precisa dizer nada, não. E eu já ouvi conselhos demais que no final das contas, não servem para muita coisa. Na verdade, eu prefiro encarar tudo isso como águas passadas.

Ele retirou a sua mão de cima da minha com um sorriso agradecido e, relutantemente, eu entendi que era o momento de tirar a minha mão de seu braço também.

O momento havia passado.

Peter mantinha os olhos presos no pretume do mar que exibia um raio cintilante formado pelo clarão da lua cheia em meio ao céu limpo de nuvens.

Ficamos em silêncio por um longo minuto até minha santa boca abusada resolver escancarar um pensamento:

- Você ainda sente algo por ela?

PERIGOSAS ACHERON

Pelo olhar que se seguiu, ele claramente não esperava aquela pergunta.

Talvez nem ao menos tivesse a resposta.

Ele permaneceu em silêncio procurando as palavras enquanto movia as mãos em círculos debaixo da água borbulhante.

- Desculpe, Peter... não responda. Eu não queria me intrometer em algo tão pessoal...

- Não - ele me interrompeu de súbito. - Quer dizer, tudo é ainda muito recente. Eu não tenho mais o mesmo sentimento de antes, é claro, mas não posso negar que ainda gasto muito do tempo ruminando essa história. Bem mais tempo do que eu gostaria.

Minha mente estava fervilhando em perguntas:

* De que forma ele ainda pensava *muito* nessa história?

* Como será que era a tal da Aurora, fisicamente falando?

* Há quanto tempo tudo isso aconteceu?

* Ele voltou a conversar com ela depois que retornou ao Brasil?

* E a tal secretariazinha... será que ela já propôs algum “consolo especial” para ele?

- Mas enfim... - ele continuou, completamente alheio aos meus pensamentos bisbilhoteiros - ... eu realmente cheguei no fundo do poço, sabe? E quando eu achei que o pior já tinha passado, acabei descobrindo que no final do poço ainda existia um porão. Mas neste caso, a máxima de que o tempo é o melhor remédio realmente foi válida. Hoje eu já estou escalando as paredes e diria que os meus dedos já estão bem próximos da superfície.

Um sorriso torto e nervoso me espapuliou enquanto eu apenas respondia um “*que bom*” quase inaudível.

Havia, porém, uma única pergunta eu *tinha* que fazer. Uma pergunta que martelava na minha cabeça a ponto de latejar. A pergunta que eu precisava arrancar do peito - caso contrário eu não

PERIGOSAS ACHERON

conseguiria respirar pelos próximos dias.

Me enchi de coragem, mesmo sabendo que já estava vermelha:

- Você acha que conseguiria perdoá-la um dia?

Peter apenas me olhou de soslaio.

Eu sabia que a pergunta era intrusiva, mas eu tinha dois motivos para fazê-la.

Primeiro, por ele. Eu queria saber se ele cogitava a possibilidade de passar uma borracha no passado e retomar o seu relacionamento com Aurora. Independente de sua resposta - vaga ou certa - eu tinha certeza de que enxergaria a verdade através do seu olhar.

E o segundo motivo era por mim. Eu precisava saber se ele era capaz de perdoar uma mentira. Claro que as mentiras que eu havia contado eram apenas faíscas comparadas à fogueira a qual Aurora havia lançado Peter dentro. As minhas mentiras foram ditas na inocência, sem a intenção de magoá-lo. Eu não traí a sua confiança de maneira tão

PERIGOSAS ACHERON

irreversível assim... traí?

Mas se aquilo tudo era verdade, por que então eu me sentia um lixo humano?

- Eu jamais voltaria para ela, se é isso que você quer saber - ele decretou.

Rompi com todas as barreiras de bom senso e insisti uma última vez no ponto real do meu martírio:

- Mas assim... mesmo que vocês não voltem, você acha que seria capaz de perdoar as mentiras que ela contou?

Ele respirou fundo e pensou um pouco antes de responder:

- Eu não sei, Laila. Eu acho que quando você descobre uma mentira como essa, por menor que ela seja, já é suficiente para gerar dúvida em cada verdade que venha a ser dita dali por diante. É tipo um uma lâmpada quando começa a falhar. Mesmo que ela volte a acender por uns dias, você fica pensando que a qualquer momento ela dará

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

problema novamente.

Aquela verdade vez meu coração parar de bater por um segundo.

Sem mentira.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 25

- Dia 5 -

- Chega de mentiras! Será que é pedir demais para que você diga a verdade pelo menos uma vez? - a voz saiu tão alta que alguns passageiros ocasionais diminuíram seus passos na tentativa de ouvir a discussão.

Daniel se deu conta dos olhares curiosos lançados em nossa direção e me pegou pelo cotovelo, conduzindo-me discretamente até uma saleta vazia utilizada como armazém de suprimentos dos camareiros.

- Laila, eu não vou negar: lá na apresentação, o que você ouviu era mesmo a minha voz. Mas até

agora eu não sei o que aconteceu! Talvez eu esteja ficando resfriado ou tenha bebido um pouco além da conta... O problema é que para o meu azar, minha voz falhou no final da música - ele olhava para o chão chacoalhando a cabeça em negação, sem me encarar - ... e sinceramente, acho que isso pode acontecer com todo mundo, você não acha?

Ele falava com tamanha veemência e sinceridade que se eu não conhecesse a história em detalhes, eu teria acreditado na sua versão sem pestanejar e ainda teria lhe pedido desculpas pela minha desconfiança.

Ele esboçou um sorriso e finalmente me dirigiu o olhar, pousando a palma da mão em meu rosto:

- Mas... você percebeu que eu dediquei a música para você, né?

Me faltavam forças para puxar o ar e lhe dar uma resposta.

Sem-Or! Os olhos dele estavam lacrimejando!

Quem diria que, apesar de tudo, Daniel ainda
PERIGOSAS ACHERON

era um baita de um ator?

Diante do meu silêncio, ele pegou na minha mão e me olhou com cara de cachorro que acabou de fazer xixi no tapete.

- ... o final da música foi um desastre, eu admito, mas a intenção no meu coração foi sempre de agradar você, minha gatinha.

Eu estava boquiaberta com a cara de pau dele. Ouvi passos se aproximando - provavelmente Timur. Com Timur ali, eu certamente me sentiria mais confiante.

Fechei os olhos e respirei fundo duas vezes antes de acrescentar de maneira contida:

- Tudo bem, Daniel. Se é assim, cante uma música para mim, vai.

- Como assim... agora?

- Já.

O grandioso ator digno de um Oscar arregalou
PERIGOSAS ACHERON

os olhos e subitamente mudou a feição para uma expressão de mágoa.

Cerrei os olhos em um novo suspiro e insisti, reunindo toda a suavidade que consegui encontrar dentro de mim.

- Vamos lá, *gato*... - falei com um ar irônico. - Só um refrãozinho, vai!

Ele soltou minha mão e se virou de costas para mim.

- Pô, Laila, eu vejo que estava enganado a seu respeito. Eu achava que você era diferente, que você conseguia enxergar algo em mim além do físico, da minha voz ou fama. Eu pensei que você me via por quem eu sou realmente sou por dentro e não só pelo exterior.

- Você está certo, Daniel - eu disse em concordância com uma voz melosa para que as minhas palavras entrassem em sua mente e ele se virasse novamente em minha direção - Você está certíssimo! Eu realmente enxergo você por dentro. Quem sabe você gostaria que eu dissesse

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

exatamente como eu vejo você?

Ele se manteve em silêncio.

- Deixe eu encontrar as palavras certas... bem, quem sabe... já sei! Um verme parasita.

- Quê? - ele passou da paciência à indignação em um segundo.

- Ah, certo! Você precisa de mais explicações! Pois bem: que tal um malandro sem escrúpulos que, de tão incapaz que é de ascender na vida por conta própria, precisa sugar daquilo que pertence a outros. É... acho que acertei no termo mesmo. Um parasita.

- Você só pode estar louca! - ele esbravejou - Como você pode achar que eu...

- Ah, mas é claro! - eu o interrompi, aumentando o tom da minha voz. - Eu me esqueci que além disso, você ainda é um do seres mais cínicos que já conheci! Você vai negar que até hoje colheu as glórias de um pobre cantor filipino que sequer é reconhecido pelos demais colegas?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Ah, é isso! - ele tentou se acalmar. - Espera aí, isso eu posso explicar...

- Eu não acabei, não! Esse mesmo sanguessuga, não satisfeito com a renomada fama conquistada à custa alheia, de repente tem uma epifania: ‘vou dar um fim à minha gloriosa carreira em ascensão’. Mas espera aí... como assim? Eu já posso até ver a manchete veiculada pelos portais de notícias internacionais: “Cantor dos Sete Mares Encontra a sua *Chave de Aposentadoria*”!

Daniel, que mantinha a boca semiaberta o tempo inteiro esperando pela oportunidade de se defender, enfim a fechou quando percebeu que qualquer justificativa inventada já não seria mais suficiente para ludibriar a donzela ingênua.

- Pois é, *bem gato* - cortei o silêncio constrangedor quase palpável do ambiente - e o “cantor” aí achando que tinha tirado a sorte grande, né? Pois eu lamento informar que a sorte sempre dá um jeito de evaporar quando você resolve depender dela...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Virei as costas em um movimento ensaiado, deixando o meu cabelo esvoaçar de propósito.

Eu já tinha escutado várias vezes o ditado “vingança é um prato que se come frio”. Eu só não sabia que ele podia ser tão saboroso.



De volta ao quarto, me joguei sobre a cama macia e alinhada apertando a palma das mãos abertas nos olhos.

Meu coração ainda batia em descompasso quando, de forma involuntária, o meu rosto se expandiu em um espasmo de euforia.

Por debaixo das minhas pálpebras, eu ainda podia ver nitidamente a cara de Daniel, mais perdido do que cebola em salada de frutas.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Inspirei fundo.

Meu Deus! Aquilo tinha realmente acontecido?

Expirei.

Euzinha - Laila, a justiceira - fiz Daniel se calar ao lhe passar um sermão de lição de moral?

Inspirei.

Eu tinha mesmo desafiado aquele mentiroso que fingia ser alguém que não era?

E foi aí que perdi o fôlego.

Sim, euzinha.

A Laila justiceira da luta pelos fracos, oprimidos e não reconhecidos membros da tripulação.

A implacável que briga pela justiça nas filas preferenciais.

A brilhante e precoce empreendedora de

PERIGOSAS ACHERON

supostos “vinte e três” anos de idade.

Sim, a mesma pessoa que mentia descaradamente para um cara maravilhoso que, por uma grande ironia do destino, já tinha sido obrigado a suportar mais mentiras do que merecia nessa vida.

Era chegada a hora.

Eu começaria contando tudo como um divertimento inocente: *“Lááá no primeiro dia, quando eu fui estúpida o bastante de aceitar participar daquela brincadeira idiota da equipe de animação, eu acabei contando umas mentirinhas bobas, só de zoeira. Está certo, eu fiz mal em não desmentir, mas é que naquele momento eu jamais poderia imaginar o tanto que eu me deixaria envolver por você...”*.

Opa.

Essa última parte eu não podia incluir.

Eu não podia ser assim tão transparente e confessar que eu estava me apaixonando por ele de
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

verdade... será que eu podia?

Não. Definitivamente não.

Não enquanto eu não soubesse como ele se sentia em relação a mim - ao meu “eu verdadeiro”, e não a essa versão Laila mascarada.

Fui da euforia ao abatimento. Era justamente nessa montanha-russa de sentimentos que o meu “eu verdadeiro” se encontrava.

E aquele saboroso prato frio da vingança?

No fim das contas, ele me deu uma indigestão danada.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 26

- Dia 6 -

- Sejam todos muito bem-vindos ao nosso fantástico “*Kara-o-kê é isso?*”. Que tal começarmos fazendo muito barulho aos participantes que já estão ali nos bastidores se preparando para botar o gogó para jogo?

A manifestação alvoroçada me surpreendeu. Com o sol fervilhando do lado de fora, imaginei que haveria apenas alguns gatos pingados dispostos à “brincar” no karaokê por pura diversão, mas pelo visto, vários hóspedes optaram por curtir o frescor de um ambiente climatizado.

Peter estava de pé ao meu lado com uma lista

em mãos. Em meio à opções que iam desde o *funk* moderno às músicas da época da minha vó, ainda não havíamos escolhido a música que cantaríamos juntos.

- Bom, o desafio é encontrar uma música que nós dois saibamos cantar! De que tipo de música você gosta? - Peter perguntou enquanto virava a página.

- ... ou nós podemos fechar os olhos e deixar o dedo rolar pela lista, deixar nas mãos do destino. A música que parar, a gente improvisa! Que tal? - Peter me deu um sorriso espirituoso, demonstrando não estar nem um pouco preocupado com sua moral diante da reação do público.

- Mas e se o povo nos jogar tomates?

- Aí a gente faz uma salada - brinquei, ouvindo

Ouvi o som delicioso da risada de Peter. Solta, leve.

- Pior é que depois desse concurso nós ainda temos alguns dias de circulação pelo navio. É bom

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

já se acostumar com dedos alheios sendo apontados na sua direção quando você estiver passando!

- Ah, mas serão pessoas certamente dizendo “*Aquela garota só pode ser profissional! Vou lá pedir um autógrafo!*”.

- Ninguém mais pede autógrafos hoje em dia, Laila. Agora é *selfie*.

- Verdade...

- Mas deixa eu ver se entendi... - ele cerrou os olhos com uma leve desconfiança. - Você está me dizendo que independente da música escolhida, nós não passaremos vexame *nenhum*? Porque diante de tanta confiança, eu até confesso que fiquei meio receoso de não ser páreo para você. Você canta mesmo tão bem assim?

- Você precisa me ver cantando no chuveiro! - disparei, sem medir o peso das palavras.

Peter esboçou um sorriso divertido e ameaçou dizer algo mas desistiu, retornando os olhos para a lista.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- É que... eu quis dizer... a acústica do banheiro é bem...

Uma garota da equipe de organização se aproximou com uma prancheta em mãos.

- E então, dupla? Qual música vocês vão cantar?

- Ainda estamos decidindo - Peter se adiantou. - Você pode nos dar mais um instante, por favor?

Ela assentiu e partiu para o próximo candidato. Peter voltou a sua atenção à relação das músicas, dando por encerrada a situação embaraçosa de antes.

De repente, toda a minha atenção foi para um nome específico na lista que fizeram os meus olhos saltarem animados.

- NÃO! Não creiooo!

A julgar pela expressão assustada de Peter, percebi que gritei com mais empolgação do que pretendia. Mas aquela era a minha grande chance

PERIGOSAS ACHERON

de impressioná-lo!

- *That thing you do! That thing you do!* - eu repetia, apontando para a lista:

Peter fez cara de paisagem.

Aquela era a *única* música em inglês que eu sabia de cor e salteado. Uns bons anos atrás eu tinha ficado obcecada pelo filme *The Wonders* onde uma banda de garagem fictícia atingia o auge do sucesso com uma música chiclete. O *single* cantado no filme ultrapassou as barreiras cinematográficas e foi parar na verdadeira lista da Billboard. Eu coloquei *That Thing You Do* no *repeat* tantos zilhões de vezes até que a decorei.

- Peter, por favor me diga que você conhece essa música! Por favor, por favor, por favooooor.

- Desculpe, mas eu não faço a menor ideia.

Comecei a intercalar tapinhas na perna com palmas, imitando a melodia da música: 🎵 *You, doing that thing you do, breaking my heart into a million pieces, like you always do...* 🎵

PERIGOSAS NACIONAIS

- *Sorry. It doesn't ring a bell.* - ele disse, dando de ombros e balançando a cabeça em negativa.

Murchei a ponto de criar um bico de tristeza.

- ... A parte boa é que agora eu sei que estamos sim, no mesmo patamar de talento. E você pode parar de se preocupar com aqueles milhões de pedidos de autógrafos ou *selfies* a bordo.

Dei um soquinho de leve em seu braço e rimos.

Voltamos à lista.

- Que tal essa aqui? - Peter apontou para um nome da lista: - *Old Time Rock & Roll*. Se formos um desastre na cantoria, eu começo a imitar a dança do Tom Cruise igual aquele filme. É entretenimento garantido.

- Ao menos neste caso, os tais dedos alheios estariam apontados na direção de outro marujo...

- Com certeza! Um dedão para cima em sinal de aprovação, como quem diz: “*Esse cara precisa ir já para um concurso de talentos!*”.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ri até perceber que a garota da prancheta estava voltando. Com exceção de *That Thing you Do*, eu não me sentiria confortável cantando qualquer outra música em inglês na frente dele. Então, sugeri sem pensar muito:

- E essa daqui? É bem fácil de cantar...

- “Quando Te Vi”?

- “*Nem o sol, nem o mar, nem o brilho das estrelas...*” - cantarolei. - Você conhece?

- Pela melodia eu acho que sim, mas não sei... - ele estreitou os olhos.

A garota da prancheta se reaproximou com uma expressão impaciente e demos o nome desta música. Ela nos instruiu a sentarmos na plateia até que fôssemos chamados.

- Não temos nem direito a um camarim? - brinquei com Peter quando ela se retirou.

- E para que você gostaria de um camarim?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Sei lá, para fazer que nem os artistas! Comer umas frutinhas, passar uma maquiagem, fazer uns exercícios de voz...

- Quem tem beleza natural não precisa de maquiagem. Mas se você quiser, eu posso buscar umas frutas lá no deck para você...

- Ähn... não precisa não, obrigada - falei em meio a um sorriso encabulado.

Me virei em direção ao teatro para não deixar com que ele notasse o calor no meu rosto depois daquele papo de “não precisar de maquiagem”. Depois disso, eu poderia sair cantarolando por todos os cantos do navio.

A única razão pela qual eu ainda me continha ou não correspondia aos seus elogios era o peso das minhas mentiras em minhas costas. Elas me assombravam, faziam com que eu me sentisse indigna.

Mas (de novo!) eu tinha tomado uma decisão: logo depois do concurso, eu lhe contaria toda a verdade. A consequência disso só poderia ser uma:

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

a minha total rendição a ele (ou rendida a seus beijos apaixonados ou consumindo o resto das minhas férias implorando por seu perdão).

Nos sentamos enquanto um candidato já dominava os palcos, cantando uma música apelativa de lamentação pelo abandono da mulher. Ele acabou angariando aplausos de uma fração da plateia que provavelmente se condoía com a dor do pobre indivíduo (embora o que me condoía mesmo era a dor nos meus ouvidos).

Seguiu-se então uma garotinha de aparência adorável mas de voz sofrível...

... uma mulher que, empolgada por estar em um navio, julgou ter afinação suficiente para cantar o hino dos cruzeiros “*My Heart Will Go On*”...

... um rapaz que cantou um funk nada condizente com a sua idade...

Depois de um idoso que esbravejou um sonoro “Eternamente... Iolanda” (que realmente me pareceu eterno), a apresentadora finalmente nos anunciou:

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Agora, chamamos ao palco uma dupla: Laila e Peter!

Senti um frio transpassar a minha espinha. Como era fácil julgar os outros quando se está sentado no conforto da poltrona!

Ao nos levantarmos, Peter segurou o meu braço de leve, parecendo se dar conta de algo repentinamente.

- Espera aí, Laila! Como vamos cantar a música? Um começa e o outro termina?

- Ah, é mesmo! Bem... eu canto a primeira vez e você canta a segunda, pode ser?

- *Okay*... só me dê um sinal quando for a minha hora de começar a cantar.

- Tudo bem! Eu conheço a letra de cor, nem preciso acompanhar na tela.

- Melhor assim... vou manter os olhos fixos em você então.

PERIGOSAS ACHERON

Ai, Senhor!

A apresentadora nos entregou os microfones e no instante em que os instrumentais começaram a tocar, minha barriga se tornou uma pedra de gelo.

Por que eu tinha me metido nisso?

Respirei fundo.

♪ *Nem o sol,*

Nem o mar

Nem o brilho das estrelas

Tudo isso não tem valor

Sem ter você... ♪

Meu Deus! Desde quando essa música tinha uma letra tão romântica assim?

♪ *Sem você*

Nem o som

Da mais linda melodia

Nem os versos dessa canção

Iam valer ♪

Nossos olhares estavam fixos um no outro.

Havia uma espécie de magnetismo que não me deixava tirar os olhos dele.

♪ *Nem o perfume*

De todas as rosas

É igual

A doce presença

Do teu amor ♪

PERIGOSAS NACIONAIS

O arrepio na minha pele era tão grande que dava para ralar um queijo no meu braço.

Eu não ousava piscar.

*♪ O amor estava aqui
Mas eu nunca saberia
Que um dia se revelou
Quando te vi ♪*

A letra da música soava como uma declaração de amor e constatei que retumbava como um significado verdadeiro dentro de mim.

A minha parte da música terminou e a parte instrumental da música começou.

Sorri timidamente, sinalizando com os olhos que a partir dali ele deveria acompanhar a música pelo telão, pois era a sua vez de cantar.

Ele não se moveu.

PERIGOSAS ACHERON

♪ *There were bells*

*On a hill
But I never heard them ringing
No, I never heard them at all
Till there was you ♪*

Ele começou a cantar a música, mas na versão em inglês.

Nada - absolutamente nada - poderia ter feito aquele momento parecer ainda mais intenso do que isso.

Meu coração pulsava no meu pescoço como se procurasse o caminho para saltar pela minha boca a qualquer instante.

♪ *There were birds*

*in the sky
But I never saw them winging
No, I never saw them at all
Till there was you ♪*

PERIGOSAS NACIONAIS

A voz dele era encantadora. Suave, aveludada.
Sedutora.

♪ *Then there was music*

and wonderful roses
They tell me

in sweet fragrant meadows
Of dawn and dew ♪

A mão quente dele alcançou a minha, que suave
frio. Seus dedos a entrelaçaram.

Com os olhos ainda fixos nos meus, ele me
olhava sério. Nada em sua expressão dizia “*isso
tudo só faz parte da apresentação*”.

Era genuíno - como se ele estivesse declamando
uma poesia.

PERIGOSAS ACHERON

*♪ There was love all around
But I never heard it singing
No, I never heard it at all
Till there was you... ♪*

Delírio. Eu só podia estar delirando.

Aquela cena só podia ser mais um daqueles sonhos utópicos que só serviam para me deixar decepcionada por acordar e perceber que tudo não passava de uma invenção criativa do meu subconsciente.

Então a plateia começou a aplaudir e Peter enfim esboçou um sorriso.

Ainda segurando a minha mão, ele nos virou de frente aos presentes, curvando-se levemente em agradecimento.

- Puxa vida, hein? Eu estou para ver um casal com tanta sintonia! Parabéns pela bela apresentação! - a apresentadora tirou os microfones de nossas mãos e começou a anunciar o próximo participante.

PERIGOSAS ACHERON

Peter soltou a minha mão, apoiando-a com delicadeza nas minhas costas enquanto descíamos as escadas. Minhas pernas tremiam tanto que eu me perguntava a quantos quilômetros de distância estavam os meus pés.

Ao nos sentarmos, os olhos de Peter pareciam ter adquirido um brilho mais expressivo. Ele parecia determinado e estava tão perto de mim que eu podia sentir o calor da sua respiração.

- Laila, será que a gente podia...

- PETER!

Uma voz estridente surgiu de um além muito, muito distante. Se tudo o que estava acontecendo era mesmo fruto da minha imaginação fértil através de um sonho, será que eu podia virar um tapa na cara da Isla naquele instante sem haver consequências futuras?

Peter se virou sem terminar a frase.

- Petey, Peterzinho... Veja só! Você sempre me
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

surpreendendo!

- Ah... oi Isla - disse, claramente perturbado pela interrupção.

- Quem poderia dizer que além de ser um *gentleman* lindo e elegante, o meu querido chefinho ainda tinha essa voz maravilhosa?

A ideia do tapa se tornava ainda mais atrativa. Que se dane as consequências!

- Exagero seu. A Laila cantou muito melhor do que eu.

Trocamos um olhar cheio de cumplicidade.

- Não seja modesto, Peter. O pessoal lá do escritório vai pirar quando eu mandar esse vídeo para eles! - ela apontou para o celular, exibindo unhas enormes e perfeitas.

- Adiantaria alguma coisa se eu te pedisse para não compartilhar esse vídeo com ninguém?

- Bem, aí depende...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Eu não gostaria de ficar ouvindo conversinhas pelos corredores a respeito dos meus belos dotes artísticos.

Ele tremeu os lábios em um sorriso constrangido e eu me surpreendi ao perceber que já detectava cada mínima mudança de expressão nele.

- São belos dotes, realmente... Ninguém segura um homem seguro!

Vaca! - xinguei mentalmente, dessa vez garantindo que o pensamento não me escapasse pelos lábios.

- Bem... - ela continuou, expondo todos os trinta e dois dentes de uma só vez - se você concordar em tomar um drinque comigo eu posso pensar com carinho a respeito do seu pedido. Que tal?

Que tapa, que nada! O negócio era partir para porrada!

- Desculpe Isla, mas eu já tinha combinado com a Lail...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Ah Peter, eu estava só brincando! - ela o cortou. - Quer dizer, eu preciso *mesmo* conversar com você, mas é sobre um assunto de trabalho. Preciso demais de sua consultoria com um assunto ultra urgente que apareceu e eu preciso dar uma resposta, tipo, para ontem!

Peter ainda parecia hesitar, o que foi obviamente captado pelo radar insistente da oferecida.

- Prometo que será rápido, *Pí!* Vamos, *pleeease?*

Ela o puxou pelo braço em sua direção.

- Bem... Laila, eu já vol...

- Eu já devolvo ele, queridinha!

Nem tive a oportunidade de responder - em dois segundos Isla já arrastava Peter para fora do teatro, fazendo questão de deixar claro que ali não haveria espaço para um “triálogo”.

PERIGOSAS ACHERON



Se isso tudo era um sonho, esta seria uma boa hora para acordar.

Passadas exatamente nove músicas, o fantástico “Kara-o-kê é isso?” encerrou.

Uma hora havia se passado desde a furtiva saída de Isla carregando Peter a tiracolo. Me consolava o fato de que se o tal problema urgente demorava tanto para ser conversado, devia ser algo sério a ponto de levar o negócio de Isla à falência.

Saí do teatro e comecei a caminhar a esmo pelo navio, tentando enganar a mim mesma de que meus olhos não estavam sondando cada ambiente à procura deles.

Só que quanto mais eu caminhava, mais irritada me sentia. Por que ela tinha que aparecer bem naquele minuto?

Foram três minutos mágicos. Surreais.

Eu já reconhecia bem os meus sentimentos em relação à Peter, mas ali eu tive a certeza de que ele *também* sentia algo por mim - eu não tive dúvidas.

Havia uma batalha de sentimentos dentro de mim: do lado esquerdo do ringue estava a vibração ao recordar o que tinha acontecido - do lado direito do ringue, a revolta por ter o meu momento de ápice interrompido abruptamente.

Subi a escada em caracol até a letra “D”, esperançosa em ver o rosto de Peter iluminando-se ante a minha chegada. Ele abriria um sorriso e diria “- Até que enfim! Eu esperei a minha vida inteira por você”. Ele então me envolveria em seus braços e me daria um beijo arrebatador, como aqueles escritos nos livros de romance.

Meu coração batia forte até os últimos lances de escada, mas murchou quando me deparei com a espreguiçadeira vazia.

Me debrucei no acostamento e deixei o vento marinho sacudir os meus cabelos por todos os lados

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

e observando algumas nuvens de chumbo começarem a se formar no horizonte, ameaçando desatar uma chuva pesada a qualquer momento.

Resolvi descer até as lojas e já aproveitar para borrifar um pouco do perfume caríssimo que tinha agradado Peter no dia anterior.

Enquanto descia pelo elevador panorâmico, meus olhos captaram uma imagem de elevador vizinho que fez criar um ovo na minha garganta.

Peter - o *meu* Peter - estava de costas para mim com uma caixinha vermelha nas mãos - claramente um presente. Enquanto Isla se desprendia de um abraço, ela o beijou em seguida.

O beijo que era para ser meu!

Senti uma marretada na boca do estômago.

A cena pareceu durar uma eternidade infinita - com todo o direito ao pleonismo da expressão - embora os elevadores tenham se cruzado por apenas uma fração de segundos.

PERIGOSAS ACHERON

Não me lembrava de já ter sentido algo semelhante na vida. Mesmo sem ter certeza de nada, aquela simples visão despedaçou o meu coração em mil cacos.

Forcei a entrada do ar nos meus pulmões para não dar espaço ao choro, enquanto os piores pensamentos bombardeavam a minha mente.

O que você pensava Laila? Que um cara como o Peter fosse realmente se interessar por você?

E diga-se de passagem... por qual versão você acha que Peter poderia se atrair? A mascarada?

E você já reparou que nem essa versão fictícia foi suficiente para conquistá-lo, né?

A Isla sim, por mais imbecil que seja, está à altura de Peter!

O último pensamento foi demais para eu lidar! Estapeei a minha cabeça com força com as mãos, como se desse jeito eu pudesse afastar aquelas ideias para longe. Só me dei conta do meu ato quando percebi que os olhares das pessoas no

PERIGOSAS ACHERON

elevador foram de curiosos para temerosos.

Se alguém me perguntasse algo, eu podia inventar que estava expulsando mosquitos que zumbiam no meu ouvido. Mas no final das contas, pouco me importava o que o resto do mundo pensasse a meu respeito.

Que fossem todos muito bem-vindos a versão verdadeira da Laila.



THAT THING YOU DO!:



OLD TIME ROCK AND ROLL:
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



QUANDO TE VI:



TILL THERE WAS YOU:



PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 27

- Dia 6 -

Me arrastei pelos corredores até a cabine sentindo minha cabeça começar a latejar.

O plano do momento era: me enfiar debaixo do chuveiro, deixar as lágrimas escorrerem livres ralo abaixo, esbravejar contra a minha má sorte, descontar a frustração via socos no travesseiro e me entregar para a vida despedaçando-me na cama.

Logo que cheguei no quarto atirando meus sapatos para longe, me deparei com uma sacola azul-marinho sobre o meu criado-mudo. Não havia cartão de identificação.

PERIGOSAS NACIONAIS

Antes que eu verificasse o conteúdo da sacola, um som estridente me fez saltar.

O telefone da cabine.

Peter?

- Alô? - atendi às pressas, ouvindo minha própria pulsação nos ouvidos.

- Olá! É a senhora Laila quem fala?

Era uma voz feminina e amigável do outro lado da linha.

- Sim, ela mesma - respondi um tanto decepcionada, mas tentando parecer composta.

- Aqui quem fala é a Andrea do “Zen Problemas”. Estou telefonando para lembrar que a senhora ainda tem em aberto um tratamento terapêutico completo aqui no spa, que já está incluído no seu prêmio.

- Eu tenho, é? - perguntei debilmente.

PERIGOSAS ACHERON

- Sim! E como estamos há poucos dias do final do cruzeiro, se eu fosse você não perderia essa oportunidade, já que hoje é o jantar de gala do comandante!

O jantar de gala! - pensei. A chance de conversar com Peter sem interrupções.

Para quem planejava se debulhar em lágrimas pelos próximos minutos, aquele telefonema era uma surpresa bastante agradável.

- Quando eu posso ir? - me sentei na beirada da cama, ensaiando abrir a sacola misteriosa.

- Como o seu prêmio inclui o pacote premium, você pode vir quando quiser e nós lhe daremos todo o nosso suporte e atenção imediata!

Imediata?

Não pude resistir ponderar a respeito dos reles seres humanos normais que tinham a infelicidade de estar no spa no exato instante em que um digníssimo adquirente do pacote premium chegasse. Do alto-falante se ouviria: “*Manicures,*
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

pedicures, massagistas e maquiadores, um minuto de sua atenção! Larguem todos os seus afazeres neste exato instante, pois uma hóspede honorária portadora de um pacote premium acaba de posar os seus preciosos pés em nosso recinto! Aos demais hóspedes; agradecemos a sua compreensão. Caso queiram informações a respeito deste tratamento privilegiado, paguem o extra. Caso contrário, queiram por obséquio retirar-se. Agradecemos por sua cooperação de não nos fazer utilizar a força bruta - Obrigado”.

Eu tinha uma rixa antiga com a temática “atendimentos preferenciais”, porém depois do que eu havia recém-presenciado, me julguei merecedora de uma exceção a esta minha regra.

- Neste caso, eu vou agora mesmo se não tiver problema.

- De forma alguma! Poderemos começar com uma massagem de bambus, seguido de um shiatsu feito à quatro mãos e uma...

Enquanto ela discorria acerca dos inúmeros

PERIGOSAS ACHERON

tratamentos, abri a sacola e seu conteúdo fez parar o meu fluxo de pensamentos.

- Ähn... Andrea... desculpe interromper.

- Claro! Desculpe-me por ficar falando tanto por telefone. Já que a senhora está a caminho, conversaremos pessoalmente daqui a pouco...

- Sim, tudo bem. Só deixe eu fazer uma perguntinha: encontrei há pouco uma sacola na minha cabine com um vestido dentro. Você sabe me dizer se esse tal pacote especial inclui algo desse tipo?

Ela pareceu confusa.

- Bem, além do tratamento de spa eu já não saberia dizer. Mas quem sabe esse pequeno mimo também esteja incluído no prêmio que a senhora foi contemplada, não é?

Se aquilo era um “pequeno mimo”, o que seria um “grande mimo”?

- É... bem, pode ser... - concordei franzindo a

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

testa de leve. Aquilo era muito irreal.

- Então, podemos esperar por você dentro de alguns minutos?

- Claro, estarei aí em dez.

- Maravilha! Já vou aquecendo as toalhas! Até logo!

Desliguei o telefone e me levantei enquanto desenrolava o vestido por completo.

Era o mesmo vestido vermelho perfeito o qual eu havia me apaixonado no primeiro dia de cruzeiro.

O vestido deslumbrante que parecia ter sido feito sob medida para mim mas que custava no mínimo três vezes o valor da minha rescisão.

Fiquei de frente para o espelho e posicionei-o por cima do meu corpo. Como eles sabiam? Será que a funcionária da loja soube que eu era a ganhadora da promoção e por algum motivo, eles resolveram me presentear?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Como não havia nenhum cartão, esta era a explicação mais lógica.

Timur! Com certeza foi ele quem colocou a sacola ali! Eu o questionaria tão logo o encontrasse.

Deixei o vestido cuidadosamente pendurado no cabide e segui em direção ao spa.



- Aqui é um local de paz e equilíbrio. Todos os seus problemas e preocupações mundanos, aqui se tornarão inexistentes.

Eu estava deitada em uma cama confortável, mantendo os braços e pernas afrouxados nas laterais do corpo. Velas aromáticas com uma fragrância suave de lavanda inundavam as minhas narinas e criavam um ambiente em meia-luz tranquilo e relaxante.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Começaremos com uma máscara de aloe vera nos seus olhos - Andrea falava em um tom de voz quase sonolento. - Aproveite este momento para deixar a sua mente vagar. Alivie os pensamentos e esvazie a sua mente até você se sentir tão leve quanto uma pluma.

Ah, bom! É só aliviar a mente e os pensamentos? SÓ ISSO? Moleza!

Quanto mais o meu corpo se entregava ao relaxamento, maior era o meu agito cerebral.

A voz sonolenta insistia em direcionar minha mente:

- Feche seus olhos e se imagine dentro de um quarto completamente branco. As paredes, o teto, o chão - tudo é completamente branco. Olhe para si mesma! Você está vestindo uma roupa branca, sapatos brancos.

Será que era possível sentir um reflexo de claridade nos olhos, mesmo estando com eles fechados?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Lá no cantinho do quarto tem uma poltrona branca. Caminhe até ela... Sente-se, descansa um pouco.

No pensamento atirei os meus sapatos brancos para bem longe. Eu estava usando meias brancas.

- Agora você está sentada. Deixe todo o peso do seu corpo se esparramar pela poltrona. Você se sente tranquila. Relaxada. Em completa paz.

Bocejei.

- Inspire profundamente pelo nariz, soltando o ar bem devagar pela boca...

- ... inspire pelo nariz... solte pela boca...

- ... a sua mente está se esvaziando ...

- ... a minha voz está ficando distante...

- ... bem *distaaante*...

E assim, de repente, eu estava lá, no tal quarto branco.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Era um sentimento estranho: eu tinha plena consciência do que estava acontecendo em meu exterior, mas sentia uma quietude. Será que isso era atingir o tal do nirvana?

Ploc!

Ouvi um ruído muito parecido com aqueles típicos de desenho animado.

- Laila.

Uma voz familiar.

Pulei assustada ao me virar.

- Léo? Credo!

- Credo? Pô, que recepção mais calorosa!

- Foi mal... Mas espera aí... o que você está fazendo aqui?

- E você ainda me pergunta? Eu sou um fruto do seu subconsciente, Laila. Foi o seu inconsciente que me trouxe para cá!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Entre tantos caras famosos lindíssimos espalhados pelo mundo, por que diabos o meu cérebro tinha invocado justamente a presença do Léo?

Um silêncio constrangedor dominou o ambiente (se é que esse tipo de sensação era possível durante um claro momento de delírio).

- Por que cargas d'água eu traria o meu ex namorado para atazanas as minhas férias?

- O subconsciente é seu. Quem sabe você está com saudades de mim?

- Saudades? - ri alto - Nossa Léo... eu nem sei quanto tempo faz que eu sequer me lembro de você!

- Eita, que facada! - o Léo imaginário pareceu ficar sentido.

- Na boa, Léo, mas isso é ridículo! Você não é real, então não tem o direito de ficar chateado. Desembucha logo, o que você está fazendo aqui?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Sei lá... Se não é saudade, talvez lá no fundo você acredita que me deve um pedido de desculpa?

- Pedir desculpas para você? - repliquei indignada - Pode esperar por toda a eternidade.

- Não se esqueça que eu não sou real, logo, sou imortal.

- Por que raios eu faria isso?

- Bem... Quem sabe seja porque você mentiu para mim.

Aquilo me desconcertou.

- E quando foi que eu menti para você, Léo?

Imediatamente me arrependi de ter feito a pergunta.

- Para começo de conversa, no dia em que eu terminei o nosso namoro você deu uma reviravolta na conversa e fingiu que quem estava terminando tudo era *você*.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Mas eu *ia* terminar, é sério! Eu estava ensaiando há tempos uma forma de terminar o namoro sem magoar você porque...

O Léo fez uma cara de desdém e ergueu o dedo, me interrompendo.

- Laila, considere o que eu vou dizer agora como um alerta futuro: como fruto do seu pensamento, eu tenho acesso irrestrito aos seus neurônios. Posso consultar todas as suas lembranças e memórias em um estalar de dedo - ele estalou os dedos imaginários. - Eu *sei* que a sua intenção não era terminar coisa nenhuma. E... espera aí... - ele fez uma pausa dramática. - Minha nossa, o que eu estou acessando aqui? Você pretendia me pedir em casamento naquele dia?

- O quê? Você está louco? Que história ridícula é essa de casame...

- Calma, calma! Eu só estou tirando uma com a sua cara - ele riu tanto que teve que limpar algumas lágrimas fictícias dos olhos fictícios. - Mas enfim, eu sei que você também sentia a nossa relação

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

desgastada, mas a verdade é que você não tinha nenhuma intenção de terminar o namoro comigo naquele dia.

- Pára de fuçar no meu cérebro, Léo! Está bem, eu admito, mas isso não foi bem uma mentira. Foi... uma verdade disfarçada. Cedo ou tarde isso aconteceria.

- O QUÊ? - Léo esbravejou com um certo exagero.

- O que foi agora?

- Você se lembra do dia que conheceu a minha mãe?

- Hmm... Não tenho essa lembrança tão clara na minha mente...

- Lembra de quando ela comentou que esbarrou no mercado com aquela minha ex-namorada, a Shirley?

- Isso faz tanto tempo... - eu não estava gostando do rumo da conversa.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- É claro que você se lembra! A Shirley contou para a minha mãe que estava fazendo um curso de enfermagem e que depois de formada, faria um serviço social no lar dos idosos.

- Uma vaga lembrança, talvez... - comecei a me abanar. - Mas está fazendo um calor infernal nesse lugar! Será que se a gente imaginar um ar-condicionado ele simplesmente surge como um passe de mágica? - tentei mudar o rumo da conversa.

O Léo ignorou completamente o meu comentário.

- Depois que a minha mãe nos disse isso, você veio com uma conversa de que fazia trabalhos voluntários no hospital infantil, e que promovia bazares de roupas em favor de comunidades carentes. Você se lembra disso?

- E eu fiz mesmo, mas quando era adolescente. Tenho certeza de que eu deixei isso bem claro na ocasião.

- Mentira!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Verdade! Eu estive duas vezes no hospital infantil com meus pais visitar um primo que estava doente...

- E afinal de contas, o que você fez com as roupas que a minha mãe doou?

- Foi destinada às pessoas carentes!

- Oh, não... Não me diga que...

- Eu vendi as peças em um brechó onde pessoas que *careciam* de roupas puderam adquiri-las por um preço bastante singelo. Elas estavam carentes de roupas, eu estava necessitada de dinheiro, logo, sua mãe ajudou mais pessoas do que imaginava.

Ele soltou uma risada de despeito que mais parecia uma bufada impaciente.

- Você tem desculpas para tudo, Laila? Você sempre está preparada caso seja pega na mentira?

- Chega de me infernizar, Léo! - bradei, erguendo as mãos e me virando de costas para ele.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ele silenciou. Passado alguns minutos, quando eu comecei a ter esperanças de que ele tinha enfim evaporado, ouvi uma nova interjeição.

- Oh, meu Deus!

Fiquei com medo de perguntar, mas não foi necessário.

- Você nunca correu a São Silvestre.

- Eu já corri pelas *ruas* da São Silvestre, sim. Tenho certeza de que essas foram minhas exatas palavras: “- *Eu já percorri a São Silvestre*”.

- Não creio...! Você mentiu até a sua idade?

- Peralá! Idade é algo muito relativo... tem dias que eu me sinto com vinte anos, outros com sessenta...

- U-hum... nesse exato momento você deve uns cinco anos, no máximo.

- O que você quer dizer com iss...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- O seu peso também, Laila?!? - ele disparou.

- Chega! Aí já é demais! - esbofetei o Léo hipotético diante de mim.

- Tá, tá! Tudo bem! - ele ergueu as mãos em sinal de rendimento. - Essa última foi provocação mesmo.

Toda aquela paz do quarto branco como a neve se esvaiu pelo ralo. Um ralo branco no cantinho da sala.

Léo puxou duas cadeiras brancas do além e sinalizou para que eu me sentasse em uma delas, enquanto ele se sentava na outra.

- Nós vivemos bons momentos, não é Laila?

- Você quer mesmo que eu responda? Por acaso você já não tem todas as respostas?

- Tem razão. Agora eu sei que você nunca foi de fato *apaixonada* por mim.

- Eu sempre tive um afeto muito grande por

PERIGOSAS ACHERON

você, Léo.

- Mas você dizia que me amava.

- Ah, não! Vai começar de novo?

- Não, não vou. Eu só espero que você tenha entendido aonde eu quis chegar com essa conversa.

- Eu sei. Você quer ouvir um pedido de desculpas.

- Não, Laila. É muito mais do que isso. Você deve desculpas à si mesma.

- Pirou, Léo?

- Você precisa se desculpar por não gostar de si mesma. Não ter autoestima nenhuma.

- Já sei! Esse papo deve ter surgido de algum grupo de neurônios rebeldes...

- Errado. Essa é a única explicação plausível para essa sua necessidade desenfreada de mentir. De fingir ser quem não é. Deve ser horrível ser

PERIGOSAS NACIONAIS

você mesma e por isso você precisa inventar uma versão mais interessante da “Laila”.

- Não, senhor. É tudo uma questão de perspectiva. O que eu digo são apenas verdades enfeitadas.

- Como diria o provérbio, “meia verdade é uma mentira inteira”.

- Ah, vá, vá! Sai para lá ô Freud xing ling! Xô!

- Apesar de eu não ser um mosquito para você me enxotar, eu vou embora sim. Mas não sem antes deixar uma pérola de sabedoria para você refletir.

- Pérola de sabedoria? Senhor! A imagem inconsciente que a minha mente fez de você é patética, Léo. Desculpe por isso.

- Olha aí o pedido de desculpas que eu estava esperando! E eu nem precisei esperar por toda a eternidade.

Revirei os olhos. Sério... meu cérebro devia ser muito perturbado.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Neste caso, você não precisa esperar por mais nada. Adeus, Léo.

- Calma, eu já vou! Mas o meu sábio conselho vindo direto dos confins da sua mente é que você se arrepende menos por ser sincera do que por mentir. Se você tivesse sido honesta comigo desde o início, ainda assim eu teria me apaixonado por você. Talvez até mais do que fui.

Uma lágrima branca escorreu pelo meu rosto.

Puff!

E da mesma forma que surgiu, o Léo sumiu.

Eu estava novamente sozinha e o súbito silêncio começou a me angustiar.

- Léo? Você ainda está aí? - comecei a gritar. - Volta, Léo! Volta... volta...

- Volta, volta, Laila... desperte!

Acordei repentinamente, puxando o ar pela boca como se ele me escapasse.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Está tudo bem, querida?

Senti meu sangue jorrando para dentro da cabeça.

- Tu-tudo... - gaguejei.

- Você adormeceu durante a massagem...
Parecia estar bem cansada.

- É... eu acho que sim.

Minha respiração voltou ao normal e me dei conta de que meu corpo parecia flutuar. Todas os meus músculos, a pele, as juntas - tudo parecia mais leve.

O único peso era na consciência.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 28

- *Dia 6* -

Depois de uma inusitada experiência extracorpórea (ou seria *intracorpórea*?), qualquer um pensaria ser impossível retornar a um estado de relaxamento, mas uma sessão chamada hidratação de seda combinada com uma massagem de pedras quentes foram capazes de operar milagres. A manicure, pedicure, escova e maquiagem foram o arremate que faltava para me fazer sentir a mais bela criatura de chinelos de dedos caminhando pelo universo.

Mas era na minha cabine que se encontrava a cereja do bolo: o meu deslumbrante vestido vermelho.

Ao me deparar com minha imagem refletida no espelho, meu coração deu um salto. O reflexo mostrava alguém que eu não conhecia - pele de porcelana, cílios alongados, olhos evidenciados. Era quase como se fosse a personificação da tal versão mais interessante que o Léo imaginário havia me acusado de haver criado.

- Tem que ser hoje, Laila - dei um ultimato ao reflexo. - Vamos lá, coragem!

Por mais que me doesse no mais profundo do âmago, eu tinha que admitir que não era em absoluto mais interessante do que Isla - fato.

Peter merecia saber de toda a verdade e eu merecia ser aceita por ser quem eu de fato era. Ou ser desprezada.

Só me restava a esperança de que o Santíssimo-Léo-das-profundeza-do-além estivesse certo ao afirmar que eu era *sim* capaz de conquistar alguém por meus atributos verdadeiros.

O relógio marcava 19:57 e eu já estava atrasada para o jantar do comandante.

PERIGOSAS NACIONAIS

Dispensei o elevador e subi até o restaurante pelas escadas. Uma multidão de hóspedes elegantes desfilavam seus trajes de gala pelos corredores. Percebi olhares de admiração e flertes sendo direcionados a mim, mas apenas o olhar de uma certa pessoa realmente importava.

- Boa noite, senhora! - Ramuel me cumprimentou na entrada do restaurante com um vinho em mãos. - Permita-me lhe dizer que a senhora está muito elegante nesta noite.

- Obrigada! Você também, como sempre - retribuí a gentileza.

- A senhora gostaria que eu a acompanhasse até a mesa?

- Não é necessário Ramuel, obrigada.

- Tudo bem... eu já vou até lá entregar os cardápios para vocês.

Vocês, no plural. Isso significava que Peter já devia ter chegado.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Inspirei o ar profundamente, fazendo um esforço para me equilibrar no salto alto enquanto sentia as pernas bambas.

Uma espécie de êxtase brotou em meu peito quando eu o vi de longe e o meu corpo simplesmente travou.

Em uma comunicação silenciosa, meu coração quis deixar claro aos meus olhos de que eles estavam visualizando o homem da minha vida. *The one*.

Peter mantinha os olhos baixos, distraído, girando um envelope amarelo nas mãos. Quando ele levantou a cabeça, o mundo girou da forma exata para que os nossos olhos se encontrassem.

Ele se levantou e aguardou até que eu recuperasse os movimentos das pernas que me levaram até a mesa.

Seus olhos brilhavam de uma forma que eu nunca tinha visto antes.

- Uau! - ele disse admirado, puxando o ar.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Exatamente a reação que eu esperava causar: fazer com que ele ficasse de queixo tão caído que tivesse que fazer um esforço extra para conseguir jantar.

- Obrigada - repliquei de maneira contida.

- Nossa, você está linda! Quero dizer... você já é linda, claro, mas é que hoje, bem, hoje...

Era a primeira vez que eu o via tão desconcertado.

- Imagina! - eu o interrompi para livrá-lo do embaraço. - Eu só quis dar uma valorizada no visual, afinal de contas, tenho um encontro marcado...

- Um encontro? - ele pareceu tão atordoadado que eu não consegui segurar o riso.

- Quero dizer, *nós dois* temos um encontro... - fiz uma pausa proposital a fim de analisar a sua reação - ... um encontro com o comandante do navio, aqui no jantar!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ele enfim soltou o riso que estava preso.

- Vou ter que ficar atento a esse tal comandante, então.

- Por que? - não resisti a pergunta.

- Por uma simples questão de segurança. Não posso deixar que ele coloque em risco a vida dos milhares de passageiros a bordo.

- Pois é, eu não tinha pensado nisso! Quem comanda o navio enquanto ele estiver aqui no jantar?

- Bom, eu diria é absolutamente indispensável que haja outra pessoa capaz de substituí-lo, porque a partir do momento que o comandante pôr os olhos em você, ele vai perder toda a capacidade de seguir conduzindo o navio.

Fiquei pasma com um comentário tão direto, mas Ramuel chegou à nossa mesa antes que qualquer um de nós pudesse encontrar as próximas palavras da conversa.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ele tirou os nossos pedidos rapidamente e retirou-se.

- Laila, eu queria pedir desculpas pelo que aconteceu hoje a tarde.

- Não precisa se desculpar, Peter! Esse negócio de desafinar pode acontecer com qualquer um, é normal...

- Eu desafinei, é? - ele sorriu com os olhos. - Eu quase não me lembro de ter cantado. A minha mente estava focada em outra coisa...

- Tudo bem... - falei, me lembrando da sua saída furtiva com Isla.

- Mas enfim, - ele continuou - a Isla me consumiu com um suposto problema de trabalho e quando eu finalmente achei que poderia escapar, ela passou mal.

- Ela passou mal, é? - me segurei para não revirar os olhos para aquele velho truque.

- Supostamente. Mas eu tive que levá-la no
PERIGOSAS ACHERON

ambulatório e acabei me estendendo bem mais do que eu gostaria.

- Pelo meu ângulo de visão, você pareceu ter gostado, sim.

A frase me escapou com um tom despeitado e ressentido.

- O que você quer dizer?

- Eu vi vocês, Peter. Quero dizer... eu vi quando você entregou um presente para ela e bem, quando ela demonstrou toda a sua gratidão.

Ele franziu as sobrancelhas.

- Presente?

- Eu estava em um outro elevador quando vi vocês. Aliás, os elevadores aqui são panorâmicos, caso você não tenha percebido.

- Ahh...! - ele enfim pareceu se dar conta. - Você entendeu tudo errado. Para começar, *ela* é quem estava me presenteando.

- *Ela* estava te presenteando? E por que? Por você ter levado ela na enfermaria?

- Eu também fui pego de surpresa.

- Sei, sei... O beijo que ela te deu em seguida também deve ter pego você de surpresa, né?

- Beijo?

Eu estava deixando meus sentimentos de raiva e ciúmes aflorarem de uma forma que em breve se tornaria incontrollável. Era hora de pisar no freio.

- Desculpe, Peter. Eu nem sei porque estou colocando você nessa situação constrangedora... Você não tem que me explicar nada.

- Eu *quero* explicar - ele respirou fundo e emendou com uma voz contida. - A verdade é que de alguma maneira, a Isla descobriu que hoje é o meu aniversário. Ela me deu um presente e me parabenizou com um beijo no rosto, só isso. Absolutamente nada além disso.

- Hoje é o seu aniversário?!? - exclamei tão alto

PERIGOSAS ACHERON

que até os cozinheiros do restaurante deviam ter escutado.

- Sim, mas eu preferia que isso ficasse só entre nós - ele abriu um sorriso tímido. - Eu não gosto de ser o alvo do “Parabéns Pra Você”; fico sem jeito, não sei onde olhar direito ou o que fazer com as mãos... sei lá! Não dá para eu ficar batendo palmas para mim mesmo, né?

Era o aniversário dele! Claro, isso explicava tudo!

O alívio que eu senti foi tão grande que eu não podia medir.

- Ai, me desculpe Peter. É que... bom, eu pensei que...

- Você não tem que se desculpar. E Laila... eu não quero que você pense que eu sou ingênuo a ponto de não saber a verdadeira intenção da Isla em relação a mim - ele assumiu um olhar mais sério - Eu sei muito bem.

- Isso vai me poupar o esforço de ter que abrir

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

os seus olhos, então - sorri, tentando injetar uma dose de humor na frase.

- E além disso, eu não tenho interesse algum no que quer que ela esteja pretendendo.

- Isso quer dizer que eu posso falar mal dela livremente a partir de agora, sem pudores?

- Isso quer dizer que nós não precisamos falar dela *at all*.

Ergui a taça em minhas mãos.

- Brindemos a isso então! - me aproximei dele e cochichei em tom conspiratório: - E ao seu aniversário... só entre nós!

Peter brindou e bebeu um gole longo.

- Mas já que estamos nesse jogo de perguntas e respostas, eu também tenho um ponto de interrogação aqui na minha cabeça.

Oh, oh! Alerta vermelho.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Tentei abrir um sorriso receptivo que provavelmente saiu torto e trêmulo.

- Sério? O que é?

- Ontem à noite eu presenciei uma cena, digamos, um tanto estranha...

Em meio a barulhos de pratos, talheres e conversas alheias, eu ainda assim conseguia ouvir as batidas do meu coração.

- ... eu ouvi você e aquele rapaz do teatro conversando, ou melhor dizendo, *discutindo*, de uma forma bastante calorosa. Mas o que eu realmente estranhei foi o fato de que ontem mesmo você me disse que não o conhecia.

Parei de ouvir minha pulsação; eu devia estar sofrendo uma parada cardíaca.

- Peter, eu, eu...

- Eu só quero deixar claro que não fiquei ouvindo a conversa entre vocês. Tudo o que ouvi foi ele dizendo que estava chateado porque achava

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

que você não via como ele era de verdade. Quando eu percebi que havia uns cinco camareiros acompanhando a conversa de vocês e que você estaria segura caso ele fosse mais rude, resolvi sair - ele parecia pouco à vontade. - Eu não quis ser invasivo, desculpe.

- Eu é quem devo um pedido de desculpas, Peter.

- Por favor Laila, entenda que eu não estou te cobrando nada. É só que isso ficou na minha cabeça. Pelo menos agora eu imagino quem era o tal “amigo” que você mencionou uma vez. Era ele, não era?

- É, era sim. Me desculpe por ter omitido essa minha... *amizade* com o Daniel - murmurei de cabeça baixa com os pensamentos em redemoinho.
- E só para você saber, a questão é justamente o contrário do que você ouviu: é por eu saber quem ele realmente é que nós estávamos discutindo. Ele não é nada daquilo que eu imaginava.

- E como você imaginava que ele fosse?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Alguém... decente - decretei com a voz meio granulosa.

Peter ponderou por um tempo antes de complementar.

- Por um lado eu lamento que ele tenha te decepcionado, Laila. Você sabe, eu conheço muito bem esse sentimento. Mas por outro, - ele acrescentou depois de uma pausa, pondo uma mão por cima da minha em cima da mesa - eu também sei que quando você resolve seguir adiante e mantém os olhos atentos, a vida lhe surpreende de formas inexplicáveis.

O olhar que se seguiu veio recheado de significado.

- Posso te fazer uma pergunta, Peter?

- Já fez - seus olhos sorriram com a lembrança de nosso primeiro jantar. - Mas tudo bem, eu respondo outra.

- É que eu fiquei pensando: o que você estava fazendo ali no meu andar, próximo à minha cabine?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Bem, essa é realmente uma questão relevante... - ele remexeu em seu colo. - Eu fui até a sua cabine te entregar isso aqui.

Ele me estendeu o envelope amarelo que ele manuseava quando cheguei no restaurante.

Eu o peguei dominada de curiosidade. Tirei o conteúdo e o examinei.

Eram fotos.

Uma foto minha sentada em um banco em frente à Casa Rosada. Eu estava com os olhos fechados e um fecho de luz solar irradiava sobre o meu rosto.

Outra fotografia tinha sido tirada enquanto eu mantinha um olhar concentrado na tentativa de desvendar o mapa do metrô.

Eu guiando a bicicleta com os cabelos esvoaçantes e uma mão elevada ao céu.

Eu curvada em direção a uma flor, aspirando seu perfume em meio ao roseiral.

PERIGOSAS ACHERON

Eu com um olhar surpreso diante da toalha vermelha de nosso piquenique improvisado...

A riqueza e sensibilidade do olhar de Peter através das lentes me arrebatou.

- Eu nunca vi fotos tão lindas! É até difícil de acreditar que sou eu mesma nessas imagens! - senti os meus olhos começarem a lacrimejar - Você é realmente incrível!

- Os elogios são para você mesma, Laila. A beleza nas imagens estava ali, diante de todo mundo. Tudo o que eu fiz foi pressionar o botão da máquina fotográfica no momento certo.

Ao ouvir isso, meu corpo já não respondia mais ao meu controle.

Me levantei da mesa e sem dizer nada, me agachei e lhe dei um abraço apertado.

Quando notou minha intenção, ele também se levantou e ficamos nos braços um do outro por algum tempo. Minha percepção foi de que o restaurante inteiro havia silenciado e que tudo o

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

que existia era a troca de calor dos nossos corpos.

Ah, como eu queria que aquele momento durasse para sempre!

- Er... desculpe incomodá-los - Ramuel estava do nosso lado. - Posso servir a sobremesa?

Nos afastamos e meu olhar se encarregou de agradecê-lo pelas fotografias.

Ele pareceu compreender perfeitamente - nenhuma palavra precisou ser dita.

Enquanto recolhia os pratos e nos entregava as sobremesas, Ramuel comentou em tom casual:

- Logo após o jantar vai acontecer um jogo bem divertido lá no pub e fomos convidados a sugerir alguns hóspedes para participarem. Será que eu poderia incluir os nomes de vocês na lista?

A última coisa que eu queria era que aquela noite terminasse logo.

- Com certeza - pode incluir os nossos nomes

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

sim! - Peter assegurou, parecendo pensar o mesmo.

Estreitei os olhos na direção de Peter como se lhe perguntasse por telepatia: “- *Desde quando você está tomando decisões por mim sem me consultar?*” ao que ele me devolveu com um sorriso brincalhão: “- *Desde que você nos inscreveu no concurso de karaokê sem me consultar!*”.

- Perfeito! Vou ficar na torcida! Boa sorte!

Ele se retirou com uma leve mesura.

Somente ao final do jantar é que me dei conta de que o tal comandante não apareceu em seu próprio evento. Se apareceu, eu nem percebi.

Afinal de contas, todos os meus pensamentos já estavam sendo comandados por outro capitão.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 29

- Dia 6 -

- Atenção, por favor: os senhores Boris e Samantha, Hugo e Ana, Peter e Laila. Vocês poderiam se dirigir até o palco, por gentileza?

Tive uma sensação de *déjà vu* ao me dirigir ao palco em meio a aplausos, mas dessa vez a plateia era bem mais barulhenta e continha praticamente o triplo de expectadores do que no karaokê.

O diretor do cruzeiro continuou falando ao microfone:

- Esta é geralmente a noite mais memorável do cruzeiro, senhores! O Jogo dos Casais sempre

rende muitas risadas. É diversão garantida!

Jogo de... CASAIS?

Mas casais como sinônimo de “dupla” ou casais, tipo... casal mesmo?

- ... é quando descobrimos até onde estes casais apaixonados realmente se conhecem e, cá entre nós, há chances de você chegar à conclusão de que o seu relacionamento vai bem melhor do que você imaginava!

Me voltei de brusco na direção de Peter e ele me devolveu o olhar de interrogação, dando de ombros.

Seis cadeiras em duplas estavam dispostas no centro do palco e o apresentador as indicou para nos sentarmos.

- Vamos começar apresentando os nossos protagonistas da noite! - o apresentador consultou uma ficha. - O primeiro casal está casado há quarenta e nove anos, pessoal! Eles são Boris e Samantha!

PERIGOSAS NACIONAIS

Aplausos.

Tudo bem. A brincadeira provavelmente terá uma dupla casada, outra de namorados e nós dois, apenas amigos.

- Temos aqui também um casal vivendo a fase intermediária do casamento, unidos por dezesseis anos! Digam olá para Hugo e Ana!

Oh, oh...

Olhei em desespero para Peter. Ele provavelmente já imaginava o que viria a seguir, mas parecia achar graça da situação...

- E como não poderia deixar de ser, nós também temos o nosso belo casal de recém-casados, é claro! Deem as boas-vindas à Peter e Laila!

Ai, Senhor Soberano e Amado da Glória Divina e Eterna!

Os aplausos pareciam que iam estourar os meus tímpanos.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Dadas as devidas apresentações, começaremos então o nosso jogo de perguntas e respostas! Mulheres; queiram por gentileza acompanhar a Ellen até a sala ao lado enquanto os homens respondem à umas perguntinhas!

Eu não conseguia disfarçar o meu nervosismo. Como Peter conseguia se manter tão calmo diante do que provavelmente seria a maior vergonha de nossas vidas?

Eu queria cochichar para que ele respondesse sempre a primeira opção em todas as perguntas para evitarmos um fiasco maior, mas antes que eu me levantasse ele segurou a minha mão e com uma leve pressão, disse baixinho:

- Fica tranquila, Laila - ele piscou, tentando me tranquilizar. - Isso é só um faz de conta! Vamos nos divertir!

Minhas pernas estavam bambas enquanto eu acompanhava a assistente de palco até uma sala ao lado do palco onde uma música alta nos impedia de ouvirmos qualquer palavra sendo dita no outro

PERIGOSAS ACHERON

ambiente.

Inspirei o ar pelas narinas na tentativa de me acalmar e me servi de uma taça de champagne que estava disponível para bebermos.

As outras duas participantes já estavam em meio a uma conversa descontraída, conjeturando a respeito das perguntas que seriam feitas aos seus esposos e nas respostas estapafúrdias que eles provavelmente dariam.

Aquilo de certa maneira me acalmou. Se elas que já eram casadas há tanto tempo, estavam certas de que os maridos dariam respostas absurdas, eu poderia fingir que Peter era só mais um desses maridos distraídos.

“Um faz de conta” - Peter havia dito. Isso seria fácil para mim, que já vinha “fingindo de conta” desde o início do cruzeiro. Eu já podia me considerar uma quase profissional no assunto.

Os minutos se arrastavam enquanto eu aliviava os meus temores.

PERIGOSAS NACIONAIS

- Moça? Moça? - a senhora idosa olhava direto para mim. - Há quanto tempo vocês estão casados mesmo?

- Ah, bem... nós... nos casamos há um mês.

- Óinn... - seguiu-se uma interjeição gentil de ambas com uma expressão saudosa estampada em seus rostos.

- Nossa, essa fase é tão maravilhosa!

- E eu imagino que esta viagem seja um bálsamo depois de todo o estresse do planejamento do casório, né? - disse a Senhora-Intermediário.

- Onde foi que vocês se casaram?

Ela provavelmente esperava uma resposta específica - o nome da cidade, a igreja, o local da cerimônia... - mas como esta parecia ser justamente o tipo de pergunta que Peter teria que responder no palco, preferi ser mais vaga:

- Nós nos casamos ao ar livre, em um pôr do sol bem ao lado de um lago - respondi.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Diante dessa resposta, eu já entrava no jogo!

- Ohh... - as duas reagiram em coro.

- Deve ter sido divino!

- Vocês tiveram muitos convidados?

- Nós preferimos uma cerimônia mais íntima, somente com alguns parentes próximos e amigos mais chegados.

- E como vocês se conheceram?

- Aqui no cruzeiro mesmo... - rebati sem pensar.

- Em um cruzeiro também?!? - Senhora-Quase-Bodas-de-Ouro questionou, rápida no gatilho.

- Em... em um cruzeiro, isso! - tentei emendar.
- *Outro* cruzeiro, é óbvio! Já fiz vários cruzeiros antes desse.

- Ah, sei... - a Senhora-Intermediário murchou um pouco, talvez considerando a minha resposta

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

um pouco prepotente.

- Eu acho que o Boris vai se enrolar nas respostas. Nós mulheres prestamos muito mais atenção em nossos maridos do que o inverso.

- Nem me fala! Eu vou me admirar muito se o Hugo souber qual é o meu nome do meio!

Será que o Peter tinha um nome do meio?

- Olá senhoras... vocês podem me acompanhar de volta ao palco?

Era a hora da verdade.

Meu coração voltou a martelar como um relógio de parede desregulado dentro do peito.

- Uma salva de palmas para as esposas, pessoal! Sejam bem-vindas de volta!

Peter ainda aparentava tranquilidade, mas um sorriso brincalhão que não havia ali antes agora se esboçava em seu rosto.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Respire fundo e se prepare, Laila! - ele sussurrou com uma risadinha.

Arregalei os olhos e cochichei desesperada em seu ouvido:

- *Pelo amor de Deus*, Peter! Tosse, bate no braço da cadeira, coça o nariz, sei lá... mas me dá algum sinal!

- Vamos lá, pessoal! A partir de agora, sem conversas entre os casais, *okay*? - o diretor começou a circular entre as cadeiras. - Eu farei as mesmas perguntas que fiz aos homens para vocês, mulheres. Para marcar pontos, vocês devem dar a mesma resposta que os seus maridos, está bem?

A plateia aplaudiu, encorajando o início do duelo.

- Começemos então pelo nosso belo e apaixonado casal em lua de mel; Peter e Laila. E, Laila... o Peter compartilhou algumas coisas bem gentis ao seu respeito! Disse que tem muito orgulho de ser casado com uma pessoa que, além de belíssima aos olhos, é ainda uma trabalhadora

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

dedicada, culta e inteligente! Isso é o que eu chamo de um homem apaixonado, não é pessoal?

A audiência soltou alguns gritinhos e risadas.

Mesmo sendo tudo um “faz de conta”, não pude conter a vermelhidão que atingiu o meu rosto diante daqueles elogios.

- Há quanto tempo vocês estão casados mesmo?
- o apresentador perguntou, estendendo o microfone para Peter, que respondeu enfático:

- Estamos de lua de mel... Casamos neste último final de semana.

Ele tinha razão; aquela seria a ideia mais lógica: nos casamos e logo em seguida, partimos em lua de mel.

Por que eu tinha dito um mês lá nos bastidores?

As duas mulheres me observavam curiosas, ao que me senti compelida a emendar rapidamente antes que o apresentador retirasse o microfone:

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Ah... esses homens! Casamos há quase um mês, mas os dias passaram tão rápido que o Peter deve ter ficado com a impressão de que só faz uma semana! Não é isso mesmo, *querido*?

Peter me lançou um olhar curioso.

- É... é verdade sim, *querida*. - ele acrescentou, desconfiado da minha súbita intromissão.

As demais esposas assentiram, pareceram aceitar a minha desculpa. Deviam ter reconhecido seus próprios maridos na frase: “Ah, os homens!”.

- Isso é mais do que natural! - emendou o apresentador. - Dizem que o tempo passa rápido mesmo quando a gente se diverte e, convenhamos, diversão é o que mais acontece entre um casal em lua de mel, não é mesmo?

Senti uma comichão na pele enquanto a plateia reagia animada.

- Muito bem Laila, vamos começar com a pergunta mais fácil da rodada: Qual foi o local, mês e ano que vocês se conheceram?

PERIGOSAS ACHERON

Senti como se bolas de algodão se formassem na minha garganta. Certamente Peter não tinha dito a verdade - “*Foi há seis dias, aqui mesmo, neste navio!*”. Eu teria que chutar. Se eu acertasse a resposta, eu sairia dali direto para o cassino. Seria muita sorte para desperdiçar.

- Bem... - falei - o Peter tem um pouquinho de dificuldades com datas, não é *querido*? Eu tenho certeza de que ele errou essa resposta!

O apresentador interveio:

- Ah, mas eu estou certo de que o dia deve ter sido uma ocasião muito especial para ambos! Talvez você se surpreenda! Vamos lá, qual foi o mês?

- Foi... foi... em abril. Abril do ano passado.

- Xi... a resposta não foi bem essa mas foi na trave! Peter deve ter ficado quatro meses anestesiado por você, porque ele disse que foi em agosto!

Bati de leve em seu braço, fingindo uma
PERIGOSAS ACHERON

provocação brincalhona entre casais.

O apresentador continuou:

- Pelo visto ele não é tão bom com datas mesmo, mas o lugar deve ter sido inesquecível! Vamos lá, Laila... onde exatamente seus olhos se cruzaram pela primeira vez?

- O lugar? Bem, foi em um parque... - diante da expressão de vacilo do apresentador, arrisquei - quero dizer, um parque... aquático.

- Um parque aquático? Bom... o ambiente de água vocês acertaram, mas Peter disse que foi na praia. Que uma rajada de vento levou o seu guarda-sol na direção em que ele estava lendo um livro e que, quando ele a viu correndo aflita, o sol refletiu em você de maneira resplandecente que ele soube naquele instante que você seria a pessoa com quem ele iria se casar.

Olhei para Peter surpresa. A história era linda - *Uma pena que fosse apenas ilusória...* - como me forcei a lembrar.

PERIGOSAS NACIONAIS

- Como vocês podem ter uma lembrança do primeiro encontro tão diferente?

- Bem... é que... eu respondi sobre o dia em que eu o *vi* pela primeira vez, no parque aquático. Peter falou do dia em que realmente nos conhecemos, do dia em que *falamos* um com o outro, que foi nesse dia na praia...

- Mas este dia no parque aquático deve ter sido bastante memorável para que você se lembre tanto assim, hein? Quem sabe a gente deveria pedir para o Peter tirar a camisa e assim, ficaremos sabendo do motivo desse dia ter ficado tão marcado na memória da Laila?

Ouvi alguns urros de vivas da ala feminina na plateia..

- Acalmem-se mulheres! Eu estou só brincando!

O apresentador partiu para o casal seguinte.

Passei as palmas das mãos no meu rosto - eu estava suando frio.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Olhei para Peter de relance; os seus olhos brilhavam de diversão. Nós não podíamos conversar, mas trocávamos olhares que já diziam tudo.

“- Bom trabalho!”

“- Não acertei a resposta, mas acho que consegui disfarçar bem!”

“- Sim... mas não conte vitória antes do tempo!”

Os outros casais acertaram as suas respostas.

Na rodada seguinte, o apresentador se aproximou novamente de nós dois:

- Bom Laila, nós fizemos a seguinte pergunta para o seu esposo: qual é a primeira coisa que ele toca quando acorda?

Um risinho sufocado percorreu a multidão.

Que diabos de pergunta era aquela?

PERIGOSAS ACHERON

Eu não fazia a menor ideia do tipo de resposta que Peter poderia ter dado. Se logo que acordasse ele fosse direto ao banheiro, então a primeira coisa que ele tocava devia ser...

- O celular! - gritei, em uma inspiração súbita.

O apresentador contraiu a boca em uma lamentação.

- Hmm... não é bem isso! Ele respondeu “o controle remoto da televisão”...

- Ah sim... claro! - ri com fingimento, tentando disfarçar o embaraço.

- Inclusive ele nos disse que *você* é quem geralmente pega o celular logo cedo para resolver assuntos de trabalho, já que é tão requisitada.

Senti o meu rosto ficar vermelho e não consegui voltar o olhar para Peter até a rodada seguinte.

Nessa série de perguntas, os demais casais erraram as respostas. E obviamente, um dos PERIGOSAS ACHERON

homens deu a resposta que todos queriam ouvir para aquela pergunta irônica com duplo sentido.

- Última pergunta dessa rodada, Laila. Nós perguntamos ao Peter o seguinte: Qual foi o último presente de aniversário que ele ganhou de você?

- O último presente? Bem... o aniversário dele é hoje, então talvez o meu último presente tenha sido aceitar me expor em público nesse jogo.

- Nããão acredito! Hoje é o seu aniversário e você não falou nada, Peter?

Oh, pai amado...

Só me dei conta da gafe no instante em que o apresentador puxou um “Parabéns Pra Você” da plateia.

Quem expôs quem agora?

Me virei em direção ao meu “marido” e entrelacei as suas mãos nas minhas. Fixei meu olhar em seus olhos azuis enquanto as pessoas entoavam a melodia. Eu estava dando a ele uma

PERIGOSAS ACHERON

desculpa do que fazer com as mãos e um alvo para direcionar o seu olhar. Foi o “parabéns” mais longo e desconcertante que já vivi. Por alguns segundos só havia nós dois ali e o som distante de um coral ao fundo.

- Felicidades para o aniversariante da noite! Esqueça os erros do passado e a velhice do futuro, porque ambos não podem ser mudados, mas esqueça também do presente, porque eu não tenho nenhum para te dar!

A plateia reagiu com gritos e assobios diante da tentativa de piada do apresentador.

- Mas voltando ao jogo, infelizmente vocês não pontuaram novamente... O Peter disse que o último presente que ele ganhou de você foi um jantar romântico! - eu tinha que admitir que a resposta dele fazia certo sentido se eu tivesse pensado melhor. - Mas para um casal em lua de mel, todos sabemos que o melhor presente deve vir um pouco mais tarde, não é?

Consegui arrancar um sorriso tímido em meio a

um calor nas bochechas.

Para infelicidade da dupla seguinte, o dia de aniversário dos maridos tinha passado há tempo demais para que eles se recordassem do último presente. Ambos erraram os palpites e não marcaram pontos.

- Agora nós pedimos a gentileza dos senhores acompanharem a nossa assistente. É a hora da vingança, mulheres!

Pisquei de leve para Peter, forjando um sorriso confiante como se dissesse: “*Tá no papo! Isso está dando certo!*” mas a verdade é que eu não estava tão segura.

- Pois bem, senhoras... No mesmo esquema anterior: eu farei algumas perguntas e vocês devem responder aquilo que vocês acham que os seus maridos dirão, certo? Vamos começar com você, Laila! - ele sorriu de forma irônica antes de continuar. - Vocês estão viajando sozinhos ou com outros parentes?

- Sozinhos... - falei com um certo vacilo. Será
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

que esta era a pergunta da rodada?

- Bem... eu diria que a pergunta que eu farei agora é um tanto capciosa, então tome cuidado com a resposta para não me comprometer no futuro! - ele olhou de relance para as outras mulheres, dando o recado também para elas e enfim questionou: - Mas vamos lá: do lado da família de Peter, quem é a pessoa que você menos gostaria de trazer nessa viagem?

Vix, ferrou... E eu lá conhecia os parentes de Peter?

- Bem... essa é... é... difícil mesmo de responder - divaguei, tentando ganhar tempo.

- Ah, mas fale a verdade, Laila... - ele incentivou. - Em toda família tem sempre aquela pessoa que você não vai muito com a cara, que o santo não bate...

- É... neste caso não. É que... eu e o Peter nos casamos às escondidas. Eu não tive oportunidade de conhecer a família dele ainda...

PERIGOSAS ACHERON

Idiota! Joguei no ar o primeiro pensamento que me veio à mente.

- Eu não acredito! É verdade isso? - o apresentador estava em choque.

Por que cargas d'água eu fui inventar aquela história? Não seria mais fácil falar um nome qualquer e pronto... estaria respondido? Peter provavelmente daria algum nome e então a minha mentira seria rapidamente revelada.

Puxei o microfone de volta em minha direção:

- Estou brincando, é claro! - emendei com um sorriso torto. - É que... é muito difícil pensar em alguém.

- Ah, mas eu garanto que se eu fizesse essa pergunta aos homens eles diriam um nome assim - ele estalou os dedos em um movimento rápido - sem pestanejar.

A plateia riu.

- Não pense muito, Laila! Depois eu digo para o
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Peter que tive que forçar um nome de você.

Enquanto ele falava, eu encontrei a resposta.

- Já sei! - falei. - O irmão dele, Charles.

- A-ha! Eu disse que toda família tem sua ovelha negra! Você acha que Peter também vai dizer que é o Charles?

- Espero que ele saiba que de toda a sua vasta família, só existe uma pessoa que eu poderia pensar em citar o nome...

Espero que ele se lembre disso! - pensei.

O apresentador se deu por satisfeito e seguiu questionando as demais mulheres, que não tiveram dificuldade alguma em apontar alguém.

Na rodada seguinte, o apresentador fez uma pergunta de múltipla escolha:

- Quero ver sinceridade, hein mulheres? Qual desses filmes melhor descreve a vida amorosa de vocês?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

A plateia soltou um “uuuhhh” malicioso.

- Opção número um: “Super-Homem”; opção dois: “Velozes e Furiosos”; três: “Enrolados”; opção quatro “Esqueceram de Mim” ou opção número cinco: “À Espera de um Milagre”?

Os expectadores gargalhavam, parecendo achar tudo muito engraçado.

Eu também acharia se não estivesse na berlinda.

Como eu deveria responder essa pergunta? E depois que Peter voltasse, com que cara eu conseguiria olhar para ele?

Ele levaria na brincadeira, é claro, como tinha feito até aquele momento. Afinal de contas, aquilo tudo era só uma peça teatral.

O que era uma pena para mim...

- Como, Laila? Você disse “Esqueceram de mim”? Em plena lua de mel? - ele soltou um risinho malicioso.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Nããão! - rebati como um raio. A habilidade de proferir um pensamento apenas na mente parecia não existir mais em mim. - É... é... Super-Homem! - respondi, de repente sem saber o que fazer com as mãos.

A plateia reagiu com outro “uuuhhh”, agora picante.

- O que é isso... se comportem, mulheres! O bonitão é casado! - o apresentador buscou minha confirmação com a cabeça, me olhando mais de perto enquanto eu me afundava na cadeira.

As demais esposas não foram tão otimistas: uma respondeu “Enrolados” e a mais velha optou por “À Espera de um Milagre”.

- Vamos agora para a nossa última pergunta - o apresentador se sentou na cadeira vazia ao meu lado. - Vejam bem, senhoras... essa é uma pergunta relativamente fácil, mas eu já vi muitos casais errarem as respostas, já que cada um pode encarar a situação de forma bastante distinta. A pergunta é: de um à dez, qual nota você daria para o primeiro

PERIGOSAS ACHERON

beijo de vocês?

Mais um pergunta inocente mas que, considerando minha posição, me deixava em uma situação um tanto embaraçosa.

Um beijo era tudo o que eu mais queria e nada poderia ser mais...

- Então, Laila. Qual nota você diria?

- Ähn... bem...

Por outro lado, eu não deveria inflar tanto o ego dele. Eu já tinha dado a resposta do Super-Homem e provocado um certo alvoroço na plateia; se eu agora mandasse um “dez” assim na lata eu valorizaria ainda mais o seu passe.

- E então? - o apresentador insistiu.

- Hmm... nota nove - dei de ombros.

- Nove parece bom... Mas tem algum motivo para não ser dez? - ele hesitou. - Quer saber? Não precisa responder! Vamos ver o que ele diz

PERIGOSAS NACIONAIS

primeiro e qualquer coisa pedimos uma explicação depois!

A esposa intermediária deu nota cinco porque segundo ela, o beijo tinha sido consequência de uma perda de aposta com as amigas. A mais idosa arriscou uma nota sete dizendo que nem se lembrava mais de como tinha sido.

Uma música alta começou a tocar enquanto os respectivos “esposos” retornaram ao palco.

- Muito bem, homens! Antes de começarmos com as perguntas, eu gostaria de fazer uma pergunta para o casal que está junto há mais tempo - o apresentador se aproximou deles, acrescentando: - Com toda a experiência de vocês, qual conselho conjugal vocês dariam para os demais casais?

Os dois trocaram um olhar pensativo até que a senhora Samantha respondeu:

- Eu diria o seguinte: nunca vá dormir brigado com o seu parceiro.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- É um belo conselho! O senhor concorda com sua esposa?

- Concordo - ele balançou a cabeça, taxativo. - E é justamente este o motivo de eu não dormir pelos últimos cinco anos.

A esposa deu um empurrão no marido enquanto a plateia se esbaldava.

Peter inclinou a cabeça para trás, rindo.

Ele nunca me pareceu tão lindo.

- Agora que descontraímos um pouco, voltemos ao jogo - o apresentador revisou brevemente as suas anotações. - Homens; a primeira pergunta pode causar uma intriga familiar. Saibam que tivemos praticamente que *arrancar* a informação delas! - ele me deu uma piscadinha. - A pergunta é a seguinte: que parente do seu lado da família a Laila não traria para uma viagem de cruzeiro de jeito nenhum?

Peter colocou a mão no queixo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Não esqueça que você tem que dizer *o nome* desse parente! - ressaltai a informação para Peter antes que ele decidisse chutar algo evasivo como “minha mãe” ou “meu tio”.

- Ah, sim! - seus olhos se iluminaram quando ele captou minha indireta - Provavelmente é o meu irmão, Charles.

- Isso mesmo! - o apresentador reagiu entusiasmado ao nosso primeiro ponto no jogo.

Peter assentiu, coçando a cabeça.

O casal intermediário errou, o mais experiente acertou.

A seguir, o apresentador questionou Peter na maior casualidade a respeito do filme que retratava a nossa “vida amorosa”. Enquanto ele falava, meu peito se comprimiu. Eu não conseguia encará-lo.

Peter passou um tempo ponderando sobre sua resposta e assim que percebi a sua hesitação, ergui os olhos.

PERIGOSAS ACHERON

Ele estava se divertindo com a situação, sem dúvidas.

- Bom... nós somos recém-casados... - ele disse, titubeante - ... nós estamos só começando a nossa vida conjugal, logo, eu não posso cogitar que ela tenha respondido outra coisa além de... *Superman?*

- Resposta certa!

Percebi pelo canto de olho que seus ombros dele sacudiram de leve em um riso silencioso.

Os “Enrolados” acertaram, enquanto o último marido parecia não querer admitir que a relação deles “esperava um milagre” e se considerava um amante “veloz e furioso”.

- O nosso jogo está bem disputado hoje! Para a última pergunta, inverteremos a ordem e começaremos pelo casal mais experiente. A pergunta é: que nota você daria para o seu primeiro beijo?

- O *meu* primeiro beijo ou o primeiro beijo que
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

eu dei nela? - ele perguntou, provocativo.

- Ô velho safado! - ela o cutucou forte.

- Bem... faz muitos anos, mas, mesmo assim, foi inesquecível - a plateia riu alto diante da contradição de opiniões. - Acho que o primeiro foi nota oito! Mas quero deixar claro que eu melhorei muito de lá para cá!

- É bom que o senhor tenha melhorado mesmo, senhor Boris, porque pelo jeito o primeiro beijo de vocês não foi tão inesquecível para a sua esposa...

O segundo casal também errou quando o marido decidiu arriscar uma ousada nota dez. Talvez ele pensasse que a esposa *ganhou* a aposta ao beijá-lo.

Chegou nossa vez.

- E você, Peter? Que nota você daria para o primeiro beijo de vocês?

- Nove - ele disse enfático.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

A coincidência foi tão grande que eu arregalei os olhos em sua direção.

- Nossa, isso que é sintonia! - o apresentador pareceu surpreso. - Mas só por curiosidade, por que nota nove, e não dez?

Ele apontou o microfone para mim.

- Bem... eu... eu acho que por conta do nervosismo... - respondi sem graça, engolindo em seco.

Peter me lançou um olhar ligeiramente insinuante e meu coração deu uma martelada mais forte.

- Muito bem, então. Quero pedir uma salva de palmas aos nossos participantes da noite! Vamos somar os pontos e ver quem levou o prêmio...

O apresentador se voltou à assistente de palco e senti o ombro de Peter roçar o meu em uma aproximação.

Mal tive tempo de reagir àquele toque quando o
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

ouvi dizer em um sussurro:

- Você sabe por que a nota foi nove?

Meu corpo inteiro reagiu ao calor da sua voz em meu ouvido. Sem me arriscar a olhá-lo, murmurei um “por que?” desajeitado enquanto prendia o fôlego.

- Só porque ainda não aconteceu.

Minha pele arrepiou-se por toda a extensão do meu corpo.

Ele me sondava em silêncio, mas eu não consegui dizer nada. Minha mente tinha entrado em curto - eu tinha perdido a capacidade de juntar as palavras umas nas outras.

- Bom pessoal, vamos ao resultado! Por apenas um ponto - o apresentador retornou ao centro do palco - os vencedores da nossa competição são... são... - ele fez uma pausa, tentando provocar um suspense. - Os vencedores são o nosso casal de pombinhos, Peter e Laila!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

As palmas ensurdecedoras que se seguiram foram abafadas pelo som da minha respiração densa, em descompasso.

Ganhamos.

- Ganhamos! - consegui expressar em voz alta, quase não acreditando em minhas palavras.

Os olhos de Peter estavam quase fechados por conta do sorriso que lhe ocupava o rosto inteiro.

- ... e antes de terminarmos, eu gostaria de pedir aos nossos participantes se colocassem de frente um para o outro...

Ai, meu Deus Santíssimo...

- ... e quero deixar claro que isso tudo não passou de um jogo! Não fiquem chateados por alguma resposta atravessada, tudo bem?

As mãos de Peter roçaram de leve nas minhas, até que, lentamente, nossos dedos se uniram.

- ... isso aqui é só diversão!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Nossos olhos se encontraram. Ambos os sustentamos.

- ... e para provar que não há nenhum ressentimento, que tal vocês demonstrarem para todos como que é um beijo nota dez?

Meu coração batucava com tanta força dentro do meu peito que eu não conseguia respirar.

Peter largou as minhas mãos e as colocou ao redor da minha cintura, enlaçando-me lentamente para mais perto.

Uma música começou a tocar acima das risadas ao redor:

♪ Hoje aqui, amanhã não se sabe

Vivo agora antes que o dia acabe ♪

Naquele momento não houve mais qualquer

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

indecisão, somente certeza.

Estamos agora separados por apenas poucos centímetros.

♪ *Neste instante, nunca é tarde*

Mal começou e eu já estou com saudade... ♪

Como em um filme, o mundo pareceu paralisar naquele instante.

Não existia mais outros casais, nem apresentador, nem palco tampouco uma plateia.

Era apenas eu e ele.

Fechei os olhos em preparação.

♪ *Me abraça, me beija*

PERIGOSAS ACHERON

Me aceita assim como eu sou 🎵

E então, ele me beijou.



AMANHÃ NÃO SE SABE:



Capítulo 30

... e quando eu senti os seus lábios nos meus, o primeiro pensamento que me atingiu foi... *finalmente!*

Capítulo 31

- Dia 6 -

O beijo que começou suave pegou fogo em segundos.

Havia uma urgência de saciedade mútua entre nós e naquele instante, eu me abandonei por completo às sensações do seu beijo, do seu cheiro, do seu toque.

Minhas mãos estavam espalmadas em suas costas e se contraíam vez ou outra como se quisessem garantir que aquele momento era real, e não mais uma fantasia da minha mente fértil.

- É disso que eu estou falando, senhoras e

senhores! - a súbita voz animada do apresentador nos arrancou de volta à realidade. - Eu gostaria de agradecer a todos os participantes e convidar todos a participarem da festa havaiana que começará a seguir lá na boate! Boa noite, pessoal!

Enquanto o apresentador se despedia, um resquício dos lábios de Peter ainda roçaram de leve nos meus e ali permaneceram por mais um instante. Nossas testas se encostaram de leve antes dos nossos olhos se reencontrarem.

Minha boca se retorceu na tentativa frustrada de um sorriso tímido enquanto os olhos azuis de Peter continuaram fixos nos meus. Havia, porém, um esboço de satisfação no estreitamento do seu olhar.

- Parabéns, casal! - dei um salto quando a assistente de palco se anunciou, repentinamente a dez centímetros de mim - Esperamos que vocês aproveitem o prêmio!

Ela estendeu uma garrafa e um envelope para Peter.

Murmurei um “obrigada” e enquanto Peter

PERIGOSAS ACHERON

extraia um cartão do envelope, tentei pensar em algo leve para dizer em seguida, mas meu cérebro havia perdido qualquer contato com a sanidade.

- Olhe isso... - ele ergueu o bilhete e leu em tom solene - *“A Precious Line tem a satisfação de lhes presentear com este vinho exclusivo da região da Toscana - Safra de 2011. Fazemos votos de que este brinde seja mais uma recordação dos momentos inesquecíveis vividos a bordo.”*

- Sério?

Ele confirmou com a cabeça e nos segundos seguintes, nenhum de nós disse nada.

Peter fingia se distrair com o rótulo da garrafa até que, para romper o silêncio constrangedor, a minha boca proferiu uma frase totalmente impensada.

- Por mais que tudo tenha sido uma grande brincadeira, a gente não poderia rejeitar um vinho desses, né?

Uma grande brincadeira?

Laila, sua ANTA!

- É... suponho que sim. Aliás, não. - ele parecia desconcertado. - Quero dizer, não dá para rejeitar.

Nunca senti tanta vontade de me socar ou de bater a minha cabeça contra a parede.

- Eu digo isso porque... bem... - acrescentei, receosa - você mesmo disse que deveríamos nos divertir nesse *faz de conta*, né?

Dei uma ênfase no “faz de conta” jogando a isca e esperando desesperadamente que ele a fisesse.

Eu esperava uma réplica dele à minha conclusão “precipitada”. Algo como “- *Nada do que aconteceu aqui foi um faz de conta, Laila. Foi tudo real e simplesmente o melhor beijo da minha vida. Qualquer pessoa que passou pela minha vida no passado não vale a areia do seu pé. E quer saber mais: Eu mal posso me conter de vontade de beijar você novamente - venha cá!*”.

Ao invés disso, a única expressão verbal que eu
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

ouvi em retorno foi um “- *Pois é...*” desanimado.

Uma inquietação quase palpável pairava no ar.

Eu queria conversar abertamente com ele, abrir o jogo. Falar de uma vez a verdade sobre mim, dizer que tudo o que eu estava sentindo por ele era verdadeiro. Eu precisar aliviar aquela explosão de dentro do meu peito.

E sobretudo, eu precisava beijá-lo novamente. Aliás, não era uma questão de querer - era uma necessidade básica de sobrevivência.

- Vamos, então? - Peter perguntou educadamente. Éramos praticamente os últimos a sair do teatro.

- Você quer ir a essa tal festa havaiana?

- Acho melhor não. Amanhã nós chegamos cedo em Balneário Camboriú e além disso, eu não sou muito fã desses ambientes tumultuados... - ele hesitou antes de acrescentar: - Mas fique à vontade se você quiser ir, claro.

PERIGOSAS ACHERON

Algo pareceu ficar suspenso no ar.

- Não. Se você não for, eu também não irei - respondi de pronto.

Seus olhos se suavizaram.

Seguimos caminhando lado a lado. Só se ouvia o som dos nossos passos até Peter me cutucar de leve com o ombro.

- *Superman* então, hein?

Vi um esboço de um sorriso se abrindo em seu rosto.

- Em minha defesa, eu sabia que você daria a resposta mais convencida... - provoquei.

- Ué, pense bem: eu sou um cara apaixonado...
- ele fez uma pausa calculada a fim de testemunhar o meu queixo despencando em queda livre antes de acrescentar: - ... estou recém-casado, viajando em um cruzeiro romântico de lua de mel. O que você esperava que eu respondesse? Se eu respondesse qualquer outra opção eu perderia toda a minha
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

moral.

- Moral com quem? Com as mulheres uivando da plateia? - não resisti, mas ele não pegou na corda.

- Você não sabia que todos os eventos do navio são filmados? Amanhã mesmo o vídeo estará no Youtube, ou seja, a minha moral diante do mundo inteiro estava em jogo.

- Mentira! Sério? - perguntei e ele confirmou com a cabeça. - Se eu soubesse disso, eu teria respondido que você era um “Forrest Gump”...

- Forrest Gump? - ele franziu as sobrancelhas.

- É... “Contador de histórias”!

Percebi um riso involuntário chegando em seu rosto.

“Pois deixe eu te mostrar se eu sou apenas um contador de histórias convencido ou um Superman!”.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Essa era a frase que eu esperava ouvir, como se eu pudesse transmiti-la para o seu pensamento por telepatia.

Ao invés disso, ele disse:

- Aliás, se você conhecesse a minha tia Iris eu tenho certeza que você teria poupado o coitado do Charlie. Que ideia as pessoas vão fazer dele agora?

Entramos no elevador e me vi rindo no reflexo do espelho.

- Você pode dizer ao Charles que eu lamento, mas o nome dele foi o único que me veio à mente na hora. E bem, graças a ele, temos em mãos um belo exemplar de vinho elaborado com uvas colhidas nos alpes Suíços, né?

- É verdade! - ele riu. - Não dá para negar que foi um *smart move*. Eu peguei a indireta na mesma hora! - ele se encostou na parede do elevador e acrescentou - Mas não se preocupe que possivelmente você terá a chance de dizer isso para ele pessoalmente..

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Vou?

- Claro! Você sabe que não vai se livrar de mim depois que esse cruzeiro acabar.

- N-não vou? - perguntei debilmente, parecendo uma criança gaga de cinco anos.

- De novo você se esqueceu de que vamos trabalhar juntos, Laila! - ele sorriu com um ar de interrogação.

- Ah... sim... é que...

- *Okay, okay...* eu já sei! - ele se rendeu enquanto saíamos juntos do elevador. - Nenhum de nós quer falar de trabalho durante as férias, não é? Nós teremos muito tempo para isso nos próximos dias.

Eu *tinha* que acabar com aquela mentira toda. Arrancar o *band-aid* de uma só vez.

Ele entenderia. Ele tinha que entender.

- Peter, na verdade eu precisava falar com você

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

sobre isso...

- Boa noite, dona Lala! - Timur saiu de um cubículo no meio do corredor com um sorriso estampado no rosto. - Oh, senhor Pete! Boa noite para o senhor também!

- Boa noite, Timur! - Peter o cumprimentou educadamente.

- Se me permitem dizer, os senhores estão muito elegantes hoje! O seu vestido é mesmo muito bonito!

- Obrigada - respondi timidamente.

Havia alguma coisa em suspenso no ar; algo que eu não conseguia captar.

Timur se despediu brevemente e depois de mais alguns passos, estávamos diante da porta do meu quarto.

- Bem... esta é a minha cabine - eu disse, buscando o cartão-chave na minha bolsa de mão.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Que tal nos encontrarmos amanhã às oito horas?

Os olhos hipnotizantes de Peter estavam fixos nos meus.

- Está combinado.

- Não tome café da manhã no navio. Eu quero levar você em um lugar que eu já conheço na cidade.

- Está bem - assenti.

Peter me examinou por mais um segundo.

- Boa noite, então. *See you tomorrow!*

- Boa noite - respondi, murchando por dentro.

Ele se virou e rumou em direção ao elevador.

- Peter! - exclamei.

Enquanto ele se virava, dei três passos em sua direção.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Só mais uma coisa... - estendi as mãos e puxei o seu rosto junto do meu.

Beijei novamente os seus lábios macios, lutando contra todos os meus instintos que insistiam em querer passar o restante da viagem bem ali, naquele momento.

- Nem tudo o que aconteceu esta noite foi *uma grande brincadeira* - murmurei no seu ouvido.

Virei as costas e entrei no meu quarto, deixando um Peter estático e surpreso do lado de fora.



- O-H, M-E-U D-E-U-S!

Minhas pernas estavam bambas e meu coração irrigava sangue como se movido à energia nuclear - ou, sei lá, o tipo de energia mais potente do

PERIGOSAS ACHERON

universo.

Em toda a minha vida, eu nunca tinha desejado tanto ser beijada por alguém.

Eu tinha consciência de que parecia uma adolescente apaixonada; minhas bochechas doíam por não conseguir conter o sorriso que se expandia por todo o meu rosto.

Agora eu só precisava me munir desta mesma coragem e ousadia para enfim confessar toda a verdade para ele. Para ser justa, eu estava prestes a lhe contar tudo quando Timur se aproximou e...

Espera aí...

Se a cabine de Peter ficava em outro andar, como é que ele conhecia Timur?

Abri a porta e exclamei em voz alta pelos corredores, elevando a mão à boca em forma de concha:

- Timur?

PERIGOSAS NACIONAIS

- Olá dona Lala! - ele saiu apressado de uma saleta.

- Você não se cansa nunca, Timur? Eu sempre vejo você por aqui tão cedinho e agora, mesmo tão tarde, você continua a postos.

- Eu me canso, claro, mas o trabalho compensa quando eu conheço passageiros simpáticos como a senhorita e o senhor Pete.

Ergui o indicador, como se tivesse me lembrado de algo.

- Por falar nisso... você também trabalha no andar do Peter?

- Ah, não! - ele balançou a cabeça em negação.
- Só este andar já me dá mais trabalho do que eu dou conta!

- Entendi. Só por curiosidade... - tentei impor um tom de voz era casual e despretensioso - ... de onde vocês se conhecem?

Timur pareceu hesitar.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Bem... o senhor Pete me pediu para entregar um envelope para a senhorita dias atrás. Como já era tarde da noite, eu o coloquei debaixo da sua porta.

Claro. O envelope com a senha do Wi-Fi na escala em Montevideu, quando Peter supostamente desembarcaria do navio.

- Fiz mal, dona Lala? - ele acrescentou receoso.

- Não, não. De forma alguma, Timur - eu o acalmei com um leve movimento de braço.

- Que bom! - ele recuperou o sorriso, parecendo aliviado - Se me permite dizer, o senhor Pete é uma pessoa muito bacana. Fiquei feliz ao ver vocês juntos hoje.

- É... ele é encantador - assenti.

- E tem muito bom gosto. O vestido realmente combinou com a senhora.

O vestido?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- O vestido? - questionei, já adivinhando a resposta.

- Ah, dona Lala, me desculpe! - ele ergueu a mão até a boca, tentando silenciar a si próprio de uma gafe. - O senhor Pete me pediu para não dizer nada, mas como a senhora já está usando o vestido, eu assumi que a senhorita já sabia! - ele estava aparentemente sem graça. - É que, bem... foi o senhor Pete que me pediu para deixar o presente na sua cabine...

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 32

- Dia 7 -

5^h38.

Programei o despertador para tocar às 6:15, mas minha mente já estava ativa muito antes disso.

Um novo sentimento enchia o meu peito, me fazendo sorrir desde o primeiro instante em que abri os olhos.

Passei o braço em torno do travesseiro, puxando-o para mais perto de mim. Na minha imaginação, o rosto dele que estava estampado ali, no meio daquela fronha azul. Se eu me concentrasse, eu conseguia até mesmo sentir o seu

cheiro.

Levantei da cama e escancarei a cortina. O raiar de um novo dia se revelava no horizonte. Uma página em branco, repleta de possibilidades.

Sem me preocupar com o *tic tac* acelerado do relógio, sintonizei a televisão em um canal de jazz e entrei no chuveiro, balançando o corpo de acordo com a melodia ritmada dos instrumentos.

Deixei a água cair lentamente na cabeça como uma carícia, massageando cada parte do meu corpo com o sabonete - mesmo as áreas que eram facilmente negligenciadas como a nuca, o umbigo ou o meio dos dedos dos pés receberam uma atenção especial.

Quem poderia dizer uma semana atrás que a minha vida estaria tão completamente mudada?

Recém-rejeitada, recém-desempregada, recém-endividada.

Eu continuava sendo tudo isso, claro, mas agora uma nova palavrinha integrava essa lista de rimas:
PERIGOSAS ACHERON

recém-apaixonada.

E não, eu não me referia a paixonite, uma quedinha ou uma atração física avassaladora que da mesma forma que chega, vai embora.

Eu estava apaixonada. Mesmo.

Com direito a sentir aquela fígada maravilhosamente anormal na boca do estômago toda vez que meus olhos o viam. Com direito a uma sensação de fascínio toda vez que ele me direcionava o olhar e ofuscava tudo o que estivesse ao redor.

Ainda havia toda a questão das mentiras, é claro, e elas atormentavam a minha consciência a cada segundo que passava. Contudo, a descoberta deste novo sentimento dentro de mim me deixava mais confiante de que, se Peter sentisse metade do que havia em mim, ele não teria dúvidas em me perdoar. Se Peter sentisse o mesmo que eu, ele me enlaçaria em seus braços e em um tom carinhoso e brincalhão, ele diria: “- *Você é uma doida mesmo!*”. Então ele me beijaria até que nossos lábios

ficassem latejados, me garantindo que estava tudo bem entre nós.

E havia algo a mais: que garota não se valia de certos artifícios e segredinhos na complexa arte da conquista? Peter mesmo podia ter inventando alguma coisa ou outra a fim de atrair a minha atenção... por que não? Eu estaria disposta a aceitar a sua verdade.

A não ser que ele fosse um assassino em série.

Ou fizesse parte da máfia inglesa.

Ou fosse líder de uma seita oculta que mata galinhas.

Saí do banho e sequei os cabelos, penteando fio a fio com delicadeza. Ao menos a tonalidade leve de ruivo deles era natural, e não mais uma mentira.

E no fim das contas, não é como se minhas invenções fossem algo tão escandaloso assim. Foram apenas pequenos contos.

Não é como se eu fosse casada.

Ou matadora de aluguel.

Ou tivesse feito uma cirurgia de mudança de sexo (porque isso *sim* seria um ponto importante a se revelar desde o início!).

Eu era apenas a rejeitada, desempregada, endividada. E apaixonada.

Eu não era uma brilhante executiva nem nadadora profissional. Não possuía joias caríssimas, não tinha uma casa na praia. Não tinha vinte e três anos e nem pesava cinquenta e cinco quilos como havia preenchido no formulário do spa.

Tudo bem: a situação estaria perfeita se eu nunca tivesse mentido... mas quem disse que eu era perfeita?



Eu andava a passos largos pelos corredores do navio na busca de um presente de aniversário para Peter. Nas minhas andanças anteriores pelas lojas, eu havia visto uma caneca térmica no formato de lente fotográfica, o que representava a união de duas de suas paixões: café e fotografia. Não seria algo extravagante, mas certamente demonstraria a minha boa intenção (e quem sabe merecesse um beijo de agradecimento).

Eu só não me lembrava exatamente qual era a loja.

Passei por uma galeria de artes, por uma loja de bolsas de grife, pelo cassino, por um *cyber* café, uma tabacaria...

Espera aí. Algo captou a minha atenção na cafeteria.

Em frente a um computador, sentada com longas e torneadas pernas cruzadas, lá estava ela.

Isla.

Ela segurava uma xícara de café que exalava

PERIGOSAS ACHERON

vapor em uma das mãos e parecia concentrada na tela à sua frente. Fingi interesse em uma loja de temperos que me dava uma visão ampla de onde ela estava, mas ela estava imóvel, se movendo apenas para dar eventuais goles no seu café.

Ao longe, avistei a loja de lembranças e fui até lá para comprar a caneca para Peter.

Quando retornei, me deparei com Isla saindo do local com uma expressão de satisfação no rosto.

No minuto seguinte, eu estava sentada em frente ao mesmo computador em que ela estava antes.

Preenchi o número da minha cabine no formulário para acessar a internet, mesmo sabendo que eu teria que vender um rim para pagar pelos próximos dez minutos de conexão.

Mas eu estava curiosa em saber o que tinha atraído tanto a sua atenção.

Abri o histórico de acessos: nada.

Então me recordei de dia na contabilidade quando eu estava pesquisando mil abas diferentes algum assunto relacionado a gestão condominial até que, sem querer, fechei o navegador e tudo simplesmente sumiu. Diante do meu ataque de pânico, a Rose se colocou do meu lado, apertou uma combinação de teclas e como um passe de mágica, tudo estava lá novamente, como se nada tivesse acontecido.

A mágica acontecia com um simples CNTRL + ALT + T, como eu agora repetia.

Apertei a combinação e *voilà*.

O cabeçalho do site abriu: era o de uma revista chamada “CoolTura”. Com a precariedade da conexão a bordo, a matéria demorou uma eternidade para baixar, o que significava que talvez eu saísse dali devendo os dois rins.

Quando a foto de capa da matéria finalmente abriu, meu coração gelou.

Era uma fotografia de Peter.

Uma foto que parecia ter sido tirada por um paparazzi de plantão, já que ele estava de perfil, caminhando como se não percebesse que alguém estava a espreita.

Minha pulsação martelava com vigor.

Respirei fundo, enchendo o pulmão de ar e a mente de coragem.



CONFISSÕES DE UMA ALPINISTA SOCIAL

Uma alpinista social não se importa se o seu alvo é alto, loiro e exibe um belo par de olhos azuis. A beleza é irrelevante, e até mesmo o componente “amor” é opcional. Muitas vezes a extensão desse amor O que esta espécie busca é o

status social, o prestígio e uma conta bancária recheada (não importando realmente a quem ela pertence!).

Mas e se além de possuir uma fortuna equivalente ao PIB de um pequeno país, o alvo também fosse atraente, inteligente, dedicado e irmão do seu ídolo no mundo das celebridades?

O que parecia um sonho distante, tornou-se realidade na vida de Aurora Sanbine, de 27 anos.

Atualmente desempregada, ela nos recebeu em seu apartamento para uma entrevista e nos contou detalhes dessa sua experiência.

“- Vivi um conto de fadas. Peter era perfeito e tinha tudo o que uma mulher podia querer da vida: lindo, cavalheiro, trabalhador e além disso, me amava de verdade. Quando eu o vi pela primeira vez passeando com seu cachorro, me senti imediatamente atraída. O meu entusiasmo deve ter

dado muito na cara, porque ele logo veio puxar conversa comigo. Não vou ser hipócrita e negar que eu pude logo perceber pela forma com que ele se portava e pelas roupas que ele vestia que ele era um sujeito bem instruído e endinheirado. Esta foi realmente a minha primeira impressão e apesar de toda a sua beleza óbvia, eu vi ali uma oportunidade de “investimento” para o meu futuro. Quando nos beijamos pela primeira vez, eu sabia que aquele era um beijo de um milhão de dólares!”.

Aurora nos mostra uma foto em seu celular: um banco solitário no meio de um parque.

“Foi exatamente aqui que a gente se conheceu. Atração à primeira vista, não dá para negar. Neste mesmo dia ele já me pediu em namoro e eu não pude acreditar na minha grande sorte. Um mundo de descobertas se abriu diante dos meus olhos. Peter gostava de me surpreender e sempre entrava nas minhas loucuras sem questionar. Nenhum dia era igual ao anterior, não havia rotina entre nós.

PERIGOSAS ACHERON

Me lembro do exato momento em que eu finalmente me dei conta de que os meus sentimentos por ele tinham evoluído e passaram a ser uma paixão genuína. Ele era o pacote completo e até hoje não sei como pude deixá-lo escapar por entre os meus dedos.”

Dedo este que Aurora faz questão de exhibir, ornado por um reluzente anel de diamante.

“Peter me presenteou com este anel no dia anterior à nossa viagem à Escócia, quando ele insistiu em me apresentar aos seus pais. Eu estava radiante! Se este anel tinha sido apenas uma ‘lembrancinha’, eu mal podia esperar pelo que viria em um pedido de casamento!”

Aurora continua o seu relato dizendo que foi nesta viagem à Escócia que as coisas começaram a desandar entre o casal.

“Quando cheguei lá, conheci pessoalmente Charles, o irmão famoso de Peter. Sempre fui fã dele; eu tinha todos os CD’s da sua banda. Fiquei muito empolgada quando o conheci - que fã não ficaria louca em conhecer o seu ídolo assim de pertinho pela primeira vez? Peter se sentiu enciumado, mas eu tive minha parcela de culpa por não ter deixado claro para ele que eu já era mega fã da banda de Charles antes de nos conhecermos.”

Os olhos de Aurora ficam marejados e ela se demonstra arrependida.

“No momento em que eu percebi que Peter estava desconfortável com a minha tietagem ao seu irmão, eu fiz questão de lhe assegurar do meu amor. Porém, no meio da conversa eu fui burra a ponto de deixar escapar que a minha motivação inicial em nosso relacionamento tinha sido impulsionada por Charles. Eu admiti que antes de nos encontrarmos, eu já sabia algumas coisas a

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

respeito dele, mas que hoje eu o amava de todo o coração.”

Seus olhos agora vertem lágrimas ao acrescentar em tom pesaroso:

“É claro que ele não deixou este mísero detalhe passar em branco. Ele nunca admitiria, mas sempre se sentiu inferior à Charles e essa foi a gota d’água. Ele acabou tudo entre nós alegando que não conseguiria mais acreditar em mim. Que toda vez que eu falasse a verdade dali para frente, sempre lhe soaria como uma mentira.”

Quando lhe perguntamos se eles voltaram a se encontrar depois disso, Aurora foi taxativa:

“Eu voltei no dia seguinte para o Brasil

PERIGOSAS ACHERON

sozinha e totalmente devastada. Depois disso, eu procurei ele diversas vezes, mas sempre dei com a cara na porta. Não voltamos a nos falar desde então. Eu soube que ele está um trapo humano. Sei que também sofre por mim.”

Ela termina com um apelo:

“Peter, se você ler esta matéria, saiba que eu estou falando com esses repórteres para dizer que eu ainda te amo. Eu jamais deixarei de te amar.”

E antes de cair em um choro inconsolável, acrescenta:

“Volta para mim, Peter. É só o que eu te imploro. Volte para mim.”

MAS AFINAL DE CONTAS... QUEM É PETER JONES?

Uma pessoal discreta e que - para dificultar a nossa pesquisa - não possui nenhum perfil em redes sociais além da conta corporativa. Tentar traçar o perfil de alguém tão cobiçado não foi uma tarefa fácil, mas nós conseguimos colher algumas informações dadas despretensiosamente em entrevistas do passado concedidas pelo irmão famoso, junto de outras confidências de Aurora e depoimentos de ex-colegas de trabalho de Peter.

INTELIGENTE: Da perspectiva profissional, Peter é um gestor competente e segundo uma fonte anônima “...*foi o principal responsável pela ascensão dos negócios da companhia para que ela atingisse o patamar de alto nível dos dias de hoje*”.

Esta característica se reforça com os adjetivos tecidos por colegas de trabalho:
PERIGOSAS ACHERON

“generoso”, “gentil” e “justo” foram alguns dos termos utilizados.

“Peter tem uma habilidade única de manter um clima de descontração dentro do escritório ao mesmo tempo que estimula a criatividade e eficiência”.

“Ele tem o dom de reconhecer os talentos de cada pessoa e dessa forma, delega as tarefas para os mais capacitados em cada área.”

- **PONTUAL:** Engana-se quem pensa que o trabalho ocupa todo o seu tempo. Durante seu relacionamento com Aurora, Peter nunca cancelou qualquer compromisso que os dois tinham combinado.

“O trabalho nunca foi um impedimento para a gente deixar de se encontrar. Ele estava sempre presente! Mesmo quando eu percebia que ele tinha passado por um dia estressante e cheio de reuniões enfadonhas, ainda assim ele se doava inteiramente quando

estava comigo. Não trazia os seus problemas de trabalho para o nosso relacionamento, e eu gosto de pensar que eu lhe ajudava a aliviar a tensão.”

● **TÍMIDO:** Em uma entrevista concedida por seu irmão à revista britânica “On Pop of the World”, Charles nos dá uma pista de que Peter é uma pessoa reservada e introvertida:

“Fui uma criança inquieta, bagunceira e, com certeza, dei mais trabalho para os meus pais do que meu irmão. Sempre fui comunicativo, expansivo até! Acho que toda a dose de timidez da família foi dispensada para o meu irmão, já que eu mesmo nunca soube o que é me sentir envergonhado em alguma situação.”

● **GRATO:** Aurora nos contou que em certa ocasião ela lhe comprou um presente e a reação dele foi surpreendente: *“Era o seu aniversário e eu queria encontrar uma forma de surpreendê-lo. Descobri que ele colecionava aqueles relógios*
PERIGOSAS ACHERON

antigos de bolso e encontrei uma peça histórica perfeita com uma corrente de ouro que tinha pertencido a Júlio Verne. Comprei o relógio em um milhão de parcelas, mas o olhar de fascínio que eu vi naquele momento compensou a minha dívida eterna. Mas eu jamais poderia imaginar que ele retribuiria o meu gesto realizando o meu maior sonho: ele me deu um carro!”.

Precisamos acrescentar alguma coisa?

- **APAIXONADO:** ... por fotografia! Descobrimos que Peter ama viajar para lugares remotos e passar os finais de semana cercado pela natureza e praticando o seu *hobby* favorito. A pergunta que não quer calar é: será que ele está precisando de uma modelo para posar para as suas lentes?

- **CARENTE:** Segundo fontes próximas, assim que ele terminou o relacionamento com Aurora, Peter passou por um período conturbado.

PERIGOSAS ACHERON

“Ele ficou um tempo enclausurado, sem vir ao trabalho. Quando retornou, a sua aparência estava bem diferente: tinha deixado a barba crescer a um nível de homem das cavernas, ninguém mais o via sorrindo pelos corredores. Ficou bem deprimido.”

Single and ready to mingle^[4]?

Quem pode dizer se os de Peter como o solteirão mais cobiçado do país estão próximos do fim?

Levante a mão todas que quiserem se candidatar ao cargo e arrancá-lo da solidão!

Basta ter coragem para encarar a longa fila.



Terminei de ler a reportagem absolutamente

PERIGOSAS NACIONAIS

perplexa, incapaz de pronunciar qualquer palavra.

A cada declaração ali escrita era como se eu tomasse uma punhalada no estômago.

Quando foi que aquele Peter que entrou no navio mais parecendo um naufrago do que um passageiro, de repente se tornou o príncipe encantado mais desejado de todo o país?

Nessas alturas já era inegável que para mim, Peter era de fato o homem mais desejado de todo o *universo*. Mas eu me apaixonei por sua verdadeira versão: um cara espirituoso, divertido, estimulante. Provocador e provocante ao mesmo tempo.

O *meu* Peter não tinha nada a ver com aquela publicação absurda da tal revista de fofocas.

Quantas mulheres tinham lido essa reportagem e estavam agora sonhando com a possibilidade de cruzar com Peter pelas ruas, esperançosas em conquistá-lo?

Isla.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Eu já desconfiava que esta viagem de Isla no mesmo navio que Peter era “coincidência demais”. Ela certamente encabeçava a fila.

Por sua atitude frequentemente hostil, era óbvio que ela me via como “competição”. Será que na sua mente perversa ela imaginava que eu estava fazendo o mesmo jogo sujo, vendo Peter como um *grande prêmio*?

A nossa cumplicidade, nossas mãos entrelaçadas, nosso beijo arrebatador... Aquele artigo tinha criado uma mancha e dado uma nova conotação a tudo.

Agora não éramos só nós dois.

Agora o posto deixado por Aurora era o mais cobiçado, como se repentinamente tivessem colocado um alvo nas costas de Peter.

E a mentirosa da Aurora distorceu toda a história, fazendo com que Peter parecesse um desalmado incapaz de perdoar uma mentirinha boba.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Porque ele era *sim* capaz de perdoar uma mentirinha boba se este fosse realmente o caso... não era?

No computador, uma mensagem apareceu: *“Você excedeu o limite de 10 minutos. Clique aqui para renovar o acesso”*.

Cliquei em “cancelar” e me levantei rapidamente, ainda tentando controlar o ritmo da minha respiração.

Já eram quase 8 horas.

Subi os andares pela escada - eu estava agitada demais para aguardar pelo elevador.

Enquanto subia, fiquei pensando no fato de Peter ser muito mais abastado do que eu imaginava. E eu não compreendia muito bem como essa informação me fazia sentir. Inibida? Retraída?

Quando finalmente cheguei na área combinada, me deparei com um saguão apinhado de pessoas aguardando por sua vez de descerem pelas lanchas.

PERIGOSAS ACHERON

Todos os rostos eram de Peter, mas nenhum era ele.

Segui minha busca abrindo caminho entre as pessoas, até que de repente, algo aconteceu: em meio a um borrão desfocado, tudo em volta virou fumaça até surgir uma única presença nítida no centro.

Ele estava sentado em um sofá, folheando um panfleto turístico.

Como ainda não tinha notado minha presença, me permiti observá-lo por mais alguns segundos.

Ele estava vestindo uma polo de linho em tom azul-claro, bermuda jeans e boné preto. Seus olhos estavam semicerrados, concentrados na leitura e provavelmente sentindo falta dos óculos que o vi usando outro dia. Por mais atraente que ele fosse na minha imaginação, ele sempre me surpreendia mais quando eu o via.

Ele ergueu os olhos, percebendo que estava sendo observado. Abriu um pequeno sorriso e se levantou, aproximando-se.

- Bom dia! - disparei, subitamente me dando conta de que não sabia como eu deveria cumprimentá-lo.

Ele não respondeu. Elevou as mãos em concha ao redor do meu rosto e me beijou de forma surpreendente que me deixou sem reação. Foi um beijo rápido e gentil o bastante para não escandalizar os idosos que testemunhavam a cena.

- Bom dia! - ele respondeu em um sussurro particular assim que seus lábios se afastaram dos meus.

Demorei para reabrir os olhos na tentativa de estender aquela sensação de êxtase por mais alguns segundos, mas minha reação pareceu gerar um efeito oposto.

- Vamos lá... eu estou preparado - Peter semicerrou os olhos, erguendo as sobrancelhas.

- O quê? - respondi debilmente.

- É a hora da verdade. Você pode rebater a
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

minha ousadia com um tabefe, me afastar com uma risadinha fingida para não me deixar mal, ou ainda...

Não deixei ele terminar a frase e o beijei novamente.

Um beijo de um milhão de dólares.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 33

- Dia 7 -

Apertado ou delicado.

Áspero ou macio.

Entrelaçado ou em concha.

Dar as mãos: um ato tão simples mas tantas vezes menosprezado pelos que já estão acostumados a ele.

A intimidade daquele gesto de Peter - de segurar a minha mão enquanto passeávamos - teve um efeito tão significativo quando o nosso beijo.

Uma demonstração pública de que eu pertencia
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

a ele e ele a mim.

Eu estava superestimando demais aquela atitude? Talvez. Mas a verdade é que eu não conseguia conter a distensão da minha boca a ponto de doer as bochechas toda vez que eu olhava para as nossas mãos entrelaçadas.

Ele era meu.

Eu era dele.



- Sério... eu preciso saber como você descobriu. Eu me nego a acreditar que tenha sido só uma grande coincidência.

- Está bem, eu já ouvi esse discurso. Você não acredita em coincidências - ele parecia achar a conversa divertida.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- E isso só reforça o quanto eu não acredito! Você está me dizendo que entre *trocentas* opções, você escolheu justamente o *único* vestido que eu provei na viagem por completo acaso?

- Foi o destino.

- Não me faça começar a dizer o que eu penso sobre destino.

Ele sorriu.

- Está bem. Por *coincidência* - ele reforçou a palavra em tom de brincadeira - eu estava passando pela frente da loja no momento em que você estava provando a tal peça e eu percebi quando os seus olhos brilharam na frente do espelho. Ela era tão elegante, tão impressionante... Ah, e o vestido também até que era bonitinho.

- Seu bobo! - senti um novo sorriso involuntário me atingir o rosto.

Peter havia me trazido para tomar um café da manhã em um lugar deslumbrante, localizado no topo de um edifício moderno de onde se tinha uma

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

visão panorâmica de toda a orla da praia. O cenário era uma explosão de cores: um contraste entre o azul-esverdeado do mar maculado pela espuma branca das ondas e pontinhos pretos dos banhistas; o tom de caramelo da areia recheado por diversas tonalidades dos guarda-sóis espalhados na praia. E o céu de um jeans desbotado acima do verde da Mata Atlântica que emoldurava a cidade.

- Peter, certo? - a recepcionista do local se aproximou com um sorriso simpático. - Muito bom dia, senhor!

- Bom dia. Eu tenho uma reserva para o café da manhã. Duas pessoas.

A atendente finalmente olhou na minha direção.

- Claro, claro que sim. Bom dia, senhorita! Queiram me acompanhar até a mesa, por gentileza.

Ela parecia um pouco nervosa enquanto nos explicava que poderíamos consultar o cardápio em um tablet acoplado à mesa e chamá-la quando estivéssemos prontos.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Optei pelo tradicional café com *croissants* para começar.

- Então, Peter... Eu tenho algo aqui para você... - olhei para baixo, retirando do fundo da minha bolsa um embrulho caprichado nas cores náuticas da Precious Line.

Ele contraiu as sobrancelhas em meio a um sorriso atravessado.

- Ah, sério? Por que isso?

- É só uma lembrança pelo seu aniversário.

- Eu já ganhei meu presente de aniversário ontem a noite... - ele deixou a frase incompleta.

- Claro... Mas aquele presente foi da *Isla* - provoquei, levando na brincadeira.

O conteúdo da caixinha foi revelado pelo último rasgo no papel.

- Uma lente? - ele pareceu surpreso.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Não... Na verdade, para um bom apreciador de café assim como eu, eu achei que esta seria a caneca perfeita para um fotógrafo.

- *That's amazing!* - ele pegou levemente em minha mão do outro lado da mesa. - Obrigado, Laila! Não precisava se preocupar.

- Não que eu faça questão de trazer a *queridinha* a esta conversa, mas fiquei curiosa: com o que ela te presenteou ontem?

- Devo assumir que a *queridinha* é a Isla?

- Por que? Você ganhou um presente de outra pessoa além dela?

- Bom... eu ganhei alguns brindes da minha cliente em Montevideú. Isso conta?

- Brindes?

- É... canetas, uma agenda, uma massagem, um *pen drive*...

- Massagem?! - rebati de pronto parecendo uma
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

namorada ciumenta. Somente no milissegundo seguinte à pergunta é que captei o tom irônico com que ele falava.

- Sim, mas não houve nenhuma outra intenção além de aliviar o estresse do trabalho. Foi uma massagem puramente *laboral*.

- Isso é o que eu chamo de cliente atenciosa!

- Também achei. Mas ela me garantiu que esta é uma tradição uruguaia. Eu só estranhei quando ela me disse que o costume era que a massagem fosse correspondida...

- Mas que bom samaritano! Você viaja até Montevideu, fecha um negócio lucrativo e ainda tem tempo de praticar a boa ação de aliviar a tensão de uma pobre trabalhadora...

Ele deu um pequeno sorriso.

- Você sabe que eu também achava que ela estaria tensa? Mas no fim das contas ela até que ficou bem relaxada...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Graças às suas mãos milagrosas! - soltei a frase com uma pequena dose de malícia.

- Você acha que foi por isso que ela fechou mais cinco novos contratos comigo?

- Nisso eu sou obrigada a discordar. Com certeza foi por conta do *slogan* belíssimo que você apresentou na reunião.

- *Touché!* - um sorriso largo se abriu. - Mas se realmente foi por conta do belíssimo *slogan*, isso significa que agora eu virei seu refém.

A garçonete interrompeu a nossa conversa, nos servindo os cafés.

Por mais que a conversa tivesse dado um giro completo, uma fagulha incômoda ainda ficou armazenada em um canto obscuro da minha memória. Tão logo a atendente se retirou, voltei à pergunta inicial.

- E a Isla? - perguntei sem rodeios

- Ah, sim! A *queridinha*. O que tem ela?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Com o que ela te presenteou?

- Nada demais, não. Era...

Uma luzinha de intuição se acendeu no mesmo espaço da minha mente que tinha acabado de ser desocupado pela tal fagulha incômoda anterior.

- Espera! Não me fale. Eu já sei o que foi o presente.

- Sabe? - ele tomou um gole do café.

- Sim. E você vai se surpreender agora com o meu dom de vidência.

- Se você acertar, amanhã nós jogamos na loteria.

Jogamos. Adorei a conjunção do verbo no plural.

- Um relógio de bolso.

Ele ficou genuinamente atônito.

PERIGOSAS ACHERON

- Se eu não tivesse aberto o presente só depois que entrei na minha cabine, eu poderia dizer que você estava me seguindo... Ou quem sabe você vai me dizer que além de adivinha, você também vê através das paredes?

Que serzinho mais desprezível essa Isla.
Apelando para aquela matéria ridícula da revista a fim de tentar agradá-lo.

- ... e então? Você vai me contar como adivinhou?

Pensando bem, aquele tinha sido um comentário irracional da minha parte. Será que ele já sabia a respeito da tal matéria? Tocar no assunto só o aborreceria.

- Quem revela a fonte é água mineral - me esvaí.

- Sério, Laila. Como você soube?

Apesar de usar um tom apaziguador, sua expressão revelava que ele havia passado da curiosidade à seriedade.

Chega de mentiras, Laila.

- Eu encontrei por acaso a Isla sentada no *cyber* café do navio. Eu queria checar meus e-mails e quando ela liberou o computador, ela havia deixado uma página aberta na internet com a sua foto...

Seus olhos se desviaram de mim em direção ao oceano.

- É claro...

- Desculpe Peter! Eu realmente não pretendia tocar nesse assunto, mas como você me perguntou...

- Está tudo bem. Eu já estou mesmo cansado de pessoas ao meu redor floreando as situações com a intenção de me poupar - ele voltou os olhos para mim: - E acredite, Laila, eu prefiro sempre a verdade.

Um silêncio palpável emergiu das profundezas.

Dei um gole longo no café, e permaneci com a xícara fumegante entre as mãos enquanto Peter

PERIGOSAS ACHERON

passava geleia em uma torrada.

- Você... leu? - a sua voz saiu despretensiosa, mas pude perceber uma certa ansiedade.

- Li.

Sem mentiras.

Ele assentiu de leve.

- Quando?

- Quando que eu li? - franzi o rosto, estranhando aquela pergunta. - Hoje de manhã, no *cyber* café, como eu disse há pouco.

Por um tempo ele não falou nada. Eu podia praticamente ver os pensamentos disparados na sua mente.

- Peter? - toquei de leve na mão dele, tirando-o do transe.

- Desculpe, Laila. É que... bem, eu achei que estaria livre desse pesadelo pelo menos durante esta

PERIGOSAS NACIONAIS

viagem. Eu já imaginava que a Isla tinha outras intenções, você sabe... ela também não fez questão de disfarçar.

- Mentira! - tentei soar dramática, mas, ao mesmo tempo, divertida. - Você não está me dizendo que aquela Isla estava tentando te seduzir esse tempo todo, está? Aqueles olhares atravessados dela em minha direção não eram estrabismo?

- Malditas revistas - ele descarregou, irritado. - Maldita Aurora!

- Calma, Peter - apaziguei. - Quanto à reportagem, é claro que eu percebi que a “talzinha-que-eu-prefiro-não-citar” mentiu a respeito de tudo que aconteceu entre vocês, mas deixa ela para lá. Hoje ela é só uma infeliz frustrada - tentei minimizar a questão com um leve aceno de mão - Por outro lado, a revista também colocou você como o cara mais desejado do país. Isso é tão ruim assim?

- Ruim? Eu diria que é péssimo. Talvez você

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

não tenha reparado, mas essa matéria já foi publicada há uns vinte dias. Desde então eu já tive que trocar o meu número de telefone, tive que aprender a separar mensagens sérias das besteiras que recebo diariamente na minha caixa de e-mail e até tive que fazer malabarismos um dia para deixar o estacionamento lá na empresa - ele expirou, agitado. - É horrível não saber exatamente em quem confiar, sabe? Até algumas pessoas que trabalham comigo me olham diferente às vezes. Eu inclusive já ouvi uns comentários impróprios que eu tenho certeza que não seriam feitos se não fossem essas malditas matérias.

- Matérias? No plural mesmo?

- Me faz um favor, Laila: nunca busque o meu nome na internet...

Percebi por sua expressão que aquele assunto realmente o atingia como um punhal no peito e portanto, resolvi me manter calada por um tempo, dando-lhe um certo espaço.

Ele finalmente rompeu o silêncio.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Depois de tudo o que aconteceu, a Aurora...

- “Aquela-que-preferimos-não-citar” - eu o interrompi com um pequeno sorriso.

- Isso... - ele sorriu de volta - bom, ela foi até o escritório várias vezes. Fez escândalos na recepção, ameaçou funcionários... certa vez chegou até a arrombar uma porta. Até hoje eu consegui evitá-la, apesar de ouvir os gritos dela pelos corredores até os seguranças virem retirá-la. Ela chorava, implorava, ia do arrependimento à raiva em um segundo - ele desviou o olhar novamente como se visualizasse a cena diante dele. - Passado umas semanas de calma, ela ligou lá no escritório e pediu para minha secretária me passar o endereço de um site. Era uma matéria intitulada “Lamentos e Constrangimentos” - algo assim - que citava certas loucuras que pessoas arrependidas estavam dispostas a fazer para recuperar o que perderam. Tinha um vídeo “daquela-que-não-citamos” picotando o próprio cabelo com uma tesoura; ela mantinha os olhos vidrados na câmera...

- Que louca... - não consegui conter as palavras

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

antes que elas me escapulissem.

- Justamente! Eu me questiono até hoje como eu não percebi esse nível de loucura nela antes! Quão cego eu estava?

Toquei novamente em sua mão, tentando confortá-lo.

- Isso pode acontecer com qualquer um, Peter. Quando a gente se apaixona, muitas coisas ficam ofuscadas. Só o tempo faz a realidade voltar ao foco. Isso é paixão. Agora, se depois de um certo tempo - quando você começa a enxergar as falhas do outro de maneira mais nítida - você ainda assim se sentir feliz ao lado dessa pessoa, isso significa que a paixão se tornou amor.

Ele ficou pensativo por um tempo.

- Pode ser. Mas quando eu analiso tudo em retrospecto eu percebo que aquilo que eu senti por ela não era nem paixão. Era mais uma atração estimulada por uma carência que eu nem sabia que tinha. Uma necessidade de fugir da rotina, talvez.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Percebi que o desabafo estava fazendo bem a ele. A sua expressão começava a se suavizar.

- Do sujeito carente ao homem solteiro mais cobiçado do país... Um belo salto, eu diria! - brinquei de forma desafiadora.

- ... segundo uma matéria totalmente baseada em mentiras, não se esqueça. Eu não sou nada daquilo.

- Ah, não me diga isso! Eu já estava achando que depois de te presentear com a caneca, você me retribuiria com um iate!

Surpreso, ele abriu os olhos e finalmente riu.

- Lamento decepcioná-la, mas é como dizem: crie pôneis malditos mas não crie expectativas. Eu ser generoso e *pensar* em pagar por este café da manhã, mas depois nós rachamos o almoço! - ele piscou um olho.

- Combinado! - complementei com entusiasmo, servindo-me de uma fatia generosa de bolo de chocolate.

PERIGOSAS ACHERON

- Sabe Laila... - ele retornou ao tom sério da conversa. - ... eu preciso te pedir desculpas.

- Nem precisa se desculpar. Nós podemos rachar o café da manhã também - ralhei.

- Puxa, que bom! Agora me sinto bem mais aliviado.

Rimos.

- Mas falando sério... eu te devo um pedido de desculpas porque não fui totalmente honesto com você.

Tive que conter o impulso de emendar ali mesmo um *“Eu também não fui totalmente honesta, Peter, mas o que eu sinto por você não poderia ser mais sincero. Vamos passar uma borracha e começar de novo a partir daqui”*.

Mas ele não parou para tomar fôlego e emendou minha sentença:

- ... como eu odeio mentiras, eu deveria ter contado toda essa história absurda das revistas e de
PERIGOSAS ACHERON

tudo que a Aurora aprontou depois que nós nos separamos...

Eu finalmente o interrompi:

- Peter, escute bem: você não tinha obrigação nenhuma de me contar tudo isso! A gente se conhece há tão pouco tempo... tem muitas coisas a seu respeito que eu ainda não sei e vice-versa. Nem dá para considerar isso como uma mentira! Talvez um descuido - isso, um descuido! Todo mundo conta uma mentirinha *light* de vez em quando, omite algumas informações ou então inventa uma coisinha boba sobre si mesmo. Isso é bem normal, não esquentar!

O discurso saiu em uma sequência de palavras frenéticas que no final da frase eu estava praticamente sem ar.

- Você pode chamar do que quiser, mas eu abomino qualquer tipo de mentira, engano, descuido ou omissões, como você mesma disse...

Enchi a boca com um brigadeiro para ver se o eco daquela frase sumiria com o barulho das
PERIGOSAS ACHERON

minhas mordidas.

Não adiantou.

Murmurei para Peter que estava satisfeita e no nervosismo, pedi licença alegando uma desculpa absurda como “preciso ir ao toalete para me *refrescar* antes de sairmos”.

Quando cheguei em frente ao espelho, eu estava tremendo.

Esqueci de todo trabalho que tinha tido para me maquiar pela manhã e joguei uma água no meu rosto na tentativa de acalmar o calafrio.

O Peter tinha tudo que eu mais sonhava em alguém: ele era gentil, bem-humorado, instigante e incrivelmente atraente aos meus olhos. Quando eu poderia imaginar que alguém como ele simplesmente *aconteceria* assim na minha vida sem qualquer sinal de alerta?

Lembrei de quando a Carol me disse que sete dias poderiam mudar toda uma vida. Agora eu tinha certeza de que isso era real, mas eu não fazia ideia

PERIGOSAS ACHERON

da encruzilhada que teria que enfrentar.

Se eu escolhesse o caminho da verdade, ainda assim haveria uma bifurcação no caminho.

Peter poderia ser compreensivo e entender que no início da viagem eu não tinha nenhuma pretensão a *nosso* respeito; que eu não fazia ideia do sentimento que ele despertaria em mim: o de estar perdidamente apaixonada. Peter perdoaria as bobagens que eu havia dito, nós riríamos da história engraçada do “começo do nosso relacionamento” e então passaríamos uma borracha naquilo tudo. Viraríamos a página, recomençariamos do zero, eu NUNCA MAIS mentiria para ele em toda minha vida e seríamos felizes para sempre.

Mas havia o outro lado da bifurcação do caminho da verdade. Peter perderia a confiança em mim. Se eu menti para ele desde a primeira palavra que eu havia lhe dirigido, como ele poderia acreditar que os meus sentimentos eram reais? Ele poderia inclusive achar que eu era mais uma mulher interesseira acionando o seu poder de sedução após ler a tal reportagem. E o pior que

PERIGOSAS NACIONAIS

tudo: quando ele olhasse para mim, ele poderia passar a enxergar o rosto da Aurora.

Sim, a Carol estava certa: sete dias poderiam mesmo mudar minha vida.

Ou eu seria a mulher mais feliz do mundo ou pagaria o mais alto preço que uma mentira pode cobrar, me tornando a pessoa mais arrependida a perambular pela face da Terra.

Mas essa encruzilhada apresentava outro rumo além do caminho da verdade. A segunda estrada era mais ampla e tentadora, porém dominada pela escuridão. Se eu resolvesse cruzá-la, eu poderia contar apenas com uma lanterna que produzia um palmo de facho de luz. Andar por essa via significava seguir a vida sem pensar nas consequências. Era aproveitar cada instante de felicidade plena enquanto o encanto durasse. Mas com a visão limitada, cada curva era uma nova incógnita. A situação poderia permanecer daquela maneira para sempre - quem poderia dizer? - ou então poderia ruir no desvio seguinte.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Por ora, até que o sonho daquela viagem chegasse ao fim, eu permaneceria no breu. Eu seguiria me locomovendo a passos lentos tentando adaptar os meus olhos à escuridão e atravessaria aquela ponte quando chegasse a hora.



Peter já estava em frente do caixa acertando a conta do café da manhã. Aproveitei o momento para tirar mais algumas fotos da cidade e quando me virei, presenciei o exato instante em que a garçonete anotava algo em um cartão que Peter ditava para ela.

O olhar da garçonete transbordava terceiras intenções.

Me aproximei e ouvi apenas o final da conversa:

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- *Okay*, pode deixar que eu faço, sim.

- Fazer o quê? - tentei não soar como uma adolescente ciumenta.

- Ah, nada demais... - Peter não se abalou. - A Kelly vai me passar uma pesquisa de satisfação para avaliação do atendimento.

- Avaliar o atendimento, é? - olhei diretamente nos enormes olhos verdes da *Kelly*. - Você quer que eu responda a pesquisa também?

- Não é necessário, obrigada. É uma pessoa por mesa - ela disse. - Até logo, voltem sempre!

- Vamos então, Laila?

Peter não percebeu a troca de olhares felina que ocorreu naquele pequeno intervalo. Ele posicionou a mão na parte inferior das minhas costas enquanto nos retirávamos.

Assim que chegamos ao elevador, falei distraída:

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Puxa! Eu esqueci o meu batom no banheiro! Você pode aguardar aqui um pouquinho? Eu já volto!

Retornei ao restaurante a passos largos e encontrei Kelly remexendo o cartão em suas mãos comentando empolgada com uma colega.

- ... quando eu perguntei “- *O senhor gostaria de mais alguma coisa?*”, e ele respondeu que já estava satisfeito, eu mandei logo de cara: “mas nem um café ou meu número de telefone?”

- Mentira! - a interlocutora esbravejou.

- Sério! Você tinha que ver o jeito encabulado dele, todo fofo! Era ele, o cara da revista! Eu tenho certeza!

Me posicionei sorrateiramente por trás dela antes que sua colega pudesse sinalizar a minha chegada e arranquei o cartão da sua mão em um movimento ligeiro.

Ela se virou com os olhos arregalados.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Pode reajustar o seu alvo para o segundo na linha de sucessão, *Kelly*. O número um já foi conquistado.

Me virei sem esperar resposta e me senti radiante enquanto rasgava o cartão em pedacinhos incontáveis.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 34

- Dia 7 -

Eu me esforcei mesmo. Cheguei a franzir a testa na tentativa de lembrar, mas sem sucesso.

Apesar de um clima abrasador que fazia com que a cidade parecesse a filial de um vulcão, uma brisa marinha agraciava o meu rosto enquanto pedalávamos a bicicleta dupla alugada. Já o sorriso largo e sincero que eu recebia eventualmente quando me virava para trás e via Peter acalentava o mais profundo da minha alma.

Exploramos os quatro cantos da cidade pelas faixas vermelhas das ciclovias. A cidade era vibrante e um turbilhão de turistas brotava a cada

PERIGOSAS NACIONAIS

esquina expressando-se nos mais diversos idiomas.

Almoçamos um saboroso Linguado à Espanhola seguido de um café.

Comemos churros na beira da praia, experimentamos o milho com manteiga artesanal e tomamos água de coco.

Pouco antes do fim da tarde, caminhamos de mãos dadas por um trapiche na costa norte: de um lado a mata Atlântica intocada, do outro, o mar azul batendo nas rochas.

Chegamos em uma rocha às margens da praia e Peter me estendeu uma mão, sentando-se e me dizendo um “- *Vem!*” quase sussurrado enquanto eu me aconcheguei nele, encostando minhas costas em seu peito, com seus braços me envolvendo.

No decorrer do dia, nossa conversa fluiu como se nos conhecêssemos há muito tempo. Falamos sobre família e amigos, sobre nós mesmos. Sobre tudo, sobre nada. Rimos juntos. Trocamos olhares estimulantes e provocamos um ao outro com brincadeiras típicas dos casais mais íntimos.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Contudo, sentados ali na pedra diante de um cenário cinematográfico, nada foi dito. Enquanto no céu a tonalidade azul dava lugar ao rosa e depois ao roxo, nós simplesmente ficamos com um silêncio reconfortante preenchendo os segundos.

E neste instante me dei conta da epifania: por mais que eu me esforçasse, eu não conseguia me lembrar de já ter vivido um dia que tivesse sido tão perfeito assim. Naquele momento eu soube que o meu mundo girou só para encontrá-lo.



O sol já havia se posto por trás dos arranha-céus da cidade quando retornamos ao navio para a nossa última noite a bordo.

- Posso vir buscar você aqui para jantarmos?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Estávamos em frente à minha cabine.

- Vou esperar por você ansiosamente - minha voz saiu melosa.

Ele se despediu com um beijo de leve.

Será que algum dia eu me acostumaria com o que eu sentia toda vez que ele se inclinava para me beijar?

- Até daqui a pouco então! - ele sussurrou com os lábios ainda encostados nos meus.

Fechei a porta e deixei o meu corpo se debulhar com a força da gravidade em cima da cama.

No dia seguinte eu desembarcaria exatamente no mesmo local do qual parti - no mesmo terminal, no mesmo porto.

Tudo igual, mas, ao mesmo tempo, completamente diferente.

Eu tinha mudado.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Meu coração agora batia em um novo compasso e as borboletas no meu estômago descobriram o que era abrir asas e voar.

O ar ao meu redor carregava um novo perfume e meus ouvidos captavam sons distantes de uma música conhecida...

♪ *Wouldn't it be nice if we were older...* ♪

Meu celular tremia em cima do balcão.

- Carol! - atendi empolgada.

Antes da resposta, ouvi o grito da Carol do outro lado da linha:

- David, pode mandar suspender as buscas! Ela está viva!

- E como estou, Carolzita! Muito mais viva do que nunca!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Você está doida, é Laila? Eu entendo que você está de férias e tudo o mais, mas isso não justifica sumir do planeta! Eu fiquei realmente preocupada.

- Desculpe, é que eu realmente me esqueci do celular por esses dias... - minha cabeça afofava o travesseiro. - Ai, Carol! Tanta coisa aconteceu que eu não sei nem por onde começar a contar.

- Já posso até imaginar do que você está falando...

- Você se lembra quando me disse que uma vida inteira pode mudar em uma semana?

- U-hum...

- Pois bem. A julgar por essa sua boca santa, você pode começar a desejar que um milhão de reais caia no meu colo porque foi exatamente isso que aconteceu.

- Não! Esse seu tom de voz está me deixando preocupada, Laila... Você não vai me dizer que...

- Eu estou apaixonada, Carol.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Laila! - o seu tom era de repreensão, como se eu tivesse atravessado a rua enquanto um caminhão vinha a toda velocidade para cima de mim.

- Sabe quando você fecha os olhos e só consegue enxergar um rosto, como se ele estivesse tatuado nas pálpebras?

- Laila...

- Sabe quando o cheiro de alguém se torna um vício?

- Espera aí... Você não tinha inventado um monte de coisas a seu respeito para esse cara?

- Sim, mas...

- ... e até onde eu tinha entendido, você não pretendia ter nada sério com ele. Você disse que ele era lindo e tudo mais, mas que vocês eram completamente opostos.

- Eu disse isso? - franzi as sobrancelhas confusa.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Com todas as letras.

Voltei ao mundo dos suspiros

- Bem... tudo o que eu sei é que eu me sinto muito afortunada do universo por beijar o homem mais cobiçado do país, sabe?

- Eu já entendi que você está apaixonada, jabuti. O tal cara pode até ser o mais desejado do navio, mas do *país* já é um certo exagero...

Ri idiota para o meu próprio reflexo no espelho.

- E se eu te falar que não é exagero?

- Eu diria que agora eu entendo quando dizem que o palco é o melhor afrodisíaco. Mas você já ouviu a expressão “peixe grande em um aquário pequeno”? Ele pode até parecer um peixão porque no navio ele é “o cara”, mas aqui no mundo real a vida não acontece em cima de um palco.

- Do que você está falando?

- Ué, você não disse que o tal Daniel era...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Nããão! Não, não, não! - balancei a cabeça como se a Carol pudesse ver a minha repulsa. - Eu não estou falando do Daniel! Aliás, eu não contei o que aconteceu com ele...

- De quem você está falando então, criatura?

- Do Peter... - minha voz melosa ressurgiu.

- Peter? O cara que desembarcou em Montevideú?

- Pois é... ele não desceu. Ele voltou para mim.



Passei quase uma hora no telefone com a Carol relatando os últimos acontecimentos e ouvindo os seus milhares de conselhos.

Ela não apenas se mostrou entusiasmada pela

PERIGOSAS ACHERON

descoberta de um novo sentimento dentro de mim como também foi bastante enfática ao insistir que eu abrisse o jogo de uma vez com Peter, já que, seu eu queria viver um futuro ao lado dele, eu não teria como escapar dessa conversa cedo ou tarde. “- ... *e considerando o histórico de relacionamentos dele, é infinitamente melhor que seja cedo do que tarde!*” - ela disse.

Em uma teoria pura e racional, tudo o que ela me disse fazia completo sentido. Fale isso, explique aquilo e pronto - está feito! A decisão estaria então nas mãos dele.

Contudo, antes mesmo de desligar o telefone, eu já pensava em uma forma de minimizar o meu problema. Eu podia contar parte da verdade aos poucos, levando o meu discurso na informalidade.

“- *Acho que preciso esclarecer algo com você, Peter. Sabe aquela empresa multinacional que eu mencionei? Então... na verdade eu apenas trabalhava lá exercendo um cargo de chefia, sabe? Desculpe dizer só agora, mas eu não senti a necessidade de esmiuçar o meu emprego para*

alguém que até então era um desconhecido, né? Achei melhor simplificar, mas agora você sabe!”

“- Ah, e você sabe o quanto eu sou apaixonada por livros, né? Pois então... todas aquelas ‘viagens’ que eu disse ter feito na verdade foram através dos livros. Vai me dizer que você nunca ouviu a frase ‘a leitura me leva aonde meus pés não podem me levar’?”

“- O quê? Minha idade? Ora, mas que mulher não mente a própria idade?”

Até nadadora profissional eu inventei que tinha sido, embora eu tivesse certeza de que Peter não tinha acreditado nisso por um segundo.

Uma batida na porta me tirou dos devaneios. Ainda faltavam quinze minutos para o horário que combinamos de nos encontrar e eu ainda não tinha finalizado minha maquiagem. Mesmo assim, um friozinho gostoso de expectativa passou pelo meu corpo.

Calcei rapidamente as sandálias e abri a porta com um sorriso largo no rosto. A fala “- *Só vou*
PERIGOSAS ACHERON

precisar de mais uns minutinhos!” estava prestes a sair da minha boca quando vi que não era Peter quem batia.

Era Daniel.

Ele ainda mantinha todo o esplendor de sua beleza, apesar de agora aparentar certas olheiras no rosto. Contudo, senti uma espécie de prazer momentâneo ao constatar que todo o seu charme e sorriso esbranquiçado já não me causavam nenhum efeito exceto uma inquietação para que ele saísse dali antes de Peter chegar.

- Podemos conversar um minutinho, Laila?

- Não posso. Eu estou ocupadíssima agora - comecei a fechar a porta - portanto, se você me der licença...

- Eu vou ser rápido, prometo...

Ele forçou a reabertura da porta e entrou na cabine sem aguardar o convite. Larguei a porta de leve para mantê-la entreaberta, mas o seu peso fez com que ela se fechasse aos poucos.

PERIGOSAS NACIONAIS

- Não temos nada para conversar, Daniel. Qualquer que seja o assunto, seja muito breve porque eu tenho literalmente só um minuto.

- Irei direto ao ponto, então. Acho que ficou uma situação meio chata desde a última vez que a gente conversou e você não me deixou explicar o que de fato aconteceu.

- Daniel, entenda: você não precisa me explicar nada. Eu *não quero* entender nada.

- Poxa, gatinha. O que aconteceu entre nós foi breve, mas é inegável que rolou uma química bacana entre nós! Você não pode negar isso!

- Até um tomate de feira orgânica tem mais química que a gente, Daniel.

Ele fingiu não ouvir.

- Eu percebo o quanto você fica agitada comigo do seu lado, Laila - ele se aproximou, fazendo-me recuar até ficar imobilizada contra a parede. - E se a gente passasse uma borracha no que aconteceu e eu deixasse o cruzeiro de vez com você amanhã? Eu

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

estou disposto a largar tudo por você! Meu emprego, meu prestígio, tudo! Nós podemos construir uma vida baita interessante juntos.

Ele passou os dedos nos meus cabelos.

- Saia daqui agora mesmo, Daniel!

Minhas mãos tocaram seu peito e tentaram empurrá-lo para longe, mas ele não se moveu nem por um centímetro.

- Pensa só, bem gata? Eu e você juntinhos, formando uma família...

- Isso é praga? - esbravejei.

- Você pode me ensinar tudo a respeito da sua empresa e eu posso ser o seu braço direito nos negócios. Podemos passar os finais de semana na sua casa de praia, andar de mãos dadas pelo oceano... Podemos planejar viagens...

Santa ilusão! - pensei.

- Daniel... - tentei controlar a voz para sair

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

calma e paciente. - Ou você sai daqui agora mesmo ou eu aperto o botão de emergência.

Ele finalmente deu dois passos para trás.

- Me diz o que você quer de mim, Laila! Eu faço qualquer coisa. Eu... eu me apaixonei por você.

- Você se apaixonou por mim? - não consegui conter uma risada ruidosa. - Assim como você se apaixonou pela tal dançarina de burlesco também? Como é mesmo o nome dela...?

Os seus olhos se tornaram foscos no mesmo instante.

- A Tina? O que você sabe sobre ela? O que foi que ela te disse?

- Nem se dê ao trabalho de explicar. Eu já sei de tudo.

- Como assim “*você sabe de tudo*”? - ele parecia fora de si. - Você por acaso sabe também que a Tina tem uma obsessão maníaca por mim?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Sabe que ela é uma psicopata que...

Eu o interrompi.

- O que eu sei é que você é um mentiroso. Eu sei sobre o e-mail de chantagem que você enviou para o comandante do navio. Sei sobre o cantor filipino...

Um vulto de cólera cruzou o seu semblante.

- Espera aí... você está me dizendo que... - suas pupilas cresceram subitamente - ... você teve algo a ver com o que aconteceu lá no teatro?

- Eu? Imagina... Uma reles garota trouxa e ingênua jamais teria capacidade de articular algo assim - estufei o peito com um ar desafiador.

- Eu não acredito nisso! - ele começou a andar nervosamente em círculos. - Isso tudo foi por ciúmes, Laila? Ciúmes da Tina?

Meus olhos reviraram. O seu egocentrismo não permitia que ele enxergasse o óbvio.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Você é mesmo tão presunçoso a ponto de não *cogitar* a ideia de que alguém *não* acha você assim tão irresistível? Pois se eu preciso ser ainda mais clara, leia os meus lábios: SUMA DA MINHA FRENTE. Eu já perdi tempo demais com alguém tão de menos.

Testemunhei sua fisionomia passar da decepção à presunção até enfim transformar-se em humilhação.

Ele engoliu em seco e sem acrescentar qualquer outra palavra, se virou batendo a porta com um furor que ecoou pelos corredores.



Toc-toc.

Meu coração ainda batia acelerado no peito.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Daniel merecia os frutos que estava colhendo, afinal de contas, tudo era apenas consequência da sua prepotência, desonestidade e claro, de suas... mentiras.

Toc-toc.

Mas assim como uma agulha cutucando a pele sensível debaixo da unha, um pensamento atormentava minha mente: o quão diferente eu era de Daniel?

O meu coração queria recusar essa comparação, mas a razão era insistente: o que de fato diferia Daniel de mim?

A resposta era simples e trazia uma semelhança implacável: ele viu uma oportunidade e resolveu tirar vantagem da situação. De que forma? Mentindo.

Se tinha sido intencional ou não, isso pouco importava.

Eu precisava pôr um fim nessa tortura de uma vez por todas.

PERIGOSAS ACHERON

TOC-TOC-TOC.

- Laila... você está aí?

Era ele. O meu bote salva-vidas em meio àquele mar de tormentas.

Abri a porta antes de me dar conta de que eu estava descabelada, descalça e com a maquiagem ainda por fazer, mas o sorriso que ele abriu ao me ver parecia expor cinquenta dentes.

- Uau!

E eis aí a cerne do problema.

Bastava uma troca de olhares para eu me lembrar que naquele bote talvez houvesse apenas um colete salva-vidas.

Capítulo 35

- Dia 7 -

Peter estava recostado na cabeceira da minha cama remexendo um travesseiro enquanto eu finalizava a maquiagem.

- Adivinhe com quem eu me deparei pelo corredor agora há pouco? - ele puxou conversa.

- Quem? - perguntei sem pensar enquanto passava o delineador.

- Com aquele seu amigo, o cantor.

- Com o... o... Daniel? - minha mão tremeu em um traço alvoroçado pela pálpebra.

PERIGOSAS NACIONAIS

- Pois é. Ele parecia furioso. Estava apressado, pisando forte e soltando fogo pelos olhos.

Peguei uma bola de algodão para desfazer o rabisco no olho enquanto balbuciava um “- *É mesmo?*” que deveria soar indiferente.

- Por acaso era daqui que ele estava saindo?

Peter foi direto ao ponto, me pegando desprevenida. Em uma decisão de milissegundo, meus instintos me levaram a novamente optar pela via mais fácil.

- Não. Por que a pergunta?

- Por nada em especial. Eu só pensei que depois daquele dia...

- Qual sapato você acha que combina melhor com esse vestido?

Eu o interrompi na óbvia tentativa de desviar o assunto.

Pareceu funcionar - seus olhos se suavizaram.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Nós já chegamos nessa fase em que eu dou a minha opinião sobre o que você deve vestir?

- Acredito que o elemento surpresa já foi para o ralo no instante em que eu abri a porta para você sem maquiagem.

- E eu acredito já ter deixado claro o quanto eu gostei de você não estar usando batom no momento em que eu cheguei, né?

Um riso involuntário tomou conta do meu rosto com a lembrança.

- O preto - ele apontou para a sandália na minha mão.

Levei um tempo até me lembrar do que ele estava falando.

Vesti o calçado, finalizei o rímel e passei um blush rosado.

Deixei o batom de lado.

PERIGOSAS ACHERON



Peter trazia em mãos a garrafa de vinho que ganhamos no concurso de casais. Quando entramos no elevador e ele apertou o andar do convés, percebi que ele tinha outros planos para o jantar.

- Ué, nós não vamos ao restaurante?

- Não se preocupe que o jantar está garantido, dona faminta. Mas hoje nós não jantaremos no restaurante - ele soou misterioso.

Atravessamos o convés até a escada caracol que eu já estava tão familiarizada. Ao chegarmos ao topo, mal consegui conter a vibração de fogos de artifício que sentia por dentro.

O lugar estava decorado por um varal de luzes redondas que revelavam um ambiente intimista. Uma mesa posta e ornada por guardanapos delicados, duas taças e um singelo vaso de flores ao centro.

PERIGOSAS NACIONAIS

Olhei fascinada para Peter enquanto ele afastava uma cadeira para eu me sentar.

Um garçom já aguardava a nossa chegada.

- Boa noite senhores - ele fez uma pequena mesura enquanto nos estendia os cardápios e recolhia a garrafa das mãos de Peter. - Eu retornarei em breve para recolher os seus pedidos.

Os meus olhos brilhavam mais do que a letra “D” do navio.

- Espero que você tenha gostado da surpresa. Para mim, este lugar aqui é meio que *nosso*, sabe?

Uma vibração transpassou o meu corpo, reagindo ao toque de sua mão sobre a minha.

- Nada no mundo poderia ser mais perfeito - assenti.

Seus olhos encontram os meus. Sustentamos o olhar por um instante.

- Bom... vamos escolher os nossos pratos?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

O menu dessa vez veio em inglês e eu compreendia apenas o básico: *meat, chicken, fish* e *pasta*.

- Que prato você sugere para harmonizar com aquele vinho que ganhamos ontem?

- Como assim? Que prato *eu* sugiro? - indaguei, perdida.

- Claro! Você deve ter aprendido a fazer essas combinações no curso de *sommelier* do *Chateau*, não?

Então era por isso que minha mãe dizia que quem fala a verdade não precisa ter boa memória! Eu tinha me esquecido completamente dessa história!

Declaro aberto o processo de desconstrução da Laila mítica em 3, 2, 1...!

- Bem, Peter, na verdade...

- Não seja modesta, Laila! - ele me interrompeu. - Eu conheço a reputação do Chateau;
PERIGOSAS ACHERON

sei que é um curso bem concorrido. E como eu não entendo nada a respeito de vinhos, estou disposto a acatar qualquer sugestão sua!

- Você realmente não entende nada do assunto?

- Absolutamente nada, desculpe. Mas prometo aprender para podermos discutir o assunto nos nossos jantares futuros.

Ele me deu uma piscada e eu aquiesci com um ar de inteligente.

Nota mental: me matricular em um curso de vinhos pela internet.

- Bem... o vinho em questão é um tinto seco frutado elaborado com uvas roxas envelhecidas naturalmente. Tem aroma adocicado de mascavo e amoras silvestres com um retrogosto de castanhas tostadas das montanhas nevadas da Sicília. Certeza de que ele harmonizará perfeitamente com este *chicken* aqui - aponte para o menu, soando intelectual.

Peter abriu uma risada.

- Você não está falando sério, está?

- Para falar a verdade, não! - admiti, sorrindo. -
Eu nem vi o tal rótulo da garrafa!

“Para falar a verdade”.

Eu realmente não tinha sequer olhado para a garrafa, mas a verdade *verdadeira* era que nem se eu o tivesse lido atentamente teria feito qualquer diferença.

- E pensar que há uma semana eu vim para este cruzeiro com o único intuito de me preparar para uma reunião com um cliente... - ele divagou. -
Naquele momento eu só esperava conseguir me concentrar no trabalho sem qualquer distração ou interferência externa.

- Muito prazer - estendi a mão para ele. -
“Interferência Externa”.

Ele aceitou minha mão e a manteve na sua.

- Você pode até ter sido uma interferência externa mesmo, mas definitivamente não é só uma
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

distração.

- Não sou? - provoqueei, incentivando-o a continuar falando.

- Não. Você também é aquela garota toda cheia de atitude da fila de embarque.

Parecia que meses haviam se passado desde aquele dia.

- Uma militante dos direitos iguais, você quer dizer.

- Claro - ele ponderou por um instante antes de acrescentar. - E se eu dissesse para você que só consegui que nos preparassem este jantar especial por ser um cliente Safira, o que você diria?

Suas sobrancelhas se ergueram em um desafio.

- Eu diria que para nós, militantes, é primordial saber escolher bem as nossas batalhas.

Um risinho leve sinalizou em seu rosto.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- ... e eu também diria que independente de você ser um cliente Safira, Esmeralda ou Pedrapomes, você conseguiria convencer qualquer um só com esse sorriso atraente e lindos olhos azuis...

As palavras me escaparam antes que eu pudesse freá-las. Era a primeira vez que eu lhe dirigia um elogio tão direto.

Ele, que ainda segurava a minha mão em cima da mesa, pressionou-a de leve em um movimento que me convidava a me levantar da mesa. Então, ele se aproximou de mim e, colocando suas mãos em volta da minha cintura, me beijou tão uma forma tão apaixonada que não percebemos quando o garçom se aproximou e serviu o vinho.

Ao final do jantar, a última coisa que sabíamos era o gosto da refeição servida ou das tais castanhas tostadas das montanhas nevadas.

Tínhamos um sabor muito melhor nos lábios.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



Deitados em uma espreguiçadeira, meus dedos deslizavam por entre os fios dos seus cabelos ondulados em um cafuné.

Uma música acústica tocava acima das conversas vibrantes dos passageiros ao redor que tentavam usufruir de cada segundo restante a bordo do Diamond.

Meus pensamentos, contudo, estavam no amanhã quando seríamos expulsos daquele mundo de ilusão e arremessados de volta à realidade.

Como se lesse a minha mente, Peter interrompeu o silêncio:

- Sabe, Laila... - ele fez uma pausa, medindo as próximas palavras - ... a minha admiração por você foi crescendo a cada dia, e como eu disse antes, para mim você não é só uma distração.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Senti uma onda de amor pulsar dentro de mim que, de uma maneira inexplicável, consegui controlar.

- Nem você para mim, Peter - murmurei.

- E amanhã saímos daqui.

- Sim... - assenti com a cabeça.

Ele se sentou na cadeira, fixando os olhos em mim.

- Eu já deveria ter perguntado isso antes, mas como eu sei da pessoa sincera e transparente que você é, eu suponho já saber a resposta...

Sincera e transparente. Engoli em seco.

Senti minhas bochechas corarem enquanto eu lutava para não desviar o olhar.

- Antes daqui... você estava envolvida com alguém?

Ah, era isso!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Senti um alívio momentâneo. Esta era uma resposta fácil em que eu poderia ser totalmente honesta.

- Não, não existe ninguém - respondi firme.

Ele parece hesitar.

- Nem aquele aspirante a cantor?

- O Daniel? Não! Por que a pergunta agora?- rebati na defensiva, me esforçando para disfarçar o tremor que transpassou em meu corpo.

- É que alguns dias atrás você parecia tão animada com algo que ele te presenteou... Fez questão de encontrá-lo na boate e depois ainda desceu com ele em Montevideú, que eu pensei...

- Bem... talvez no início do cruzeiro eu tenha entrado com a mentalidade de me deixar levar pela maré e...

- Sim... eu sei. Você chegou a considerá-lo uma participação especial na sua carreira solo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Eu quis me esbofetear.

- Nunca existiu esse negócio de participação especial, Peter. Eu nem sei porque eu disse isso.

- Então nunca houve nada entre vocês?

Me lembrei dos flertes e do beijo que Daniel me deu na volta de Montevideu e no quanto isso já não significava absolutamente nada para mim.

- Não. - respondi.

Seus olhos se suavizaram.

Ele voltou a deitar novamente a cabeça na espreguiçadeira.

- Você sabe praticamente tudo sobre mim, mas eu não sabia nada a seu respeito neste quesito. Você entende que eu precisava perguntar, né?

Um peso quase palpável tomou conta de mim.

- Eu... eu terminei um namoro recentemente.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Não minta mais, Laila.

- ... quer dizer, foi uma decisão mútua...

Mútua?

- ... ou melhor dizendo, ele terminou comigo.
Mas eu concordei com as razões dele.

Tudo bem... aceitável.

- Faz muito tempo? - Peter tinha o rosto virado para as estrelas.

- Não, mas para mim já parece uma eternidade - respondi evasiva.

Não era bem uma *eternidaade*, mas convenhamos que enquanto o Léo virava a página eu já estava lendo outro livro.

Peter deu um sorriso vago que não chegou aos seus olhos.

- Quanto tempo exatamente?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Isso realmente importa? Eu nem tenho qualquer intenção de vê-lo novamente. Aliás, se eu ganhasse um real cada vez que eu pensei nele nesse cruzeiro... bem, aí neste caso eu começaria a pensar nele!

- Eu não me importaria se não estivesse percebendo que você está hesitando em responder a uma pergunta tão simples.

“Três meses” poderia ser um tempo aceitável para não deixar dúvidas de que eu já tinha esquecido o meu ex e estava apta a recomeçar minha vida amorosa. Este era também um período perfeitamente justificável para que ele não me enxergasse como alguém volúvel, que pulava de um relacionamento para outro em questão de poucos dias.

- Laila?

A voz dele me trouxe de volta. Observei-o de modo idiota por alguns segundos ouvindo as engrenagens na minha cabeça operarem em carga máxima.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Duas semanas - me rendi finalmente, dando de ombros como se lhe pedisse desculpas.

Ele assentiu sem nenhum vestígio de julgamento.

- E você realmente não sente mais nada por ele?

Ri em meio a um suspiro.

- Como isso seria possível se todo o sentimento dentro de mim já está preenchido por você, Peter?

Levei um susto diante daquela ousada declaração que saiu desgovernada dos meus lábios.

Eu não pretendia constranger ou pressionar Peter, mas eu já não me sentia no controle de mim mesma.

Com o rosto formigando, desviei os olhos em direção ao céu com a respiração curta e entrecortada. Fechei os olhos - eu não conseguiria voltar a encará-lo.

Meu corpo inteiro reagiu com um tremor

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

quando senti o calor do seu toque roçar a minha pele, puxando-me para mais perto.

Ele acariciou lentamente cada contorno do meu rosto. O nariz, as bochechas, o queixo, os lábios.

Me entreguei à sensação de seu toque até que também ergui minha mão, deslizando-a devagar por toda a extensão da sua barba por fazer.

Nenhum de nós disse nada, embora as palavras “eu te amo” queimassem dentro de mim, desesperadas para serem ditas.

Era um sentimento tão óbvio, tão gritante.

Então o beijo que se seguiu fez com que de repente, todos os livros de romance que eu já tinha lido enfim fizessem sentido.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 36

- Dia 8 -

- Tenham um bom retorno!

- Esperamos revê-los em breve!

- Até a próxima!

Os membros da tripulação expressavam saudações de despedida enquanto nos dirigíamos à área de desembarque.

Na noite anterior, Peter e eu combinamos de sairmos juntos, contudo tudo o que aconteceria dali por diante não havia sido planejado.

Peter já estava na cafeteria quando cheguei e
PERIGOSAS ACHERON

pude observar ainda de longe dois copos de café na bancada à sua frente.

Ele estava em uma ligação telefônica que, a julgar pela sua feição, parecia ser importante. Contrastando com a postura corporativa, ele vestia uma calça de moletom e uma camiseta de malha. O cabelo estava molhado e a barba por fazer valorizava a linha do seu maxilar, destacando os lábios vermelhos que pareciam ter sido minuciosamente desenhados.

Eu mal podia acreditar na minha sorte.

Reparei quando Peter mudou o semblante circunspecto ao notar a minha presença, tornando-se repentinamente mais animado.

- ... Toni, me desculpe interrompê-lo, mas eu vou ter que retornar a ligação mais tarde, *okay*? A princípio você pode prosseguir com essa ideia, mas depois eu ainda quero discorrer sobre a abordagem no mercado.

Eles trocaram rápidas palavras de despedida.

PERIGOSAS NACIONAIS

- Desculpe, Peter... Eu vi que você estava ocupado. Eu não queria atrapalhar.

- Ocupado ou não, o topo da minha lista de prioridades está bem aqui na minha frente.

Ainda sentado, ele se aproximou e me deu um beijo rápido e firme.

- Ahh! Então ele é *gay*?

Uma voz jovial surgiu por trás de mim.

Era Ariadne - a garota oferecida do dia em que dividimos a mesa no café da manhã.

Ela seguiu em direção a saída da cafeteria, lançando-me apenas um olhar provocativo.

- É impressão minha ou ela falou “então ele é *gay*”? - Peter franziu a testa.

Fiz uma careta confusa, como se tivesse acabado de ver o ser mais esquisito pela face da Terra.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Pelo que entendi, ela disse “Até a próxima *vez*”. Garota estranha!

Ele deu de ombros rejeitando a questão e eu tratei de mudar de assunto.

- Eu vou buscar um último café para a gente beber antes de desembarcarmos. Você gosta do seu café com açúcar, com leite, com creme...?

- Com você. Só isso já basta. - ele rebateu de imediato, substituindo qualquer necessidade de cafeína para aquecer o meu corpo.



Quando saímos do navio, nos deparamos com uma infinidade de malas posicionadas no chão do saguão. Elas estavam dispostas conforme as cores de uma etiqueta específica que eles haviam distribuído nos quartos na noite anterior.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Peter seguiu para o lado onde estavam as verdes enquanto eu perambulava pelo corredor das amarelas.

Eu não conseguia deixar de pensar em como seria o nosso relacionamento dali por diante. A partir de agora não estaríamos mais protegidos pelo encanto que havia por detrás de uma viagem; agora tudo seria vida real, dia a dia.

Eu ainda tinha minhas questões internas para lidar e colocá-las em seu devido lugar, mas eu já estava convencida de que eu apenas precisaria de uma noite tranquila em casa para traçar o meu plano de ação.

Uma noite sozinha com os meus pensamentos, sem qualquer distração.

Avistei minha distração vindo em minha direção com sua mala e um envelope em mãos.

- Uma coisa bem estranha acabou de acontecer
- ele tinha as sobrancelhas levemente arqueadas -
Um rapaz se aproximou de mim e me perguntou se eu era o “marido” que tinha vencido o concurso de
PERIGOSAS ACHERON

casais.

- Que célebre! Ele também pediu um autógrafo, uma *selfie*?

- Não... Ele só me entregou isso daqui e saiu sem dizer mais nada. Ele disse que aqui havia um prêmio extra que eles esqueceram de entregar.

Ele me estendeu o envelope branco com um timbrado azul-marinho da Precious Line.

Um sorriso involuntário de curiosidade se alargou em meu rosto.

- Posso? - questionei, sinalizando se podia rasgar o envelope.

- *Go ahead.*

Enquanto eu analisava a melhor forma de abrir o envelope sem que o conteúdo fosse comprometido, Peter continuou:

- Por sinal, o sujeito era meio esquisito.

PERIGOSAS NACIONAIS

- Esquisito como? - perguntei com o dedo indicador lutando contra a cola seca na lateral do envelope.

- Um tipo meio autoconfiante... Tinha um cabelo moicano todo descolorido...

Minha antena de radar detectou o perigo iminente.

- Você tem certeza de que ele era um tripulante?

Peter pensou por um instante.

- Na verdade, não. Ele não estava uniformizado, parecia meio desleixado. Mas ele me deu esse envelope timbrado, então deve trabalhar no navio mesmo.

Ou não. Minhas suspeitas apontavam para o platinado amigo do Daniel e isso não podia ser um bom sinal.

- Acho melhor a gente se livrar disso - decretei.

PERIGOSAS ACHERON

- Como assim?

- Você nunca ouviu falar daqueles ataques terroristas de envelopes com antraz?

- Imagine, Laila! Quem poderia querer o nosso mal? - ele tirou o envelope da minha mão e o rasgou em um movimento rápido.

Como uma cena de filme em câmera lenta, vi quando o seu olhar mudou da animação para um abatimento.

Sem dizer nada, ele direcionou o conteúdo do envelope em minha direção.

Era uma foto.

A foto de Daniel me beijando no retorno ao navio em Montevideú.

Antes que eu começasse a gaguejar qualquer coisa, Peter falou de maneira contida, dando-me o benefício da dúvida:

- Se isso é uma montagem, foi muito bem-

feita...

A reticência ficou explícita de que ele aguardava a minha resposta.

Será que eu conseguiria desenvolver essa desculpa de alguma forma? O mais provável era que eu nunca mais fosse ouvir falar de Daniel na minha vida, o que significava que ele jamais poderia desmentir a questão.

- Bem... é que...

Meu coração deu um salto inexplicável. Eu nunca tive problemas em mentir. Eu conseguia reverter uma situação convencendo as pessoas com tanta facilidade que às vezes enganava até a mim mesma.

Mas não. Ele não merecia mais uma mentira.

- Não é montagem - admiti finalmente.

Nos segundos que se seguiram, percebi uma nova expressão no rosto de Peter que ainda me era desconhecida.

Decepção.

- Não é? - ele piscou várias vezes como se quisesse espantar os pensamentos.

- Quero dizer, o beijo. Ele realmente aconteceu - comecei a me justificar, pisando em ovos - mas foi roubado, Peter. E isso daqui não significou absolutamente nada para mim, eu juro!

Ele ficou em silêncio observando atentamente a foto em minhas mãos.

Meus olhos de repente se iluminaram:

- Dá só uma olhada na minha mão! - ergui a foto até o nível dos seus olhos, apontando a prova da minha inocência - Você vê que a minha mão está toda espalmada? Eu fui pega de surpresa, não tive tempo de impedir.

Fucei rapidamente na minha bolsa e peguei a foto que ele havia me presenteado. A nossa primeira foto juntos.

- Dá só uma olhada *nessa* foto aqui. Repare na
PERIGOSAS ACHERON

minha alegria genuína, no meu sorriso fácil ao seu lado, Peter. Isso sim é verdadeiro!

Sua expressão se suavizou.

- É claro que eu não me sinto *confortável* em ver essa foto, Laila, mas eu acredito em você. Roubado ou não, eu sei que neste dia você nem imaginava que eu voltaria a bordo...

Senti um soluço se aproximar e fechar a minha garganta.

- Obrigada por acreditar em mim, Peter. Eu juro que isso daqui realmente não significou nada.

- Venha cá.

Ele me aninhou em seus braços.

- Eu acredito em você, mas eu gostaria que você tivesse se sentido confortável em me contar isso antes. Ontem a noite mesmo nós conversamos sobre este assunto e você não disse nada.

- Você tem razão, me desculpe... - murmurei.

PERIGOSAS NACIONAIS

Ficamos abraçados em silêncio por mais um momento antes de nos afastarmos.

- No futuro eu gostaria que você sentisse segura em compartilhar qualquer coisa comigo, Laila. Eu não gosto de ser pego desprevenido... você entende o que eu quero dizer, né?

O momento havia chegado. Agora que estávamos em terra firme, a vida ilusória e romântica a bordo acabara e as palavras de Peter rugiram como uma sentença em meus ouvidos: “*Fale agora!*”.

Dos olhos dele eu via um afeto que me contraiu o peito.

Que sorte a minha poder me aconchegar em seu abraço e finalmente sentir que pertencia a alguém.

Que azar o meu por ter feito as escolhas erradas desde o princípio, não lhe mostrando o meu verdadeiro eu (apesar de que somente agora eu me dava conta de que o meu *eu* verdadeiro só tinha despertado ao seu lado).

PERIGOSAS ACHERON

Embora fosse um tremendo ato de egoísmo de minha parte, eu precisava desesperadamente de um beijo para estimular minha coragem para uma confissão.

Aproximei os meus lábios aos dele até sentir o calor de sua respiração. Fiquei ali por alguns segundos e o beijei como se não houvesse mais ninguém ao nosso redor.

O efeito foi o reverso: a coragem começava a se distanciar.

Vamos lá, Laila! Você consegue!

- Sabe... - ele disse baixinho com o rosto ainda próximo. - Eu até consigo compreender o sujeito que me mandou essa foto, sabe? - havia um meio sorriso irresistível no canto de sua boca. - O cara deve estar se torturando porque não vai mais receber os seus beijos, já que agora eles tem um dono.

Vai, Laila! Abra essa boca já!

- ... e eu espero que você sinta mesmo, porque

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

para mim, isso que nós vivemos não foi algo para durar só uma semana...

Ai, céus...

Eu estava perdida.

- Então... você aceita me ter ao seu lado... para sempre?

E com isso, a felicidade tomou conta de todo o meu ser, desintegrando em partículas qualquer resquício de coragem.

E para lhe fazer companhia, todo o meu bom senso também acabou brutalmente aniquilado com requintes de crueldade.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 37

- Pela primeira vez na vida, eu sinto como se estivesse rendida a alguém, Carol. E se isso significa estar apaixonada, então é isso. Estou apaixonada.

A Carol estava em choque. Ela nunca tinha me ouvido dizer aquelas palavras.

Minha confissão vinha após Peter me acompanhar de táxi até a frente do prédio da Carol, uma hora atrás.

No momento em que nos despedimos, eu não tinha necessariamente esclarecido que o tal conjunto residencial tão elegante *não era* de fato o lugar onde eu morava, mas eu também não disse que era. Tecnicamente não havia nenhuma mentira, PERIGOSAS ACHERON

apenas uma omissão de fatos.

O fato é que eu não queria mais mentir para ele.

Tudo o que eu tinha inventado antes desta resolução seriam resolvidas de uma forma criativa - depois disso, mentiras nunca mais.

E a noite anterior ao desembarque me serviu para traçar um plano:

* Eu faria absolutamente TUDO que estivesse ao meu alcance para conseguir a vaga de emprego na i9. Eu poderia até me sacrificar financeiramente e oferecer os meus serviços de *graça* por alguns meses para ter minha qualidade testada e aprovada. E uma vez que eu tivesse a vaga nas mãos, ah... eu dedicaria o meu sangue durante o horário de trabalho e seria a melhor funcionária já vista;

* Para Peter, eu diria que há tempos eu já não me sentia satisfeita na minha profissão tão exigente e que eu tinha decidido mudar de ramo. Argumentaria de que a vida é muito curta para se trabalhar infeliz e blá, blá, blá. O meu desafio seria o de soar convincente o bastante para que ele

PERIGOSAS ACHERON

acreditasse que o meu sonho de vida profissional era trabalhar no setor financeiro de uma multinacional;

* Quanto ao auxílio de meus conhecimentos na área de importação, eu já havia me convencido a recorrer à presunçosa da Agatha. Eu me disporia a aprender tudo o que fosse necessário para dominar o tema e como troca, lhe daria o negócio de Peter de mão beijada. Se ela tinha condições de prosperar nesta área, o assunto certamente não era tão difícil assim para se dominar em pouco tempo.

Com a mente resolvida, eu agora me encontrava estirada no sofá da Carol, bombardeando-a com meus suspiros esganiçados. Eu tinha plena ciência do tanto que o papo de uma pessoa apaixonada era enfadonho - eu mesma já não tinha paciência de ouvir amigas desfalecerem pelos cantos por tanto amor - mas agora eu finalmente entendia o motivo das pessoas serem tão repetitivas. A cada cinco palavras que saiam da minha boca, todas eram Peter.

- Peter, Peter, Peter...

PERIGOSAS NACIONAIS

- Eita Lalá... eu nunca vi você desse jeito! Mas eu confesso que sinto um pouco de aflição. Vocês tiveram, tipo, “a” conversa sobre como serão as coisas entre vocês daqui por diante?

A extensão do sorriso em meu rosto era um reflexo do que havia no meu peito.

- Então... hoje de manhã mesmo ele me pediu em namoro!

- Bom... pelo menos ele é um cara esperto e não deixou alguém como você passar!

- Sabe do que eu acabo de me dar conta? O solteirão mais cobiçado do país acaba de perder a coroa! Preciso lembrar de dizer isso para ele.

- Vamos soltar em todas as mídias agora: Garotas; tirem a maquiagem, desçam de seus saltos. Nós já temos uma ganhadora!

A Carol levantou o meu braço como se tivesse acabado de vencer uma corrida de Fórmula Um.

- Ah, mas como eu queria ver a cara daquela

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Isla agora! Ela ficava se jogando em cima dele; todos os movimentos dela eram articulados com base na tal reportagem! Ah, mas se aquela oferecida entrar em contato com ele novamente eu vou fazer questão de...

A Carol me interrompeu.

- Se o Peter só tem olhos para você, esqueça quem está de olho nele, Lalá. É pura perda de tempo.

Ponderei por um instante.

- Talvez você tenha razão, mas é que ela me olhava atravessado, como se eu fosse uma poeirinha incômoda no vestido Chanel dela, sabe? Eu não tenho como não imaginar ela abismada dando com a cara no chão, sabe? Se bem que aquele lábio todo preenchido amorteceria bem a queda.

Uma mensagem apitou em meu celular.

PERIGOSAS ACHERON

<Peter> - Eu tava aqui pensando... Que tal uma sessão de hidromassagem agora lá no convés?
;)

- Nem precisa dizer nada. Está estampado na sua cara que é mensagem do tal *Peter*.

Enquanto a Carol falava, digitei a resposta.

<Laila> É normal já sentir saudades?

- É ele sim, já todo saudoso de... - parei bruscamente. - Espera aí... por que o tom hostil?

- Tom hostil?

- “*O tal Peter*”? - repeti, exagerando na entonação.

- Desculpe, não foi minha intenção. É só que,

PERIGOSAS NACIONAIS

até eu conhecer o *tal Peter* pessoalmente, eu prefiro manter o pé atrás.

- Você está duvidando do meu senso de julgamento?

Outro bipe soou no meu celular.

- Você há de convir que há pouco tempo você proferia maravilhas a respeito do tal Daniel, e nós sabemos bem como essa história terminou...

<Peter> Se é normal, eu não sei. O que eu sei é que vou ter que me acostumar a sentir saudades sempre que você não estiver do meu lado.

Suspirei - não da forma tradicional com que uma pessoa solta o ar, mas daquele jeito único e exclusivo das garotas apaixonadas.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

<Peter> Mas como vício se cura aos poucos para amenizar a abstinência, que tal se eu te buscasse hoje a noite para jantarmos juntos?

- Eu espero de todo o coração que o *tal de Peter* seja mesmo tão especial quanto você merece, Laila. Desculpe se o meu senso protetor de melhor amiga te soa um pouco incrédulo, mas eu só quero ter certeza de que ele não te fará sofrer. Que não vai te enganar ou ainda, mentir para você.

Engoli em seco.

- ... e sim - ela continuou falando - essa é a minha maneira de formalmente requisitar um encontro entre nós quatro! E eu vou sabatinar tanto esse tal de Peter que nós vamos ficar sabendo até dos detalhes da vida passada dele.

Sorri meio sem jeito.

- Claro! Vamos só deixar passar alguns poucos dias e então a gente marca um jantar.

PERIGOSAS ACHERON

Por mais empolgada e tagarela que eu estivesse, eu não comentei nada a respeito das minhas invenções à Peter.

Eu já tinha o plano inteiro traçado para fazer os erros do meu passado evaporarem. A última coisa que eu precisava agora era ouvir a Carol me enchendo a cabeça com ideias absurdas do tipo... *“conte a verdade”*.



A questão é que, naquele momento imediato, eu tinha um problema momentâneo a resolver.

Houve um momento constrangedor a bordo em que Isla se aproximou de Peter e eu durante o jantar e ele teve que retirar-se brevemente por um motivo qualquer. Quando ficamos apenas nós duas, ela começou a se gabar do fato de que estava viajando naquele momento para fugir de uma grande reforma que ela estava fazendo em sua mansão

PERIGOSAS NACIONAIS

(sim, ela usou a palavra *mansão*!). Minha boca não resistiu e acabou se desvinculando do cérebro ao largar algo totalmente impensado, mas que no momento pareceu fazer sentido: eu lhe disse que morava em um *home resort* com móveis tão novos que ainda exalavam o perfume da madeira de sândalo.

... e que eu era vizinha de porta do Jota Sales, o ator famoso...

... e que de vez em quando nós dávamos boas risadas com a forma com que os nossos cachorros brincavam no *pet care* do condomínio.

Pois é. Fui longe para não ficar por baixo.

O problema é que eu não percebi a aproximação de Peter no instante em que eu lhe dizia tudo isso, e o meu senso de julgamento não foi capaz de detectar o quanto ele havia escutado da conversa.

Agora Peter vinha me buscar para o jantar e eu ponderava as minhas opções:

PERIGOSAS ACHERON

Número 1: A verdade: Ele testemunhar o prédio de fachada descascada e sem elevador no qual eu vivia em um apartamento decorado com móveis de compensado MDF;

Número 2: Mentira descarada: Com a desculpa de não fazê-lo esperar, eu lhe diria que o aguardaria na portaria do condomínio e então, caminharia até o “Oasis Home Club” que ficava próximo da minha casa.

Número 3: Endividando-me: Diante de um surto feminista, eu ressaltaria que *eu* é quem o buscaria em casa (“*Onde já se viu o homem ter a obrigação antiquada de vir buscar a namorada em casa?*”). Porém neste caso eu teria que, além de arrumar um carro, também dividir a conta no final da noite.

- Toma aqui, Laila.

A Carol me estendeu uma calculadora.

- Para que isso?

- Com essa cara confusa, você só pode estar no
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

meio de um cálculo matemático complicadíssimo.

Deixei o meu corpo resvalar sobre o sofá.

- Eu estou tentando mesmo resolver um problema... - divaguei.

- Eu posso te ajudar?

Era isso!

- Você poderia me emprestar aquele vestido azul-marinho de renda para eu usar hoje à noite?

- Claro! - ela respondeu empolgada. - Deixa eu já separar para que você não esqueça de levar...

- ... e por falar em vestido, eu nem te mostrei o vestido lindo que ganhei do Peter, né? Ai Carol, a verdade é que eu ainda tenho tantas coisas para te contar que eu acho que ficarei por aqui até que a gente coloque toda conversa em dia. Que tal?

- Tudo bem... mas você não quer mesmo dar um pulo até a sua casa para ajeitar suas coisas e...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Eu a ignorei propositalmente.

- ... fora os zilhões de fotos que eu tenho para te mostrar, Carolzita! Tenho que te falar sobre as cidades, a comida, o teatro... - enumerei os assuntos nos dedos até jogar as mãos para o alto em rendição. - Quer saber? Está decidido! Depois do jantar eu volto para cá e a gente papeia até dormir!

Ela me lançou um olhar atravessado, meio desconfiada, meio confusa.

Estendi o objeto em sua direção.

- Calculadora?



A noite começou com o pé direito.

Literalmente.

PERIGOSAS ACHERON

Assim que o interfone tocou e o zelador do prédio anunciou que “- *O senhor Peter aguarda a senhorita Laila no hall de entrada*”, me levantei do sofá em um salto.

- Calma, Lailita! Você está parecendo a adolescente que ficava do lado do telefone esperando o Alex do terceiro ano ligar!

Ignorei o comentário enquanto, em saltos desequilibrados, eu afivelava um pé da sandália, pegava a bolsa e me dirigia ao corredor - tudo ao mesmo tempo.

Ansiosa, não quis aguardar até que o elevador descesse do salão de festas. Corri para as escadarias e voei entre os lances de escada até o térreo.

Sim, voei - e não foi no sentido figurado.

A porta de segurança das escadarias se escancarou diante do meu desequilíbrio e eu fui ao chão, tendo Peter de testemunha à minha frente.

Se eu procurasse no dicionário a descrição da palavra “contraste” eu encontraria aquela cena. No
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

canto esquerdo do ringue, um Peter cheiroso, recém-barbeado com suas feições angulosas, cabelos alinhados, vestindo uma camisa azul elegante, um jeans de caimento perfeito e um paletó casual, versus eu - manca do calcanhar retorcido, cabelos alvoroçados fora do coque, gotas de um suor oleoso pela testa e a meia-calça com um rasgo na perna direita.

Diante do trapo humano que eu me encontrava, um suspiro choroso saiu da minha boca.

O tornozelo certamente sararia mais rápido que o meu ego humilhado.

Peter se aproximou, me levantando em seus braços firmes.

- Sabe que eu também estava morrendo de pressa para te ver de novo?

Ele me deu um beijo cheio de saudades, enquanto afagava minhas costas.

A adolescente de sentimentos explosivos e coração descompassado voltou com tudo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 38

O céu estrelado e sem nuvens parece um bom presságio para a noite adiante.

Assim que nos reencontramos, Peter me conduz até o seu carro dizendo que tinha preparado uma surpresa para mim. Eu geralmente não me dou bem com a palavra “surpresa” - minha curiosidade acaba tomando conta de mim a ponto de eu não conseguir mais pensar em nada depois disso.

Quando eu estava prestes a lhe dizer que, em se tratando de uma surpresa ele deveria me poupar da tortura psicológica e deixar para revelá-la apenas no último instante, chegamos ao estacionamento. Nessa hora, um reconhecimento ainda mais curioso do que a tal surpresa me tira do

foco: Peter pressiona o botão de alarme e um memorável carro esportivo de tom alaranjado berrante e vidros em fumê se abre. A placa? Um sugestivo “OPS”.

Compartilho com Peter a história do dia em que ele me encharcou com uma poça d'água no meio da estrada. Exagero um pouco nos lamentos, é claro, ciente de que quanto mais eu valorizasse os efeitos psicológicos negativos que aquela experiência havia me gerado, maior seriam as bajulações e agrados extras que viriam.

No fim das contas, rimos. Rimos muito.

Paramos diante de uma casa com amplas janelas em estilo clássico, de onde convidativas luzes amarelas reluzem de seu interior. A ideia de não estar vestida de maneira apropriada a um local tão elegante me intimida por um momento.

Peter então, aperta um botão e os suntuosos portões do casarão se abrem mediante o seu comando.

- Welcome home - ele diz.

Um leve sorriso se abre em seus lábios enquanto subimos por um caminho perfeitamente ladrilhado.

Eu não compreendia tudo de inglês, mas definitivamente sabia o significado daquela frase: “Bem-vinda à minha casa”.

Tento controlar minhas emoções até Peter abrir a porta, quando então todo o meu deslumbre passa a ficar mais evidente.

Tudo parece cinematográfico - a sala moderna e acolhedora é uma perfeita combinação de quadros, tapetes e mobília vistos como se tivesse sido extraída da capa de alguma revista de decoração sofisticada.

- Fique à vontade, Laila! Depois eu te apresento a casa, mas antes, eu tenho uma surpresa.

Ele venda os meus olhos com suas mãos e me conduz a passos vagarosos pela casa.

Percebo uma ansiedade quase infantil em sua voz quando ele finalmente revela os meus olhos à cena.

- O que você acha?

Pisco repetidas vezes até recuperar a visão. Diante de mim há uma mesa posta com flores, velas, vinho e uma tábua com frios e canapés. No momento seguinte, Peter já está segurando a cadeira à minha frente em um convite para eu me sentar.

Neste instante me dou conta de que já não preciso fazer qualquer esforço para me sentir plena, completa e feliz. Toda vez que eu estou ao lado de Peter, isso simplesmente acontece.

- Depois de vários dias comendo refeições de um restaurante, hoje eu fiz questão de preparar algo caseiro para nós! - ele diz, empolgado.

Ele nos serve então de um vinho branco, ergue a taça e faz uma saudação:

- Bem-vinda a bordo do meu navio, maruja!

Após o primeiro gole, ele se aproxima e me beija brevemente nos lábios. Levanta-se e em seguida um som agradável de jazz inunda o ambiente.

Ele reaparece instantes depois com um avental com os dizeres “I cook as good as I look”. E os dizeres lhe faziam perfeito jus - ele estava de fato lindo. Seus olhos por detrás dos óculos lhe conferem um ar intelectual, mas o seu sorriso aberto quebra qualquer ar de sobriedade.

- Posso ajudar em algo? - questiono, fazendo menção de me levantar da cadeira.

- Hoje você é minha convidada e não deve fazer nada além de me conceder o prazer de sua companhia.

Tudo entre nós flui de forma fácil, natural. Os diálogos, o flerte, as risadas....

Eu me sentia tão livre ao seu lado! Por mais irônico que fosse, eu não precisava fingir ser alguém que não era para ser aceita por ele. Eu podia ser eu mesma e só.

- Só tem um “porém”, Laila: em troca desse jantar eu quero muito experimentar aquele carpaccio de palmito e camarão que você disse ser sua especialidade!

A frase me arranca de minha ilusão momentânea.

Sim, ao seu lado eu podia ser eu mesma... exceto pelas mentiras que eu já havia contado.

Eu não sabia o que era “carpaccio”, mas a palavra me soara tão sofisticada na ocasião...

E em que momento eu tinha inventado isso? Sim, foi quando Peter mencionou que apesar de todos os seus defeitos, a Aurora sabia cozinhar bem. Não querendo ficar para trás, me tornei uma chef francesa de um instante para o outro - praticamente uma estudante de gastronomia da Cordon Bleu.

Assinto com um meio sorriso. Por ele, eu aprenderia qualquer coisa. Desde importação até como arrancar a cabeça de um camarão.



Após jantarmos, fomos até uma sacada externa com uma vista deslumbrante da cidade iluminada ao fundo.

Uma leve brisa faz com que Peter ligue um aquecedor que reproduz calor e uma meia luz agradável, típica de uma lareira.

Nos sentamos lado a lado em um sofá confortável - o braço dele despretensiosamente pousa por cima dos meus ombros.

Partilhamos histórias engraçadas, gargalhamos, falamos sobre momentos embaraçosos do passado. A conversa flui até que, entre o som de uma risada e outra, as palavras simplesmente cessam e o silêncio faz os nossos olhos se encontrarem. Um silêncio que faz calar todo o barulho dentro de mim.

Em uma espécie de magnetismo incontrolável, um beijo nos une.

Maravilhosos minutos se passar até nossos lábios se afastarem.

Quando volto a abrir os olhos, eu testemunho o exato instante em que perco o controle de mim mesma: a respiração está curta, a pulsação incontrolada, o coração inchado dentro do peito.

Começo a desabotoar lentamente sua camisa até sentir o toque da sua pele macia.

Quase sem que eu perceba, ele abaixa o zíper do meu vestido enquanto mantém os olhos fixos nos meus.

Em meio ao barulho das labaredas, ouço quando apenas um sussurro sai meio trêmulo de seus lábios:

- Ah, Laila...

~~

Estamos abraçados no sofá sentindo aquele calor de pele com pele nos aquecendo, recuperando-nos do que tinha acabado de acontecer.

Eu nunca havia me sentido tão desejada e ao mesmo tempo, nunca tinha desejado alguém com tamanha intensidade a ponto de sacolejar cada fibra do meu ser.

Ali, abraçados em silêncio e sentindo o vento me roçar a pele, eu finalmente descubro como é a sensação de pertencimento. Era como se eu tivesse encontrado alguém que também me procurava.

Capítulo 39

Enquanto a água morna do chuveiro escorria devagar pelos meus ombros, meus pensamentos fervilhavam.

Por um lado, eu tinha a certeza de nunca ter me sentido tão completa. Cada fibra do meu ser esbravejava aquele sentimento transbordante que havia tomada conta de mim. Mas em contraste a isso, acuado em um cantinho escuro e apertado da minha alma havia uma centelha de tristeza causado pela dúvida torturante: esse sentimento poderia perdurar pelo “eterno” que eu sonhava?

O momento de colocar a casa em ordem havia chegado.

Logo cedo, dei uma *stalkeada* na Agatha na
PERIGOSAS ACHERON

internet: entre milhares de fotos ostentadoras e *selfies* nada condizentes ao seu perfil profissional, enfim encontrei o endereço da tal empresa insuportavelmente nomeada “The Cat Importações”. The cat = A gata = Agatha.

Reunindo todas as minhas forças, mirei no objetivo final. Se para ajudar Peter era necessário me despir de meu orgulho e implorar pela ajuda dela, era exatamente isso que eu faria.

Vesti minha melhor roupa executiva - uma camiseta de gola alta branca com botões de pérola, uma saia lápis cinza e um sapato agulha preto e pratiquei uma feição gentil (e ao mesmo tempo humilde) na frente do espelho.

O discurso já estava pronto e repleto de entrelinhas que eu já sabia exatamente como soaria em seus ouvidos: “*Desde a última vez que nos vimos eu fiquei pensando muito em você* (‘eu sou mesmo inesquecível’), *no seu tino para os negócios e notório êxito empresarial* (‘sim, eu venci na vida’), *apesar de que - tenho que admitir - desde o colégio todos já sabíamos que você se destacaria*

PERIGOSAS NACIONAIS

na vida ('que todos os seres inferiores morram de inveja'), *já que além da sua óbvia beleza* ('pura genética, queridinha - não está à venda'), *você sempre demonstrou uma capacidade de liderança* ('de fato eu era a garota mais popular do colégio') e *muito carisma* ('eu fascino todos que cruzam o meu caminho, inclusive você que está aqui diante de mim admitindo o quanto eu sou inesquecível, vitoriosa, superior...').

Com a moral nas alturas, eu enfim daria a minha cartada final: inventaria que estava cursando um MBA em Administração de Empresas, o qual nos propunha analisar o *case* empresarial que considerávamos de maior sucesso da atualidade - que - evidente, claro, óbvio, como não? - era a empresa dela! Eu me disporia então a trabalhar sem qualquer remuneração durante um período, me submetendo às suas ordens e decisões sem questionar - tal qual uma verdadeira subordinada. Eu traria até o seu café quentinho todas as manhãs.

Saí de casa confiante de que tudo isso seria tentador o suficiente para que ela aceitasse a minha proposta.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Seguindo o endereço, cheguei até um imponente prédio comercial espelhado que refletia as nuvens no céu.

- Boa tarde! - me dirigi à recepcionista. - Você poderia me informar o andar da The Cat Importações?

Segurei a revirada de olhos.

A recepcionista me lançou um olhar curioso:

- Desculpe, você é...?

- Ah, perdão. O meu nome é Laila e eu vim aqui para falar com a Aga... com a *senhora* Agatha.

Ela soltou uma risada fungada. Havia uma nítida satisfação em seus olhos.

- Você trouxe biscoitos amanteigados? Porque se hoje for dia de visitas na cadeia, eu imagino que ela queira variar um pouco o cardápio, já que tem um paladar tão sofisticado.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Senti meu coração batendo na garganta.

- Cadeia?!? - minha voz saiu esganiçada.

Os olhos da recepcionista entregavam que poderia perfeitamente fazer parte do clube “Odiadores da Agatha Primata”.

- Sim, moça! A Agatha está pre-sa! En-car-cei-ra-da. Vendo o sol nascer quadrado!

Ela dizia cada frase como se saboreasse seu doce favorito.

- Mas o que aconteceu?

Ela curvou seu corpo para frente na mesa e começou a destrinchar com ar de confidência.

- A polícia veio buscá-la ontem, fizeram o maior *auê*! Ela foi presa por fraude e sonegação de impostos.

- Nossa... - eu estava boquiaberta. - Quando eu encontrei ela há poucos dias ela me pareceu tão bem! Importava produtos, vivia viajando para o

PERIGOSAS ACHERON

exterior a negócios...

- Ela importava sim. Viajava mesmo... mas talvez ela tenha omitido que o exterior na verdade era o Paraguai e que em vez de contêineres, as importações vinham acondicionadas em sacolões?

- Nããão! - respondi, incrédula.

A Agatha... sacoleira do Paraguai?

- Sim! Pensa só: o juiz exigiu uma fiança de trinta mil reais para que ela responda o processo em liberdade, mas até o momento ninguém se apresentou para tirá-la de lá.

- Mas ela me disse que tinha uma quantidade enorme de caras atrás dela... Será que nenhum deles pode ajudá-la?

A recepcionista deu uma gargalhada solta:

- Só quem andava atrás dela eram cobradores e agiotas, moça! A mando dela, eu mesma tive que enrolar um monte de gente e dizer que a dondoca estava de férias nas Maldivas.

Uma faísca se acendeu de repente\;

- Mas espera aí... A Agatha não morava em uma cobertura de frente para o mar?

- Bom, ao menos nisso ela não mentiu...

- Então como ela não tem dinheiro para...

Ela não deixou eu terminar de falar e me interrompeu com um sorriso zombeteiro:

- Segundo a reportagem que eu li há pouco, ela alugava um puxadinho de laje, o que tecnicamente era a cobertura de uma casa... E o locador do imóvel, o senhor Omar, morava no mesmo terreno. Ou seja: ela morava...?

- ... de frente para o Omar! - completei a lacuna.

Naquela altura, a minha esperança de conseguir uma ajuda por parte da Agatha já tinham oficialmente ruído.

Relembrando todo o *bullying* que ela me fizera

sofrer no passado, eu não pude conter a minha curiosidade crescente.

- ... e o motorista da Mercedes... Ficou sem emprego? - questionei, já aguardando uma resposta disparatada.

- Nada! Ele continua pleno e trabalhando onde sempre esteve: no ônibus municipal.

Diante do meu rosto franzido, ela arremeteu:

- Mercedes... Benz, moça.



Apesar do tiquinho de prazer que senti diante da justiça do “aqui se faz, aqui se paga”, o zumbido na minha consciência ficou mais alto, assegurando-me que meu teto era frágil tal como cristal.

Com o plano inicial fracassado, eu tinha que me

reinventar.

Enquanto tomava um café, uma ideia me veio à mente. A princípio eu tentei expulsá-la do pensamento, repudiei a mim mesma, me condenei pelo simples ato de considerá-la. Contudo, depois de cogitar infindáveis possibilidades, cheguei à conclusão de que esta era a melhor saída. Daria um fim à tudo de uma vez só, porém implicaria em ter que mentir para Peter por-absolutamente-tudo-que-fosse-mais-sagrado-amém última vez.

Eu lhe diria que a Agatha - minha sócia responsável pelos processos de importação - havia tido problemas pessoais com a justiça os quais lhe forçaram a deixar a empresa de imediato. Eu continuaria a história falando que sua saída repentina havia me provocado um choque tão grande que eu tinha chegado à conclusão de que o melhor seria destituir da empresa. “*Mas não se preocupe, Peter!*” - eu tocaria de leve a sua mão e com um sorriso, o acalmaria de sua genuína preocupação comigo: “- *Diante do ocorrido, eu acabei de aceitar uma proposta de emprego em uma renomada multinacional que me ofereceu um*

cargo e salário bastante aceitável”.

Arremataria com: *“E por favor, Peter. Esse assunto já me causou muita angústia e eu não gostaria de falar mais a respeito. Vida nova!”.*

The end: assunto resolvido e encerrado.

Decidi atravessar essa ponte quando chegasse a hora.

Por hora, só me restava garantir a vaga na i9.

Capítulo 40

- Boa tarde!

Bastou eu entrar na elegante recepção da i9 para que a minha postura, meus gestos e até minha forma de falar assumissem o papel de uma executiva segura, confiante e totalmente pertencente àquele lugar.

- Boa tarde... Iris! - espiei rapidamente o nome no crachá para soar mais simpática. - Eu sou a Laila e eu tenho um horário agendado com a Jennifer.

- Ah sim, Laila! Você veio para a entrevista, certo?

- Certo.

- Só um instante, por gentileza.

Ela pegou o telefone e fez uma ligação silenciosa.

Tive a impressão de que ela já sabia que “a” Laila viria para uma entrevista. Talvez até já tivessem comentado internamente a respeito do meu currículo tão apropriado à vaga.

Uma mulher elegante de meia idade saiu da porta de vidro já trazendo uma mão estendida em minha direção.

- Boa tarde, Laila. Muito prazer. Eu sou a Jennifer, do departamento de Recursos Humanos.

- Ah, sim! O prazer é todo meu.

- Você pode me acompanhar?

- Certamente! - tentei soar uma profissional autoconfiante.

Ela me conduziu à uma sala ampla e iluminada de cores vibrantes que lhe conferiam um ar

moderno. Passamos por ambientes onde funcionários pareciam absortos em suas estações de trabalho. A seguir, cruzamos uma área designada de “Relax & Enjoy”, onde pessoas riam descontraídas em uma sala repleta de espreguiçadeiras coloridas.

A versão personagem-executiva de mim se entusiasmou diante daquele cenário e já se permitiu visualizar quão maravilhoso seria trabalhar em uma atmosfera tão agradável todos os dias.

- ... Já me adianto em lhe pedir desculpas, Laila. Aqui nós prezamos muito a questão da pontualidade, mas como o nosso diretor precisou se ausentar, as coisas ficaram um pouco sobrecarregadas. Ainda assim ele faz questão de conduzir todas as entrevistas. Espero que você entenda.

Entrevistas? Assim mesmo, no plural?

- Compreendo, claro - assenti educadamente. - E... bem, desculpe a pergunta, mas são muitos candidatos à vaga? - arrisquei um tom jovial,

PERIGOSAS NACIONAIS

simulando uma cumplicidade que, obviamente, era inexistente entre nós.

Ela não respondeu de imediato e aguardou que virássemos o corredor para responder.

- Hoje não. Só você e mais estas seis candidatas
- ela apontou para uma cadeira ao lado das minhas concorrentes.

Assim que Jennifer se retirou, as seis mulheres me analisaram da cabeça aos pés sem qualquer discriminação. A aparente conclusão unânime foi de que eu não valia mais do que dois segundos da atenção delas, já que não apresentava nenhum risco.

Já eu, me senti intimidada com a oposição: unhas perfeitamente pintadas, cabelos perfeitamente alinhados, maquiagens perfeitamente feitas, trajes perfeitamente elegantes e posturas perfeitamente eretas.

Por mais confiante que eu tentasse parecer, aquelas mulheres pareciam invencíveis aos meus olhos.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Com licença! - todos os olhos se ergueram para a Jennifer. - Novamente, eu gostaria de pedir desculpas pelo pequeno atraso, mas as entrevistas começarão a seguir.

Todas as enfileiradas acenaram com a cabeça, soltando um risinho compreensivo. Apesar da estética, todas nós ali estávamos no mesmo pé de igualdade e disputávamos uma - e apenas uma - vaga de emprego.

E ninguém ali precisava mais daquela vaga do que eu.

Mesmo que eu não me encaixasse no perfil delas, ainda assim eles tinham me chamado para uma entrevista, certo?

Eu tinha supervalorizado um pouco o meu currículo, mas quem nunca? Eu podia apostar que era por detrás daquela compostura refinada que elas camuflavam sua falta de eficiência.

Era isso! No meio da minha entrevista eu soltaria algo como “*eu me dedico tanto ao trabalho que muitas vezes coloco as questões mais* PERIGOSAS ACHERON

superficiais da vida em segundo plano. Como funcionária, eu dedico todo o meu tempo no cumprimento das tarefas que me são delegadas, e acredito que eficiência vale muito mais do que pensamentos pequenos e futilidades estéticas, o senhor não concorda?”. A ideia era fazer com que o entrevistador repensasse as demais candidatas e o deixasse um tanto desconfortável em contratá-las com base nas aparências.

- Puxa, vou acabar me atrasando para outro compromisso - queixou-se em voz alta a Maquiagem de Boneca de Cera.

- Se quiser desistir da vaga, nós agradecemos - retrucou Unha Decorada com um toque de humor.

- A vaga é o de menos. O que eu não perderia jamais é a chance de fazer essa entrevista... se é que você me entende!

As enfileiradas assentiram com um sorriso de cumplicidade.

- Ô, se entendo! - acrescentou Peruca Defrisada com um sorriso malicioso.

PERIGOSAS NACIONAIS

- Vou ter que aplicar toda a minha capacidade de concentração! Imagina só ficar alguns minutos diante daqueles olhos azuis...

Então era isso! Elas tinham uma paixão platônica pelo entrevistador.

Como eu estava imune a esse tipo de atração, eu poderia tirar alguma vantagem na situação e usar a fraqueza delas a meu favor.

- O cara é um verdadeiro deus grego!

- Deus Grego, não.... Um Lorde Inglês!

Uma físgada cruzou o meu peito enquanto elas davam risadinhas contidas.

- ... e nós podemos nos considerar privilegiadas! Eu ouvi dizer que o número de candidatas aqui na i9 cresceu em oitenta por cento depois daquela matéria na Cooltura

Olhos azuis. Inglês. Matéria na revista.

PERIGOSAS ACHERON

Não podia ser...!

Antes que eu tivesse tempo de reagir àquelas informações, a porta diante de nós se abriu revelando o belo e fascinante diretor.

- Boa tarde! Desculpem o atraso! O meu nome é... Laila?!?

Ele ficou momentaneamente confuso.

- Laila? - algumas candidatas repetiram o meu nome em uníssono.

- Me perdoem novamente... - emendou Peter enquanto me estendia a mão. - Eu precisarei de mais alguns minutos e já retorno com vocês.

Em meio à 99,99% de pavor, houve espaço para 0,01% de satisfação ao observar a fileira geométrica de queixos desabados.



PERIGOSAS NACIONAIS

Peter fechou a porta atrás de nós e me puxou pela cintura, sentando-se na beirada da sua mesa. Sua boca se prolongou por um instante mais em um beijo afetuoso antes de falar:

- Que surpresa boa você vir até aqui na empresa me ver!

- É... é... eu vim ver você mesmo, acho.

- Um tanto inesperada, eu tenho que admitir, mas, ainda assim, maravilhosa! Eu gostaria de te mostrar tudo por aqui, mas hoje está uma confusão...

Ali estava a minha deixa.

- Tudo bem, tudo bem... - disfarcei. - Eu percebi mesmo, e não quero incomodar! Eu só queria te dar um beijo, mas já vou indo...

- A Jennifer deve ter confundido você com uma das candidatas a uma vaga que temos em aberto! Vamos corrigir esse mal entendido já! Assim, da próxima vez ela já...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Tudo estava acontecendo tão rápido que eu não consegui calcular meus próximos passos.

- NÃO! - gritei em um reflexo. - Quer dizer, não precisa incomodá-la, Peter! Foi um erro legítimo.

Mas ele já tinha apertado um botão no telefone o qual foi atendido de pronto.

- Pois não, senhor Jones?

- Jennifer, você pode vir até a minha sala, por favor?

- Claro!

Ele desligou o botão e eu subitamente soube o que tinha que fazer: eu trouxe o seu corpo junto ao meu e lhe dei o beijo mais apaixonado da minha vida.

Como se fosse o último.

- Nossa! - ele pareceu arrebatado. - Quer saber? Dane-se as entrevistas! - seus olhos estavam quase

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

fechados em um sorriso, mas deixavam claro que ele estava encenando aquela possibilidade. - Assim que eu terminar isso daqui, eu vou imediatamente até você... Afinal de contas, mesmo atolado de coisas você sabe muito bem quem está no topo das minhas prioridades, não é?

- Ah, como eu te amo Peter... - murmurei com os lábios grudados nos dele, precisando externar aquele sentimento de qualquer forma.

A batida na porta a seguir decretou a minha sentença.

- Pois não, senhor Jones?

- Ah, sim... Jennifer, entre. Eu quero te apresentar a Laila.

Um sorriso torto e confuso surgiu em seu rosto.

- Sim, eu mesma a recepcionei. Nós já nos conhecemos, não é, Laila?

Fiquei muda.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Sim, mas você não a conhece de verdade...

Jennifer encarou aquela tentativa de explicação de Peter como uma desonra à sua eficiência.

- Conheço sim! Eu mesma liguei para ela há uma semana para agendarmos a entrevista - ela ergueu sua prancheta e emendou: - A Laila não pôde vir na primeira semana porque tinha uma viagem programada, mas ela teve excelentes recomendações do antigo empregador.

Era a vez de Peter parecer confuso.

- Espera aí, Jennifer... Você deve estar confundindo as pessoas. Talvez haja *outra* Laila ali fora aguardando, porque esta daqui é...

- Laila Leila Lins? - ela, por fim, decretou.

Todo o peso da derrota estava nas minhas costas, deixando a minha culpa evidente.

A expressão anuviada de Peter fez a minha garganta se comprimir em um nó.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ele sabia que eu era uma fraude.

- Obrigado Jennifer, isso é tudo.

Uma Jennifer claramente embaraçada deixou a sala.

- Muito bem - ele levou a mão ao queixo. - O que exatamente está acontecendo aqui, Laila?

Ele ainda me concedia o direito de me explicar. Mas como explicar o inexplicável?

- Eu... - engoli em seco - eu...

A nítida mudança em sua expressão corporal deixava claro que ele já tinha um pressentimento.

Mágoa. Decepção.

E o que eu vi, me calou.

- Isso é algum engano, ou...?

- É um engano sim, Peter. Mas... o engano sou eu.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ele inspirou fundo enquanto se virava de costas.

- O que isso quer dizer? Você planejou isso tudo?

- Não! Não! A verdade é que...

- A verdade é que você mentiu para mim. Isso está bem claro agora.

- Eu admito que menti, Peter. Eu não tenho nenhuma empresa.

- A tal importadora, as conversas no telefone, os contratos...

- ... tudo mentira - admiti, cerrando os lábios.

- A viagem planejada que você falou para a Jennifer... Você ficou sabendo que eu estaria a bordo e armou esse plano para me ludibriar, não é?

- Nããão, Peter! - elevei as mãos ao ar, consternada - É claro que não!

PERIGOSAS ACHERON

- Não? Então você está me dizendo que tudo foi uma grande coincidência?

- Foi sim. Uma triste e lamentável coincidência.

- Justo você, que não acredita em coincidências. Mas isso também devia ser mentira, é claro!

- Neste caso foi sim uma tremenda coincidência! Por que outro motivo eu viria até aqui para me submeter a uma entrevista de emprego? Foi só uma mentirinha pequena. Eu nunca tive a intenção de te magoar!

- Mentira é mentira, não importa se grande ou pequena - ele jogou as mãos no ar, exortando a si mesmo: - Meu Deus! Eu já passei por isso antes! Quando é que eu vou aprender?

Uma onda dolorosa se interpôs entre nós.

- Eu não sou como ela, Peter. Não sou - decretei com muita firmeza. - Eu só inventei essa história de empresa porque...

- Entenda uma coisa Laila - ele me encarou
PERIGOSAS ACHERON

profundamente. - Eu não poderia ligar menos para o fato de você ser ou não a tal empresária que você dizia ser. O que eu não entendo é como você teve tantas chances de me contar a verdade e ainda assim preferiu insistir no erro? Você chegou a se comprometer profissionalmente comigo, você se lembra? Por que você não me contou a verdade nesse momento?

- Eu tinha um plano, Peter. Eu ia te ajudar de verdade.

- Ah, você tinha um plano? Por acaso o seu plano era conquistar o estúpido solteirão da revista?

- Por favor, não fale assim. Eu nunca tinha ouvido falar de você antes, acredite em mim!

- Acreditar em você? E como eu faço isso?

- Aqui - coloquei minha mão em seu peito, próximo do coração. - Aqui dentro você sabe que tudo o que eu sinto por você é verdadeiro - tentei controlar o tremor que se iniciava nos meus lábios.

- Por favor, Laila...

PERIGOSAS NACIONAIS

- Eu... eu errei. Eu errei feio, eu admito.

Admitir um erro era para mim tão difícil quanto uma estrela do cinema assumir uma cirurgia plástica. Mas eu estava disposta a renunciar todo o meu ego diante dele.

As palavras engasgadas finalmente saíram:

- Por favor, Peter. Eu *preciso* que você me perdoe - me encolhi, cheia de culpa. - Mais do que tudo na vida eu imploro que você me perdoe, Peter. Me perdoe, me perdoe...

Fiquei repetindo aquela palavra em círculos infinitos, como um mantra.

Ele chacoalhou a cabeça em negação, esfregando as mãos nos olhos.

- Você pode até ter errado em mentir uma vez, Laila, mas *insistir* no erro faz com que isso deixe de ser um erro e passe a ser uma escolha. E há certas escolhas na vida que para você mudar, basta querer. Parar de mentir é uma delas.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Tomei seu rosto entre minhas mãos.

- Peter, olhe para mim. Eu não estou mentindo quando digo que eu amo você, e isso é a mais pura e profunda verdade dentro de mim. Me dê uma chance de explicar tudo, absolutamente tudo.

Seus olhos estavam marejados e ele parecia fazer um grande esforço para não desabar.

- Está bem. Vamos conversar, mas não agora. Eu preciso colocar meus pensamentos em ordem.

- Isso. Você vai entender que tudo não passou de uma mentirinha boba e que a verdade não é tão grave assim.

Ele respirou fundo novamente e se desvencilhou das minhas mãos.

- *Okay*. No final da tarde eu passo na sua casa para conversarmos com calma. Mas agora eu preciso pensar.

Na minha casa?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Bem... é... eu não moro exatamente onde você imagina...

Quando eu achava que já o tinha decepcionado o suficiente, vi sua feição mudar novamente.

Ele agora parecia desiludido.

- Ou seja, você mentiu de novo para mim dois dias atrás, Laila? Quer dizer... você realmente se chama Laila?

Havia uma mágoa profunda em sua voz.

- Ainda sou eu, Peter. A mesma Laila que você quis ao seu lado para sempre, você se lembra?

- Como eu posso saber? A pessoa que eu amo nem ao menos existe.

Ele disse “amo”.

Ele disse AMO.

Um fio de esperança raiou em minha alma.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Eu existo sim, meu amor - era a primeira vez que eu me referia a ele daquela maneira. - Com todas as minhas falhas e defeitos, mas hoje eu estou absolutamente arrependida.

Ele começou a andar em círculos ao redor de sua mesa.

- Me explique uma coisa: você me considera um sujeito tão mesquinho a ponto de ter que mentir a seu respeito para chamar a minha atenção?

- No início eu não menti para você propriamente... eu *inventei* coisas a meu respeito em público e... bem, você assumiu como verdade.

- Entendi. A culpa é minha por ter acreditado em você, então.

Eu queria dar um soco em mim mesma por ser tão imbecil. Tentei consertar.

- Às vezes as pessoas inventam coisas que elas gostariam de acreditar serem verdades para, quem sabe, conseguirem ignorar aquilo que elas não querem aceitar. Seja sincero, Peter. Você teria PERIGOSAS ACHERON

olhado para mim se conhecesse essa minha versão fraca, cheia de defeitos? Se soubesse que eu era uma desempregada sem qualquer instrução acadêmica, suando no dia a dia para pagar o próximo aluguel? Uma inculta que viajou pela primeira vez na vida só porque ganhou essa viagem no sorteio de uma loja?

- Parece que eu só estou conhecendo você de verdade agora.

Em seu rosto eu vi um campo de batalha.

A dor lutava contra o ressentimento.

- Pois bem. É a verdade que você quer? Houve um momento em que parte de mim quis de fato saber como era ter alguém como você me olhando com admiração, de igual para igual.

Enquanto eu colocava meus mais profundos sentimentos na mesa, ele balançava a cabeça em frustração.

- Entendo. E isso foi antes ou depois dessa “parte de você” querer se sentir desejada pelo mais

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

célebre tripulante do navio?

Aquilo foi um golpe baixo.

- Eu já falei que isso não significou absolutamente nada para mim - me encostei no seu lado, no espaço vago da mesa. - Eu preciso que você me perdoe, Peter. Mesmo que você não queira mais nada comigo, eu preciso que você me perdoe.

Houve um breve silêncio. Seus pensamentos eram quase audíveis até que lágrimas de frustração enfim surgiram em seus olhos.

- Não dá... eu não consigo. Mesmo que tudo o que você está dizendo seja verdade, qualquer coisa que sai da sua boca agora me soa como mentira.

Eu já tinha ouvido aquela frase antes, ou melhor, *lido*. No artigo da revista, quando ele afastou Aurora em definitivo de sua vida.

Ele se virou, deixando a sala em um silêncio estarrecedor e eu permaneci ali, petrificada diante da condenação de continuar a vida sem ele.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 41

♪ *É só me recompor*

Mas eu não sei quem sou

Me falta um pedaço teu

Preciso me achar

Mas em qualquer lugar estou

Rodando sem direção

Eu vou

Morcego sem radar

PERIGOSAS NACIONAIS

Voando a procurar

Quem sabe um indício teu

Queimando toda fê

Seja o que Deus quiser eu sei

Que amargo é o mundo sem você

Você me entorpeceu

E desapareceu

Vou ficando sem ar

O mundo me esqueceu

Meu sol escureceu

Vou ficando sem ar

PERIGOSAS ACHERON

Esperando você voltar

Escrevendo minha própria lei

Desesperadamente eu sei

Tentando aliviar

Tentando não chorar

Por mais que eu tente esquecer

Memórias vem me enlouquecer

Minha sentença é você

Você me entorpeceu

E desapareceu

Vou ficando sem ar

O mundo me esqueceu

Meu sol escureceu

Vou ficando sem ar

Esperando você voltar 🎵

- Trecho da música “Sem Radar” composta por
Marcus Menna -



SEM RADAR:

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 42

- Bom dia, i9 Company!
- Eu poderia falar com a Jennifer, por favor?
- Claro. Quem gostaria?
- Ângela, do Ministério do Trabalho - anunciei, disfarçando a voz.

Eu já havia ligado outras vezes, claro, mas sempre que eu anunciava o meu nome seguia-se uma desculpa qualquer sobre a ausência de Peter.

A história se repetia - meu nome já devia estar escrito em um caderno logo abaixo do nome da Aurora.

PERIGOSAS NACIONAIS

Onze dias haviam se passado desde o dia em que Peter descobrira a verdade.

Onze dias que eu ligava todos os dias para o seu celular sem ser atendida.

Onze dias de caminhadas sem rumo.

Onze dias sentindo o seu perfume sendo trazido pelo vento, o que iniciava uma busca frenética por um rosto que nunca estava ali.

Há pouco tempo eu nem imaginava como era sentir o coração tão repleto de amor - no instante seguinte, a razão desse sentimento tinha sido arrancada de mim como um curativo.

E não, eu não tinha autopiedade. Eu não culpava o universo por haver conspirado contra mim.

Eu sabia que a tempestade que inundara a minha vida tinha sido armada por mim mesma. Eu sabia que, embora para mim aquelas mentiras não passassem de uma besteira, para alguém que já teve um passado machucado em função de invenções, o

PERIGOSAS ACHERON

tombo era ainda maior.

Como se não bastasse a sentença de perdê-lo, o fato de eu saber que ele estava revivendo as suas piores angústias é o que me martirizava.

- Departamento de RH, Jennifer.

- Jennifer, aqui é a Laila. Por favor, não desligue!

- Ah, você...? - havia um tom de repreensão em sua voz.

- Desculpe eu ter que recorrer a você, mas eu preciso muito muito *muito* falar com o Peter. Eu imploro pela sua ajuda, Jennifer!

- Você quer a minha ajuda se passando por alguém do Ministério do Trabalho, Laila? Digamos que esse seu pedido não começou nada bem.

Ignorei seu último comentário.

- Eu já tentei falar com ele várias vezes, mas ninguém me transfere a ligação...

PERIGOSAS NACIONAIS

- Será que você não consegue ler os sinais? Se não deu para entender, eu serei absolutamente clara: nós já vimos este filme antes, mocinha. Já aprendemos a reconhecer pessoas egoístas como você que não medem esforços em conseguir o que querem sem demonstrar um pinga de consideração pelos sentimentos alheios.

Engoli em seco.

- Eu... eu entendo - minha voz saiu embargada.
- Mas eu não sou a Aurora, Jennifer...

- Ah! Então quer dizer que ele te contou sobre aquela cretina? Isso faz de você uma pessoa ainda pior do que eu pensava. Mais perversa.

- Eu amo o Peter - afirmei com a voz cambaleante.

- Ah, sim... Um amor que se mede, que tem o mesmo limite que o cartão de crédito dele, não é?

- Eu o amo com todo o meu coração e não culpo você por pensar dessa forma. Entendo que você só está tentando defendê-lo, mas para ser
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

honestas, não me importa o que você pensa a meu respeito. Eu sei a verdade. Eu *sinto* essa verdade. E tudo o que eu peço é que você me deixe falar com ele. Eu preciso...

- Diferente de você, eu não minto quando digo que ele não está, mocinha. E não adianta você continuar ligando para cá ou para o celular dele. O senhor Jones está fora do país sem previsão de retorno.

Senti como se um elevador de dentro de mim despencasse.

- Ele está... fora do país? Quando foi que ele...

- Se você sente um pouquinho só daquilo que você diz, Laila, deixe-o em paz. Ele não precisa de você, ele só precisa disso: paz.

E desligou o telefone.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 43

Meu amado Peter,

Eu só posso imaginar o que se passa na sua cabeça nesse momento.

Um zumbido constante e irritante que diz: “E nem ao menos a conheço!”.

Já deve ter passado por sua cabeça que eu sou uma louca desvairada, uma mentirosa compulsiva, uma coitada sem vida própria.

Então eu vou começar esta carta me apresentando.

O meu nome é mesmo Laila Leila Lins. Sim, um título tão singular e fonético jamais poderia ter
PERIGOSAS ACHERON

sido inventado. Isso é mesmo verdade.

Embora a minha pele de poucas rugas e espinhas perceptíveis me faça parecer uma juvenzinha recém-saída da puberdade, a realidade é que eu já estou bem mais próxima da terceira década. Tenho 28 anos.

Tenho crises de melancolia todas as noites de domingo, as quais são motivadas pelos empregos entediantes que sempre tive - embora eu precise admitir a satisfação compensadora que senti quando pedi demissão do meu último emprego, enfrentando o idiota do meu ex-chefe. Ou talvez eu é quem tenha sido demitida nesse dia (não me recordo bem ao certo).

Isso claramente me leva ao fato de que eu nunca fui a tal empresária de sucesso (mas isso você já sabe muito bem!), apesar de que eu sempre sonhei em um dia abrir uma cafeteria de bairro - um lugarzinho pequeno e acolhedor onde o dono cria laços de amizade com a clientela que passa o dia sentado em uma das mesinhas lendo um livro enquanto saboreia uma xícara enorme de um café

quentinho em um ambiente que exala o aroma doce e amargo de café.

Mas isso ainda é apenas um sonho distante - a verdade é que hoje eu não passo de uma desempregada em busca de um emprego que me ajude a pagar as contas.

A tal importadora que eu citei realmente existia (para você ver que eu não invento as coisas assim do nada! {como se isso fizesse alguma diferença, mas tudo bem... continuemos!}). A empresa pertencia a uma colega de escola que de tão honesta, está neste momento riscando os dias com giz na parede da cadeia.

“Honestidade”, tsc, tsc... Olha só quem está querendo apontar o dedo?

** Eu, que nunca fui nadadora profissional - nem nadar eu sei direito (mas convenhamos que você nunca deve ter acreditado nisso mesmo)...*

** Tampouco sei falar inglês fluentemente - o que não deve ser novidade para quem me ouviu cantando “That Thing you Do” pronunciando o PERIGOSAS ACHERON*

“th” como um se fosse um “f” - apesar de que minha voz afinada e angelical deve ter ofuscado este detalhe.

** E já que estamos na temática musical, eu venho por meio desta confessar que sim, eu acreditei que aquele bilhete em que você transcreveu a letra do meu toque de celular você queria passar uma mensagem a mais. Me senti tremendamente estúpida quando depois você cantarolou a música, mas fingi demência (só que no final das contas eu fiquei tão feliz em te rever que não me martirizei por tanto tempo e deixei essa minha idiotice em segundo plano).*

** Eu nunca estive nas Ilhas Maldivas ou no Caribe.*

** A propósito, você é gay aos olhos daquela garota Ariadne. Eu mesma disse isso a ela, mas se a simples ideia fere a sua masculinidade, ao fim do cruzeiro quando ela nos viu juntos, ela deve ter sacado minha mentira (ou talvez ela pensou que eu estava só te ajudando de uma maneira muito estranha a tirar a prova, sei lá!).*

Enfim... diferente do que eu escrevi acima do que eu acredito estar se passando na sua cabeça, eu quero te afirmar com todas as letras: SIM, você me conhece, Peter.

Eu sou a mesma pessoa que ainda se surpreende com a existência desse sentimento tão ofuscante que você despertou dentro de mim;

Aquela que se arrepia ao simples toque do seu polegar roçando no meu.

A mesma pessoa que quando fecha os olhos, só vê uma pessoa ali, fixado por trás das pálpebras.

Ou talvez eu realmente não seja mais a mesma pessoa.

Nem eu me reconheço mais!

Justo eu, que sempre me gabei de ser alguém tão “pé no chão”, ultimamente me sentia flutuar ao seu lado.

Eu, que sempre achei que me governava, não percebi quando você passou a dominar toda a
PERIGOSAS ACHERON

minha existência.

Eu, que até ontem desconhecia as borboletas que batiam as asas freneticamente sempre que estou com você.

Peter, quer você acredite ou não, a verdade é uma só:

Eu amo você.

Qualquer coisa que você pense a respeito disso não fará diferença alguma.

Eu amo você.

E com toda a certeza que há dentro de mim, eu sei que a consequência dos meus atos é estar sentenciada a te esperar para sempre, mesmo que você nunca apareça.

A cada novo dia que eu acordar, eu estarei te esperando.

A cada respiração, eu estarei te esperando.

PERIGOSAS NACIONAIS

... porque quando você me perguntou se eu queria ser para sempre sua e eu respondi “sim, para sempre”, este foi o momento em que toda a verdade se exauriu de dentro de mim.

Com todo o amor que há em mim,

Laila

PS: Nos domingos que estive ao seu lado, não tive crise.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 44

20 LIÇÕES QUE APRENDI NOS ÚLTIMOS TRÊS MESES:

1. Apesar de sua evidente aversão a mim, a Jennifer não mentiu: no dia em que deixei a carta debaixo da porta de Peter, fiz plantão até anoitecer em frente a sua casa e realmente não houve nenhuma movimentação. Ele foi embora.

2. Encher a cara na tentativa de esquecer a vida não cura a solidão. A única companhia que o vazio dentro do peito ganha é a de uma latejante enxaqueca.

PERIGOSAS NACIONAIS

3. Não devo mais voltar à loja de cosméticos depois do vexame que dei ao atender uma ligação da gerente da loja me pedindo um depoimento sobre a viagem. Chorei de soluçar.

4. A lei da atração é balela; verificar as notificações do celular a cada minuto torcendo para que uma mensagem milagrosa surja na tela não procede (o que me levou à, digamos, mais filosófica conclusão de que se a força do pensamento fosse algo real, nunca ninguém teria se cagado nas calças. Carol porém, rechaça minha teoria alegando que em uma situação dessas, não há ser humano que consiga sequer pensar.).

5. Meu mais fiel confidente é um travesseiro inanimado.

6. Com um pouco de imaginação, este mesmo travesseiro tem a capacidade de transparecer o rosto

PERIGOSAS ACHERON

de Peter.

7. Quando me esforço, consigo fingir um sorriso e até mesmo garantir que estou bem só para não ter que ouvir conselhos idiotas que não fazem sentido algum para mim.

8. A próxima vez que alguém me disser “*se você ama, deixe-o livre; se ele não voltar é porque nunca foi seu de verdade*” eu não responderei por meus atos, seja a pessoa que for.

9. A não ser que “a pessoa” seja ele, claro. Contudo neste caso ele teria voltado, então...

10. “Desapaixonar-se” não tem absolutamente nada a ver com força de vontade. É a tarefa mais difícil da vida.

PERIGOSAS NACIONAIS

11. Nem todos os livros de romance que li revelaram o quanto um sentimento tão nobre quanto o amor podia ser tão cruel.

12. Lembranças do passado tem a capacidade de conduzir uma pessoa à loucura.

13. Após subir a escada rolante atrás de um sujeito qualquer que estava perfumado, cheguei a conclusão de que a memória olfativa é uma merda.

14. E se existe algo como “memória auricular”, eu também sofro disso. Não consigo mais ouvir Beatles. Nem uma música sequer.

15. Assisti alguns clipes da banda de Charles. Apesar de a música ser boa, os irmãos não possuem semelhanças físicas.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

16. A incômoda sensação de estar sempre segurando o fôlego não vai embora nunca - é melhor eu me acostumar.

17. É perfeitamente possível odiar alguém que só existe dentro da sua imaginação quando você cogita o dia em que a vida for seguir adiante para ele.

18. Não existem mais momentos de silêncio. Meus pensamentos estão inundados pelo remorso e pelo infundável “E se...”;

19. Ele é a primeira coisa que eu penso quando acordo e a última antes de dormir.

20. A distância que nos separa desaparece todas as noites quando eu sonho com ele.

PERIGOSAS ACHERON



RECALCULANDO A ROTA:

Não existe uma fórmula certa para reprimir o amor que você sente por alguém.

Também não dá para mentir para si mesmo - o seu coração conhece muito bem a verdade enraizada dentro dele.

“- Mas há uma solução momentânea bastante simples” - dizem os outros: “- Ignore os sentimentos. Finja que nada está acontecendo”.

Como se isso pudesse ser possível! O amor não é uma decisão, mas um sentimento tão incontrolável quanto os seus batimentos cardíacos. Por acaso você domina a sua pulsação?

PERIGOSAS NACIONAIS

Depois de um tempo ouvindo esses conselhos sem sentido, decidi fugir.

Eu precisava respirar, me redescobrir.

Em meio à enxurrada de mentiras, quem era eu de verdade?

Quais eram os meus reais sonhos?

Peguei o carro da Carol e parti rumo às minhas origens.

Digitei um endereço no GPS e trezentos quilômetros se punham adiante de mim até o destino final: a casa de meus pais no interior.

No meio do trajeto, o GPS me indicou um desvio da rodovia principal para que eu pegasse outra estrada paralela que me levaria então na direção certa.

Parei um instante e refleti. Analisei o mapa, mudei a marcha e enfim compreendi que o meu destino final estava de fato do outro lado.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Segui a viagem sem pressa.

E se para chegar aonde eu queria eu precisasse mudar novamente o rumo, assim eu o faria.

Desde que eu estivesse trilhando o caminho certo, eu sabia que não desperdiçaria a minha vida.

Não mais.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 45

Eu nunca poderia imaginar que o David pudesse ser tão útil durante um período tão conturbado da minha vida.

Acontece que o namorado da Carol era um exímio consultor financeiro e me auxiliou muito na retomada de controle das minhas despesas.

Para começar, deixei o apartamento onde eu morava e me mudei para um lugar menor e mais acessível, porém bem confortável e arejado.

David me ajudou na renegociação das minhas dívidas. Reajustei todos os meus gastos e a Carol e o David até realizaram uma cerimônia fúnebre para picotar os meus cartões de crédito.

E o mais importante de tudo: voltei a trabalhar.

Com o currículo devidamente revisado - e agora condizente com a realidade - decidi associar a necessidade de um emprego ao meu projeto futuro: comecei a trabalhar em uma cafeteria.

Esta era agora a minha rotina diária: ler nomes em um copo, preparar bebidas e servir cafés.

- Duplo latte para Andrea.

Nos momentos de folga na cafeteria, eu tomava umas aulinhas com a barista, a Ane. Eu sugava tudo o que podia a respeito das técnicas de torrefação dos grãos e das diversas formas de preparo dos cafés especiais.

- Um capuccino, Eric.

Mas como não só de dicas informais se cria uma futura empreendedora, eu também voltei a estudar. Na revisão das minhas finanças, os estudos entraram como prioridade. Voltei ao curso de inglês com força total e iniciei uma formação técnica em administração até conseguir retornar à PERIGOSAS ACHERON

faculdade.

- Café americano, Jessica.

Tamanha dedicação aos estudos não apenas contribuía para o futuro que eu tanto almejava como também direcionava a minha mente a algo além do meu remorso. Passados quatro meses desde o fatídico dia, eu ainda sentia a falta de Peter todos os dias, como se eu tivesse aprendido a conviver com uma faca cravada no meu peito.

- Um latte, Samantha.

Com exceção da Carol e do David, ninguém mais sabia de *toda* a verdade sobre o que aconteceu. As demais pessoas do meu convívio sabiam apenas que eu não estava aberta para um novo relacionamento por conta de uma “desilusão amorosa” - conclusão deles. Em nome da boa convivência, eu engolia o tal conselho quase unânime de: “- *Dê tempo ao tempo. Esse sentimento vai passar!*”. Eu ficava quieta e assentia, mas o pensamento seguinte era sempre: “- *Como é fácil falar!*”.

PERIGOSAS NACIONAIS

- Macchiato, Arthur.

Outro discurso frequente era o de que eu coloquei Peter em um pedestal; diziam que eu não tive tempo suficiente para conhecer os seus defeitos e que - com toda a certeza dessa vida - uma vez homem, ele os teria, e muitos (sempre com ênfase exagerada no “*muitos*”).

Já outros me julgavam pelo ângulo inverso: justamente por não ter tido tempo para conhecê-lo de fato, esse sentimento arrebatador lhes parecia muito estranho e suspeito.

Na maioria das vezes eu conseguia manter a calma e ouvia os pitacos com certa indiferença - ainda mais considerando que os bondosos doadores de conselho não solicitados geralmente não tinham a vida amorosa mais exemplar da paróquia.

- Um café espresso, Lucas.

Mas o maior e mais difícil compromisso assumido por mim mesma foi somente um: não mentir mais.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Semanas atrás eu li uma frase que falou profundamente comigo. Eu a escrevi em letras garrafais e pendurei na porta da minha geladeira, relembrando-me todos os dias da máxima: *“Se o que você diz é verdade, isso se torna parte do seu passado, porém se você mente, isso se torna parte do seu futuro.”*

E a regra regente em minha vida agora era essa: doe a quem doer, eu não minto mais.

Era melhor que a minha verdade magoasse alguém na hora do que a minha mentira que poderia deixar sequelas para sempre.

Pergunta: Vamos sair para jantar fora? Vai te fazer bem!

Resposta: Agradeço o convite, mas eu prefiro ficar em casa assistindo uma série e me esbaldando em um pote de sorvete.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ninguém podia me acusar de não ser delicada nas respostas, mas bem... nem todas as pessoas estão preparadas para uma verdade dita na lata.

Pergunta: O que você achou desse batom preto? É tendência - todo mundo está usando!

Resposta Sincera: Talvez fique bem nas blogueiras que você segue, mas em você parece uma versão gótica da Mortícia.

Meu Ato de Delicadeza: Eu omito do ouvinte a parte em que julgo o seu “gosto” como brega e duvidoso.

Às vezes por educação eu invoco a quinta emenda (os filmes me ensinaram isso!) e me reservo o direito de ficar calada, mas nem todos entendem que a minha reivindicação não é uma afronta e é bastante favorável a eles próprios...

PERIGOSAS ACHERON

Uma quase pergunta: Ai, estou me sentindo tão cheia, estufada. E olha que nem estou comendo porcarias, mas ando meio sem tempo para ir à academia...

Meu Ato de Delicadeza: Concedo o benefício do meu silêncio.

Não satisfeita com o silêncio...: O mundo é tão injusto com as mulheres... Homens perdem peso em um segundo e a gente ainda por cima tem que aguentar os hormônios... E pensando bem, sabe que faz sentido? Faltam duas semanas e meia para eu menstruar, o que certamente tem deixado o meu abdômen mais dilatado...

Novo ato de delicadeza: Mais silêncio seguido de um leve levantar de sobrancelhas como quem diz: “Mudemos de assunto, por favor!”.

Segue-se uma afirmação contundente: Dilata mesmo, eu estou falando sério! Eu li em um artigo científico.

Um leve aceno facial já não tão delicado que é interpretado como desconfiança: “Se você que PERIGOSAS ACHERON

está dizendo...”

Arremetida final: Fala alguma coisa, mulher de Deus! O que você acha?

Resposta: Acho que você está como um porco pronto para o abate, querida.

- Três cafés latte; Melissa, Veronica e Juliana.

A única frase que eu me dava o direito de ser neutra era o informal “- *Oi, tudo bem?*” porque se eu tivesse que ser sincera, eu abriria uma torneira que jorraria água para pessoas não queriam se molhar, só serem simpáticas.

E assim, a vida seguia...

Ah, os rumos misteriosos da vida...

Como estaria a minha vida nesse exato momento se eu não tivesse saído de casa naquele dia para comprar esmalte? Se eu nunca tivesse entrado naquele cruzheiro?

PERIGOSAS NACIONAIS

Bem... eu teria então conhecido Peter na tal entrevista.

Será que eu lhe teria causado uma impressão diferente? Será que eu teria chamado a sua atenção de alguma forma?

Mas o fato é que eu ganhei o prêmio da loja.

Eu fui viajar.

Eu me apaixonei.

- Um café preto para... “Mister Jones”...?

Um arrepio gelado transpassou meu corpo.

Quando levantei os olhos, me vi diante do rosto que eu procurava em todas as esquinas.

Meu coração se comprimiu e minhas bochechas se acaloraram.

O seu polegar roçou nos meus dedos enquanto ele pegava o copo de café da minha mão.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Muito prazer, senhorita... - ele direcionou os olhos para o meu nome escrito no crachá - ... Laila. Que nome peculiar! - ele piscou. - Você aceitaria tomar um café comigo?

*** FIM ***

PERIGOSAS ACHERON

Epílogo

Laila,

Começo esta carta partindo do mesmo pressuposto que a sua: tentando adivinhar o pensamento alheio.

Pois bem... Eu sei exatamente o que você está se perguntando: “- Por que Peter resolveu responder a minha carta?”

A resposta é bastante simples: eu quero lhe comunicar que I’ve moved on.

Para poupá-la de ir atrás de um dicionário, eu lhe digo o significado disso: eu superei o fim do nosso breve relacionamento.

Sim.

Depois de passar um tempo longe de tudo, eu tive tempo para desacelerar meus pensamentos e colocá-los em ordem.

Pode parecer contraditório, mas é no silêncio que você escuta a si mesmo.

Este tempo foi restaurador.

Hoje eu encerro um capítulo deste livro me sentindo pronto a iniciar outra história repleta de novidades e expectativas.

A primeira novidade é que a natureza - sim, ela mesma - arranjou uma forma de recompensar as minhas decepções passadas.

Durante este período de reclusão, eu conheci uma pessoa em um acampamento que fez com que eu me sentisse vivo novamente. Ela tem os mesmos gostos que os meus e me fez abrir os olhos para tudo aquilo que me deixava cego.

Ela mudou a minha vida em pouco tempo e fez
PERIGOSAS ACHERON

com que eu revisse toda essa rotina insana em que eu estava vivendo. Ela me fez enxergar as coisas “por um outro ângulo”. Reparou na coincidência? Se é que coincidências existem mesmo, não há um consenso...

E isso me leva imediatamente à outra questão: eu estou indo embora do país em definitivo.

Abandonei o meu trabalho e nós partiremos em uma viagem mundo afora, desbravando as mais diversas civilizações e culturas.

Novamente você deve estar se perguntando: “- Como assim? Você vai largar tudo o que você conquistou para viver uma aventura?”.

Não.

Se um dia eu me cansar dessa vida alternativa, eu já tenho um outro plano engatilhado: sairei em turnê mundial com o Charles. Ainda não sei exatamente se nós faremos um dueto, se ele me colocará como coreógrafo ou se eu ficarei na bilheteria vendendo os ingressos.

Verdade seja dita, o que importa agora é desaparecer desse país e ficar o mais longe possível de você.

Verdade seja dita, eu já consegui te esquecer.

Verdade seja dita... eu estou mentindo.

Pois é.

Tudo que eu escrevi até aqui não passam de mentiras com exceção do início, quando eu disse que superei.

Eu realmente superei, mas não o fim de nós dois, Laila...

O que superei foram os motivos que levaram ao nosso afastamento.

É claro que eu não fiquei feliz por você ter mentido para mim. Por dias eu repeti a mim mesmo que haviam muitas razões para nós estarmos separados.

Mas ao fim do dia, a verdade é que eu senti a

sua falta... Ah, como eu senti sua falta!

Então me dei conta de que a falta que você me faz é infinitamente maior do que as mentiras que você contou!

Não existem motivos suficientes que nos condenem a uma vida longe um do outro.

Você errou no passado - sim - mas cabe a mim não deixar com que o meu orgulho me faça errar no futuro.

Nós somos diferentes? É claro que somos. Mas as peças de um quebra-cabeça se encaixam justamente porque são diferentes. E a imagem final que se forma também é especial por conta disso: nem todas as nossas diferenças e divergências são capazes de sobrepor a beleza de um encaixe, não é mesmo?

Como eu poderia perdê-la?

Eu não quero e não vou desistir de nós.

Lembra-se de quando você me disse que a
PERIGOSAS ACHERON

partir do momento que você vê claramente as falhas do outro e mesmo assim quer continuar para sempre do lado dela, isso significa que a paixão virou amor?

Pois é isso.

Eu amo você, Laila.

E estou indo ao seu encontro no café, agora. O simples pensamento já me faz sentir palpitações.

Hoje eu vou te ver.

Hoje eu espero te ter.

Vou entregar esta carta em suas mãos e esperar pacientemente ao seu lado enquanto você a lê.

Depois disso, não pretendo mais voltar a tocar no assunto passado.

Voltando à analogia dos livros, espero que esta carta seja como o final de um capítulo dramático de um romance.

Certa vez eu li uma frase que dizia que nos livros, já nas primeira linhas você descobre como a história começa mas que você nunca sabe exatamente o seu fim.

Quanto à nós, eu acredito que merecemos um final feliz, você não acha?

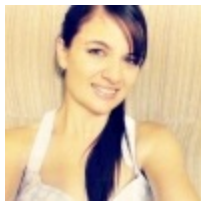
Ou melhor dizendo, nós não merecemos um “final”.

Merecemos sim, um “felizes para sempre”.

Do seu, e para sempre seu,

Peter

Sobre a Autora:



Cris Flessak nasceu em Santa Rosa mas com apenas 14 dias já chegava de mala e cuia na encantadora Balneário Camboriú, cidade em que se considera sim, uma cidadã nativa.

Formada e ex-atuante no frenético ramo do Comércio Exterior, é uma apaixonada por cafés, séries e viagens – tanto as viagens físicas (é autora do blog vivajando.com) quanto as realizadas através do universo literário.

Sigilosamente inspira-se em pessoas da vida real para compôr as características físicas de seus personagens, mas não revela suas identidades nem sob tortura.

PERIGOSAS NACIONAIS

É facilmente encontrada caminhando pela orla da praia na companhia de seu marido, melhor amigo e parceiro no crime – todos em um só.

PERIGOSAS ACHERON

Você Curtiu Este Livro?

Primeiramente, agradeço por adquirir e ler este livro!

O que é a leitura se não a melhor forma de transportar-se a mundos diferentes e viver novas experiências sem precisar sair do lugar, tendo apenas a própria imaginação como fronteira?

Espero que este livro tenha lhe proporcionado uma viagem bastante divertida!

E será que eu posso lhe pedir um favor?

Se você curtiu este livro, eu agradeceria muito se você deixasse um comentário lá na Amazon!

Eu adoro receber comentários dos leitores e essas resenhas na Amazon realmente fazem a diferença!

Obrigada desde já! :)

Letra das Músicas:

EDUARDO E MÔNICA

Compositor: Renato Russo

Lançamento: 1986

Performada por: Legião Urbana

Quem um dia irá dizer
Que existe razão
Nas coisas feitas pelo coração?
E quem irá dizer
Que não existe razão?

PERIGOSAS NACIONAIS

Eduardo abriu os olhos, mas não quis se levantar

Ficou deitado e viu que horas eram

Enquanto Mônica tomava um conhaque

No outro canto da cidade, como eles disseram

Eduardo e Mônica um dia se encontraram sem querer

E conversaram muito mesmo pra tentar se conhecer

Um carinha do cursinho do Eduardo que disse

Tem uma festa legal, e a gente quer se divertir

Festa estranha, com gente esquisita

Eu não tô legal, não aguento mais biritá

E a Mônica riu, e quis saber um pouco mais

Sobre o boyzinho que tentava impressionar

E o Eduardo, meio tonto, só pensava em ir pra casa

É quase duas, eu vou me ferrar

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Eduardo e Mônica trocaram telefone
Depois telefonaram e decidiram se encontrar
O Eduardo sugeriu uma lanchonete
Mas a Mônica queria ver o filme do Godard

Se encontraram, então, no parque da cidade
A Mônica de moto e o Eduardo de camelo
O Eduardo achou estranho e melhor não comentar
Mas a menina tinha tinta no cabelo

Eduardo e Mônica eram nada parecidos
Ela era de Leão e ele tinha dezesseis
Ela fazia Medicina e falava alemão
E ele ainda nas aulinhas de inglês

Ela gostava do Bandeira e do Bauhaus
Van Gogh e dos Mutantes, de Caetano e de
Rimbaud
E o Eduardo gostava de novela
E jogava futebol de botão com seu avô

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ela falava coisas sobre o Planalto Central
Também magia e meditação
E o Eduardo ainda tava no esquema
Escola, cinema, clube, televisão

E mesmo com tudo diferente, veio mesmo, de repente
Uma vontade de se ver
E os dois se encontravam todo dia
E a vontade crescia, como tinha de ser

Eduardo e Mônica fizeram natação, fotografia
Teatro, artesanato, e foram viajar
A Mônica explicava pro Eduardo
Coisas sobre o céu, a terra, a água e o ar

Ele aprendeu a beber, deixou o cabelo crescer
E decidiu trabalhar (não!)
E ela se formou no mesmo mês
Que ele passou no vestibular

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

E os dois comemoraram juntos
E também brigaram juntos muitas vezes depois
E todo mundo diz que ele completa ela
E vice-versa, que nem feijão com arroz

Construíram uma casa há uns dois anos atrás
Mais ou menos quando os gêmeos vieram
Batalharam grana, seguraram legal
A barra mais pesada que tiveram

Eduardo e Mônica voltaram pra Brasília
E a nossa amizade dá saudade no verão
Só que nessas férias, não vão viajar
Porque o filhinho do Eduardo tá de recuperação

E quem um dia irá dizer
Que existe razão
Nas coisas feitas pelo coração?
E quem irá dizer
Que não existe razão?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

WHAT'S UP?

Compositor: Linda Perry

Lançamento: 1993

Performada por: 4 Non Blondes

Twenty-five years and my life is still
Trying to get up that great big hill of hope
For a destination

I realized quickly when I knew I should
That the world was made up of this brotherhood of
man
For whatever that means

And so I cry sometimes
When I'm lying in bed just to get it all out

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

What's in my head
And I, I am feeling a little peculiar

And so I wake in the morning
And I step outside
And I take a deep breath and I get real high
And I scream from the top of my lungs
What's going on?

And I say, hey yeah yeah, hey yeah yeah
I said hey, what's going on?

And I say, hey yeah yeah, hey yeah yeah
I said hey, what's going on?

Oh, oh oh
Oh, oh oh

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

And I try, oh my God do I try
I try all the time, in this institution

And I pray, oh my God do I pray
I pray every single day
For a revolution

And so I cry sometimes
When I'm lying bed
Just to get it all out
What's in my head
And I, I am feeling a little peculiar

And so I wake in the morning
And I step outside
And I take a deep breath and I get real high
And I scream from the top of my lungs
What's going on?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

And I say, hey hey hey hey
I said hey, what's going on?

And I say, hey hey hey hey
I said hey, what's going on?

And I say, hey hey hey hey
I said hey, what's going on?

And I say, hey hey hey hey
I said hey, what's going on?

Oh, oh oh oh

Twenty-five years and my life is still
Trying to get up that great big hill of hope
For a destination

PERIGOSAS ACHERON

TEMPOS MODERNOS

Compositor: Lulu Santos

Lançamento: 1982

Performada por: Lulu Santos

Eu vejo a vida melhor no futuro
Eu vejo isso por cima de um muro
De hipocrisia que insiste em nos rodear

Eu vejo a vida mais clara e farta
Repleta de toda satisfação
Que se tem direito do firmamento ao chão

Eu quero crer no amor numa boa
Que isso valha pra qualquer pessoa
Que realizar a força que tem uma paixão

PERIGOSAS NACIONAIS

Eu vejo um novo começo de era
De gente fina, elegante e sincera
Com habilidade
Pra dizer mais sim do que não, não, não

Hoje o tempo voa, amor
Escorre pelas mãos
Mesmo sem se sentir
Não há tempo que volte, amor
Vamos viver tudo que há pra viver
Vamos nos permitir

Eu quero crer no amor numa boa
Que isso valha pra qualquer pessoa
Que realizar a força que tem uma paixão

Eu vejo um novo começo de era
De gente fina, elegante e sincera
Com habilidade
Pra dizer mais sim do que não, não, não

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Hoje o tempo voa, amor
Escorre pelas mãos
Mesmo sem se sentir
Não há tempo que volte, amor
Vamos viver tudo que há pra viver
Vamos nos permitir

E não há tempo que volte, amor
Vamos viver tudo que há pra viver
Vamos nos permitir

DON'T STOP ME NOW

Compositor: Freddie Mercury

Lançamento: 1979

Performada por: Queen

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Tonight, I'm gonna have myself a real good
time
I feel alive

And the world I'll turn it inside out, yeah
I'm floating around in ecstasy
So don't stop me now

Don't stop me
'Cause I'm having a good time, having a good time

I'm a shooting star, leaping through the sky
Like a tiger defying the laws of gravity
I'm a racing car, passing by like Lady Godiva
I'm gonna go, go, go
There's no stopping me

I'm burnin' through the sky, yeah
Two hundred degrees
That's why they call me Mister Fahrenheit
I'm traveling at the speed of light
I wanna make a supersonic man out of you

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Don't stop me now,

I'm having such a good time

I'm having a ball

Don't stop me now

If you wanna have a good time

Just give me a call

Don't stop me now ('cause I'm having a good time)

Don't stop me now (yes, I'm havin' a good time)

I don't want to stop at all

Yeah, I'm a rocket ship on my way to Mars

On a collision course

I am a satellite, I'm out of control

I am a sex machine, ready to reload

Like an atom bomb about to

Oh, oh, oh, oh, oh explode

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

I'm burnin' through the sky, yeah
Two hundred degrees
That's why they call me Mister Fahrenheit
I'm traveling at the speed of light
I wanna make a supersonic woman of you

Don't stop me, don't stop me
Don't stop me, hey, hey, hey
Don't stop me, don't stop me
Ooh ooh ooh, I like it
Don't stop me, don't stop me
Have a good time, good time
Don't stop me, don't stop me, ah

Oh yeah
Alright

Oh, I'm burnin' through the sky, yeah
Two hundred degrees
That's why they call me Mister Fahrenheit
I'm traveling at the speed of light

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

I wanna make a supersonic man out of you

Don't stop me now,

I'm having such a good time
I'm having a ball

Don't stop me now
If you wanna have a good time (wooh)
Just give me a call (alright)
Don't stop me now ('cause I'm having a good time,
yeah yeah)
Don't stop me now (yes, I'm havin' a good time)
I don't want to stop at all

La da da da daah
Da da da haa
Ha da da ha ha haaa
Ha da daa ha da da aaa
Ooh ooh ooh

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

VOCÊ VAI LEMBRAR DE MIM

Compositor: Thedy Corrêa

Lançamento: 1998

Performada por: Nenhum de Nós

Quando eu te vejo
Espero teu beijo
Não sinto vergonha
Apenas desejo

Minha boca encosta
Em tua boca que treme
Meus olhos eu fecho

Mas os teus estão abertos

Tudo bem se não deu certo

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Eu achei que nós chegamos tão perto

Mas agora, com certeza eu enxergo
Que no fim eu amei por nós dois

Mas você lembra! Você vai lembrar de mim
Que o nosso amor valeu a pena

Lembrar é o nosso final feliz
Você vai lembrar,

Vai lembrar,

Sim...
Você vai lembrar de mim

Esse foi um beijo de despedida

Que se dá uma vez só na vida
Que explica tudo sem brigas
E clareia o mais escuro dos dias

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Tudo bem se não deu certo
Eu achei que nós chegamos tão perto
Mas agora, com certeza eu enxergo
Que no fim eu amei por nós dois

Mas você lembra! Você vai lembrar de mim
Que o nosso amor valeu a pena

Lembrar é o nosso final feliz
Você vai lembrar,

Vai lembrar...

Mas você lembra! Você vai lembrar de mim
Que o nosso amor valeu a pena
Lembrar é o nosso final feliz
Você vai lembrar...

Mas você lembra! Você vai lembrar de mim
Que o nosso amor valeu a pena

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Lembrar é o nosso final feliz
Você vai lembrar,

Vai lembrar, sim

Vai lembrar de mim

SINGLE LADIES (PUT A RING ON IT)

Compositor: Christopher Stewart, Terius Nash,
Thaddis "Kuk" Harrell, Beyoncé Knowles

Lançamento: 2008

Performada por: Beyoncé

All the single ladies
(All the single ladies)
All the single ladies
(All the single ladies)
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

All the single ladies
(All the single ladies)
All the single ladies
Now put your hands up

Up in the club, just broke up
I'm doing my own little thing

You decided to dip and now you wanna trip
'Cause another brother noticed me

I'm up on him, he up on me
Don't pay him any attention

'Cause I cried my tears for three good years
You can't be mad at me

'Cause if you liked it, then you should have put
a ring on it

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

If you liked it, then you should have put a ring on it
Don't be mad once you see that he want it
If you liked it, then you should have put a ring on it

Oh, oh, oh
Oh, oh, oh, oh, oh, oh
Oh, oh, oh
Oh, oh, oh
Oh, oh, oh, oh, oh, oh
Oh, oh, oh

'Cause if you liked it, then you should have put
a ring on it
If you liked it, then you should have put a ring on it
Don't be mad once you see that he want it
If you liked it, then you should have put a ring on it

I got gloss on my lips, a man on my hips
Got me tighter than my Dereon jeans

Acting up, drink in my cup

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

I can care less what you think

I need no permission, did I mention?
Don't pay him any attention

'Cause you had your turn, but now you gon'
learn
What it really feels like to miss me

'Cause if you liked it, then you should have put
a ring on it
If you liked it, then you should have put a ring on it
Don't be mad once you see that he want it
If you liked it, then you should have put a ring on it

Oh, oh, oh
Oh, oh, oh, oh, oh, oh
Oh, oh, oh
Oh, oh, oh
Oh, oh, oh, oh, oh, oh
Oh, oh, oh

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

'Cause if you liked it, then you should have put
a ring on it
If you liked it, then you should have put a ring on it
Don't be mad once you see that he want it
If you liked it, then you should have put a ring on it

Oh, oh, oh
Oh, oh, oh, oh, oh, oh
Oh, oh, oh
Oh, oh, oh
Oh, oh, oh, oh, oh, oh
Oh, oh, oh

Don't treat me to these things of the world
I'm not that kind of girl
Your love is what I prefer, what I deserve

Here's a man that makes me then takes me
And delivers me to a destiny, to infinity and
beyond

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Pull me into your arms
Say I'm the one you want
If you don't, you'll be alone
And like a ghost I'll be gone

All the single ladies
(All the single ladies)
All the single ladies
(All the single ladies)
All the single ladies
(All the single ladies)
All the single ladies
Now put your hands up

Oh, oh, oh
Oh, oh, oh, oh, oh, oh
Oh, oh, oh
Oh, oh, oh
Oh, oh, oh, oh, oh, oh
Oh, oh, oh

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

'Cause if you liked it, then you should have put
a ring on it

If you liked it, then you should have put a ring on it

Don't be mad once you see that he want it

If you liked it, then you should have put a ring on it

Oh, oh, oh

If you liked it, then you should have put a ring
on it

If you liked it, then you should have put a ring on it

Don't be mad once you see that he want it

If you liked it, then you should have put a ring on it

TWIST AGAIN

Compositor: Kal Mann, Dave Appell

Lançamento: 1961

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Performada por: Chubby Checker

Come on everybody!
Clap your hands!
All you looking good!

I'm gonna sing my song
It won't take long!
We're gonna do the twist
And it goes like this

Come on let's twist again
Like we did last summer

Yeah, let's twist again
Like we did last year

Do you remember when
things were really hummin'

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Yeah, let's twist again
Twisting time is here

Well around and round and up and down we go
again
Oh, baby, make me know you love me so
And then

Twist again,
Like we did last summer,

Come on, let's twist again,
Like we did last year

TWIST! YO!

Who's that flyin' up there?
Is it a bird? (No!)

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Is it a plane? (No!)
Is it the twister? (Yeah!)

Twist again,

Like we did last summer

Come on, let's twist again,
Like we did last year

Do you remember when

Things were really hummin',
Come on, let's twist again
Twisting time is here

Around and round and up and down we go
again

Oh, baby, make me know, you love me so!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Then

Come on, twist again, like we did last summer,
Girl let's twist again, like we did last year

Come on, let's twist again,
Twisting time is here

HIPS DON'T LIE

Compositor: Wyclef Jean, Shakira, Jerry
'Wonder' Duplessis, Omar Alfanno, LaTavia
Parker, Vinay Rao

Lançamento: 2005

Performada por: Shakira

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ladies up in here tonight
No fighting
We got the refugees up in here
No fightin', no fightin'

Shakira, Shakira

I never really knew that she could dance like
this
She makes a man wants to speak Spanish
Como se llama, bonita, mi casa, su casa (sí, sí)
Shakira, Shakira

Oh, baby, when you talk like that
You make a woman go mad
So be wise and keep on
Reading the signs of my body

I'm on tonight
You know my hips don't lie

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

And I'm starting to feel it's right
All the attraction, the tension
Don't you see, baby, this is perfection?

Hey, girl, I can see your body moving
And it's driving me crazy
And I didn't have the slightest idea
Until I saw you dancing

And when you walk up on the dance floor
Nobody cannot ignore the way you move your
body, girl
And everything so unexpected, the way you right
and left it
So you can keep on shaking it

I never really knew that she could dance like
this
She makes a man want to speak Spanish
Como se llama, bonita, mi casa, su casa (sí, sí)

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Shakira, Shakira

Oh, baby, when you talk like that
You make a woman go mad
So be wise and keep on
Reading the signs of my body

I'm on tonight
You know my hips don't lie
And I am starting to feel you, boy
Come on, let's go, real slow
Don't you see, baby, *así es perfecto?*

If I know I am on tonight, my hips don't lie
And I'm starting to feel it's right
All the attraction, the tension
Don't you see, baby, this is perfection?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Shakira, Shakira

Oh, boy, I can see your body moving
Half animal, half man

I don't, don't really know what I'm doing
But you seem to have a plan

My will and self-restraint
Have come to fail now, fail now
See, I am doing what I can, but I can't so you know
That's a bit too hard to explain

*Baila en la calle de noche
Baila en la calle de día*

*Baila en la calle de noche
Baila en la calle de día*

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

I never really knew that she could dance like
this

She makes a man want to speak Spanish

Como se llama, bonita, mi casa, su casa (sí, sí)

Shakira, Shakira

Oh, baby, when you talk like that
You know you got me hypnotized
So be wise and keep on
Reading the signs of my body

Señorita, feel the conga
Let me see you move like you come from
Colombia

Mi vida en Barranquilla se baila así sé
En Barranquilla se baila así

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Yeah, she's so sexy
Every man's fantasy
A refugee like me back with the Fugees from a
third world country
I go back like when 'Pac carried crates for Humpty
Humpty
We leave the whole club dizzy

Why the CIA wanna watch us?
Colombians and Haitians
I ain't guilty
It's a musical transaction
No more do we snatch ropes
Refugees run the seas 'cause we own our own boats

I'm on tonight, my hips don't lie
And I'm starting to feel you, boy
Come on, let's go, real slow
Baby, like this is perfecto

No fightin'

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Oh, you know I'm on tonight, and my hips don't
lie

And I am starting to feel it's right

The attraction, the tension

Baby, like this is perfection

No fightin', no fightin', no fightin'

THE LAZY SONG

Compositor: Bruno Mars, Philip Lawrence,
Ari Levine, K'naan

Lançamento: 2011

Performada por: Bruno Mars

Today I don't feel like doing anything
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

I just wanna lay in my bed
Don't feel like picking up my phone
So leave a message at the tone
'Cause today I swear I'm not doing anything

Uh, I'm gonna kick my feet up and stare at the
fan
Turn the TV on
Throw my hand in my pants
Nobody's gonna tell me I can't, no

I'll be loungin' on the couch, just chillin' in my
snuggie
Click to MTV so they can teach me how to Dougie
'Cause in my castle I'm the freakin' man

Oh
Yes I said it
I said it
I said it 'cause I can

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Today I don't feel like doing anything
I just wanna lay in my bed
Don't feel like picking up my phone
So leave a message at the tone
'Cause today I swear I'm not doing anything
Nothing at all

Ooh hoo ooh hoo
Hoo ooh ooh
Nothing at all
Ooh hoo ooh hoo
Hoo ooh ooh

Tomorrow, I'll wake up, do some P90x
Meet a really nice girl, have some really nice sex
And she's gonna scream out, "This is great" (Oh my
God, this is great!)

I might mess around and get my college degree
I bet my old man will be so proud of me
But sorry pops, you'll just have to wait

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Oh
Yes I said it
I said it
I said it 'cause I can

Today I don't feel like doing anything
I just wanna lay in my bed
Don't feel like picking up my phone
So leave a message at the tone
'Cause today I swear I'm not doing anything

No, I ain't gonna comb my hair
'Cause I ain't goin' anywhere
No no no no no no no no oh

I'll just strut in my birthday suit
And let everything hang loose
Yeah yeah yeah yeah yeah yeah yeah yeah
yeah

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Oh, today I don't feel like doing anything
I just wanna lay in my bed
Don't feel like picking up my phone
So leave a message at the tone
'Cause today I swear I'm not doing anything
Nothing at all

Ooh hoo ooh hoo
Hoo ooh ooh
Nothing at all
Ooh hoo ooh hoo
Hoo ooh ooh
Nothing at all

VENTO VENTANIA

Compositor: Alvaro Prieto Lopes, Bruno Leonardo Brugni Nunes, Carlos Augusto Pereira Coelho, Carlos Beni Carvalho De Oliveira, Elsio Da Silva, Miguel Flores Da Cunha

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Lançamento: 1991

Performada por: Biquini Cavado

Vento, ventania, me leve para as bordas do céu
Eu vou puxar as barbas de Deus

Vento, ventania, me leve para onde nasce a
chuva
Pra lá de onde o vento faz a curva

Me deixe cavalgar nos seus desatinos
Nas revoadas, redemoinhos
Vento, ventania, me leve sem destino

Quero juntar-me a você e carregar os balões pro
mar
Quero enrolar as pipas nos fios

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Mandar meus beijos pelo ar

Vento, ventania,
Me leve pra qualquer lugar
Me leve para qualquer canto do mundo
Ásia, Europa, América

Vento, ventania, me leve para as bordas do céu
Pois vou puxar as barbas de Deus

Vento, ventania, me leve para os quatro cantos
do mundo
Me leve pra qualquer lugar

Me deixe cavalgar nos seus desatinos
Nas revoadas, redemoinhos

Vento, ventania, me leve sem destino

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Quero mover as pás dos moinhos
E abrandar o calor do sol
Quero emaranhar o cabelo da menina
Mandar meus beijos pelo ar

Vento, ventania,
Me leve pra qualquer lugar
Me leve para qualquer canto do mundo
Ásia, Europa, América (ê ê...)

Me deixe cavalgar nos seus desatinos
Nas revoadas, redemoinhos
Vento, ventania, me leve sem destino

Quero juntar-me a você e carregar os balões pro
mar
Quero enrolar as pipas nos fios
Mandar meus beijos pelo ar

Vento, ventania, agora que estou solto na vida
Me leve pra qualquer lugar
Me leve mas não me faça voltar

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Me leve mas não me faça voltar
Me leve mas não me faça não

Vento, ventania
Vento, ventania
Oh oh

Me leve mas não me faça voltar

EU SOU TERRÍVEL

Compositor: Erasmo Carlos, Roberto Carlos

Lançamento: 1967

Performada por: Roberto Carlos

Eu sou terrível

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

E é bom parar
De desse jeito

Me provocar

Você não sabe

De onde eu venho
O que eu sou

E o que tenho

Eu sou terrível

Vou lhe dizer
Que ponho mesmo

Pra derreter

Estou com a razão no que digo

Não tenho medo nem do perigo
Minha caranga é máquina quente

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Eu sou terrível

E é bom parar

Por que agora

Vou decolar

Não é preciso

Nem avião

Eu voo mesmo

Aqui no chão

Eu sou terrível

Vou lhe contar

Não vai ser mole

Me acompanhar

Garota que andar do meu lado

Vai ver que eu ando mesmo apressado

Minha caranga é máquina quente

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Eu sou terrível
Eu sou terrível

Eu sou terrível

E é bom parar
De desse jeito

Me provocar

Você não sabe

De onde eu venho
O que eu sou

E o que tenho

Eu sou terrível
Vou lhe dizer
Que ponho mesmo

Pra derreter

Estou com a razão no que digo

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Não tenho medo nem do perigo
Minha caranga é máquina quente

Eu sou terrível
Eu sou terrível
Eu sou terrível

MISTER JONES

Compositor: David Bryson, Adam Duritz

Lançamento: 1993

Performada por: Counting Crows

Sha, la, la, la, la, la, la
Uh huh

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

I was down at the New Amsterdam
Staring at this yellow-haired girl
Mr Jones strikes up a conversation
With a black-haired flamenco dancer

You know, she dances while his father plays
guitar
She's suddenly beautiful
We all want something beautiful
Man, I wish I was beautiful

So come dance the silence down through the
morning
Sha la, la, la, la, la, la, la
Yeah
Uh huh
Yeah

Cut up, Maria!
Show me some of that Spanish dancing
Pass me a bottle, Mr Jones!
Believe in me

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Help me believe in anything
'Cause I want to be someone who believes
Yeah

Mr Jones and me
Tell each other fairy tales
And we stare at the beautiful women

She's looking at you
Ah, no, no, she's looking at me

Smiling in the bright lights
Coming through in stereo
When everybody loves you
You can never be lonely

Well, I'm gonna paint my picture
Paint myself in blue and red and black and gray
All of the beautiful colors are very, very
meaningful

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Yeah, well, you know gray is my favorite color
I felt so symbolic yesterday
If I knew Picasso
I would buy myself a gray guitar and play

Mr Jones and me
Look into the future
Yeah, we stare at the beautiful women
She's looking at you
I don't think so
She's looking at me

Standing in the spotlight
I bought myself a gray guitar
When everybody loves me
I will never be lonely
I will never be lonely
Said I'm never gonna be
Lonely

I wanna be a lion
Yeah, everybody wants to pass as cats
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

We all wanna be big, big stars
Yeah, but we got different reasons for that
Believe in me
'Cause I don't believe in anything
And I wanna be someone to believe, to believe, to
believe
Yeah!

Mr Jones and me
Stumbling through the Barrio
Yeah, we stare at the beautiful women
She's perfect for you
Man, there's got to be somebody for me
I wanna be Bob Dylan
Mr Jones wishes he was someone just a little more
funky
When everybody love you
Oh! Son, that's just about as funky as you can be

Mr Jones and me
Staring at the video
When I look at the television I wanna see me
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Staring right back at me
We all wanna be big stars
But we don't know why, and we don't know how
But when everybody loves me
I'm wanna be just about as happy as I can be
Mr Jones and me
We're gonna be big stars

WOULDN'T IT BE NICE

Compositor: Brian Wilson, Tony Asher,
Michael Love

Lançamento: 1966

Performada por: The Beach Boys

Wouldn't it be nice if we were older
Then we wouldn't have to wait so long?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

And wouldn't it be nice to live together
In the kind of world where we belong?

You know it's gonna make it that much better
When we can say goodnight and stay together

Wouldn't it be nice if we could wake up
In the morning when the day is new?
And after having spent the day together
Hold each other close the whole night through?

Happy times together we've been spending
I wish that every kiss was never ending

Oh, wouldn't it be nice?

Maybe if we think and wish and hope and pray
It might come true (run run ooo)
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Baby, then there wouldn't be a single thing we
couldn't do

We could be married (we could be married)
And then we'd be happy (and then we'd be happy)

Oh, wouldn't it be nice?

You know it seems the more we talk about it
It only makes it worse to live without it
But let's talk about it

Oh, wouldn't it be nice?

Good night (oh baby)
Sleep tight (oh baby)
Good night (oh baby)
Sleep tight (oh baby)

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

FRÁGIL

Compositor: Sebastian Teysera, Sebastian Teysera Curbelo

Lançamento: 2007

Performada por: La Vela Puerca

Le asustan los ruidos
Y también la tranquilidad
Le gustan los mimos
Pero respira en soledad

Se hace fuerte ahí, dónde no lo vi
Y se esconde, siempre que hay maldad
El vive escondido
Conversando con su piedad

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Se queda en vilo
Para no tener que soñar
Y ahuyenta sus ganas
Luego se las pone a buscar

Y se enreda ahí dónde sí lo vi
Y le encanta, no poder robar
Se roba a sí mismo
Para poder continuar sin probar

Sólo una vez
Pudo reírse de su contradicción
Y de volar como si fuera un pez
Que ahora camina cumpliendo una misión

Sólo una vez
Pudo aguantarse de querer existir
Logró burlarse del sentido común
Y de las cosas que no saben morir

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Buscando descalzo
Él siempre encuentra un aluvión
Y sólo se cubre
Con los restos de una canción

Se remienda ahí con su bisturí
Y de pronto todo es ilusión
Se abraza se cuida
Y se estrella como un avión
Sin razón

Sólo una vez
Pudo reírse de su contradicción
Y de volar como si fuera un pez
Que ahora camina cumpliendo una misión

Sólo una vez

Pudo aguantarse de querer existir
Logró burlarse del sentido común
Y de las cosas que no saben morir

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

INFINITA HIGHWAY

Compositor: Humberto Gessinger

Lançamento: 1966

Performada por: Engenheiros do Hawaii
(Versão Acústica)

Você me faz correr demais
Os riscos desta highway
Você me faz correr atrás
Do horizonte desta highway

Ninguém por perto, silêncio no deserto
Deserta highway
Estamos sós e nenhum de nós
Sabe exatamente onde vai parar

Mas não precisamos saber pra onde vamos

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Nós só precisamos ir

Não queremos ter o que não temos
Nós só queremos viver

Sem motivos, nem objetivos
Nós estamos vivos e é tudo
É sobretudo a lei
Dessa infinita highway

Highway

Escute garota, o vento canta uma canção
Dessas que uma banda nunca canta sem razão
Então me digam garotas: será a estrada uma prisão?
Eu acho que sim, você finge que não

Mas nem por isso ficaremos parados
Com a cabeça nas nuvens e os pés no chão

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Então, tudo bem, garota, não adianta mesmo ser
livre

Se tanta gente vive sem ter como comer

Estamos sós e nenhum de nós
Sabe onde vai parar

Estamos vivos, sem motivos
Que motivos temos pra estar?

Atrás de palavras escondidas
Nas entrelinhas do horizonte dessa highway
Silenciosa highway

Infinita highway

Eu vejo um horizonte trêmulo
Eu tenho os olhos úmidos
Eu posso estar completamente enganado
Eu posso estar correndo pro lado errado

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Mas a dúvida é o preço da pureza
E é inútil ter certeza
Eu vejo as placas dizendo:
"Não corra", "Não morra", "Não fume"
Eu vejo as placas cortando o horizonte
Elas parecem facas de dois gumes

E a minha vida é tão confusa quanto a América
Central
Por isso não me acuse de ser irracional

Escute garota, façamos um trato
Você desliga o telefone se eu ficar um pé no saco.

Cento e dez, cento e vinte, cento e sessenta
Só pra ver até quando o motor aguenta
Na boca em vez de um beijo, um chiclete de menta
E a sombra do sorriso que eu deixei

Numa das curvas da highway

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Dessa infinita highway

STAND BY ME

Compositor: Ben King, Jerry Leiber, Mike Stoller

Lançamento: 1962

Performada por: Ben E. King

When the night has come
And the land is dark
And the moon

Is the only light we'll see

No I won't be afraid

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

No I won't be afraid
Just as long as you stand

Stand by me

So darling, darling

Stand by me

Oh stand by me
Oh stand

Stand by me, stand by me

If the sky that we look upon
Should tumble and fall
Or the mountains

Should crumble to the sea

I won't cry, I won't cry

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

No I won't shed a tear
Just as long as you stand

Stand by me

And darling, darling

Stand by me

Oh stand by me
Oh stand now

Stand by me

Stand by me

And darling, darling

Stand by me

Oh stand by me
Oh stand now

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Stand by me, stand by me

Whenever you're in trouble won't you stand by
me

Oh stand by me
Oh now

Oh stand by me

HERE I GO AGAIN

Compositor: David Coverdale, Bernie
Marsden

Lançamento: 1982

Performada por: Whitesnake

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

I don't know where I'm going
But I sure know where I've been
Hanging on the promises in songs of yesterday
And I've made up my mind

I ain't wasting no more time

Here I go again

Here I go again

Though I keep searching for an answer
I never seem to find what I'm looking for
Oh Lord, I pray You give me strength to carry on
'Cause I know what it means

To walk along the lonely street of dreams

Here I go again on my own
Going down the only road I've ever known
Like a drifter I was born to walk alone

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

And I've made up my mind

I ain't wasting no more time

Just another heart in need of rescue
Waiting on love's sweet charity
And I'm gonna hold on for the rest of my days
'Cause I know what it means

To walk along the lonely street of dreams

And here I go again on my own
Going down the only road I've ever known
Like a drifter I was born to walk alone
And I've made up my mind

I ain't wasting no more time

But here I go again

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Here I go again,
Here I go again

Here I go

'Cause I know what it means

To walk along the lonely street of dreams

Here I go again on my own
Going down the only road I've ever known
Like a drifter I was born to walk alone
And I've made up my mind

I ain't wasting no more time

Here I go again on my own
Going down the only road I've ever known
Like a drifter I was born to walk alone
'Cause I know what it means

To walk along the lonely street of dreams

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Here I go again on my own
Going down the only road I've ever known
Like a drifter I was born to walk alone...

I'LL BE

Compositor: Edwin Cole McCain

Lançamento: 1997

Performada por: Edwain McCain

The strands in your eyes that color them
wonderful
Stop me and steal my breath

Emeralds from mountains and thrust towards
the sky
Never revealing their depth

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

And tell me that we belong together
Dress it up with the trappings of love
I'll be captivated, I'll hang from your lips
Instead of the gallows of heartache that hang from
above

And I'll be your crying shoulder
I'll be love suicide
And I'll be better when I'm older
I'll be the greatest fan of your life

And rain falls angry on the tin roof
As we lie awake in my bed
You're my survival, you're my living proof
My love is alive and not dead

And tell me that we belong together
Dress it up with the trappings of love
I'll be captivated, I'll hang from your lips

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Instead of the gallows of heartache that hang
from above

And I'll be your crying shoulder
I'll be love suicide
And I'll be better when I'm older
I'll be the greatest fan of your life

And I've dropped out, I burned up,

I fought my way back from the dead
Tuned in, turned on,

Remembered the thing you said

And I'll be your crying shoulder
I'll be love suicide
And I'll be better when I'm older
I'll be the greatest fan of your life

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

And I'll be your crying shoulder
I'll be love suicide
I'll be better when I'm older
I'll be the greatest fan of your life

The greatest fan of your life
The greatest fan of your life

COLOR ESPERANZA

Compositor: Diego Torres, Gerardo Horacio
Lopez Von Linden, Roberto Fidel Ernesto Sorokin

Lançamento: 2001

Performada por: Diego Torres

Sé que hay en tus ojos con solo mirar
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Que estas cansado de andar y de andar
Y caminar girando siempre en un lugar

Sé que las ventanas se pueden abrir
Cambiar el aire depende de ti
Te ayudara vale la pena una vez más

Saber que se puede querer que se pueda
Quitarse los miedos sacarlos afuera
Pintarse la cara color esperanza
Tentar al futuro con el corazón

Es mejor perderse que nunca embarcar
Mejor tentarse a dejar de intentar
Aunque ya ves que no es tan fácil empezar

Sé que lo imposible se puede lograr
Que la tristeza algún día se irá

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Y así será la vida cambia y cambiará

Sentirás que el alma vuela
Por cantar una vez más

Saber que se puede querer que se pueda
Quitarse los miedos sacarlos afuera
Pintarse la cara color esperanza
Tentar al futuro con el corazón

Saber que se puede querer que se pueda
Quitarse los miedos sacarlos afuera
Pintarse la cara color esperanza
Tentar al futuro con el corazón

Vale más poder brillar
Que solo buscar ver el sol

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Pintarse la cara color esperanza
Tentar al futuro con el corazón

Saber que se puede querer que se pueda
Pintarse la cara color esperanza
Tentar al futuro con el corazón

Saber que se puede querer que se pueda
Quitarse los miedos sacarlos afuera
Pintarse la cara color esperanza
Tentar al futuro con el corazón

Saber que se puede querer que se pueda
Pintarse la cara color esperanza
Tentar al futuro con el corazón

Saber que se puede querer que se pueda
Quitarse los miedos sacarlos afuera
Pintarse la cara color esperanza
Tentar al futuro con el corazón...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

GREAT BALLS OF FIRE

Compositor: Jack Hammer, Otis Blackwell

Lançamento: 1957

Performada por: Jerry Lee Lewis

You shake my nerves and you rattle my brain
Too much love drives a man insane
You broke my will,

Oh what a thrill
Goodness gracious great balls of fire

I learned to love all of Hollywood money
You came along and moved me honey
I changed my mind

Looking fine
Goodness gracious great balls of fire

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

You kissed me baby

Woo, it feels good
Hold me baby

Learn to let me love you like a lover should

You're fine

So kind
I'm a nervous world that your mine mine mine
mine

I cut my nails and I twiddle my thumbs
I'm really nervous but it sure is fun
Come on baby

You drive me crazy
Goodness gracious great balls of fire

Well kiss me baby

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Woo, it feels good
Hold me baby
I wanna love you like a lover should

You're fine

So kind
I got this world that you're mine mine mine mine

I cut my nails and I twiddle my thumbs
I'm real nervous but it sure is fun
Come on baby, you drive me crazy
Goodness gracious great balls of fire

THINKING OUT LOUD

Compositor: Amy Wadge, Ed Sheeran

Lançamento: 2014

PERIGOSAS ACHERON

Performada por: Ed Sheeran

When your legs don't work like they used to
before
And I can't sweep you off of your feet
Will your mouth still remember the taste of my
love
Will your eyes still smile from your cheeks

And darling I will be loving you 'til we're 70
And baby my heart could still fall as hard at 23

And I'm thinking about how

People fall in love in mysterious ways
Maybe just the touch of a hand
Oh me I fall in love with you every single day
And I just wanna tell you I am

PERIGOSAS NACIONAIS

So honey now
Take me into your loving arms
Kiss me under the light of a thousand stars
Place your head on my beating heart
I'm thinking out loud
Maybe we found love right where we are

When my hair's all but gone and my memory
fades
And the crowds don't remember my name
When my hands don't play the strings the same
way,
I know you will still love me the same

'Cause honey your soul can never grow old, it's
evergreen
Baby your smile's forever in my mind and memory

I'm thinking about how

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

People fall in love in mysterious ways
Maybe it's all part of a plan
I'll just keep on making the same mistakes
Hoping that you'll understand

But baby now
Take me into your loving arms
Kiss me under the light of a thousand stars
Place your head on my beating heart
I'm thinking out loud
That maybe we found love right where we are

So baby now
Take me into your loving arms
Kiss me under the light of a thousand stars
Oh darling, place your head on my beating heart
I'm thinking out loud
That maybe we found love right where we are

Maybe we found love right where we are
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

And we found love right where we are

THAT THING YOU DO!

Compositor: Adam Schlesinger

Lançamento: 1996

Performada por: The Wonders

You

Doing that thing you do
Breaking my heart into a million pieces

Like you always do

And you

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

You don't mean to be cruel
You never even knew about the heartache
I've been going through

And I try and try to forget you girl
But it's just so hard to do
Every time you do that thing you do

I

know all the games you play
And I'm gonna find a way to let you know that

You'll be mine someday

Cause we

Could be happy can't you see?
If you'd only let me be the one to hold you

And keep you here with me

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Cause I try and try to forget you girl

But it's just so hard to do
Every time you do that thing you do

I don't ask a lot girl
But I know one thing for sure
It's the love I haven't got girl,
And I just can't take it anymore

Cause we

Could be happy, can't you see?

If you'd only let me be the one to hold you

And keep you here with me

Cause it hurts me so just to see you go
Around with someone new
And if I know you

You're doing that thing

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Every day just doing that thing
And I can't take you doing that thing you do

OLD TIME ROCK AND ROLL

Compositor: George Henry Jackson, Thomas
Earl Jones

Lançamento: 1978

Performada por: Bob Seger

Just take those old records off the shelf
I'll sit and listen to them by myself
Today's music ain't got the same soul
I like that old time rock 'n' roll

Don't try to take me to a disco
You'll never even get me out on the floor
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

In ten minutes I'll be late for the door
I like that old time rock 'n' roll

Still like that old time rock'n'roll
That kind of music just soothes the soul
I reminisce about the days of old
With that old time rock 'n' roll

Won't go to hear them play a tango
I'd rather hear some blues or funky old soul
There's only sure way to get me to go
Start playing old time rock 'n' roll

Call me a relic, call me what you will
Say I'm old-fashioned, say I'm over the hill
Today' music ain't got the same soul
I like that old time rock 'n' roll

Still like that old time rock 'n' roll

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

That kind of music just soothes the soul
I reminisce about the days of old
With that old time rock 'n' roll

Still like that old time rock 'n' roll
That kind of music just soothes the soul
I reminisce about the days of old
With that old time rock 'n' roll

Still like that old time rock 'n' roll
That kind of music just soothes the soul
I reminisce about the days of old
With that old time rock 'n' roll

Hey, still like that old time rock 'n' roll
That kind of music just soothes the soul
I reminisce about the days of old
With that old time rock 'n' roll

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Still like that old time rock 'n' roll...

QUANDO TE VI

Compositor: Meredith Wilson

Lançamento: 1984

Performada por: Beto Guedes

Nem o sol
Nem o mar
Nem o brilho das estrelas
Tudo isso não tem valor
Sem ter você

Sem você
Nem o som
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Da mais linda melodia
Nem os versos dessa canção
Iam valer

Nem o perfume
De todas as rosas
É igual
À doce presença
Do teu amor

O amor estava aqui
Mas eu nunca saberia
Do que um dia se revelou
Quando te vi

Nem o sol
Nem o mar
Nem o brilho das estrelas
Tudo isso não tem valor
Sem ter você

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Sem você
Nem o som
Da mais linda melodia
Nem os versos dessa canção
Iam valer

Nem o perfume
De todas as rosas
É igual
À doce presença
Do teu amor

O amor estava aqui
Mas eu nunca saberia
Do que um dia se revelou
Quando te vi

Quando te vi

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

TILL THERE WAS YOU

Compositor: Meredith Willson

Lançamento: 1963

Performada por: The Beatles

There were bells on a hill
But I never heard them ringing
No, I never heard them at all
Till there was you

There were birds in the sky
But I never saw them winging
No, I never saw them at all
Till there was you

Then there was music

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

And wonderful roses
They tell me in sweet fragrant meadows
Of dawn and dew

There was love all around
But I never heard it singing
No, I never heard it at all
Till there was you

Then there was music

And wonderful roses
They tell me in sweet fragrant meadows
Of dawn and dew

There was love all around
But I never heard it singing
No, I never heard it at all
Till there was you

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Till there was you

AMANHÃ NÃO SE SABE

Compositor: Sergio de Britto Alvares Affonso

Lançamento: 2003

Performada por: Titãs

Como as folhas com o vento
Até onde vai dar o firmamento
Toda hora enquanto é tempo
Vivo aqui este momento

Hoje aqui amanhã não se sabe
Vivo agora antes que o dia acabe
Este instante nunca é tarde
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Mal começou eu já estou com saudades

Me abraça, me aceita
Me aceita assim meu amor
Me abraça, me beija
Me aceita assim como eu sou
E deixa ser o que for

Como as ondas com a maré
Até onde não vai dar mais pé
Este instante tal qual é
Vivo aqui e seja o que Deus quiser

Hoje aqui não importa pra onde vamos
Vivo agora não tenho outros planos
E é tão fácil viver sonhando
Enquanto isso a vida vai passando

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Me abraça, me aceita
Me aceita assim meu amor
Me abraça, me beija
Me aceita assim como eu sou
E deixa ser o que for

O que for...

Me abraça, me aceita
Me aceita assim meu amor
Me abraça, me beija
Me aceita assim como eu sou
E deixa ser o que for

O que for...

O que for...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

SEM RADAR

Compositor: Marcus Menna

Lançamento: 2003

Performada por: LS Jack

É só me recompor

Mas eu não sei quem sou
Me falta um pedaço teu

Preciso me achar

Mas em qualquer lugar estou
Rodando sem direção

Eu vou

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Morcego sem radar
Voando a procurar
Quem sabe um indício teu

Queimando toda fé
Seja o que Deus quiser eu sei
Que amargo é o mundo sem você

Você me entorpeceu

E desapareceu
Vou ficando sem ar

O mundo me esqueceu
Meu sol escureceu
Vou ficando sem ar
Esperando você voltar

É só me recompor

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Mas eu não sei quem sou
Me falta um pedaço teu

Queimando toda fé
Seja o que Deus quiser eu sei
Que amargo é o mundo sem você

Você me entorpeceu

E desapareceu
Vou ficando sem ar

O mundo me esqueceu
Meu sol escureceu
Vou ficando sem ar
Esperando você

Escrevendo minha própria lei
Desesperadamente eu sei

PERIGOSAS ACHERON

Tentando aliviar
Tentando não chorar

Por mais que eu tente esquecer
Memórias vem me enlouquecer
Minha sentença é você

Você me entorpeceu

E desapareceu
Vou ficando sem ar

O mundo me esqueceu

Meu sol escureceu
Vou ficando sem ar
Esperando você voltar

Voltar

Eleanor H. Porter em 1913.

[2] Expressão em inglês de tradução literal “sem dor, sem ganhos” com uma conotação equivalente a **“sem esforço, não há recompensa”**.

[3] A palavra tomate tem duas formas de pronúncia no inglês (to-may-to ou to-mah-to) e essa duplicidade gerou uma expressão com o significado de “é tudo a mesma coisa”.

[4] Ditado que faz rima em inglês e se traduz de forma literal como: “solteiro e pronto para se misturar”, significando que o sujeito está pronto para um novo relacionamento.